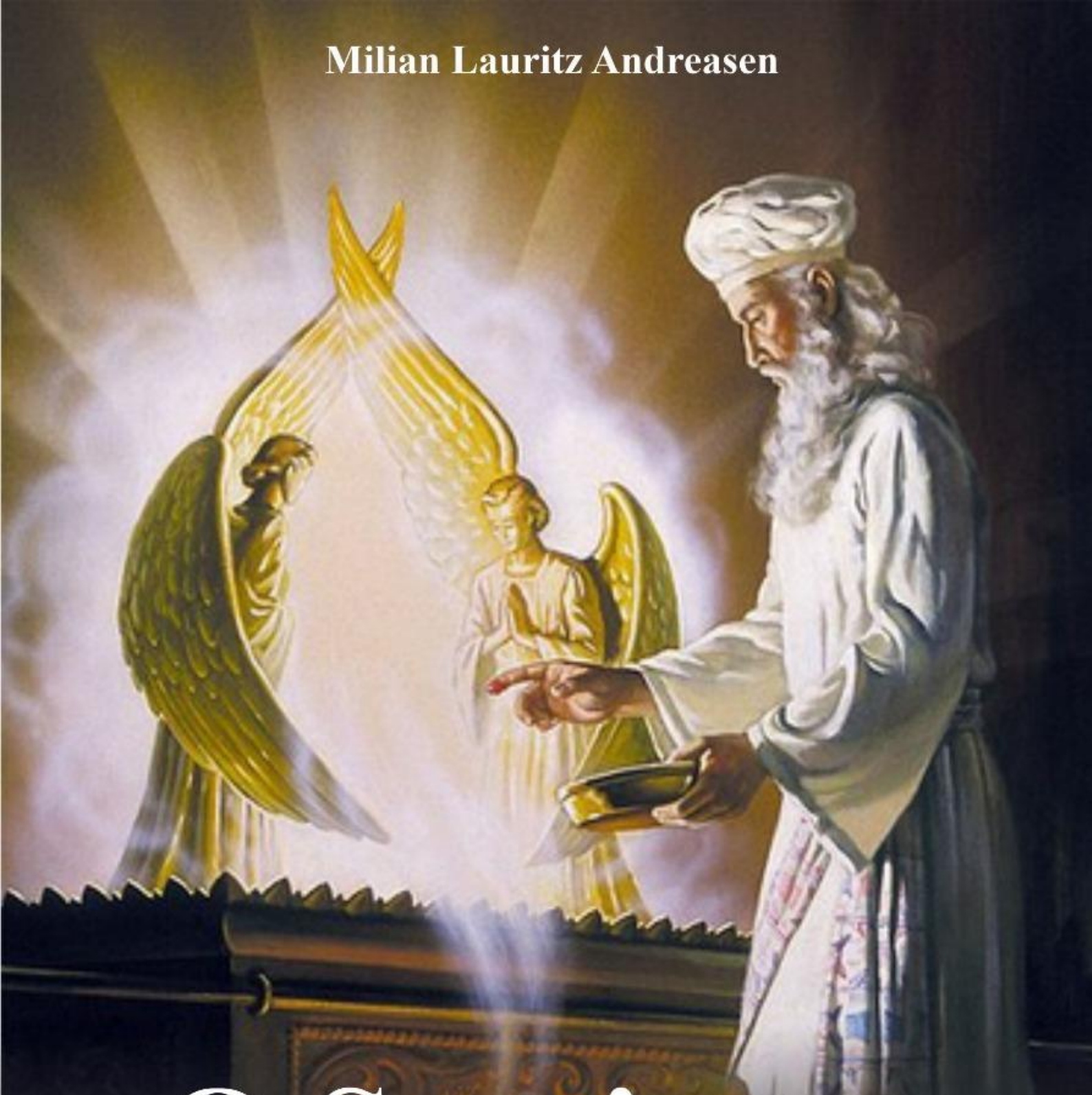
Milian Lauritz Andreasen



O Serviço do Santuário

ÍNDICE

Nota dos Tradutores

Prefácio do Autor

1. O Sistema Sacrificial **11**

2. Os Santuários de Deus na Terra **25**

3. O Sacerdócio **41**

4. O Sumo Sacerdote **52**

5. Os Levitas **58**

6. Consagração e Dedicação **63**

7. Sacerdotes e Profetas **75**

8. Ofertas Queimadas **91**

9. Ofertas de Alimentos **105**

10. Ofertas Pacíficas **119**

11. Ofertas Pelo Pecado **133**

12. Ofertas Pela Transgressão **163**

13. O Dia da Expiação **173**

14. O Bode Emissário **191**

15. Festas e Santas Convocações **215**

16. O Santuário no Céu **228**

17. Oração **245**

18. A Lei **257**

19. O Sábado **273**

20. O Último Conflito **287**

21. A Última Geração **304**

22. O Julgamento **328**

Apêndice

Nota dos Tradutores

Esta é uma nova tradução brasileira de *The Sanctuary Service*, precioso livro do pastor adventista Milian Lauritz Andreasen (1876-1962). O adjetivo "precioso" é mais do que merecido aqui, uma vez que, nesse livro, Andreasen convida o leitor a aprofundar seus conhecimentos sobre os "tipos" ou figuras do antigo santuário terrestre, de modo a fazê-lo compreender como tais representações revelam a obra de Cristo "nos lugares celestiais" (Efésios 1:3).

Pela didática bíblica de que "não é primeiro o espiritual, senão o natural; depois o espiritual" (1 Coríntios 15:46), somos como que levados da terra ao céu em cada capítulo – ao meditarmos sobre os diferentes sacrifícios e o ministério dos sacerdotes levitas, contemplamos cada vez mais a Jesus como "o Cordeiro de Deus, que tira o pecado do mundo" (João 1:29) e como nosso "Sumo Sacerdote", que ainda hoje é "ministro do santuário, e do verdadeiro tabernáculo, o qual o Senhor fundou, e não o homem" (Hebreus 8:1, 2).

Dado o inegável valor desse tema e da proposta de Andreasen, tal livro merecia uma edição brasileira que, há um só tempo, corrigisse eventuais imprecisões de traduções anteriores e também permitisse ao leitor acompanhar toda a construção bíblica dos argumentos do autor. Isso foi tentado, aqui, ora pela simples exposição dos termos que Andreasen encontrou em suas versões inglesas das Escrituras ora pela compatibilização desses termos com seus equivalentes nas principais versões portuguesas utilizadas no País.

Foi tendo tudo isso em mente, aliás, que duas decisões foram tomadas pelos tradutores. Em primeiro lugar, como é notório, o título atual da obra diverge daquele encontrado nas traduções brasileiras anteriores. Ao passo que essas popularizaram o texto de Andreasen sob o título "O Ritual do Santuário", optamos agora por traduzir *service* como "serviço". Isso se deve ao fato de que, embora na língua inglesa a palavra *service* seja comumente usada para descrever diferentes cerimônias religiosas cristãs – como os cultos semanais, os funerais, etc. –, no Brasil o termo é mais frequentemente associado ao cerimonial pagão, no qual as formas observadas parecem possuir, por si só, a capacidade de levar aos fins desejados. Em outras palavras, sendo "impossível que o sangue dos touros e dos bodes tire os pecados" (Hebreus 10:4) o serviço de que tanto o sacerdote quanto o ofertante israelita participavam não podia, por si só, levar ao fim desejado por eles, mas apenas apontar para a obra dAquele que "levou sobre si o pecado de muitos, e intercedeu pelos transgressores" (Isaías 53:12). Portanto, se no caso de um ritual pagão as próprias obras humanas são apresentadas como suficientes para a obtenção dos fins desejados, no serviço do santuário de Israel temos apenas gestos de fé, mostras da confiança que o sacerdote e o ofertante depositavam no Messias, em Quem "temos a redenção pelo seu sangue, a remissão das ofensas, segundo as riquezas da sua graça" (Efésios 1:7). Ressalta-se, porém, que o próprio Andreasen por vezes utiliza a palavra *ritual*, que nós mantemos sempre como "ritual".

Em segundo lugar, o leitor verá que, exceto em casos indicados, a maior parte das citações bíblicas feitas ao longo da tradução são dadas conforme a versão Almeida Corrigida Fiel. O motivo é que

essa versão não somente traduz para o português os textos majoritários dos manuscritos gregos e hebraicos originais com mais fidelidade como, por isso mesmo, tal versão tem sido por muitos anos utilizada entre os protestantes brasileiros. Acreditamos que tal opção reflete a escolha do próprio Andreasen, que utilizou basicamente a *Authorized King James Version* (doravante citada também como KJV quando uma tradução direta se fez necessária, em casos de contraste com o texto da Almeida, ou por indicação do autor) e a *American Revised Version* (doravante citada também como ARV, sempre assinalada pelo próprio Andreasen no texto).

Por isso, quando, por exemplo, a KJV apresenta *horns of the altar* conservamos, como na Almeida, "pontas do altar"; e se a KJV trata do *altar of burnt offering*, mencionamos o "altar do holocausto". Já os termos "tabernáculo" – tradução de *tabernacle*, que é frequente na KJV e no texto de Andreasen – e "tenda", que é comum na Almeida, podem ser intercambiados, assim como os verbos "aspergir" e "espargir". Finalmente, algumas passagens ou expressões bíblicas citadas por Andreasen no corpo do texto original sem as aspas ou a referência do capítulo e do versículo são aqui indicados entre colchetes.

Ao traduzir e entregar esse texto, pedimos a Deus para que as escolhas que fizemos promovam uma melhor apreciação da mensagem desse livro entre o público de nosso país e que, ao entender os símbolos que eram "exemplo e sombra das coisas celestiais" (Hebreus 8:5), cada leitor confirme o seu próprio "sacerdócio real" (1 Pedro 2:9). Que essa leitura o leve a cantar reverentemente com o salmista: "O teu caminho, ó Deus, está no santuário"; e que, ao verem eles todo o plano da redenção gravado

no antigo serviço do santuário, perguntem, em admiração: “Quem é Deus tão grande como o nosso Deus?” (Salmos 77:13).

Prefácio do Autor

Por mais de um milênio, a presença de Deus na terra esteve associada ao santuário em Israel. Foi logo após o êxodo que Deus ordenou a Moisés: “E me farão um santuário, e habitarei no meio deles” (Êxodo 25:8). Esse santuário, também chamado de tabernáculo, e mais tarde substituído pelo templo, era o lugar de habitação de Deus entre os homens. “O tabernáculo será santificado pela minha glória”, disse Deus. “E eu santificarei o tabernáculo da congregação e o altar; eu santificarei também a Arão e seus filhos, para ministrarem a mim o sacerdócio. E eu habitarei no meio dos filhos de Israel, e serei seu Deus” (Êxodo 29:43-45, KJV).

Do tempo de Moisés até o tempo de Cristo, Deus Se revelava no santuário e ali Se comunicava com Seu povo. Disse Deus: “E ali virei a ti, e falarei contigo de cima do propiciatório, do meio dos dois querubins (que estão sobre a arca do testemunho), tudo o que eu te ordenar para os filhos de Israel” (Êxodo 25:22). Além disso, Deus também falou com Moisés “à porta do tabernáculo da congregação, perante o Senhor” (Êxodo 29:42, KJV).

Como lugar de habitação de Deus entre os homens, o santuário deve sempre ser de profundo e permanente interesse para o crente filho de Deus. Quando, além disso, entendemos que o tabernáculo e seus serviços simbolizavam “o verdadeiro tabernáculo, o qual o Senhor fundou, e não o homem”, o “maior e mais perfeito tabernáculo, não feito por mãos”, e que Cristo é “um ministro do santuário” no céu; quando nós também entendemos que os serviços do tabernáculo na terra eram simbólicos do serviço superior acima, que todo o ritual e

todos os sacrifícios nos altares terrestres apontavam para o verdadeiro Cordeiro de Deus, o santuário torna-se ainda mais importante. Nele o evangelho é prefigurado e algumas das profundezas de Deus são reveladas.

Os cristãos fariam bem em estudar mais diligentemente o santuário e seus serviços. Eles contêm lições preciosas para o estudante devoto. Muitos têm falhado em estudar o ministério sumo sacerdotal de Cristo e Sua sessão à destra de Deus. Eles não estão familiarizados com Ele como Sumo Sacerdote, embora essa obra seja a própria essência do Cristianismo, o coração da expiação.

É a esperança e a oração do autor que este pequeno volume leve alguns, talvez muitos, a uma apreciação mais profunda de Cristo como Sumo Sacerdote, Salvador e Redentor, e que eles possam, através do novo e vivo caminho que Ele consagrou para eles, entrar com Ele nos lugares santos do santuário acima.

1. O Sistema Sacrificial

A primeira imagem que temos de Deus depois que o homem pecou é aquela dEle andando pelo jardim no frescor do dia, chamando Adão, "Onde estás?" (Gênesis 3:9). Essa imagem é bela e significativa. O homem pecou e desobedeceu à ordem expressa de Deus. Mas o Senhor não o abandonou. Ele está procurando por Adão e chamando, "Onde estás?". Essas são as primeiras palavras registradas de Deus ao homem após a queda.

Não é sem significado que somos assim introduzidos a Deus. Ele é retratado como buscando Adão, um pecador que está se escondendo dEle. É uma imagem semelhante àquela da parábola do filho pródigo. Dia após dia o pai vigiava, esperando o filho que havia saído de casa, e correu para encontrá-lo enquanto ele ainda "estava longe" (Lucas 15:20). É um quadro semelhante ao do pastor de ovelhas que "maior prazer tem por aquela do que pelas noventa e nove que se não desgarraram" (Mateus 18:13).

Adão não compreendeu completamente a seriedade de seu pecado ou o resultado da desobediência. Deus lhe havia dito para não comer da árvore do conhecimento do bem e do mal, e disse: Porque "no dia em que dela comeres, certamente morrerás" (Gênesis 2:17). Mas Adão nunca tinha visto a morte e não entendia claramente o que estava envolvido. Quando, porém, ele viu o primeiro cordeiro sacrificial deitado imóvel diante dele, seu sangue escorrendo, a morte de repente assumiu um novo e mais profundo sentido. Ele começou a entender que sua salvação estava de alguma forma relacionada com a morte do cordeiro, que se o cordeiro não tivesse morrido ele teria que morrer, e assim ficar sem qualquer esperança

para o futuro, sem Deus, perdido. Ele devia sua vida à morte do cordeiro e, com a instrução dada a ele, pela fé viu no cordeiro morto a seus pés um símbolo do "Cordeiro que foi morto desde a fundação do mundo" (Apocalipse 13:8).

Grande deve ter sido o remorso de Adão quando as consequências completas de seu pecado ficaram claras para ele. Deveria Aquele com quem ele falou e comungou no jardim finalmente morrer por sua transgressão? Isso parecia demais. Podemos facilmente crer que Adão ofereceu dar sua vida em vez do Filho de Deus ter que morrer. Mas nenhum homem nem anjo poderia assumir a responsabilidade pelo pecado. Somente Aquele que estava no seio do Pai, que era igual a Deus, que *era* Deus, poderia efetuar expiação. Aos anjos pode ser dada certa obra a fazer no plano para a redenção do homem; ao próprio homem pode ser dado o privilégio de cooperar; mas havia apenas Um que poderia prover redenção. Seu nome seria chamado Jesus (Mateus 1:21).

"No dia em que dela comeres, certamente morrerás" (Gênesis 2:17). Esse foi o dito de Deus. O significado evidente dessas palavras é que Adão morreria no dia em que pecou. Alguns aceitam a interpretação marginal, "morrendo tu morrerás", significando não que morreriam naquele dia, mas que a morte então começaria a operar neles, e que por fim eles morreriam. Isso, no entanto, não é o que se lê nem o significado das palavras. Nós não estamos negando que Adão começou a morrer naquele dia. Ele começou, e de uma forma muito real. Mas é precário para um crente na Palavra inspirada de Deus afirmar que Deus não quis dizer exatamente o que Ele disse, especialmente em vista do fato de que a serpente fez uma acusação semelhante.

Mas não é um fato histórico que Adão não morreu naquele dia, mas viveu por muitas centenas de anos? Como, então, devemos explicar a declaração de Deus? Pelo simples fato de que, assim que Adão pecou, Cristo entrou na brecha, assumiu o lugar de Adão e prometeu morrer por ele em seu lugar. Nós sustentamos que Adão teria morrido naquele dia se Cristo não tivesse nesse momento e lugar se tornado o segundo Adão, tomado o fardo do pecado e sua culpa sobre Si mesmo, e comprometido Sua vida pela vida do mundo. Isso estaria em harmonia com o plano estabelecido desde a eternidade e abrangido no pacto eterno, e deixaria clara a afirmação de que Cristo é "o Cordeiro que foi morto desde a fundação do mundo" (Apocalipse 13:8).

Vestes de Pele

Para gravar mais completamente em Adão e Eva a natureza do pecado e as consequências da transgressão, bem como demonstrar Seu amor por eles, Deus os vestiu com a pele dos animais mortos em sacrifício (Gênesis 3:21). Assim, suas vestes tornaram-se um lembrete contínuo de seus pecados, mas também, e ainda mais, dAquele que havia morrido por eles e cujo amor os salvaria. Suas vestes eram símbolos da salvação.

O fato de que Deus fez vestimentas de peles para os Seus filhos prestes a serem banidos do seu lar revela tanto a Sua severidade como o Seu amor; severidade, em mandá-los embora; amorável bondade, em prover e cuidar deles mesmo que tenham pecado. Assim como uma mãe cobre e aquece, protegendo com as vestes seus pequeninos antes de enviá-los ao vento amargo, igualmente Deus carinhosamente vestiu Seus dois filhos antes de enviá-los

adiante. Se Ele deveria mandá-los embora, eles deveriam levar consigo os sinais de Seu amor, evidência de que Deus ainda se importava com eles. Eles não deveriam ser deixados a lutar sozinhos sem esperança e sem a garantia reconfortante do amor de Deus.

Adão Deixa Seu Lar

Deve ter sido com tristeza inexprimível de coração que Adão e Eva deixaram seu lar edênico. Ali viveram em amor e paz, conversaram com anjos e comungaram com Deus. Muitas vezes ouviram Seus passos no jardim e correram ao Seu encontro. Eles conversaram com Ele face a face. Eles provaram os poderes do mundo vindouro, juntaram-se ao coro celestial em atribuir louvor a Deus e se uniram na adoração conforme as horas sagradas do sábado se aproximavam.

Mas agora eles estavam do lado de fora. Não mais andariam com Deus e os anjos. Os anjos que se deleitaram em ministrar a eles agora barravam seu caminho para a árvore da vida. O futuro parecia obscuro. Eles teriam que lutar com espinhos e cardos, e no final a morte os esperava. Eles estavam aprendendo o que todos os pecadores aprendem: que o caminho do transgressor é difícil. Eles estavam aprendendo que o arrependimento não diminuía de maneira alguma os resultados temporais da transgressão. Os mandamentos de Deus não podem ser tratados com leviandade, e a segurança do universo exige que a dignidade da lei seja mantida mesmo enquanto a misericórdia é estendida.

Mas se concebermos Adão e Eva com as cabeças inclinadas e os corações esmagados deixando seu antigo lar, o que diremos de Deus! Ele os criou. Fez planos para eles com amor. Ele se alegrou

com eles cantando. Seu futuro era brilhante e com esperança. Mas agora tudo parecia perdido.

A desobediência foi a causa de toda a miséria que havia chegado aos nossos primeiros pais. Eles haviam abandonado a Deus e escolhido outro mestre. Eles tinham comido do fruto proibido. "Ora", disse Deus, "para que não estenda a sua mão, e tome também da árvore da vida, e coma e viva eternamente, o Senhor Deus, pois, o lançou fora do jardim do Éden... havendo lançado fora o homem" (Gênesis 3:22-24).

Como deve ter doído o coração de Deus ao expulsar Adão. "Atendei, e vede, se há dor como a minha dor" [Lamentações 1:12] pode muito bem aplicar-se a essa ocasião. O homem estava sozinho do lado de fora, assim como Deus estava sozinho no jardim do lado de dentro. Embora não possamos falar da solidão de Deus nos termos da humanidade, podemos muito bem crer que o Criador dos céus e da terra sentiu Sua perda à medida que os dois pecadores lentamente deixaram seu ambiente familiar e o portão foi fechado atrás deles. A tristeza, não a raiva, encheu Seu coração, e com passos pesados – falamos à maneira dos homens – Ele retornou ao jardim sozinho. A menos que pensemos em Deus como não sendo tocado com os sentimentos de nossas enfermidades, a menos que concebamos que Ele seja totalmente diferente de nós, uma tristeza além da compreensão humana deve ter sido a Dele.

"O lançou fora". Olhando para baixo através das eras, Deus viu o que a salvação custaria. Ele viu a longa estrada que o homem viajaria e viu a estrada ainda mais longa que o Filho deveria percorrer para trazer o homem de volta. Ele viu homens rejeitarem os mensageiros que Ele enviaria. Ele os viu cuspindo em Seu Filho,

flagelando-O, insultando-O e provocando-O e, por fim, conduzindo os cravos através de Suas mãos e pés. Ele viu o Getsêmani e até ouviu o grito agonizante do Gólgota, à medida que o Filho, angustiado e desesperado, gritava: "Deus meu, Deus meu, por que me desamparaste?" [Salmos 22:1, Mateus 27:43].

Mas não havia outro jeito. Por mais difícil que fosse mandar Adão embora, por mais difícil que fosse dar Seu Filho, não poderia haver hesitação. O pecado tinha entrado; o terrível pecado que por fim pregaria o Filho de Deus ao madeiro cruel, e ali não poderia haver acordo. A segurança de todo o universo estava em jogo. Deus já estava passando por um Getsêmani que duraria enquanto o pecado existisse. Não deveria haver nenhuma hesitação. Deus salvaria o homem a qualquer custo para Si mesmo.

A Primeira Promessa de Deus

Embora o pecado tivesse feito uma barreira entre Deus e o homem, e tornasse necessária a expulsão de Adão do Éden, Deus não o deixou em um estado desesperador. Sua primeira promessa foi de encorajamento e ajuda. Chegaria Alguém que feriria a cabeça da serpente e destruiria o inimigo que levara o homem ao pecado e que planejava ainda mais mal. "E porei inimizade entre ti e a mulher, e entre a tua semente e a sua semente" (Gênesis 3:15). Uma paráfrase deste texto, sem violentar o seu significado, seria: "Porei o ódio ao pecado em seu coração". Esta foi uma promessa distinta de ajuda constante para Adão. Deus o ajudaria a resistir e vencer o pecado, colocando inimizade por ele em seu coração.

O ódio ao pecado é vital para a salvação plena. Humanamente falando, nenhum homem estará a salvo até que ele tenha aprendido a odiar o pecado tão profundamente quanto antes o amava. Ele pode resistir ao pecado. Ele pode até fugir dele, mas enquanto houver um persistente amor pelo pecado no coração, ele não está em terreno seguro. Assim como o amor ao bem é vital, também é o ódio ao mal. Pode-se realmente dizer que nossa capacidade de amar o bem é medida e equilibrada por nossa capacidade de odiar o mal.

É dito de Cristo: "Amaste a justiça e odiaste a iniquidade; por isso Deus, o teu Deus, te ungiu com óleo de alegria, mais do que a teus companheiros" (Hebreus 1:9). Em Cristo, o amor pela justiça foi acompanhado por um ódio ao mal. Por causa desses dois atributos, Ele foi ungido para Sua obra por Deus.

Essa combinação de amor e ódio deve estar em todo cristão. Ela é fundamental no cristianismo. É significativo que a primeira promessa do Salvador na Bíblia seja introduzida pela promessa da ajuda de Deus no domínio sobre o pecado, dando ao homem a capacidade de odiar o mal. Este ódio é um grande fator em nossa luta contra o mal e nossa eventual vitória sobre ele. Se não fosse pelo fato de que Deus implanta no coração de todo cristão um ódio ao mal, assim como um amor pelo correto, haveria pouca esperança para nós.

Este princípio é forçosamente ilustrado na história de Caim e Abel. Caim se irou e seu semblante descaiu. Ele tinha o assassinato em seu coração e estava pronto para matar seu irmão. Mas Deus interveio – deu uma advertência e fez uma promessa. "Se bem fizeres, não é certo que serás aceito? E se não fizeres bem, o pecado jaz à porta" (Gênesis 4:7).

A expressão “o pecado jaz à porta” é uma das mais significativas. O pecado é comparado a um predador pronto para saltar sobre o homem que lhe permite a oportunidade. Ele “se deita” como um tigre ou leão quando estão prontos para o ataque. Por misericórdia, Deus adverte Caim que “o pecado está deitado à porta; ...mas domine-o” (verso 7, ARV). Mas Caim não precisava se desesperar; ele não precisava ser dominado. “Domine-o”, são palavras de Deus. Isso é mais que uma declaração; é uma promessa. O homem não precisa ser dominado. Há esperança e auxilio em Deus. O pecado não deve ter domínio sobre nós. Nós devemos dominá-lo.

Deus Concebeu Um Plano

Originalmente, era intenção de Deus que o homem tivesse livre comunhão com seu Criador. Este foi o plano que Ele tentou cumprir no Jardim do Éden. Mas o pecado frustrou o desígnio original de Deus. O homem pecou e Deus o lançou fora do jardim. Ele agora estava separado de Deus e daí em diante a tristeza seria sua sorte.

Mas Deus concebeu um plano pelo qual Ele e Seu povo pudessem novamente estar unidos. Se eles não podiam viver no Paraíso, onde poderiam desfrutar de uma comunhão aberta com Ele, por que Deus não poderia vir e viver com eles? E assim, na plenitude do tempo, Deus enviou uma palavra ao Seu povo: “E me farão um santuário, e habitarei no meio deles” (Êxodo 25:8). Amor maravilhoso! Deus não podia suportar estar separado dos seus, e assim o amor Dele concebeu um plano pelo qual Ele poderia viver entre eles! Ele iria com eles em suas viagens para lá e para cá no deserto e, finalmente, os levaria para a Terra Prometida. Deus estaria com o seu povo novamente. É verdade que agora havia uma parede de separação,

porque Deus habitava no santuário, e o homem não podia se aproximar diretamente Dele. Mas Deus está tão perto quanto o pecado pode permitir. Ele está "no meio" do Seu povo.

No Novo Testamento nos é dito, "E chamá-lo-ão pelo nome de EMANUEL, que traduzido é: Deus conosco" (Mateus 1:23). O ideal cristão é comunhão com Deus, unidade com Ele, sem separação. "E andou Enoque com Deus" (Gênesis 5:24). Moisés falou com Ele face a face (Êxodo 33:11). Mas Israel ainda não estava pronto para tal experiência. Eles precisavam aprender lições de reverência e santidade. Eles precisavam aprender que, sem santidade, nenhum homem pode ver a Deus (Hebreus 12:14). Foi para ensinar isso a eles que Deus os ordenou fazer-Lhe um santuário para que Ele pudesse habitar no meio deles.

O Fracasso de Israel

Antes que Deus pedisse a eles para construírem o santuário, no entanto, Ele lhes proclamou os Dez Mandamentos (Êxodo 20). Deu-lhes Sua lei para que pudessem saber o que era exigido deles. Eles ficaram diante do monte que ardeu em chamas. Eles ouviram os trovões e viram o relâmpago, e quando o Senhor começou a falar, "todo o monte tremia grandemente" e o povo tremeu (Êxodo 19:16-18). A manifestação era tão impressionante, e "tão terrível era a visão, que Moisés disse: estou todo assombrado, e tremendo", e as pessoas "pediram que se lhes não falasse mais" (Hebreus 12:21, 19). O povo, porém, podia ver e reconhecer a justiça das exigências do Senhor, e antes e depois da proclamação da lei responderam: "Tudo o que o Senhor tem falado faremos, e obedeceremos" (Êxodo 24:7). (Êxodo 19:8; 24:3).

O povo deve ter tido pouca percepção de sua incapacidade de fazer o que prometeram, ou nunca teriam tentado um compromisso tão tremendo como o de cumprir tudo o que Deus lhes ordenara. De experiências passadas, eles podiam saber que sem ajuda divina eles não poderiam guardar a lei. Ainda assim, eles prometeram fazê-lo; entretanto, não muitos dias depois eles estariam dançando em volta do bezerro de ouro. A lei proibia a adoração de ídolos e eles haviam prometido guardar a lei; mas aqui eles estavam adorando um dos seus velhos ídolos! Em sua adoração do bezerro de ouro, eles demonstraram sua incapacidade ou falta de vontade de fazer aquilo que haviam concordado em fazer. Eles quebraram a lei que prometeram cumprir e que agora os condenou. Isso deixou-os sem esperança e desencorajados.

Deus tinha um propósito ao permitir isso. Ele queria que Israel soubesse que em si e por si mesmos não havia esperança de que eles guardassem a lei de Deus. Ainda assim, guardar os mandamentos era necessário para a santidade e, sem santidade, nenhum homem pode ver a Deus. Isso os colocou frente a frente com o desespero de sua própria condição. A lei que lhes foi dada para a vida só lhes trouxe condenação e morte. Sem Deus eles estavam sem esperança.

Um Meio de Escape

Deus não os deixou nessa condição. Assim como no Jardim do Éden o cordeiro morto prefigurava a Cristo, do mesmo modo agora, através de sacrifícios e da ministração do sangue, Deus lhes ensinou que Ele havia provido um meio de escape. Abraão entendeu isso quando o carneiro preso no arbusto foi aceito, no lugar de seu filho. Sem dúvida, ele não havia compreendido totalmente o significado

de sua própria resposta quando Isaque lhe perguntou: “Eis aqui o fogo e a lenha, mas onde está o cordeiro para o holocausto?” (Gênesis 22:7). A isto Abraão respondeu: “Deus proverá para si o cordeiro” (verso 8). Quando a faca foi levantada, Deus disse: “Não estendas a tua mão sobre o moço, e não lhe faças nada” (verso 12). No momento em que Abraão olhou em volta dele viu um carneiro preso em um arbusto “e foi Abraão, e tomou o carneiro, e ofereceu-o em holocausto, em lugar de seu filho” (verso 13). Disso, Cristo diz, “Abraão, vosso pai, exultou por ver o meu dia, e viu-o, e alegrou-se” (João 8:56). No carneiro preso no arbusto, que morreu em vez de seu filho, Abraão viu a Cristo. Ele alegrou-se e regozijou-se.

A lição que Abraão havia aprendido Deus estava prestes a ensinar a Israel. Através do cordeiro morto; através do novilho, do carneiro, do bode, das rolinhas, dos pombos; por meio da aspersão do sangue sobre o altar do holocausto, sobre o altar do incenso, sobre o véu e sobre a arca; através do ensino e mediação do sacerdócio, Israel deveria aprender como se aproximar de Deus. Eles não deviam ser deixados em desespero enquanto enfrentavam a condenação da santa lei de Deus. Havia um meio de escape. O Cordeiro de Deus morreria por eles. Pela fé em Seu sangue, eles poderiam entrar em comunhão com Deus. Através da mediação do sacerdote eles poderiam vicariamente entrar no santuário, e poderiam, na pessoa do sumo sacerdote, até mesmo comparecer na própria câmara de audiências do Altíssimo. Para os fiéis em Israel, isso prefigurava o tempo em que o povo de Deus, com ousadia, iria “entrar no santuário, pelo sangue de Jesus” (Hebreus 10:19).

Tudo isso Deus queria ensinar a Israel através do sistema sacrificial. Para eles, era o caminho da salvação. Isso lhes deu esperança e coragem. Embora a lei de Deus, os Dez Mandamentos, os condenasse por causa de seus pecados, o fato de que o Cordeiro de Deus morreria por eles lhes dava esperança. O sistema sacrificial constituía o evangelho para Israel. Apontava o caminho para a comunhão e amizade com Deus.

Há professos cristãos que não veem muita importância ou valor nos serviços do templo ordenados por Deus; no entanto, o plano de salvação do evangelho, conforme revelado no Novo Testamento, torna-se mais claro sob uma compreensão do Antigo Testamento. De fato, pode-se dizer com segurança que aquele que entende o sistema levítico do Antigo Testamento pode muito melhor entender e apreciar o Novo Testamento. Um prefigura o outro e é um tipo deste.

Pecado Significa Morte

A primeira lição que Deus queria ensinar a Israel através do sistema sacrificial era que pecado significa morte. Repetidas vezes esta lição foi impressa em seus corações. Todas as manhãs e todas as tardes, durante o ano, um cordeiro era oferecido à nação. Dia após dia, o povo levava suas ofertas pelo pecado, suas ofertas queimadas, ao santuário. Em cada caso, um animal era morto e seu sangue ministrado no local apontado. Em todas as cerimônias e em todo serviço estava estampada a lição: *pecado significa morte*.

Esta lição é tão necessária em nosso tempo quanto nos dias do passado. Alguns cristãos mantêm o pecado muito levianamente.

Eles pensam nele como uma fase passageira da vida. Outros consideram o pecado que a humanidade irá superar como lamentável, mas inevitável. Todos precisam da lição impressa indelevelmente sobre a mente, que pecado significa morte. Conquanto o Novo Testamento declare que "o salário do pecado é a morte" (Romanos 6:23), muitos falham em entender a importância da declaração. Uma concepção mais viva do pecado e da morte como inseparavelmente ligados ajudaria muito na apreciação e compreensão do evangelho.

Outra lição que Deus queria imprimir sobre Israel era que o perdão do pecado só pode ser obtido através da confissão e da ministração de sangue. Isso serviu para impressionar Israel profundamente com o custo do perdão. O perdão do pecado é mais do que meramente ignorar as falhas. Custa algo perdoar, e o custo é uma vida, até mesmo a vida do Filho de Deus.

Esta lição é importante para nós também. Para alguns, a morte de Cristo parece desnecessária. Deus poderia, ou deveria, estes pensam, perdoar sem o Calvário. A cruz não lhes parece uma parte integral e vital da expiação. Seria bom se os cristãos hoje contemplassem mais do que contemplam o custo de sua salvação. Perdão não é uma questão simples. Custa alguma coisa. Através do sistema cerimonial, Deus ensinou a Israel que o perdão só pode ser obtido através do derramamento de sangue. Precisamos dessa lição agora.

Um estudo dos regulamentos do Antigo Testamento sobre a maneira de se aproximar de Deus pagará ricos dividendos. No sistema sacrificial encontram-se os princípios fundamentais da piedade e santidade, que encontram seu completo cumprimento em Cristo. Alguns não dominam estas lições fundamentais, e por isto são

incapazes e despreparados para as coisas mais profundas preparadas para eles por Deus. O Antigo Testamento é fundamental. Aquele que está completamente alicerçado nele será capaz de construir uma superestrutura que não cairá quando as chuvas descerem e os ventos soprarem. Ele estará "edificado sobre o fundamento dos apóstolos e dos profetas, de que Jesus Cristo é a principal pedra da esquina" (Efésios 2:20).

2. Os Santuários de Deus na Terra

Não foi muito tempo depois da entrega da lei no monte Sinai que o Senhor disse a Moisés: “Fala aos filhos de Israel, que Me tragam uma oferta alçada; de todo o homem cujo coração se mover voluntariamente, dele tomareis a Minha oferta alçada” (Êxodo 25:2). “E esta é a oferta alçada que recebereis deles: ouro, prata, e cobre, e azul, e púrpura, e carmesim, e linho fino, e pelos de cabras, e peles de carneiros tintas de vermelho, e peles de texugos, e madeira de acácia, azeite para a luz, especiarias para o óleo da unção, e especiarias para o incenso, pedras de ónix, e pedras de engaste para o éfode e para o peitoral” (versos 3 a 7). Ela deveria ser usada principalmente na construção do santuário, mas também para as vestes do sacerdócio e para a manutenção do serviço em geral.

O Edifício Propriamente Dito

O santuário aqui mencionado era uma tenda com paredes de madeira, o teto consistindo de quatro camadas de material, o seu interior de linho fino torcido, o exterior de “peles de carneiro, tintas de vermelho, e outra coberta de peles de texugo em cima” (Êxodo 26:14). O edifício em si tinha cerca de quatro metros e meio por treze metros e meio (com base em um côvado de 45,72 centímetros), situado dentro de um recinto chamado de pátio, que tinha cerca de vinte e três metros de largura e quarenta e seis metros de comprimento.

O tabernáculo foi construído de tal modo que poderia ser desmontado e facilmente movido. As tábuas não eram pregadas

como em uma estrutura comum, mas estavam separadas, cada conjunto estando numa posição vertical, fixadas por uma base de prata (Êxodo 36:20-34). As cortinas que cercavam o pátio eram suspensas por pilares fixados em suportes de cobre (Êxodo 38:9-20). A mobília também era feita de tal modo que poderia ser facilmente transportada de um lugar para outro em suas jornadas no deserto. Toda a construção do tabernáculo, enquanto bela e até mesmo deslumbrante em design, mostrava sua natureza temporária. Ela era projetada para servir apenas até que Israel se estabelecesse na Terra Prometida e um edifício mais permanente pudesse ser erguido.

O edifício estava dividido em dois compartimentos: o primeiro e maior deles, chamado de santo; e o segundo compartimento, chamado de santíssimo. Na entrada do primeiro compartimento estava pendurada uma cortina, ou véu, e outro véu dividia o santo do santíssimo. Este último véu era removido a cada ano e outro era pendurado em seu lugar. Não havia janelas no edifício. No primeiro compartimento, no entanto, as lâmpadas do candelabro de sete hastes, ou castiçal, davam luz suficiente para os sacerdotes realizarem o serviço diário que o ritual exigia.

Os Dois Compartimentos

Havia três artigos de mobília no primeiro compartimento: a mesa dos pães da proposição, o candelabro de ouro e o altar do incenso. Entrando no compartimento pela frente do edifício, que dava para o leste, via-se o altar do incenso no extremo oposto da sala. À direita estaria a mesa dos pães da proposição e à esquerda o candelabro. Na mesa estariam organizados em duas pilhas os doze pães da proposição, junto com o incenso e os cântaros para a oferta de

libações. Nela também estariam os pratos, colheres e tigelas usadas no serviço diário (Êxodo 37:16). O candelabro era feito de ouro puro. Tinha seis hastes, três hastes de cada lado da haste central. Os cálices contendo o azeite eram feitos de modo a se assemelharem a amêndoas (verso 19). Não apenas o candelabro era feito de ouro, mas também os espevitadores e os seus apagadores (verso 23).

O artigo mais importante da mobília deste compartimento era o altar do incenso. Tinha cerca de noventa centímetros de altura, e seu topo era de aproximadamente quarenta e seis centímetros quadrados. Este altar era coberto de ouro puro, e em torno de seu topo havia uma coroa, ou moldura, de ouro.

Era neste altar que o sacerdote, no serviço diário, colocava as brasas do fogo tirado do altar do holocausto e o incenso. Quando ele colocava o incenso sobre as brasas no altar, a fumaça subia, e como o véu entre o santo e o santíssimo não se estendia ao topo do edifício, o incenso enchia não apenas o lugar santo, mas também o santíssimo. Desta forma, o altar do incenso, embora localizado no primeiro compartimento, também servia ao segundo compartimento. Por esta razão foi colocado "diante do véu que está diante da arca do testemunho, diante do propiciatório, que está sobre o testemunho" onde Deus se encontraria com o Seu povo (Êxodo 30:6).

No segundo compartimento, o santíssimo, havia apenas uma peça de mobília – a arca. Esta arca foi feita sob a forma de um baú, com cerca de um metro e quatorze de comprimento e sessenta e nove centímetros de largura. A cobertura desse baú era chamada de propiciatório. Ao redor do alto do propiciatório estava uma coroa, ou moldura, de ouro, assim como no altar do incenso. Neste baú, Moisés colocou os Dez Mandamentos, escritos em duas tábuas de

pedra com o próprio dedo de Deus (Deuteronômio 10:4, 5). Por um tempo, pelo menos, a arca também continha o pote de ouro que tinha o maná, e a vara de Arão que brotara (Hebreus 9:4). Sobre o propiciatório estavam dois querubins de ouro, de obra batida, um querubim em uma extremidade e o outro querubim na outra (Êxodo 25:19). Destes querubins é dito que eles "estenderão as suas asas por cima, cobrindo com elas o propiciatório; as faces deles uma defronte da outra; as faces dos querubins estarão voltadas para o propiciatório" (verso 20). Ali Deus se comunicaria com Seu povo. A Moisés Ele disse: "E ali virei a ti, e falarei contigo de cima do propiciatório, do meio dos dois querubins (que estão sobre a arca do testemunho), tudo o que eu te ordenar para os filhos de Israel" (verso 22).

No Pátio

Do lado exterior, no pátio, imediatamente à frente da porta do tabernáculo, havia uma pia, um grande recipiente contendo água. Essa pia era feita do cobre dos espelhos que as mulheres tinham doado para esse fim. Nessa pia os sacerdotes deviam banhar suas mãos e pés antes de entrar no tabernáculo ou começar seu serviço (Êxodo 30:17-21; 38:8).

No pátio havia também o altar do holocausto, que tinha a parte mais importante a servir em todas as ofertas sacrificiais. Este altar tinha cerca de um metro e quarenta de altura e cerca de dois metros e trinta centímetros quadrados de área, oco por dentro e revestido de cobre (Êxodo 27:1). Neste altar os animais eram colocados quando oferecidos como sacrifício de holocausto. Aqui também a gordura era consumida e a parte requerida da oferta de alimentos era

colocada. Nos quatro cantos do altar haviam projeções que se assemelhavam a chifres. Em certas ofertas sacrificiais, o sangue era colocado sobre essas pontas ou espargido sobre o altar. O sangue não usado de outra maneira era derramado na base do altar.

O Templo de Salomão

Quando Salomão começou a reinar, o antigo tabernáculo estava em uma condição deplorável. Ele tinha centenas de anos e havia sido exposto ao vento e ao clima por um longo tempo. Davi havia proposto construir uma casa para o Senhor, mas foi informado de que, por ser um homem com sangue nas mãos, não se lhe era permitido fazê-lo. Seu filho deveria fazer o edifício. O templo que Salomão ergueu foi construído "com pedras preparadas, como as traziam se edificava; de maneira que nem martelo, nem machado, nem nenhum outro instrumento de ferro se ouviu na casa quando a edificavam" (1 Reis 6:7).

O Edifício

O templo propriamente dito tinha cerca de nove metros de largura por vinte e sete de comprimento. Na entrada da frente, que dava para o leste, havia um alpendre de cerca de nove metros de comprimento por quatro metros e meio de largura. Em torno dos outros três lados do templo, foram construídas fileiras de câmaras, algumas das quais eram usadas como dormitórios para os sacerdotes e levitas oficiando no templo, e outras como depósitos de dinheiro e outras ofertas dedicadas. O templo era forrado de cedro revestido de ouro e gravado com figuras de querubins, palmeiras e flores abertas

(versos 15, 18, 21, 22 e 29). Sobre isso é dito: “edificou Salomão aquela casa, e a acabou. Também cobriu as paredes da casa por dentro com tábuas de cedro; desde o soalho da casa até ao teto tudo cobriu com madeira por dentro; e cobriu o soalho da casa com tábuas de cipreste” (versos 14 e 15).

O tabernáculo original não tinha soalho, mas no templo que Salomão construiu havia “tábuas de cedro nos lados da casa, desde o soalho até às paredes; e por dentro lhas edificou para o oráculo, para o Santo dos Santos” (verso 16). Tendo coberto todo o interior do templo com cedro de modo que “pedra nenhuma se via... revestiu Salomão a casa por dentro de ouro puro; e com cadeias de ouro pôs uma cortina diante do oráculo, e o revestiu com ouro. Assim cobriu de ouro toda a casa, inteiramente” (versos 18 a 22).

O Oráculo

No oráculo, ou santíssimo, a arca da aliança do Senhor foi colocada. A arca original tinha dois querubins feitos de ouro puro. Agora, porém, mais dois querubins foram adicionados e colocados no soalho, e entre estes a arca foi colocada. Eles eram feitos de madeira de oliveira, cada um com cerca de quatro metros e meio de altura. “Ambos os querubins eram de uma mesma medida e de um mesmo talhe” (1 Reis 6:25). “E os querubins estendiam as asas, de maneira que a asa de um tocava na parede, e a asa do outro querubim tocava na outra parede; e as suas asas no meio da casa tocavam uma na outra” (verso 27). Isso daria aos dois querubins uma curvatura de asa de cerca de nove metros. Estes querubins também eram cobertos de ouro, e em todas as paredes da casa em redor havia figuras de

querubins e palmeiras entalhadas e flores dentro e fora. Até o soalho estava coberto de ouro (versos 29 e 30).

No primeiro compartimento do templo algumas mudanças foram feitas nos móveis. Diante do oráculo, e mencionado como pertencente a ele (verso 22, ARV), ficava o altar do incenso, como no tabernáculo. Ao invés de um candelabro ou castiçal, haviam agora dez, cinco colocados de um lado e cinco do outro. Estes candelabros eram de ouro puro, como também os vasos, e os apagadores, e as bacias, e as colheres, e os perfumadores (1 Reis 7:49, 50). Ao invés de uma mesa contendo os pães da proposição, havia dez, "cinco à direita, e cinco à esquerda" (2 Crônicas 4:8).

O Altar e a Pia

O altar do holocausto, ou o altar de cobre como é chamado, foi consideravelmente aumentado no templo de Salomão. O antigo altar do tabernáculo tinha cerca de dois metros e trinta quadrados, enquanto o altar de Salomão tinha nove metros quadrados e quatro metros e meio de altura. As caldeiras, pás, garfos e bacias usadas no serviço do altar eram todos de cobre (versos 11 e 16).

No santuário havia outrora uma pia para propósitos de banho. Ela estava agora muito aumentada. Era um lavatório de cobre, com quatro metros e meio de diâmetro, dois metros e trinta de altura, com uma capacidade de quase quarenta mil litros de água, e foi chamado de "mar de fundição" (1 Reis 7:23-26). O cobre de que foi feito tinha a largura de um palmo de espessura. A borda foi trabalhada como a borda de um copo com flores de lírios. Todo o mar repousava sobre doze bois, três olhando para o norte, três para o

ocidente, três para o sul, três para o oriente; e o mar estava posto sobre eles, e todas as suas partes posteriores estavam para banda de dentro" (verso 25). Foi colocada no pátio entre o altar do holocausto e o santuário.

Além deste grande mar, havia dez pequenas pias colocadas sobre rodas, de modo que pudessem ser deslocadas de um lugar para o outro conforme fossem necessárias (versos 27 a 37). Cada uma dessas pias continha cerca de oitocentos e trinta litros de água e eram usadas para lavar as partes dos animais que deveriam ser queimados sobre o altar do holocausto (2 Crônicas 4:6). Cada uma dessas pias era colocada em uma base de cobre "e era a obra das rodas como a obra da roda de carro: seus eixos, e suas cambas, e seus cubos, e seus raios, todos eram fundidos" (1 Reis 7:33). Os lados eram ornamentados com figuras de leões, bois, querubins e palmeiras, com "certos acréscimos feitos de trabalhos finos" (versos 29 e 36). O pátio deve ter sido consideravelmente maior do que o do antigo tabernáculo.

O esplendor do templo de Salomão pode ser visto do despojo que Nabucodonosor tomou de Jerusalém. Uma enumeração em Esdras oferece "trinta travessas de ouro, mil travessas de prata, vinte e nove facas, trinta bacias de ouro, mais outras quatrocentas e dez bacias de prata, e mil outros utensílios. Todos os utensílios de ouro e de prata foram cinco mil e quatrocentos" (Esdras 1:9-11).

O Altar do Incenso

Uma declaração interessante é encontrada em 1 Reis 6:22 a respeito do altar do incenso. Os versos anteriores descrevem o oráculo, ou

santíssimo. A arca contendo os Dez Mandamentos é mencionada como estando ali, e relacionado a ela o altar que foi coberto de cedro (versos 19 e 20). Este altar, o verso vinte e dois afirma, "pertencia ao oráculo" (ARV). Isso pode ter alguma influência na questão que surge da leitura do nono capítulo de Hebreus, onde o altar do incenso é omitido na descrição do mobiliário do primeiro compartimento, e um incensário é mencionado como estando no segundo compartimento (versos 2 a 4). A *American Revised Version* tem "altar do incenso" em vez de incensário, embora a leitura marginal retenha incensário. O que quer que possa ser pensado desta leitura controversa, é digno de nota que Hebreus 9:2 omite o altar do incenso na descrição do lugar santo. A leitura em 1 Reis 6:22 de que o altar do incenso, enquanto localizado no lugar santo, "pertencia" ao santíssimo, é geralmente considerada como a tradução correta. Portanto, entendemos que a declaração de Êxodo 30:6 é que o altar do incenso estava localizado antes do véu no lugar santo "diante do propiciatório", mas que seu uso era tal que, de certo modo, "pertencia" ao santíssimo. Como é fato que o incenso enchia o santíssimo assim como o santo, essa parece, no geral, a melhor visão do assunto. (Veja Êxodo 40:26).

O Templo de Zorobabel

O templo construído por Salomão foi destruído nas invasões de Nabucodonosor no sexto século antes de Cristo. Governantes e povo haviam gradualmente se afastado do Senhor e foram cada vez mais longe na idolatria e no pecado. Apesar de tudo o que Deus poderia fazer para corrigir os males, Israel persistiu em apostasia. Deus lhes enviou Seus profetas com advertências e súplicas, "eles, porém,

zombaram dos mensageiros de Deus, e desprezaram as suas palavras, e mofaram dos seus profetas; até que o furor do Senhor tanto subiu contra o seu povo, que mais nenhum remédio houve. Porque fez subir contra eles o rei dos caldeus, o qual matou os seus jovens à espada, na casa do seu santuário, e não teve piedade nem dos jovens, nem das donzelas, nem dos velhos, nem dos decrépitos; a todos entregou na sua mão" (2 Crônicas 36:16, 17).

Na destruição de Jerusalém, Nabucodonosor queimou "a casa de Deus, e derrubaram os muros de Jerusalém, e todos os seus palácios queimaram a fogo, destruindo também todos os seus preciosos vasos" (verso 19). "E os que escaparam da espada levou para Babilónia; e fizeram-se servos dele e de seus filhos, até ao tempo do reino da Pérsia" (verso 20). Assim começou o chamado cativeiro de setenta anos "para que se cumprisse a palavra do Senhor, pela boca de Jeremias, até que a terra se agradasse dos seus sábados; todos os dias da assolação repousou, até que os setenta anos se cumpriram" (verso 21).

A Reconstrução do Templo

Quando os dias do cativeiro foram cumpridos, foi dada permissão a Israel para retornar; mas, nesse momento, muitos estavam em Babilônia há tanto tempo que preferiam ficar. No entanto, um remanescente retornou e, no devido tempo, a fundação de um novo templo foi estabelecida. "E todo o povo jubilou com altas vozes, quando louvaram ao Senhor, pela fundação da casa do Senhor" (Esdras 3:11). No entanto, nem tudo foi alegria, pois "muitos dos sacerdotes, e levitas e chefes dos pais, já idosos, que viram a primeira casa, choraram em altas vozes quando à sua vista foram

lançados os fundamentos desta casa; mas muitos levantaram as vozes com júbilo e com alegria. De maneira que não discernia o povo as vozes do júbilo de alegria das vozes do choro do povo; porque o povo jubilava com tão altas vozes, que o som se ouvia de muito longe" (versos 12 e 13).

O templo assim erigido passou a ser chamado templo de Zorobabel, segundo o nome do líder na obra. Não se sabe muito sobre sua estrutura, mas supostamente seguiu as linhas do templo de Salomão. Não havia arca no santíssimo. Esta havia desaparecido na época da invasão de Nabucodonosor. A tradição afirma que homens santos tomaram a arca e a esconderam nas montanhas para evitar que ela caísse em mãos profanas. De qualquer forma, o santíssimo estava vago, exceto por uma pedra, que servia de substituto para a arca no Dia da Expiação. Este templo continuou em uso até perto do tempo em que Cristo apareceu. Então o templo de Herodes tomou o seu lugar.

O Templo de Herodes

Herodes tornou-se rei em 37 a.C. Uma das primeiras coisas que ele fez foi construir uma fortaleza, Antônia, ao norte dos terrenos do templo, e ligada ao pátio do templo por uma passagem subterrânea. Alguns anos depois, ele decidiu reconstruir o templo em uma escala maior do que nunca antes. Os judeus desconfiavam dele e não o deixaram prosseguir com o edifício até que ele provasse sua boa-fé, recolhendo o material necessário para a estrutura antes de retirar qualquer coisa do antigo. Isso ele fez de bom grado. Os sacerdotes também insistiram que nenhuma pessoa comum trabalhasse no templo, e que seria necessário que os próprios sacerdotes erigissem

a estrutura do templo. Por causa dessa demanda, alguns anos foram gastos no treinamento de mil sacerdotes para serem pedreiros e carpinteiros para trabalhar no santuário. Eles fizeram todo o trabalho relacionado com os dois compartimentos do templo. No total, dez mil trabalhadores qualificados foram empregados no curso da construção.

Os trabalhos de construção começaram por volta do ano 20 a.C. O templo propriamente dito foi terminado em um ano e meio, mas levou mais oito anos para que o pátio e os aposentos para os sacerdotes fossem terminados. João 2:20 declara que o templo no tempo de Cristo já estava em construção há quarenta e seis anos; de fato, não foi senão por volta de 66 d.C., justo antes da destruição de Jerusalém pelos romanos, que o templo foi completamente finalizado.

Uma Linda Estrutura

O templo de Herodes era uma estrutura lindíssima. Foi construído de mármore branco coberto por lâminas de ouro, localizado em uma elevação com degraus subindo a ele de todas as direções, que constituíam uma série de terraços. Erguia-se a uma altura de cento e vinte metros acima do vale abaixo e podia ser visto de uma grande distância. Josefo o compara a uma montanha coberta de neve. Era um objeto de beleza, especialmente quando visto do Monte das Oliveiras durante a manhã, enquanto o sol brilhava sobre ele. Era uma das maravilhas do mundo.

O templo de Herodes era do mesmo tamanho do templo de Salomão; ou seja, o edifício propriamente dito tinha nove metros de

largura por vinte e sete de comprimento. O lugar santo era separado do santíssimo por uma parede com cerca de quarenta e seis centímetros de espessura, com uma abertura perante a qual estava pendurado o véu mencionado em Mateus 27:51, que foi rasgado na morte de Jesus. Não havia mobília no santíssimo somente a pedra que ficara no templo de Zorobabel, sobre o qual o sumo sacerdote posicionava o seu incensário durante o Dia da Expiação. A mobília no lugar santo era provavelmente a mesma que no templo de Salomão.

Diretamente acima do santo e do santíssimo havia câmaras ou salas onde os sacerdotes se reuniam em determinadas ocasiões. O Sinédrio também se reuniu ali por um tempo. No final da sala acima do santíssimo havia alçapões através dos quais uma caixa poderia ser baixada no santíssimo abaixo. Essa caixa era grande o suficiente para conter um ou mais operários que às vezes precisavam fazer algum reparo no templo. A caixa era aberta apenas para a parede, de modo que os operários pudessem trabalhar nas paredes sem sair da caixa, ou, de fato, sem tocar em nada além da parte da parede em que estavam trabalhando. Como só o sumo sacerdote podia entrar no santíssimo, esse esquema proporcionava a realização de reparos sagrados sem que os trabalhadores precisassem entrar no lugar santíssimo enquanto tal.

Nas partes laterais do templo havia salas para armazenamento, da mesma forma que havia no templo de Salomão. Havia também um pórtico que se estendia cerca de onze metros para cada lado além da construção, fazendo com que o comprimento total do alpendre se aproximasse de quarenta e nove metros.

No Pátio

O pátio externo do templo de Herodes era um amplo cercado, não inteiramente quadrado, com cerca de trezentos metros de comprimento de cada lado. Este pátio estava dividido em pátios menores, tal como o pátio dos gentios, o pátio das mulheres e o pátio dos sacerdotes. Numa parte do pátio, em uma imensa treliça, ou grade, pendia uma videira de ouro, da qual os cachos de uvas, segundo Josefo (em quem, no entanto, nem sempre pode-se confiar), eram da altura de um homem. Segundo ele, a videira se estendia cerca de doze metros de norte a sul, e seu topo ficava a mais de trinta metros do solo. Foi ali que Herodes também colocou uma águia dourada colossal, para grande angústia e desprazer dos judeus. Ele foi finalmente compelido a remover a águia do recinto sagrado.

Cerca de dez metros à frente do pórtico do templo ficava o altar do holocausto. Este altar era maior que o do templo de Salomão. De acordo com a Mishná, tinha cerca de quinze metros quadrados. Foi construído de pedras não trabalhadas e tinha cerca de quatro metros e meio de altura. Uma inclinação, também construída de pedra, levava até bem próximo da borda do altar. Ao redor do altar, perto do topo, havia uma saliência na qual os sacerdotes ficavam enquanto ministravam os sacrifícios prescritos.

No pavimento perto do altar havia argolas às quais animais sacrificiais podiam ser amarrados. Havia também mesas contendo vasos, facas e taças usadas no sacrifício. O altar estava conectado com uma espécie de sistema de esgoto, de modo que o sangue derramado ao pé do altar era levado no fluxo de água abaixo. Tudo era mantido escrupulosamente limpo, até mesmo o sistema de esgoto era lavado em tempos determinados.

Dentro dos muros que cercavam o pátio, havia pórticos ou claustros, também chamados de alpendres. O do lado leste era chamado de alpendre de Salomão. Os lados norte, oeste e leste tinham alpendres duplos com duas fileiras de colunas e um teto de cedro entalhado. No lado sul estava o pórtico real com cento e sessenta e duas colunas. Essas colunas estavam dispostas de modo a formar três corredores, os dois externos cada um com aproximadamente nove metros de largura e o do meio com quase quatorze metros de largura. Nesses pórticos, reuniões públicas poderiam ser realizadas. Era aqui que a igreja primitiva se reunia quando eles iam ao templo para orar. Era o local de encontro habitual de Israel sempre que eles iam ao templo.

A parte do pátio mais próxima de sua entrada era chamada de pátio dos gentios. Um parapeito de pedra separava esse pátio do resto do recinto. Nenhum gentio poderia ir além de seus limites. No parapeito estava a inscrição: "Nenhum estrangeiro pode passar além da balaustrada e da parede que cercam o lugar santo. Quem quer que seja apanhado violando este regulamento será responsável pela sua morte, que se seguirá". Foi porque os judeus pensaram que Paulo havia transgredido esta ordenança do templo que ele foi capturado e preso pelos romanos (Atos 21:28). Em 1880, uma placa foi encontrada com esta inscrição e agora está em um museu.

O templo de Herodes era uma das mais lindas estruturas que o mundo já viu. Foi o orgulho dos judeus. No entanto, chegou a hora em que foi destruído. "Não ficará aqui pedra sobre pedra que não seja derribada", foram as palavras de Cristo (Mateus 24:2). Esta profecia foi literalmente cumprida. Nenhuma pedra foi deixada.

O santuário original e os três templos aqui mencionados tinham certas coisas em comum, embora diferissem em alguns detalhes. Todos eles tinham dois compartimentos, o santo e o santíssimo. Todos tinham um altar do incenso, um altar do holocausto, uma pia, uma mesa de pães da proposição e um candelabro. Os dois primeiros tinham uma arca, que desapareceu por volta de 600 a.C. O sacerdócio era sempre o mesmo, assim como as ofertas sacrificiais.

Por mais de mil anos, Israel se reuniu em torno do santuário. Que bênção poderia ter chegado a eles se tivessem discernido em seus sacrifícios Aquele prometido no Jardim do Éden, o Cordeiro que tira o pecado do mundo! “Temamos, pois, que, porventura, deixada a promessa de entrar no seu repouso, pareça que algum de vós fica para trás” (Hebreus 4:1).

3. O Sacerdócio

Moisés recebeu instruções não apenas para a construção do tabernáculo, mas também para a seleção e instrução do sacerdócio. Deus ordenou a Moisés: “Depois tu farás chegar a ti teu irmão Arão, e seus filhos com ele, do meio dos filhos de Israel, para me administrarem o ofício sacerdotal; a saber: Arão, Nadabe, e Abiú, Eleazar e Itamar, os filhos de Arão” (Êxodo 28:1). A Arão Ele disse: “Mas tu e teus filhos contigo cumprireis o vosso sacerdócio no tocante a tudo o que é do altar, e a tudo o que está dentro do véu, nisso servireis; eu vos tenho dado o vosso sacerdócio em dádiva ministerial” (Números 18:7).

Os sacerdotes em Israel ocupavam uma alta e honrosa posição na nação. Suas responsabilidades eram grandes e suas prerrogativas também. Eles eram os guardiões da lei de Deus e também da moral do povo. Não havia praticamente nenhuma fase da vida ou atividade em que o sacerdote não desempenhasse um papel proeminente.

Arão e seus filhos foram escolhidos por Deus para este alto ofício, e durante quase toda a história da nação o sacerdócio foi restrito à linhagem da descendência arônica. Somente na última parte da história nacional de Israel outros foram admitidos no ofício sacerdotal, e isso somente por causa da pressão das autoridades civis. Parece que os privilégios do ofício sacerdotal foram originalmente projetados para serem vitalícios, mas há motivos para acreditar que mais tarde essa disposição foi desconsiderada.

Quando os sacerdotes arônicos cresceram em número, de modo que todos se fizeram necessários ao mesmo tempo para os serviços do

templo, eles foram divididos em vinte e quatro turmas, cada uma das quais se revezava em oficiar nos serviços. Cada uma delas servia uma semana em Jerusalém duas vezes por ano, sendo o restante do tempo gasto nos distritos familiares ajudando e ensinando o povo. No início, estrita ordem foi mantida na rotação dessas turmas; mas, quando veio a corrupção, mais tarde, a ordem das turmas foi desarranjada, e no tempo de Cristo a rotação bíblica não era mais seguida.

Os sacerdotes tinham controle de toda a adoração pública da nação. Eles eram os guardiões do templo, e somente eles podiam se "aproximar" de Deus, uma expressão que em Israel significava o privilégio de oficiar no altar e entrar no santuário para prestar os serviços ali. Somente através deles as pessoas poderiam ter acesso às bênçãos da aliança simbolizada pela aspersão do sangue e a oferta de incenso. Só os sacerdotes podiam transacionar com Deus.

Além de suas funções estritamente religiosas e o ritual do templo, os sacerdotes também tinham o controle de muitos assuntos civis e até mesmo pessoais. Eles determinavam quando um homem era cerimonialmente impuro e tinham poder para excluí-lo da congregação. A lepra era encaminhada a eles para exame, e da palavra deles dependia a decisão se um homem deveria ser banido da sociedade, ou que uma casa infectada deveria ser demolida (Levítico 13, 14). Disse Deus: "Guarda-te da praga da lepra, e tenhas grande cuidado de fazer conforme a tudo o que te ensinarem os sacerdotes levitas; como lhes tenho ordenado, terás cuidado de fazê-lo. Lembra-te do que o Senhor teu Deus fez a Mirian no caminho, quando saíste do Egito" (Deuteronômio 24:8, 9).

Somente os sacerdotes podiam restituir um homem à sua família depois dele ter sido oficialmente excluído. Eles também tinham jurisdição em certos casos de suspeita de infidelidade (Números 5:11-31). Por sua interpretação da lei, eles passaram a ter grande influência e autoridade em muitos assuntos que afetavam a vida diária. Em casos difíceis de questões legais, os sacerdotes eram associados com o juiz na tomada de decisões judiciais, não apenas em questões de religião, mas também em puramente civis "questões de litígio nas tuas portas" (Deuteronômio 17:8-13). A decisão em tais casos era final. O homem era admoestado a fazer conforme a sentença da lei "que te ensinarem, e conforme o juízo que te disserem... O homem, pois, que se houver soberbamente, não dando ouvidos ao sacerdote, que está ali para servir ao Senhor teu Deus, nem ao juiz, esse homem morrerá; e tirarás o mal de Israel" (versos 11 e 12). (Veja também Deuteronômio 19:17).

É facilmente concebível que um corpo de homens que tinha o controle do culto de uma nação, do ensino e interpretação da lei, de relações pessoais íntimas e da execução de decisões legais exerceria poderosa influência para o bem ou para o mal sobre o povo. Quando ao prestígio que lhes pertencia devido à natureza de seu chamado é adicionada a renda liberal que os emolumentos do seu ofício lhes proporcionavam, podemos prontamente entender que o sacerdócio logo se tornou uma organização poderosa e exclusiva. As prerrogativas do sacerdócio eram grandes e seus direitos eram muito zelosamente guardados. Como mencionado anteriormente, somente Arão e seus descendentes poderiam oficiar a adoração sacrificial (Êxodo 28, 29; Levítico 8-10; Números 16-18). Ninguém poderia tornar-se um sacerdote sem ser nascido na família. Isso colocou

grande ênfase na questão do nascimento e no registro genealógico que sustentava esse nascimento. Competia a cada sacerdote provar sua descendência de Arão por impecáveis evidências. Não deveria haver falha na sucessão. Cada passo deveria estar claro.

Examinar a genealogia de cada candidato tornou-se a tarefa de certos sacerdotes. A função foi posteriormente assumida pelo Sinédrio, que ocupava parte de seu tempo neste trabalho. Se um sacerdote provasse com sucesso seu direito genealógico ao ofício e passasse no teste físico exigido – se ele não tivesse uma deformidade no corpo que o desqualificasse – ele era vestido com roupas brancas e seu nome era inscrito na lista oficial de sacerdotes autorizados. Pode ser que Apocalipse 3:5 seja baseado nesse costume. Por outro lado, se ele não satisfizesse os examinadores, ele era vestido de preto.

A deformidade física – se o registro genealógico fosse satisfatório – não impedia o sacerdote de compartilhar o suporte dado aos sacerdotes do templo (Levítico 21:21-23). Se o defeito não fosse muito proeminente, ele poderia até servir em alguma função menor, como cuidar da madeira usada no culto do altar ou como um vigia.

Sendo muito sagrado o ofício sacerdotal, os regulamentos sobre com quem um sacerdote poderia ou não se casar eram estritamente impostos. Um sacerdote não poderia se casar com uma mulher cujo marido a tivesse afastado ou dela se divorciado. Ele não poderia se casar com uma prostituta ou moça desonrada (versos 7 e 8). Ele só poderia se casar com uma virgem ou viúva.

Também era exigido dos sacerdotes que eles fossem cuidadosos quanto à contaminação cerimonial. Eles não podiam tocar em um corpo morto, exceto o de um parente muito próximo. Em todos os

atos de suas vidas, os sacerdotes deviam estar conscientes de sua necessidade de se afastarem de qualquer coisa que os pudesse contaminar. E esse cuidado com relação à contaminação física era apenas um símbolo da exigência de Deus por uma grande pureza espiritual. "Santidade ao Senhor" era o lema do sacerdócio.

Suporte do Sacerdócio

Os sacerdotes não tinham herança na terra como as outras tribos. "Das ofertas queimadas do Senhor e da sua herança comerão. Por isso não terão herança no meio de seus irmãos; o Senhor é a sua herança, como lhes tem dito" (Deuteronômio 18:1, 2).

Ao invés de uma porção da terra, Deus deu aos sacerdotes certas partes dos sacrifícios que o povo trazia. De todos os sacrifícios de animais, exceto do holocausto, que era totalmente queimado sobre o altar, e de alguns outros sacrifícios, cabia ao sacerdote a espádua, as queixadas e o bucho (verso 3). Os sacerdotes também recebiam os primeiros frutos dos cereais, vinho, azeite e lã de ovelhas. Além disso, ao sacerdote se dava farinha e outras ofertas de alimentos cozidas ao forno ou na frigideira, misturada com azeite ou seca (Levítico 2:1-10). Dos holocaustos eles recebiam a pele (Levítico 7:8). Em caso de guerra, uma parte do espólio também cabia ao sacerdócio, tanto de homens como de gado e ouro. Às vezes isso equivalia a uma soma considerável (Números 31:25-54). Todas as ofertas alçadas e movidas eram dos sacerdotes (Números 18:8-11). Todas as ofertas dedicatórias também pertenciam a eles (verso 14).

Todos os primogênitos em Israel, tanto de homens quanto de animais, eram dos sacerdotes, porém foi ordenado que o

primogênito do homem fosse resgatado pela soma estipulada de cinco siclos de dinheiro por cada criança (Números 18:15-19).

No ano do jubileu, campos dedicados que não eram resgatados revertiam-se para os sacerdotes (Levítico 27:20, 21). Em caso de transgressão que envolvesse coisas santas, o transgressor não apenas pagaria a soma original estimada, mas acrescentaria um quinto a ela e a daria ao sacerdote (Levítico 5:16). No caso de dano causado ao próximo, onde a restituição à parte lesada não era possível, a ordem era que "a culpa que se restituir ao Senhor será do sacerdote" (Números 5:8). Além das fontes de renda mencionadas, havia outras menores, que não precisam ser discutidas aqui.

As doações aqui enumeradas eram adicionais à renda do dízimo recebido pelos sacerdotes. Todo Israel foi ordenado a pagar o dízimo (Levítico 27:30-34). Esse dízimo devia ser dado aos levitas e pertencia a eles (Números 18:21-24). Do dízimo que os levitas assim recebiam, deviam dar "uma oferta alçada ao Senhor, os dízimos dos dízimos" e "dareis a oferta alçada do Senhor a Arão, o sacerdote" (versos 26 a 28). Parece que em tempos posteriores os dízimos eram pagos diretamente aos sacerdotes (Hebreus 7:5). Alguns pensam que isso aconteceu na época do segundo templo, quando muito poucos levitas retornaram do cativeiro e foi necessário empregar os netinins em seu lugar; mas isso não está muito claro (Esdras 8:15-20). De qualquer forma, os sacerdotes recebiam dízimos direta ou indiretamente do povo, e como os sacerdotes originalmente eram poucos em número, a renda dessa fonte era provavelmente mais do que suficiente para suas necessidades.

Os sacerdotes eram ministros de Deus, divinamente designados como mediadores entre Deus e os homens, particularmente autorizados a oficiar no altar e a serviço do santuário. Em tempos quando livros não eram comuns, eles eram não apenas intérpretes da lei, mas, em muitos casos, a única fonte de conhecimento dos requisitos de Deus. Através deles o povo era instruído na doutrina do pecado e da expiação dele, em justiça e santidade. Através de seu ministério, as pessoas eram ensinadas a como se aproximar de Deus, como o perdão poderia ser obtido, como a oração poderia ser oferecida a Deus, como inexorável é a lei, como o amor e a misericórdia finalmente prevalecem. Todo o plano da salvação estava aberto a eles, tanto quanto este poderia ser revelado em tipos e ofertas. Cada cerimônia tendia a imprimir em suas mentes a santidade de Deus e os resultados do pecado. Também lhes ensinava a maravilhosa provisão feita através da morte do cordeiro. Embora fosse um ministério da morte, era glorioso em sua promessa. Contava de um redentor, de alguém que levava o pecado, um mediador. Era o evangelho em embrião.

No serviço do sacerdócio, três coisas destacam-se proeminentemente: mediação, reconciliação, santificação. Cada uma delas merece uma palavra especial de ênfase.

Mediação

Os sacerdotes eram, antes de tudo, mediadores. Esse era preeminentemente seu trabalho. Embora o pecador pudesse trazer a oferta, ele não podia aspergir o sangue. Ele também não podia comer do pão da proposição, nem oferecer o incenso, nem espevitar as lâmpadas. Tudo isso outra pessoa deveria fazer por ele. Embora

ele pudesse se aproximar do templo, ele não poderia entrar nele; embora ele pudesse fornecer o sacrifício, ele não poderia oferecê-lo; embora ele pudesse matar o cordeiro, ele não poderia ministrar o sangue. Deus só era acessível a ele por meio da mediação do sacerdócio. Ele só poderia aproximar-se de Deus na pessoa de outro. Tudo isso traria à mente o fato de que ele precisava de alguém para interceder por ele, alguém para intervir. Isso pode ser mais vividamente trazido à mente imaginando-se uma ocorrência que poderia facilmente ser verdadeira.

Um pagão que sinceramente desejasse adorar a Deus ouve que o Deus de Israel é o Deus verdadeiro, e que Ele vive no templo em Jerusalém. Ele começa a longa jornada e finalmente chega ao lugar sagrado. Ele ouviu que Deus habita entre os querubins no santíssimo e decide entrar naquele lugar, para que ele possa adorar a Deus. Mas ele não dá muitos passos para o pátio antes de ser parado por uma placa que diz que nenhum estrangeiro pode passar por esta placa sem perigo de vida. Ele está perplexo. Ele quer adorar o Deus verdadeiro de quem ouviu e também lhe foi dito que Deus deseja adoração. No entanto, agora ele está impedido. O que ele deve fazer? Ele pergunta a um dos adoradores e é dito que ele deve se prover de um cordeiro antes que possa se aproximar de Deus. Imediatamente ele se provê do animal necessário e aparece novamente. Agora ele pode ver a Deus? É dito a ele novamente que ele não pode entrar.

— “Por que, então, o cordeiro?” Ele pergunta.

— “Porque você deve dá-lo ao sacerdote para sacrificá-lo”.

— “Poderei então entrar?”

— “Não, pois não existe meio pelo qual você possa entrar no templo ou ver a Deus.”

— “Mas por que eu não posso ver vosso Deus? Eu quero adorá-Lo”.

— “Nenhum homem pode ver a Deus e viver. Ele é santo, e só quem é santo O pode ver. O sacerdote pode entrar no primeiro compartimento, mas ainda há um véu entre ele e Deus. Somente o sumo sacerdote pode entrar no santíssimo. Você não pode entrar em pessoa. Sua única esperança é que alguém entre por você”.

O homem está profundamente impressionado. Ele não tem permissão para entrar no templo. Só quem é santo pode fazer isso. Ele deve ter alguém para mediar por ele. A lição grava-se profundamente em sua alma: ele não pode ver a Deus; ele deve ter um mediador. Só assim os pecados podem ser perdoados e a reconciliação pode ser efetuada.

Todo o serviço do santuário é fundamentado em mediação. Mesmo que o pecador tenha trazido o cordeiro, mesmo que ele o tenha matado, o serviço só poderia ser eficaz através de um mediador que aspergisse o sangue e fizesse a ministração do sacrifício.

Reconciliação

O segundo aspecto proeminente do serviço era reconciliação. O pecado separa de Deus. É aquilo que encobre o Seu rosto de nós, e faz com que Ele não ouça (Isaías 59:2). Mas através das ofertas de sacrifício e nas orações subindo com o incenso Deus poderia ser aproximado, a comunhão poderia ser restaurada e a reconciliação efetuada.

Mesmo que a mediação fosse o propósito subjacente do sacerdócio, a reconciliação era a intenção dos sacrifícios oferecidos diariamente ao longo do ano. Através deles, as relações amigáveis entre Deus e o homem eram restauradas. O pecado tinha separado; o sangue unia. Isto era realizado através do ministério do perdão. A declaração que é feita é que quando toda a congregação tinha pecado e trazido sua oferta pelo pecado, quando os anciãos colocavam suas mãos sobre a oferta e presumivelmente confessavam aquele pecado, "lhes será perdoado" (Levítico 4:13, 20). Novamente, o decreto proclama que quando um príncipe cometesse um pecado e cumprisse com os requisitos, "lhe será perdoado" (versos 22 e 26). A promessa é igual para qualquer uma das pessoas comuns: "ele será perdoado" (versos 27 e 35). Por meio do pecado, afastamento havia chegado; mas agora tudo está perdoado.

Nós somos reconciliados com Deus pela morte de Seu Filho (Romanos 5:10). A reconciliação é efetuada pelo sangue. "E os sacerdotes os mataram, e com o seu sangue fizeram expiação do pecado sobre o altar, para reconciliar a todo o Israel; porque o rei tinha ordenado que se fizesse aquele holocausto e sacrifício pelo pecado, por todo o Israel" (2 Crônicas 29:24). No primeiro compartimento do santuário, o sacerdote entrava dia após dia para comungar com Deus. Havia o incenso sagrado indo além do véu até o santíssimo; havia o candelabro, emblema dAquele que é a luz do mundo; havia a mesa do Senhor convidando a comunhão; e a aspersão do sangue, a parte mais importante do serviço. Era um lugar de se aproximar de Deus, de comunhão. Através do ministério do sacerdote, o perdão era estendido, a reconciliação efetuada, o homem trazido à comunhão com Deus.

Santificação

O terceiro aspecto importante do serviço do santuário era a santificação, ou santidade. O montante de pecados acariciados no coração mede nossa distância de Deus. O estrangeiro pode vir até o pátio do templo. A alma penitente pode chegar ao altar. O sacerdote mediador pode entrar no lugar santo. Só o sumo sacerdote – e ele apenas um dia no ano, e somente após uma extensa preparação – pode entrar no santíssimo. Vestido de branco, ele poderia, com tremor, se aproximar do trono de Deus. Mesmo assim, o incenso deveria parcialmente encobri-lo. Aqui ele poderia ministrar, não apenas como alguém buscando perdão dos pecados, mas como alguém corajosamente pedindo para que eles fossem apagados.

O serviço diário ao longo do ano, simbolizado pela ministração no primeiro compartimento, não era completo por si só. Ele precisava ser completado e complementado pelo do segundo compartimento. O perdão opera após a transgressão, quando o dano já foi feito. É verdade que Deus perdoa o pecado, mas teria sido melhor se o pecado não tivesse sido cometido. Para isso, o poder guardador de Deus está disponível. Perdoar a transgressão depois de ter sido cometida é maravilhoso; mas não é suficiente. Deve haver um poder que guarde do pecado. “Vai-te, e não peques mais” é uma possibilidade do evangelho. Mas “não pecar mais” é a santificação. Este é o objetivo final da salvação. O evangelho não está completo sem ele. Precisamos entrar com Cristo no santíssimo. Alguns farão isso. Eles seguirão o Cordeiro para onde quer que Ele vá. Eles serão sem mácula, nem ruga. “São irrepreensíveis diante do trono de Deus” (Apocalipse 14:5). Pela fé eles entram no segundo compartimento.

4. O Sumo Sacerdote

O sumo sacerdote ocupava o lugar mais exaltado de Israel. Ele era o único que podia oficiar no Dia da Expiação, e somente ele poderia aparecer diante de Deus no lugar santíssimo. Como modo de indicar preeminência, ele foi chamado de sacerdote ungido, ou sumo sacerdote (Levítico 4:3; 21:10). Como todos os ofícios inferiores estão incluídos no mais alto, o sumo sacerdote era o símbolo de todo o sacerdócio. Nele todos os ofícios estavam centrados. No santuário ele oficiava diariamente (Hebreus 7:27; Levítico 6:19-23). Ele cuidava das lâmpadas e as acendia (Levítico 24:24; Êxodo 30:8; Números 8:2). Ele queimava o incenso (Êxodo 30:7, 8). Era sua prerrogativa oficiar em qualquer parte do ritual pessoalmente, e qualquer serviço que os sacerdotes fizessem era feito em nome de Arão e por Arão. Os sacerdotes eram simplesmente seus ajudantes. Eles podiam servir no altar; eles podiam até mesmo entrar no primeiro compartimento, mas o faziam como seus substitutos. O que eles faziam era contado como se fosse feito por Arão.

As mesmas regras que guiavam os sacerdotes em seu contato pessoal com o povo, bem como em suas próprias vidas, também se aplicavam ao sumo sacerdote e, em alguns aspectos, eram ainda mais rigorosas. Assim, conquanto o sacerdote poderia se casar apenas com uma virgem ou viúva, o sumo sacerdote estava proibido de casar-se com uma viúva (Levítico 21:13, 14). Conquanto um sacerdote não poderia tocar um cadáver, exceto o de um parente próximo, o sumo sacerdote não poderia fazer nem mesmo isso (versos 1, 2 e 11).

Esse cuidado em todas as coisas se estendia até às vestes, que tinham significado simbólico. Da roupa que o sumo sacerdote vestia, está escrito isto: "Estas pois são as vestes que farão: um peitoral, e um éfode, e um manto, e uma túnica bordada, uma mitra, e um cinto; farão, pois, santas vestes para Arão, teu irmão, e para seus filhos, para me administrarem o ofício sacerdotal" (Êxodo 28:4). Elas se harmonizavam em cor e material com o próprio tabernáculo e eram adornados com pedras preciosas.

O peitoral, primeiro a ser mencionado, era uma peça de roupa "quadrangular" suspensa no peito por pequenas correntes. Nesse peitoral havia quatro fileiras de pedras preciosas, com três pedras em cada, com os nomes dos filhos de Israel gravados nelas, um nome em cada pedra (verso 21). Esta veste era chamada de "peitoral do juízo", e Arão deveria carregá-lo "sobre o seu coração" quando entrava no lugar santo (verso 29).

No peitoral também era dito que estavam o Urim e Tumim, aquelas duas pedras misteriosas que denotavam o prazer ou desprazer do Senhor quando Ele era consultado em tempos de necessidade (Levítico 8:8; Êxodo 28:30; 1 Samuel 28:6). Pelo fato de se dizer que estas estavam *no* peitoral, alguns supõem que estivessem em um bolso colocado ali para esse propósito. Parece melhor acreditar, no entanto, que elas foram colocadas proeminentemente no peitoral, assim como as outras pedras, uma no lado esquerdo e outra no direito, completamente à vista.

O éfode era uma vestimenta curta, feita de "ouro, e de azul, e de púrpura, e de carmesim, e de linho fino torcido, de obra esmerada" (Êxodo 28:6). Não tinha mangas e pendia no peito e nas costas. Nos ombros havia duas pedras de ônix com os nomes dos filhos de Israel

gravadas nelas, seis nomes em cada pedra. “E porás as duas pedras nas ombreiras do éfode, por pedras de memória para os filhos de Israel; e Arão levará os seus nomes sobre ambos os seus ombros, para memória diante do Senhor” (verso 12).

Por baixo do éfode havia um longo manto de linho azul, sem mangas e sem costuras. Ao redor da bainha na borda havia “romãs de azul, e de púrpura, e de carmesim...e sinos de ouro no meio delas ao redor...E estará sobre Arão para ministrar: e seu som será ouvido quando entrar no lugar santo diante do Senhor, e quando sair, para que não morra” (versos 33 a 35, KJV). Por baixo do manto do éfode estavam as roupas de baixo brancas ordinárias e os calções de linho.

O cinto do sumo sacerdote era de ouro, azul, púrpura e carmesim, como o éfode. Foi colocado em volta do manto do éfode, bem no alto, e servia para segurar a peça no lugar (Êxodo 39:5; 29:5).

As Vestimentas de Ouro

“Farão o éfode de ouro...E o cinto primorosamente tecido, que está sobre o éfode, será do mesmo...Farás também o peitoral do juízo...de ouro...Farás o manto do éfode, todo de azul...e sinos de ouro” (Êxodo 28:6, 8, 15, 31, 33, KJV). Conquanto essas peças fossem feitas de diferentes materiais, o ouro formava uma parte proeminente. Se às vestes é acrescentada a coroa de ouro na mitra, sobre a qual estava escrito: “SANTIDADE AO SENHOR”, as doze pedras preciosas com os nomes de Israel gravados nelas, as duas pedras de ônix também com o nome de Israel sobre elas, e, finalmente, Urim e Tumim, o efeito do conjunto deve ter sido de glória e beleza. À medida que o sumo sacerdote se movesse devagar

e com dignidade de um lugar para outro, a luz do sol seria refletida nas dezesseis joias preciosas, os sinos emitiriam um som musical e o povo ficaria profundamente impressionado com a solenidade e a beleza da adoração de Deus.

Estas vestes estritamente sumo-sacerdotais são geralmente referidas como vestes douradas, e eram "para glória e ornamento" (verso 2) Além destas vestes, o sumo sacerdote também tinha vestes de linho brancas que eram usadas apenas um dia por ano para a obra expiatória no Dia da Expiação (Levítico 16:4, 23).

O Sumo Sacerdote como um Símbolo

O Sumo Sacerdote em sua função oficial não era simplesmente um homem. Ele era uma instituição; ele era um símbolo; ele era a corporificação de Israel. Ele levava os nomes de Israel em duas pedras de ônix "sobre ambos os seus ombros, para memória"; ele os carregava em doze pedras preciosas "no peitoral do juízo sobre o seu coração"; ele levava "o juízo dos filhos de Israel sobre o seu coração diante do Senhor continuamente" (Êxodo 28:12, 29, 30). Ele, pois, carregava Israel sobre seus ombros e sobre seu coração. Em seus ombros ele carregava o fardo de Israel; no peitoral, sobre seu coração, a sede das afeições e amor – a sede da misericórdia, o propiciatório – ele carregava Israel. No Urim e no Tumim – "isto é, *as luzes e as perfeições*" (verso 30, ARV, margem) – ele levava "o juízo dos filhos de Israel sobre o seu coração"; na coroa de ouro sobre a mitra inscrita com "SANTIDADE AO SENHOR", ele levava a "a iniquidade das coisas santas, que os filhos de Israel santificarem em todas as ofertas de suas coisas santas", e isso para que "tenham aceitação perante o Senhor" (versos 36 a 38).

"O sumo sacerdote devia agir pelos homens nas coisas pertencentes a Deus, 'para fazer propiciação pelos pecados do povo' (Hebreus 2:17). Ele era o mediador que ministrava pelos culpados. 'O sumo sacerdote representava todo o povo. Todos os israelitas eram considerados como estando nele. A prerrogativa que ele possuía pertencia ao conjunto deles (Êxodo 19:6) ...' (Vitringa). O fato de o sumo sacerdote representar toda a congregação se confirma, primeiro, por ele levar os nomes tribais sobre os ombros nas pedras de ônix e, segundo, pelos nomes tribais gravados nas doze gemas do peitoral. A explicação divina para essa dupla representação de Israel na vestimenta do sumo sacerdote é que ele 'levará os seus nomes diante de Yah sobre ambos os seus ombros, para memória' (Êxodo 28:12, 29). Além disso, cometendo ele pecado hediondo envolvia o povo em sua culpa: 'Se o sacerdote ungido pecar assim trazendo culpa sobre o povo' (Levítico 4:3). A LXX diz: 'Se o sacerdote ungido pecar, assim fazendo o povo pecar'. O sacerdote ungido, claro, é o sumo sacerdote. Quando ele pecava, o povo pecava. Suas ações oficiais eram consideradas como ações do povo. A nação inteira compartilhava a transgressão de seu representante. O inverso parece ser tão verdadeiro quanto. O que ele fazia em sua função oficial, conforme prescrito pelo Senhor, era considerado como feito pela congregação inteira: 'Todo sumo sacerdote... é constituído a favor dos homens' (Hebreus 5:1)." – *The International Standard Bible Encyclopedia*, volume 4, página 2439, artigo "Priest".

O caráter representativo do sumo sacerdote deve ser enfatizado. Adão era o representante do homem. Quando ele pecou, o mundo pecou e a morte passou a todos os homens (Romanos 5:12). "Pela

ofensa de um só, a morte reinou; ... pela desobediência de um só homem, muitos foram feitos pecadores" (versos 17 a 19).

Assim também Cristo, sendo o segundo homem e o último Adão, era o representante do homem. "Assim está também escrito: O primeiro homem, Adão, foi feito em alma vivente; o último Adão em espírito vivificante...o primeiro homem, da terra, é terreno; o segundo homem, o Senhor, é do céu" (1 Coríntios 15:45-47). "Pois assim como por uma só ofensa veio o juízo sobre todos os homens para condenação, assim também por um só ato de justiça veio a graça sobre todos os homens para justificação de vida" (Romanos 5:18). "Porque, como pela desobediência de um só homem, muitos foram feitos pecadores, assim pela obediência de um muitos serão feitos justos" (verso 19). "Porque, assim como todos morrem em Adão, assim também todos serão vivificados em Cristo" (1 Coríntios 15:22).

O sumo sacerdote, sendo em sentido especial uma figura de Cristo, era também o representante do homem. Ele representava todo o Israel. Ele carregava seus fardos e pecados. Ele levava a iniquidade de todas as coisas sagradas. Ele levava seu juízo. Quando ele pecava, Israel pecava. Quando ele fazia expiação por si mesmo, Israel era aceito.

5. Os Levitas

Para auxiliar Arão e seus filhos em seu trabalho junto ao santuário, Deus selecionou os membros da tribo de Levi, tribo essa que em várias ocasiões havia mostrado seu zelo pelo Senhor. Originalmente, todos os primogênitos do homem e do animal pertenciam ao Senhor, de acordo com a ordem específica: "Santifica-me todo o primogênito, o que abrir toda a madre entre os filhos de Israel, de homens e de animais; porque meu é" (Êxodo 13:2). A explicação adicional é dada: "E quando teu filho te perguntar no futuro, dizendo: Que é isto? Dir-lhe-ás: O Senhor nos tirou com mão forte do Egito, da casa da servidão. Porque sucedeu que, endurecendo-se Faraó, para não nos deixar ir, o Senhor matou todos os primogênitos na terra do Egito, desde o primogênito do homem até o primogênito dos animais; por isso eu sacrifico ao Senhor todos os primogênitos, sendo machos; porém a todo o primogênito de meus filhos eu resgato" (versos 14 e 15).

Deus graciosamente poupara os primogênitos dos israelitas; todavia, matara os do Egito. Em vista disso, Deus reivindicou como Seu, todo primogênito do homem e do animal. Os dos animais eram sacrificados a Deus, mas os do homem eram dedicados a Deus, e uma soma de resgate de cinco siclos era paga (Números 3:46, 47).

Esta lei do primogênito foi posteriormente modificada por causa do afastamento de Israel de Deus ao dançar ao redor e adorar o bezerro de ouro. Quando Moisés desceu do monte onde havia recebido as duas tábuas da lei que continham os Dez Mandamentos, "vendo o bezerro e as danças, acendeu-se-lhe o furor, e arremessou as tábuas

das suas mãos, e quebrou-as ao pé do monte; e tomou o bezerro que tinham feito, e queimou-o no fogo, moendo-o até que se tornou em pó; e o espargiu sobre as águas, e deu-o a beber aos filhos de Israel" (Êxodo 32:19, 20). Ele então fez um chamado: "Quem é do Senhor, venha a mim. Então se ajuntaram a ele todos os filhos de Levi" (verso 26). Ele então ordenou aos levitas que matassem todos os não regenerados e rebeldes entre o povo, o que foi prontamente feito, "e caíram do povo aquele dia uns três mil homens" (verso 28).

Porque a tribo de Levi respondeu ao chamado de Deus para a consagração, o Senhor os escolheu ao invés do primogênito. "Toma os levitas em lugar de todo o primogênito entre os filhos de Israel, e os animais dos levitas em lugar dos seus animais; porquanto os levitas serão meus: Eu sou o Senhor" (Números 3:45). Conforme os levitas foram contados, foram encontrados 22.000 (verso 39). Os primogênitos eram 273 a mais (verso 43). Deus pediu que cinco siclos fossem dados por cada um desses 273, uma soma total de 1.365 siclos, que foram dados a Arão e a seus filhos (versos 47 a 51). Isto constitui uma lição interessante na manutenção de contas de Deus.

A obra que os levitas deviam realizar no templo era "executar o serviço do Senhor", "fazer o serviço do tabernáculo", e "cuidar de todos os utensílios do tabernáculo da congregação, e dos deveres dos filhos de Israel" (Números 8:11; 3:7, 8, KJV). "Darás, pois, os levitas a Arão e a seus filhos; dentre os filhos de Israel lhes são dados em dádiva". "Põe-nos diante de Arão, o sacerdote, para que o sirvam" (Números 3:9, 6). Os levitas usados para este serviço deviam ser "da idade de vinte e cinco anos para cima...desde a idade de cinquenta anos sairão do serviço deste ministério, e nunca mais

servirão" (Números 8:24, 25). Depois dos cinquenta anos eles ainda podiam fazer certo trabalho, mas nenhum "trabalho duro" como é o significado de "serviço" nos versos 24 a 26.

A cerimônia pública na qual Deus trocou o primogênito pelos levitas foi bela e impressionante. Foi ordenado a Moisés que levasse todos os levitas "para os purificar: esparge sobre eles a água da expiação; e sobre toda a sua carne farão passar a navalha, e lavarão as suas vestes, e se purificarão" (verso 7). Então eles foram trazidos ante toda a congregação de Israel, que estava reunida no tabernáculo. Aqui os filhos de Israel deviam por "as suas mãos sobre os levitas. E Arão oferecerá os levitas por oferta movida, perante o Senhor, pelos filhos de Israel; e serão para servirem no ministério do Senhor" (versos 10 e 11). Depois disso, Moisés ofereceu uma oferta pela expiação do pecado e uma de holocausto "ao Senhor, para fazer expiação pelos levitas" (verso 12).

Estas instruções dadas a Moisés foram realizadas como ordenado. "E Moisés, Arão, e toda a congregação dos filhos de Israel, fizeram com os levitas conforme a tudo o que o SENHOR ordenara a Moisés acerca dos levitas, assim os filhos de Israel lhes fizeram. E os levitas foram purificados, e lavaram as suas vestes; e Arão os ofereceu por oferta perante o Senhor, e Arão fez expiação por eles, para purificá-los. E depois disso vieram os levitas, para fazerem seu serviço no tabernáculo da congregação perante Arão e perante os seus filhos; como o Senhor ordenara a Moisés acerca dos levitas, assim lhes fizeram" (versos 20 a 22, KJV).

As palavras *oferecer* e *oferta* nos versos citados são "mover" e "oferta de movimento" no original. Certas ofertas eram movidas "perante o Senhor" antes de serem usadas pelo povo. O ofertante

pegava um molho de cevada ou parte da oferta de alimentos ou o ombro direito de um animal e, estando diante do altar do holocausto, apresentava-o ao Senhor para Sua aprovação, movendo-o lentamente de um lado para o outro ou para cima e para baixo, assim dedicando-o ao Senhor.

De igual maneira, os israelitas apresentaram os levitas ao Senhor, pedindo-Lhe para aceitá-los como sua oferta em lugar de si próprios. A *American Revised Version* diz: "Arão oferecerá os levitas perante Jeová por uma oferta movida, em favor dos filhos de Israel" (Números 8:11). Nesta oferta, os israelitas disseram, com efeito: "nós pecamos e quebramos o Teu pacto. Nós não nos arrependemos nem tomamos posição ao Teu lado quando o chamado foi feito. Nós estamos arrependidos agora, e humildemente imploramos Teu perdão. Nós reconhecemos a Tua justiça na escolha dos levitas em vez do nosso primogênito. Nós não somos dignos de Te servir ou ministrar em Teu Tabernáculo. Nós apresentamos os levitas em nosso lugar. Aceite-os, ó Senhor, como nossa oferta".

Deus desejara fazer de Israel um "reino sacerdotal e o povo santo" (Êxodo 19:6). A prerrogativa especial dos sacerdotes é que eles podem "aproximar-se" de Deus. Quando Deus falou com eles, o povo "retirou-se e pôs-se de longe" (Êxodo 20:18). Separando-se assim de Deus, ao pedir a Moisés para falar a eles em vez do Senhor, ao dançar diante do bezerro de ouro, eles haviam rejeitado a oferta de Deus para torná-los um reino de sacerdotes e quebraram o pacto. Agora Deus os rejeitou, e em vez de toda a nação ser um reino de sacerdotes, a tribo de Levi foi escolhida para essa honra.

Mas Deus não abandonou o seu povo. Ao aceitar os levitas "em favor do povo", Ele aceitou Israel. Daí em diante, Israel poderia

aproximar-se de Deus através do ministério daqueles a quem Deus designara para o serviço. Arão e seus filhos eram da tribo de Levi. Então, claro, eram levitas. Deus agora lidaria com os homens da tribo de Levi. Ninguém mais poderia vir diante dEle no santuário. Mas Israel não estava excluído de Deus. Ele iria aceitá-los conforme, em penitência, eles trouxessem suas ofertas ao pátio dEle. Ali os sacerdotes ministrariam por eles; pegariam o sangue e o colocariam nas pontas do altar; apareceriam no lugar santo e ofereceriam orações enquanto o incenso sagrado subisse; tomariam sobre si mesmos o pecado do penitente e fariam expiação por ele; e na pessoa do sumo sacerdote eles apareceriam diante do propiciatório de Deus para que os pecados fossem apagados. Tudo isso eles aceitaram quando colocaram suas mãos sobre os levitas e os ofereceram diante de Deus em seu lugar. Através do serviço sacrificial e da ministração dos sacerdotes, eles foram restaurados à comunhão com Deus, como em fé ofereciam seus sacrifícios, denotando confiança em um Redentor por vir que poderia tirar o pecado.

6. Consagração e Dedicação

Depois que Deus escolheu Arão e seus filhos para o sacerdócio, tornou-se necessário que eles passassem por um período de preparação e treinamento para seus novos deveres, que culminou em sua instalação pública no ofício. Cada passo nesse processo foi delineado pelo próprio Deus e comunicado a Moisés, que executou fielmente o mandado de Deus.

Esta consagração foi uma ocasião muito solene, que ocupou sete dias. Durante esse tempo, os candidatos não foram autorizados a deixar a área do santuário (Levítico 8:33). Sacrifícios, purificações e unções eram a ordem de cada dia.

A Lavagem

A primeira cerimônia foi de lavagem. “Falou mais o SENHOR a Moisés, dizendo: Toma a Arão e a seus filhos com ele, e as vestes, e o azeite da unção, como também o novilho da expiação do pecado, e os dois carneiros, e o cesto dos pães ázimos, e reúne toda a congregação à porta da tenda da congregação. Fez, pois, Moisés como o Senhor lhe ordenara, e a congregação reuniu-se à porta da tenda da congregação. Então disse Moisés à congregação: Isto é o que o Senhor ordenou que se fizesse. E Moisés fez chegar a Arão e a seus filhos, e os lavou com água” (versos 1 a 6).

Como essa lavagem era um ato simbólico, um símbolo de regeneração (Tito 3:5), os sacerdotes não tinham permissão para se lavar. Deus estava ensinando a eles que a pureza que Ele requeria

não era algo que eles mesmos poderiam fornecer. Alguém deveria fornecer isso a eles.

Deve ter sido uma nova experiência para Arão ser lavado por Moisés. Pode-se facilmente imaginar que, quando os dois irmãos prosseguiram para a pia, suas mentes estavam ocupadas com o significado daquilo em que estavam prestes a se envolver. Moisés tinha recebido instruções claras do Senhor e informou a Arão o que deveria ser feito. Pode ser que Arão levemente se opôs, achando que ele era capaz de se lavar. Isto parece estar implícito na réplica de Moisés: "Isto é o que o SENHOR ordenou que se fizesse" (Levítico 8:5). De seu relacionamento íntimo com Deus, ele tinha uma compreensão melhor do que a de Arão sobre os requisitos Deus. Este não era um banho comum; foi uma limpeza espiritual. Arão não podia se purificar do pecado. Alguém deveria fazer isso por ele. Daí a lavagem simbólica.

A Investidura

Depois da lavagem veio a investidura de Arão e seus filhos com as vestes sagradas, a insígnia do ofício. Isso também era um ato simbólico; portanto, eles não tiveram permissão para se vestir. Moisés, como representante de Deus, colocou sobre Arão "a túnica, e cingiu-o com o cinto, e pôs sobre ele o manto; também pôs sobre ele o éfode, e cingiu-o com o cinto de obra esmerada do éfode e o apertou com ele. Depois pôs-lhe o peitoral, pondo no peitoral o Urim e o Tumim; E pôs a mitra sobre a sua cabeça; e sobre esta, na parte dianteira, pôs a lâmina de ouro, a coroa da santidade, como o Senhor ordenara a Moisés" (versos 7 a 9). O mesmo foi feito com os filhos de Arão, "Moisés fez chegar os filhos de Arão, e vestiu-lhes

as túnicas, e cingiu-os com o cinto, e apertou-lhes as tiaras, como o Senhor ordenara a Moisés" (verso 13).

A essa altura, Arão deve ter se sentido completamente incapaz. Não havia nada que ele pudesse fazer por si mesmo? Tudo deve ser feito por ele? Não estaria ele autorizado mesmo para vestir a mitra? Não, Arão deveria se submeter ao comando de Deus. A ele deveria ser feito sentir sua própria incapacidade. Ele deveria aprender que nada que ele pudesse fazer seria aceitável para Deus. Ele deveria aprender a lição da completa dependência. É Deus quem o está ajustando e preparando. Deus está vestindo-o com a Sua própria justiça. "Vistam-se os teus sacerdotes de justiça, e alegrem-se os teus santos", diz o salmista (Salmos 132:9).

Arão está agora completamente vestido. Ele está com o longo manto azul, com os sinos e as romãs; o éfode com as duas belas pedras de ônix gravadas com os nomes dos filhos de Israel; o peitoral com as doze pedras e o Urim e Tumim, a mitra e a coroa de ouro com a inscrição: "SANTIDADE AO SENHOR". Ele está lavado; ele está limpo, ele está vestido.

A Unção de Arão

O ato seguinte foi a unção. O óleo sagrado foi derramado sobre a cabeça de Arão por Moisés. A ordem de Deus foi: "E tomarás o azeite da unção, e o derramarás sobre a sua cabeça; assim o ungirás" (Êxodo 29:7). "Depois derramou do azeite da unção sobre a cabeça de Arão, e ungiu-o, para santificá-lo" (Levítico 8:12). Assim como a investidura de Arão com as vestes sacerdotais era um reconhecimento diante dos homens da posição oficial em que ele

estava a partir de agora, a unção era a aceitação dele por parte de Deus para seu sagrado ofício, e o testemunho dEle da aptidão de Arão para isso. “A coroa do azeite da unção do seu Deus está sobre ele”, e ele é totalmente aceito por Deus e dedicado a Ele (Levítico 21:12).

“Pois não lhe dá Deus o Espírito por medida” é a conclusão a que João chega ao contemplar a obra de Cristo (João 3:34). Símbolo disso é a unção de Arão, que era um derramamento superabundante do óleo sagrado. “É como o óleo precioso sobre a cabeça, que desce sobre a barba, a barba de Arão, e que desce à orla das suas vestes” (Salmos 133:2). Essa plenitude do derramamento do óleo da unção foi, sem dúvida, indicativo da plenitude do Espírito que deveria repousar sobre Arão conforme ele ministrava perante Deus (1 Samuel 10:1, 6; 16:13; Isaías 61:1; Lucas 4:18; Atos 10:38).

Unção do Tabernáculo

O relato da consagração e unção de Arão está intimamente entrelaçado com o da consagração e unção do tabernáculo. Quando Deus deu instruções a Moisés, Ele lhe disse para fazer um “azeite da santa unção” e “com ele ungirás a tenda da congregação, e a arca do testemunho, e a mesa com todos os seus utensílios, e o candelabro com os seus utensílios, e o altar do incenso. E o altar do holocausto com todos os seus utensílios, e a pia com a sua base”. E “assim santificarás estas coisas, para que sejam santíssimas; tudo o que tocar nelas será santo” (Êxodo 30:25-29). De acordo com essa ordem, “Moisés tomou o azeite da unção, e ungiu o tabernáculo, e tudo o que havia nele, e o santificou; E dele espargiu sete vezes

sobre o altar, e ungiu o altar e todos os seus utensílios, como também a pia e a sua base, para santificá-las" (Levítico 8:10, 11).

É interessante notar que tanto o compartimento santo quanto o santíssimo foram ungidos no momento da dedicação, antes que Arão começasse seu trabalho de ministração em qualquer compartimento. Esta unção incluiu "a arca do testemunho, e a mesa com todos os seus utensílios, e o candelabro com os seus utensílios, e o altar do incenso", e, de fato, todo "o tabernáculo, e tudo o que havia nele" (Êxodo 30:26, 27; Levítico 8:10).

Duas Ofertas

Terminada a unção, um novilho foi trazido para uma oferta pelo pecado. "Arão e seus filhos puseram as mãos sobre a cabeça do novilho da oferta pelo pecado. E ele o matou; e Moisés tomou o sangue, e pô-lo sobre os chifres do altar ao redor com seu dedo, e purificou o altar, e derramou o sangue à base do altar, e o santificou, para fazer reconciliação sobre ele" (Levítico 8:14, 15, KJV).

O sangue do novilho não foi levado para o santuário, como era levado tal sangue ordinariamente, mas foi colocado sobre as pontas do altar do holocausto, e o restante derramou-se na base deste. Esse ato purificou e santificou o altar, "para fazer reconciliação sobre" (verso 15, KJV). É preciso enfatizar que esta oferta não foi por Arão nem por seus filhos. Foi pelo altar. Até aquele momento, não havia sido feito nenhum sacrifício nele. No entanto, ele precisava de purificação e santificação para que a reconciliação pudesse ser feita nele. Esta oferta pelo pecado não transferiu pecado para o altar,

como era feito em outras ocasiões. Ela *purificou* o altar – não de qualquer pecado específico, mas do pecado em geral.

Comumente uma oferta queimada era acompanhada por uma oferta pelo pecado, e assim foi feito aqui. Arão e seus filhos impuseram as mãos sobre o carneiro em holocausto, ele foi morto e Moisés aspergiu o sangue sobre o altar em redor (versos 18 e 19). O carneiro foi então queimado no altar como um cheiro suave, em contraste com o novilho, que foi levado para fora do arraial e queimado (versos 21 e 17).

Tanto o sacerdócio quanto o tabernáculo foram consagrados e ungidos em preparação para o serviço. Arão e seus filhos foram submetidos a uma lavagem cerimonial; então eles foram vestidos e Arão recebeu uma unção especial. O tabernáculo também foi ungido, tanto o lugar santo quanto o santíssimo, com todos os artigos de mobília, incluindo a própria arca. Para o altar do holocausto foi feita uma oferta especial pelo pecado, para purificá-lo e santificá-lo, para que a reconciliação fosse feita nele.

O Carneiro da Consagração

A cerimônia do carneiro de consagração foi o último ato na consagração e dedicação de Arão, seus filhos e o tabernáculo. Com isso, a dedicação foi completada, e Arão e seus filhos foram habilitados para realizar os serviços mediatórios ligados ao seu sacerdócio.

No relato dado por Moisés, o carneiro da consagração é chamado “o outro carneiro”, uma vez que um carneiro já havia sido usado no holocausto (Levítico 8:22, 18). Arão e seus filhos colocaram as

mãos sobre o carneiro, que foi morto em seguida. Então Moisés tomou do seu sangue, e o pôs sobre a ponta da orelha direita de Arão, e sobre o polegar da sua mão direita, e sobre o polegar do seu pé direito. Ele fez o mesmo com os filhos de Arão e depois espargiu o restante do sangue sobre o altar do holocausto, em redor (versos 23 e 24).

A aplicação do sangue ao ouvido de Arão, sem dúvida, significou a consagração desse membro ao serviço de Deus. Daí em diante, Arão deveria ouvir diligentemente os mandamentos de Deus e fechar os ouvidos ao mal. Esta lição é para todos e para todos os tempos – é proveitosa para ministros e também para leigos. Bom seria se ela fosse ouvida. "Eis que o obedecer é melhor do que o sacrificar, e o ouvir é melhor do que a gordura de carneiros" (1 Samuel 15:22).

Essa colocação do sangue no polegar da mão direita de Arão significava que ele deveria, a partir de agora, fazer justiça. Assim como a audição tem a ver com a mente, a mão tem a ver com a atividade corporal. Ela representa as forças da vida, o ato exterior, o fazer da justiça. De Cristo está escrito: "Eis aqui venho... para fazer, ó Deus, a tua vontade" (Hebreus 10:7). "A minha comida", disse Cristo, "é fazer a vontade daquele que me enviou, e realizar a sua obra" (João 4:34). Tocar a mão com o sangue significa a consagração da vida e serviço a Deus, completa dedicação.

Colocar o sangue no dedo do pé tem um significado semelhante. Significa andar no caminho certo, executar as tarefas de Deus, defender a verdade e a retidão. Significa trilhar o caminho da obediência, tendo os passos da pessoa ordenados pelo Senhor. Cada faculdade do ser deve ser dedicada a Deus e consagrada ao Seu serviço.

Tendo assim aplicado o sangue a Arão e seus filhos, Moisés aspergiu o altar do holocausto com o sangue do carneiro da consagração. O altar já havia sido ungido com óleo; e o sangue da oferta pelo pecado e o sangue do holocausto também haviam sido aplicados a ele (Levítico 8:10, 15, 19, 24). Agora foi aspergido com o sangue do carneiro da consagração.

Tendo terminado esta parte do serviço, Moisés tomou o ombro direito do carneiro, junto com a gordura e outras partes do animal, acrescentou a este um bolo ázimo, e um bolo de pão azeitado, e um coscorão e colocou estas coisas sobre as mãos de Arão e sobre as mãos de seus filhos, que os moveram por oferta movida perante o Senhor. Depois disso, eles foram queimados sobre o altar como cheiro suave. Moisés então tomou o peito do carneiro – a parte que lhe foi dada – e moveu-a perante o Senhor (versos 25 a 29).

Aspergindo o Óleo e o Sangue

Depois disso "tomou Moisés também do azeite da unção, e do sangue que estava sobre o altar, e o espargiu sobre Arão e sobre as suas vestes, e sobre os seus filhos, e sobre as vestes de seus filhos com ele; e santificou a Arão e as suas vestes, e seus filhos, e as vestes de seus filhos com ele" (Levítico 8:30).

O tabernáculo já havia sido ungido com o óleo sagrado, como também Arão (versos 10 a 12). Agora sangue e óleo foram aspergidos sobre Arão e seus filhos, e também sobre suas vestes. Esta aspersão "santificou a Arão e as suas vestes, e seus filhos, e as vestes de seus filhos com ele".

Como ato final nesta cerimônia de consagração, Moisés disse a Arão e seus filhos que pegassem a carne que restava da oferta movida e a preparassem para comer. "Cozei a carne diante da porta da tenda da congregação", Deus ordenou, "e ali a comereis com o pão que está no cesto da consagração, como tenho ordenado, dizendo: Arão e seus filhos a comerão. Mas o que sobejar da carne e do pão, queimareis com fogo" (versos 31 e 32). Isto estava em harmonia com a ordem registrada em Êxodo 29:33: "E comerão as coisas com que for feita expiação, para consagrá-los, e para santificá-los; mas o estranho delas não comerá, porque são santas".

Este comer da carne do carneiro da consagração deve ser notado em contraste com o comer da carne da oferta pelo pecado. O comer da carne do carneiro da consagração era para "consagrá-los e santificá-los", ao passo que o comer da carne do bode da oferta pelo pecado era com o propósito de levar o pecado, "para que levásseis a iniquidade da congregação, para fazer expiação por eles diante do Senhor" (Levítico 10:17). Essas duas cerimônias com esses dois propósitos distintos não devem ser confundidas.

Arão no Altar

Durante os sete dias de consagração, nem Arão nem seus filhos prestaram qualquer serviço sacerdotal relacionado com a ministração do sangue, nem entraram no santuário. A unção do tabernáculo e dos vasos, a aspersão de Arão e seus filhos com o sangue e com o óleo, a ministração do sangue da oferta pelo pecado, o holocausto, o carneiro da consagração – tudo foi feito por Moisés. Foi ele quem entrou no santíssimo e aspergiu a arca; foi ele quem

"aspergiu com sangue o tabernáculo e todos os vasos do ministério" (Hebreus 9:21).

Somente ao final do período de sete dias de consagração e dedicação é que Arão e seus filhos poderiam começar seu serviço como sacerdotes.

"E aconteceu, ao dia oitavo, que Moisés chamou a Arão e seus filhos, e os anciãos de Israel, E disse a Arão: Toma um bezerro, para expiação do pecado, e um carneiro para holocausto, sem defeito; e traze-os perante o Senhor. Depois falarás aos filhos de Israel, dizendo: Tomai um bode para expiação do pecado, e um bezerro, e um cordeiro de um ano, sem defeito, para holocausto; também um boi e um carneiro por sacrifício pacífico, para sacrificar perante o Senhor, e oferta de alimentos, amassada com azeite; porquanto hoje o Senhor vos aparecerá" (Levítico 9:1-4).

Arão estava agora para começar o serviço para o qual ele havia sido dedicado. Ele ofereceu sua própria oferta pelo pecado e holocausto; então ofereceu a oferta pelo pecado com o holocausto e a oferta de alimentos pelo povo; e finalmente ofereceu o novilho e o carneiro para a oferta pacífica. Tudo isso "segundo o rito", isto é, de acordo com as instruções dadas pelo Senhor através de Moisés (verso 16). O sangue da oferta pelo pecado era colocado sobre as pontas do altar do holocausto, e o sangue do holocausto era aspergido sobre o altar "em redor" (verso 9, 12). O sangue da oferta pacífica era disposto da mesma maneira que o sangue do holocausto (verso 18).

De tudo isso, Moisés foi um observador interessado. Ele foi aquele a quem o Senhor comunicou Sua vontade. Foi ele quem instruiu Arão e os filhos, e agora ele estava observando para ver se tudo estava feito "segundo o rito". Seria, por exemplo, um erro grave para Arão

aspergir o sangue da oferta pelo pecado sobre o altar, em redor. Isso nunca deveria ser feito. O sangue da oferta pelo pecado deveria ser colocado nas *pontas* do altar. Mais uma vez, seria um erro grave colocar o sangue do holocausto sobre as pontas do altar. Isso nunca deveria ser feito. Deveria ser aspergido sobre o *altar, em redor*. O simbolismo exigia que fosse feito exatamente da maneira que Deus ordenara a Moisés. Mas até agora Arão não cometeu nenhum erro. Tudo foi feito "como Moisés tinha ordenado" (verso 21)

Arão no Santuário

Enquanto Arão ainda estava em pé na elevação do altar do holocausto, depois de haver terminado a sua obra ali, ele "levantou as suas mãos ao povo e o abençoou; e desceu, havendo feito a oferta pelo pecado, e o holocausto, e a oferta pacífica" (verso 22). Até então, ele tinha oficiado apenas no altar do holocausto no pátio, e não tinha entrado no tabernáculo. Como Moisés até aqui o havia instruído sobre o que ele deveria fazer, então Moisés foi com Arão ao primeiro compartimento do santuário com o propósito de instrução. "Entraram Moisés e Arão na tenda da congregação", geralmente chamado de lugar santo (verso 23). Do que aconteceu lá nós não somos informados, mas não estaremos muito errados em assumir que Moisés instruiu Arão com referência ao acendimento das lâmpadas, a colocação dos pães da proposição, a oferta de incenso e a colocação de sangue sobre as pontas do altar do incenso.

Como dito, foi a primeira vez que Arão esteve dentro do tabernáculo. Quais devem ter sido seus sentimentos quando ele ficou cara a cara com o altar, o candelabro, a mesa dos pães da proposição e, acima de tudo, aquele misterioso véu, atrás do qual

estava a própria presença de Deus! Que responsabilidade, a partir de então, seria sua!

Moisés e Arão "saíram, e abençoaram ao povo; e a glória do SENHOR apareceu a todo o povo. Porque o fogo saiu de diante do SENHOR, e consumiu o holocausto e a gordura, sobre o altar; o que vendo todo o povo, jubilaram e caíram sobre as suas faces" (versos 23 e 24). Deus havia cumprido Sua promessa: "hoje o Senhor vos aparecerá" (verso 4).

Deus tinha aceito o trabalho do homem. O santuário estava agora consagrado e dedicado. Assim também estavam os sacerdotes. Tudo estava agora pronto para começar o serviço por Israel.

7. Sacerdotes e Profetas

O templo e o serviço no templo constituíam uma maravilhosa lição objetiva para Israel. Eles destinavam-se a ensinar ao homem a santidade de Deus, sua própria pecaminosidade e o caminho para Ele. Uma das lições importantes do sistema sacrificial era ensinar o sacerdote e o povo a abominar o pecado e evitá-lo. Quando um homem pecava inadvertidamente ou por erro, esperava-se que ele trouxesse uma oferta pelo pecado ao templo. O primeiro requisito no ritual do sacrifício era a colocação das mãos sobre o animal e a confissão do pecado pelo pecador. Então com a própria mão ele deveria matar o animal. Depois disso, o sacerdote deveria tirar o sangue e colocá-lo nas pontas do altar do holocausto. As entranhas eram então queimadas com a gordura no altar, e uma parte da carne era comida pelos sacerdotes no lugar santo.

Isso era para ensinar a aversão pelo pecado. Deus pretendia que essa aversão pelo pecado fosse tão grande que os homens atenderiam ao "vá e não peques mais". Nenhuma pessoa normal gosta de matar um animal inocente, especialmente se ele percebe que é por causa de seus pecados que o animal tem que morrer. Um sacerdote normal certamente não se deleitaria no serviço do sangue que ele era obrigado a executar por causa do pecado. Ficar de pé o dia todo, trabalhando com animais mortos, mergulhando o dedo no sangue, e aspergindo-o no altar, não poderia ser muito atraente ou agradável. Deus mesmo diz que não se deleita "no sangue de bezerros, nem de cordeiros, nem de bodes" (Isaías 1:11). Tampouco o verdadeiro sacerdote.

O sistema sacrificial proporcionou aos sacerdotes uma excelente oportunidade de ensinar o plano da salvação aos ofensores. Quando um pecador trouxesse sua oferta, o sacerdote poderia dizer: “Eu lamento que você tenha pecado, assim como tenho certeza que você está arrependido. Deus, no entanto, fez provisão para o perdão do pecado. Você trouxe uma oferta. Coloque sua mão nessa oferta e confesse seu pecado a Deus. Então mate o cordeiro inocente, e eu tomarei o sangue e farei expiação por você. O cordeiro que você está matando é simbólico do Cordeiro de Deus que tira o pecado do mundo. O Messias virá e dará a vida pelo pecado do povo. Através do Seu sangue você é perdoado. Deus aceita sua penitência. Vá e não peques mais”.

Através deste ritual solene, o homem ficaria profundamente impressionado com o caráter hediondo do pecado e iria embora do templo com uma firme determinação de não pecar de novo. O fato de que ele havia matado um animal iria ensiná-lo, como nada mais poderia fazer, que pecado significa morte e que quando alguém peca, o cordeiro deve morrer.

Pagando pelo Pecado

Belo e impressionante era esse serviço, mas ele era passível de perversão. Se o pecador concebesse a ideia de que sua oferta pagou pelo pecado que ele tinha cometido, e que, se ele apenas trouxesse uma oferta toda vez que pecasse, tudo estaria bem, ele teria uma concepção inteiramente errada da intenção de Deus. Contudo, foi assim como muitos vieram a considerar as ordenanças. Eles sentiam que seus sacrifícios pagavam por seus pecados, e que se eles pecassem novamente, outro sacrifício faria expiação por isso.

O arrependimento e a verdadeira contrição foram minimizados. As pessoas passaram a acreditar que, qualquer que fosse o pecado, ele poderia ser expiado por um presente. Com a apresentação de sua oferta, eles consideravam a transação concluída.

Muitos dos sacerdotes encorajaram o povo nessa atitude. O pecado não era tão abominável à sua vista como deveria ser. Era algo que poderia ser pago com o presente de um cordeiro, que no máximo custava uma pequena quantia. O resultado foi que eles consideraram "milhares de carneiros" e "dez mil ribeiros de azeite" agradáveis a Deus (Miquéias 6:7).

Perversão do Símbolo

A remuneração dos sacerdotes era em grande parte derivada dos sacrifícios oferecidos pelo povo. Assim, os sacerdotes passaram a encarar os sacrifícios como meio de renda para eles. Além dos dízimos que recebiam, os sacerdotes mantinham uma parte da maioria dos sacrifícios oferecidos. Eles também recebiam parte das ofertas de alimentos e das ofertas pacíficas – farinha, azeite, cereais, vinho, mel e sal –, bem como ofertas por ocasiões especiais.

Essas ordenanças, portanto, facilmente tornaram-se pervertidas. Alguns dos sacerdotes corruptos viram claramente que quanto mais as pessoas pecassem, mais ofertas pelos pecados e pelas transgressões trariam, e maior seria a porção que lhes chegaria. Eles foram tão longe a ponto de encorajar as pessoas a pecar. Dos sacerdotes corruptos está escrito: "Alimentam-se do pecado do Meu povo, e de coração desejam a iniquidade dele" (Oseias 4: 8, KJV). Este texto afirma que os sacerdotes, em vez de admoestar o povo e

instá-lo a abster-se do pecado, tinham "desejo ardente" pela iniquidade do povo, e esperavam que ele pecasse novamente e voltasse com outra oferta. Era vantagem financeira para os sacerdotes terem muitas ofertas trazidas, pois cada oferta era adicionada à sua renda. À medida que o sacerdócio se tornou mais corrupto, a tendência de encorajar as pessoas a trazerem ofertas aumentou.

Um comentário interessante sobre o quanto os sacerdotes perverteram as ordenanças é dado no segundo capítulo de Primeiro Samuel: "Porquanto o costume daqueles sacerdotes com o povo era que, oferecendo alguém algum sacrifício, estando-se cozendo a carne, vinha o moço do sacerdote, com um garfo de três dentes em sua mão; e enfiava-o na caldeira, ou na panela, ou no caldeirão, ou na marmita; e tudo quanto o garfo tirava, o sacerdote tomava para si; assim faziam a todo o Israel que ia ali a Siló. Também antes de queimarem a gordura vinha o moço do sacerdote, e dizia ao homem que sacrificava: Dá essa carne para assar ao sacerdote; porque não receberá de ti carne cozida, mas crua. E, dizendo-lhe o homem: Queime-se primeiro a gordura de hoje, e depois toma para ti quanto desejar a tua alma, então ele lhe dizia: Não, agora a hás de dar, e, se não, por força a tomarei" (1 Samuel 2:13-16).

Isso mostra a degradação do sacerdócio mesmo naquele período precoce. Deus havia ordenado que a gordura fosse queimada no altar e que, se a carne fosse comida, ela deveria estar cozida. Os sacerdotes, no entanto, desejavam que sua carne estivesse crua com a gordura, para que pudessem assá-la. Para eles, havia deixado de ser uma refeição sacrificial e se tornara, em vez disso, uma festa de glutonaria. O seguinte comentário é feito: "Era, pois, muito grande o

pecado destes moços perante o Senhor, porquanto os homens desprezavam a oferta do Senhor" (verso 17).

Essa tendência de os sacerdotes encorajarem as pessoas a trazer ofertas pelo pecado ao invés de abster-se do pecado tornou-se mais pronunciada com o passar dos anos. No tabernáculo, como inicialmente erguido por Moisés, o altar do holocausto era bem pequeno, tendo apenas cinco côvados quadrados. No templo de Salomão, o altar foi ampliado para vinte côvados, ou cerca de nove metros de cada lado. No templo de Herodes ele era ainda maior. Parece que o altar do holocausto se tornou cada vez maior para acomodar as ofertas colocadas sobre ele.

Degradação Crescente

Finalmente chegou o tempo quando Deus tinha que fazer alguma coisa ou todo o serviço do templo se tornaria corrupto. Ele permitiu, portanto, que o templo fosse destruído, e muitos do povo foram levados em cativeiro para a Babilônia. Com o templo destruído, os serviços naturalmente cessariam. As mentes das pessoas seriam chamadas para o significado espiritual das ordenanças que tantas vezes haviam testemunhado, mas que agora não existiam mais. Na Babilônia não havia holocausto nem oferta pelo pecado, nem a solene festa do Dia da Expiação. Israel pendurou suas harpas nos salgueiros.

Depois de setenta anos em cativeiro, Deus permitiu que eles voltassem para sua terra natal e construíssem o templo novamente. Ele esperava que eles tivessem aprendido a sua lição. Mas eles não tinham. O altar do holocausto foi feito ainda maior do que antes. As

pessoas tornaram-se mais firmemente enraizadas em sua consideração pela mera forma e ritual do templo e seu serviço sacrificial, e falharam em atender à mensagem profética de que "o obedecer é melhor do que o sacrificar" (1 Samuel 15:22). A renda dos sacerdotes provinda das ofertas tornou-se grande; tão grande, de fato, que o dinheiro acumulado no templo constituía uma das maiores coleções de riqueza da antiguidade, e os sacerdotes se tornaram emprestadores de dinheiro.

Em festas como a Páscoa, Jerusalém ficava cheia de judeus da Palestina e de outras terras. Josefo nos diz que cerca de um milhão de visitantes estavam na cidade em um momento. Israel foi ordenado por Deus a não aparecer de mãos vazias diante do Senhor, então todos esses peregrinos traziam ofertas (Deuteronômio 16:16). Era uma impossibilidade física para os sacerdotes oferecerem tantos sacrifícios quantos fossem necessários para satisfazer todo o povo. Eles eram, pois, encorajados a converter suas ofertas em dinheiro e deixar esse dinheiro como dinheiro do templo, com os sacerdotes, que por sua conveniência ofereceriam o sacrifício que o dinheiro pedia. Foi logo descoberto que era mais fácil e seguro não trazer o animal sacrificial de casa. O ofertante corria o risco não apenas de ter o animal rejeitado pelo sacerdote por algum defeito, real ou suposto, mas de incorrer em uma perda adicional; pois vender um animal que havia sido rejeitado pelos sacerdotes não era fácil, especialmente quando mil outros tentavam fazer a mesma coisa. Para alguns propósitos, somente o dinheiro do templo poderia ser usado e, sobre ele, era cobrada uma taxa de câmbio. Essa conversão do dinheiro comum para o dinheiro do templo era outra fonte de grande renda para o sacerdócio.

Como observado anteriormente, os sacerdotes foram divididos em vinte e quatro turmas, cada um das quais deveria servir uma semana de cada vez, duas vezes por ano. Quando o ofício do sumo sacerdote se tornou político, e ele era nomeado pelo governo, a corrupção tornou-se generalizada. Como era uma posição muito lucrativa, os homens começaram a dar lances pelo cargo de sumo sacerdote, que de fato foi vendido pelo maior lance. Para obter esse dinheiro de volta, o sumo sacerdote assumia o controle da seleção das turmas; e somente eram chamados a servir em Jerusalém na época das festas aqueles sacerdotes em quem se podia confiar que iriam repartir com os oficiais as grandes receitas ganhas nessa época. A corrupção voltou novamente a prevalecer, e muitos eram os sacerdotes que foram chamados para servir no templo nas grandes festas apenas porque estavam dispostos a dividir o espólio com os oficiais superiores. A ordem em que os sacerdotes deviam servir foi mudada, e todo o plano de Deus foi corrompido. A designação posterior de Cristo, "um covil de ladrões", não era uma mera expressão poética; era literalmente verdade.

Um Sacerdócio Corrupto

"O sacerdócio tornou-se tão corrupto que os sacerdotes não tinham escrúpulos em se engajar nos atos mais desonestos e criminosos para cumprir seus desígnios. Aqueles que assumiram o ofício de sumo sacerdote antes e na época do primeiro advento de Cristo, não eram homens divinamente indicados para a obra sagrada. Eles avidamente subiram ao oficio através do amor pelo poder e ostentação. Eles desejavam uma posição em que pudessem ter autoridade e praticar fraudes sob uma aparência de piedade e, assim,

escapar à detecção. O sumo sacerdote ocupava uma posição de poder e importância. Ele não era apenas conselheiro e mediador, mas juiz; e não havia recurso da sua decisão. Os sacerdotes eram mantidos sob contenção pela autoridade dos romanos, e não lhes era permitido o poder de condenar legalmente qualquer pessoa à morte. Este poder repousava com aqueles que dominavam sobre os judeus. Homens de corações corruptos procuraram o distinto ofício de sumo sacerdote, e frequentemente o obtiveram por suborno e assassinato". – *Spirit of Prophecy*, volume 2, páginas 13 e 14.

"Quando Jesus entrou, ficou indignado ao encontrar o pátio do templo organizado como um mercado de gado e um local de comércio geral. Não havia apenas barracas para os animais, mas havia mesas onde os próprios sacerdotes agiam como corretores de dinheiro e cambistas. Era costume que cada pessoa que comparecesse à Páscoa trouxesse uma quantia em dinheiro, que era paga aos sacerdotes ao entrar no templo. Do câmbio de moedas estrangeiras e diferentes denominações de dinheiro para atender estrangeiros, essa questão de receber suas ofertas tinha se transformado em um comércio vergonhoso e uma fonte de grande lucro para os sacerdotes. Muitos vinham de uma grande distância e não podiam trazer suas ofertas de sacrifício. Sob o pretexto de atender tais pessoas, no exterior do pátio havia gado, ovelhas, pombas e pardais à venda a preços exorbitantes. A consequente confusão indicava um ruidoso mercado de gado, em vez do sagrado templo de Deus. Podia-se ouvir aguda barganha, compra e venda, o mugido de gado, o balido de ovelhas e o arrulhar de pombas, misturado com o tilintar de moedas e raivosa disputa. Um grande número de animais era sacrificado anualmente na Páscoa, o que

tornava as vendas no templo imensas. Os negociantes realizavam um grande lucro, que era compartilhado com o avarento sacerdócio e homens de autoridade entre os judeus. Esses especuladores hipócritas, sob o disfarce de sua profissão sagrada, praticavam todo tipo de extorsão e faziam de seu ofício sagrado uma fonte de receita pessoal." – *Ibid*., páginas 115 e 116.

Essas condições, obviamente, não existiam originalmente. Foi somente após séculos de transgressão que a corrupção atingiu os patamares aqui descritos. Foi comparativamente cedo, no entanto, que os abusos começaram a surgir, como evidenciado na citação do livro de Samuel na parte inicial deste capítulo.

Como os sacerdotes assim perderam de vista a intenção original das ofertas e perverteram o plano de Deus nos sacrifícios, tornou-se necessário enviar-lhes advertências. Para fazer isso, Deus usou os profetas. Desde o princípio, a mensagem do profeta ao Seu povo era: "Tem porventura o Senhor tanto prazer em holocaustos e sacrifícios, como em que se obedeça à palavra do Senhor? Eis que o obedecer é melhor do que o sacrificar, e o ouvir é melhor do que a gordura de carneiros" (1 Samuel 15:22).

Para alguns dos sacerdotes apóstatas parecia uma calamidade que o povo parasse de pecar; pois nesse caso as ofertas pelo pecado cessariam. A isso o escritor de Hebreus se refere quando diz: "Porque tendo a lei a sombra dos bens futuros, e não a imagem exata das coisas, nunca, pelos mesmos sacrifícios que continuamente se oferecem cada ano, pode aperfeiçoar os que a eles se chegam. Doutra maneira, teriam *deixado de se oferecer*, porque, purificados uma vez os ministrantes, nunca mais teriam consciência de pecado" (Hebreus 10:1, 2).

O Profeta Chama de Volta da Apostasia

O Antigo Testamento pode ser melhor compreendido quando a luta entre o sacerdote e o profeta é entendida. Foi uma luta trágica, que terminou em muitos casos com a vitória dos sacerdotes. O profeta é o porta-voz de Deus. O povo pode errar e os sacerdotes podem errar. Deus, no entanto, não fica sem uma testemunha. Sob tais circunstâncias, Ele envia um profeta ao Seu povo para trazê-lo de volta ao caminho certo.

Pode-se facilmente imaginar que os profetas não eram populares entre os sacerdotes. Como os sacerdotes serviam no templo dia após dia, convidando o povo a trazer seus sacrifícios, os profetas seriam ordenados por Deus a tomar sua posição perto do portão do templo e advertir o povo a não trazer mais ofertas. Isto está escrito de Jeremias: "A palavra que da parte do SENHOR, veio a Jeremias, dizendo: Põe-te à porta da casa do Senhor, e proclama ali esta palavra, e dize: Ouvi a palavra do Senhor, todos de Judá, os que entrais por estas portas, para adorardes ao Senhor. Assim diz o Senhor dos Exércitos, o Deus de Israel: Melhorai os vossos caminhos e as vossas obras, e vos farei habitar neste lugar. Não vos fieis em palavras falsas, dizendo: Templo do Senhor, templo do Senhor, templo do Senhor é este" (Jeremias 7:1-4).

Depois disso, segue-se a admoestação dos profetas para que as pessoas melhorem seus caminhos e não confiem em palavras mentirosas. "Porventura furtareis, e matareis, e adulterareis, e jurareis falsamente", diz o Senhor por intermédio do profeta, "e então vireis, e vos poreis diante de mim nesta casa, que se chama pelo meu nome, e direis: Fomos libertados para fazermos todas estas abominações?" (versos 9 e 10). Então ele acrescenta

significativamente: “Porque nunca falei a vossos pais, no dia em que os tirei da terra do Egito, nem lhes ordenei coisa alguma acerca de holocaustos ou sacrifícios. Mas isto lhes ordenei, dizendo: Dai ouvidos à minha voz, e eu serei o vosso Deus, e vós sereis o meu povo; e andai em todo o caminho que eu vos mandar, para que vos vá bem” (versos 22 e 23).

Obediência, Não Sacrifício

Ouça o que Deus tem a dizer através de Isaías: “De que me serve a mim a multidão de vossos sacrifícios, diz o Senhor? Já estou farto dos holocaustos de carneiros, e da gordura de animais cevados; nem me agrado de sangue de bezerros, nem de cordeiros, nem de bodes. Quando vindes para comparecer perante mim, quem requereu isto de vossas mãos, que viésseis a pisar os meus átrios? Não continueis a trazer ofertas vãs; o incenso é para mim abominação, e as luas novas, e os sábados, e a convocação das assembleias; não posso suportar iniquidade, nem mesmo a reunião solene. As vossas luas novas, e as vossas solenidades, a minha alma as odeia; já me são pesadas; já estou cansado de as sofrer. Por isso, quando estendeis as vossas mãos, escondo de vós os meus olhos; e ainda que multipliqueis as vossas orações, não as ouvirei, porque as vossas mãos estão cheias de sangue. Lavai-vos, purificai-vos, tirai a maldade de vossos atos de diante dos meus olhos; cessai de fazer mal. Aprendei a fazer bem; procurai o que é justo; ajudai o oprimido; fazei justiça ao órfão; tratai da causa das viúvas” (Isaías 1:11-17).

Observe as expressões fortes: “Já estou farto dos holocaustos de carneiros”; “nem me agrado de sangue de bezerros”; “quem

requereu isto de vossas mãos?"; "não continueis a trazer ofertas vãs"; "o incenso é para mim abominação"; "e as vossas solenidades, a minha alma as odeia"; "já estou cansado de as sofrer"; "não as ouvirei, porque as vossas mãos estão cheias de sangue".

Amós diz: "Odeio, desprezo as vossas festas... E ainda que me ofereçais holocaustos, ofertas de alimentos, não me agradarei delas; nem atentarei para as ofertas pacíficas de vossos animais gordos" (Amós 5:21, 22).

Miquéias, em semelhante tensão, pergunta: "Com que me apresentarei ao Senhor, e me inclinarei diante do Deus altíssimo? Apresentar-me-ei diante dele com holocaustos, com bezerros de um ano? Agradar-se-á o Senhor de milhares de carneiros, ou de dez mil ribeiros de azeite? Darei o meu primogênito pela minha transgressão, o fruto do meu ventre pelo pecado da minha alma?" (Miquéias 6:6, 7). Ele responde à pergunta desta maneira: "Ele te declarou, ó homem, o que é bom; e que é o que o Senhor pede de ti, senão que pratiques a justiça, e ames a benignidade, e andes humildemente com o teu Deus?" (verso 8).

O último profeta no Antigo Testamento diz: "Agora, ó sacerdotes, este mandamento vos toca a vós". "Vós vos desviastes do caminho, a muitos fizestes tropeçar na lei: corrompestes o concerto de Levi, diz o Senhor dos Exércitos. Por isso também Eu vos fiz desprezíveis, e indignos diante de todo o povo, visto que não guardastes os Meus caminhos, mas fizestes acepção de pessoas na lei" (Malaquias 2:1, 8, 9).

Davi teve a visão correta quando disse: "Pois não desejas sacrifícios, senão eu os daria; tu não te deleitas em holocaustos. Os sacrifícios

para Deus são o espírito quebrantado; a um coração quebrantado e contrito não desprezarás, ó Deus" (Salmos 51:16, 17).

Sacerdotes se Opõem aos Profetas

Deus dificilmente poderia ter usado palavras mais fortes do que as usadas para repreender tanto os sacerdotes quanto o povo, mas Ele estava perfeitamente justificado. Os sacerdotes haviam corrompido o concerto. Eles ensinaram o povo a pecar e os fizeram acreditar que uma oferta ou um sacrifício pagaria pelo pecado. Eles mereceram a repreensão do Senhor, que Ele enviou por meio de Seus profetas. Os resultados foram o que se poderia esperar nas circunstâncias. Um amargo ódio contra os profetas surgiu entre muitos dos sacerdotes. Eles odiavam os homens que foram enviados para repreendê-los. Grande parte da perseguição aos profetas no Antigo Testamento foi levada a cabo ou instigada pelos sacerdotes. Não foi tanto o povo, mas sobretudo os sacerdotes que se opuseram e perseguiram os profetas.

Foram os sacerdotes, os escribas e os fariseus os constantes opositores de Cristo. Para eles, Cristo reservou sua mais severa repreensão: "Ai de vós, escribas e fariseus, hipócritas! Pois que edificais os sepulcros dos profetas e adornais os monumentos dos justos, E dizeis: Se existíssemos no tempo de nossos pais, nunca nos associaríamos com eles para derramar o sangue dos profetas. Assim, vós mesmos testificais que sois filhos dos que mataram os profetas. Enchei vós, pois, a medida de vossos pais. Serpentes, raça de víboras! Como escapareis da condenação do inferno? Portanto, eis que eu vos envio profetas, sábios e escribas; a uns deles matareis e crucificareis; e a outros deles açoitareis nas vossas sinagogas e os

perseguireis de cidade em cidade; para que sobre vós caia todo o sangue justo, que foi derramado sobre a terra, desde o sangue de Abel, o justo, até ao sangue de Zacarias, filho de Baraquias, que matastes entre o santuário e o altar. Em verdade vos digo que todas estas coisas hão de vir sobre esta geração" (Mateus 23:29-36).

Não Peques Mais

Cristo foi um profeta. Como tal, Ele soou a mensagem profética: "Obedecer é melhor do que sacrificar". "Vai-te, e não peques mais", foi o modo como Ele a colocou (João 8:11). Ele anulou o sistema sacrificial ao oferecer-se no Calvário. Cristo pessoalmente não ofereceu sacrifícios. Ele não pecou e, ao ensinar os homens a não pecar, Ele atacou o próprio coração dessa perversão sacerdotal. Conquanto Cristo fosse cuidadoso para não ofender desnecessariamente, e apesar de ter enviado os leprosos aos sacerdotes para certificação (Lucas 17.14), não pôde escapar da atenção dos oficiais que Cristo não era visto no templo com a oferta costumeira. Eles sentiram que Sua mensagem constituía uma repreensão às suas práticas, e ficaram contentes quando encontraram uma acusação contra Ele em Suas palavras relatadas sobre o templo (Mateus 26:61). Os sacerdotes odiavam a Cristo e, quando chegou a hora, Ele seguiu a longa linhagem de nobres heróis entre os profetas, dando Sua vida. Os sacerdotes rejeitaram a mensagem profética. Foram eles que, na realidade, provocaram a crucificação de Cristo. Nisto eles preencheram a medida de sua iniquidade. Eles acreditavam em sacrifícios pelos pecados e que por essa provisão o perdão poderia ser obtido. A mensagem maior de vitória sobre o

pecado – a mensagem profética – muitos dos sacerdotes não entenderam, ou pelo menos não ensinaram.

Não se deve pensar, no entanto, que todos os sacerdotes eram perversos. Havia muitos homens fiéis entre eles. Alguns dos sacerdotes, na verdade, também eram profetas, como Ezequiel. A intenção de Deus era que todo sacerdote tivesse o espírito profético e soasse a mensagem profética. No plano de Deus, não é suficiente tentar consertar as coisas depois que um erro foi cometido. É muito melhor prevenir o mal do que tentar curá-lo. Por mais maravilhoso que seja ser levantado do pecado e da degradação, é ainda mais maravilhoso ser guardado de cair. "Vai-te e não peques mais" é a verdadeira mensagem profética. É melhor obedecer do que sacrificar. Todo verdadeiro servo de Deus deveria ecoar esta mensagem se ele deseja que se cumpra o conselho divino. Deus tem sempre precisado de profetas. Eles são Seus mensageiros para corrigir o erro. Quando tendências erradas aparecem entre o Seu povo, Deus envia Seus profetas para corrigir essas tendências e admoestar o povo.

A lição para este tempo não deve ser perdida. A obra do profeta não está terminada até que a obra do Senhor na terra esteja terminada. Deus quer que Seus ministros façam soar a mensagem profética. Quando os abusos se infiltram, uma voz precisa ser levantada, chamando as pessoas de volta aos caminhos corretos do Senhor. E por trás de cada mensagem deve se ter o toque do clarim para a abstinência do pecado, para a santificação e para a santidade. Os profetas disseram: "o obedecer é melhor do que o sacrificar". Cristo disse: "Vai-te e não peques mais". Todo ministro deve exemplificar essa doutrina em sua vida e ensiná-la com seus lábios. Na medida

em que ele falha em fazer isso, ele fica aquém de seu elevado privilégio. De todos os tempos, *agora* é o tempo de enviar a mensagem profética aos confins da terra. Esse foi o mandamento de Cristo quando Ele deu a grande comissão evangélica de ensinar todas as nações e batizá-las, “ensinando-as a guardar todas as coisas que Eu vos tenho mandado” (Mateus 28:20). Essa ordem – de observar todas as coisas – é paralela à mensagem profética de que obedecer é melhor que sacrificar. Quando essa obra estiver feita, o fim virá.

8. Ofertas Queimadas

Olah é a palavra hebraica normalmente usada para "oferta queimada". Ela significa "aquilo que sobe, ou ascende". Outra palavra por vezes empregada é *kallil*, que quer dizer "todo". A *Douay Version* tem a palavra "holocausto", aquilo que é inteiramente queimado.

A principal fonte de informação relativa às ofertas queimadas individuais é encontrada no primeiro capítulo do livro de Levítico. É dada a instrução: "Quando qualquer homem de vós oferecer uma oblação a Jeová, oferecereis sua oblação do gado, dos bois e das ovelhas. Se a oblação dele for uma oferta queimada de bois, ele oferecerá macho sem defeito: a oferecerá à porta da tenda do encontro, para que ele possa ser aceito diante de Jeová. E ele porá sua mão sobre a cabeça da oferta queimada; e ela será aceita por ele, para fazer expiação por ele. E ele degolará o bezerro perante Jeová: e os filhos de Arão, os sacerdotes, apresentarão o sangue, e espargirão o sangue em redor sobre o altar que está diante da porta da tenda do encontro" (Levítico 1:2-5, ARV).

A oferta queimada, ou holocausto, era uma oferta voluntária (verso 3) em contraste com outras ofertas, que eram obrigatórias. Um homem poderia trazer não apenas um novilho, como nos versos acima, mas também uma ovelha, ou cabra, e até rolinhas ou pombinhos (versos 10 e 14). Deveria, no entanto, ser um animal limpo, como em todas as ofertas, e no caso dos animais, um macho. Levando-o para o lugar preparado para sacrifícios de abate, perto da porta do tabernáculo, o ofertante deveria colocar a mão sobre a

cabeça do animal para que ele fosse "aceito por ele, para fazer expiação por ele" (verso 4). Ele iria então matar o sacrifício, esfolá-lo e cortá-lo em pedaços (versos 5 e 6). Quando o animal estivesse morto, o sacerdote apanhava o sangue em um vaso e o aspergia "em redor sobre o altar" (verso 5). Depois que o animal tivesse sido cortado em pedaços, o interior e as pernas eram lavados em água, depois os pedaços eram reunidos e colocados em ordem sobre o altar e queimados (versos 8 e 9). Todo o animal, incluindo a cabeça e a gordura, era inteiramente consumido no altar. Isso, no entanto, não incluía a pele, que era dada ao sacerdote oficiante (Levítico 7:8).

No caso de rolinhas ou pombinhos serem usados, o sacerdote fazia o abate tirando a cabeça e borrifando ou espremendo o sangue do lado do altar (Levítico 1:15, ARV). Depois disso, o corpo do pássaro era colocado no altar e era consumido como o holocausto comum, as penas e o papo sendo antes removidos (Levítico 1:16).

Os holocaustos eram as mais características de todas as ofertas, contendo, como o faziam, as qualidades essenciais dos outros sacrifícios. Antes do Sinai todas as ofertas eram holocaustos. Eles não eram ofertas pelo pecado; ainda assim, expiação era efetuada através deles (verso 4). Isto está claramente indicado no caso de Jó. Ele oferecia holocaustos por seus filhos, pois, dizia, "porventura pecaram meus filhos, e amaldiçoaram a Deus no seu coração" (Jó 1:5). O holocausto é mencionado como "instituído no monte Sinai, em cheiro suave, oferta queimada ao Senhor" (Números 28:6). Nisto ele era como as ofertas de alimentos e as ofertas pacíficas, que também eram de cheiro suave (Levítico 2:2; 3:5). Qualquer outro sacrifício que fosse feito, era apropriado adicionar a ele um

holocausto como uma questão de confirmação e dedicação. Denotava consagração completa. Era oferecido por inteiro a Deus. Nada era retido pelo ofertante. Era totalmente consumido no altar (Levítico 1:9, 13, 17).

Holocaustos podiam ser oferecidos sozinhos, mas o costume mais comum era adicioná-los a ofertas pelo pecado ou pela transgressão. Em tais casos, a outra oferta era apresentada primeiro, seguida pelo holocausto (Levítico 9:7, 15, 16).

Consagração Completa

Holocaustos eram usados em muitas ocasiões, tais como a purificação de leprosos (Levítico 14:19, 20), a purificação de mulheres após o parto (Levítico 12:6-8), e também para a impureza cerimonial (Levítico 15:15, 30). Nesses casos, uma oferta pelo pecado era usada, bem como um holocausto. A primeira expiava pecado; o segundo mostrava a atitude do ofertante para com Deus em consagração sincera.

O holocausto foi proeminente na consagração de Arão e seus filhos (Êxodo 29:15-25; Levítico 8:18), bem como em sua entrada no ministério (Levítico 9:12-14). Também foi usado em ligação com o voto de nazireu (Números 6:14). Em todos esses casos, representava a consagração completa do indivíduo a Deus. O ofertante colocava-se simbolicamente no altar, sua vida inteiramente dedicada a Deus.

Não é difícil ver a relação entre essas cerimônias e a declaração feita em Romanos 12:1: “Rogo-vos, pois, irmãos, pela compaixão de Deus, que apresenteis os vossos corpos em sacrifício vivo, santo e agradável a Deus, que é o vosso culto racional”. Devemos ser

totalmente dedicados a Deus. Devemos ser perfeitos. Somente quando toda a imundície estava removida do holocausto ele era aceitável a Deus e era permitido vir sobre o altar, um “holocausto é, oferta queimada, de cheiro suave” ao Senhor. O mesmo se dá conosco. Todo pecado, toda a imundícia da carne e do espírito, devem ser removidos antes que possamos ser aceitáveis a Deus (2 Coríntios 7:1).

Como uma oferta totalmente consumida no altar, o holocausto em um sentido especial representa Cristo, que entregou a Si mesmo inteira e completamente ao serviço de Deus. Representando assim a Cristo, o holocausto constitui um exemplo para o homem seguir em Seus passos. Ele ensina completa consagração. É corretamente colocado em primeiro lugar na lista das ofertas enumeradas em Levítico. Nos diz em tons claros que, para ser um “cheiro suave” para Deus, um sacrifício deve ser de completa rendição. Tudo deve ser colocado no altar. Nada deve ser retido.

No sacrifício queimado, somos ensinados que Deus não faz acepção de pessoas. O homem pobre que traz suas duas rolinhas é tão aceitável quanto o homem rico que traz um boi, ou como Salomão, que ofereceu mil holocaustos (1 Reis 3:4). As duas ofertinhas são tão agradáveis a Deus quanto a abundância do rico. Cada um é aceito de acordo com sua capacidade.

Outra lição das ofertas queimadas é a da ordem. Deus quer ordem em Sua obra. Ele dá instruções específicas sobre isso. A lenha deve ser colocada “em ordem”, “sobre o fogo", não apenas empilhada. Os pedaços do animal devem ser colocados “em ordem”, “sobre a lenha”, não meramente jogados em algum lugar no fogo (Levítico 1:7, 8, 12). A ordem é a primeira lei do céu. “Deus não é Deus de

confusão". Ele quer que Seu povo faça as coisas "decentemente e com ordem" (1 Coríntios 14:33, 40).

Outra lição importante é a da limpeza. Antes que os pedaços do animal fossem queimados no altar, "sua fressura e as suas pernas" deviam ser lavadas em água (Levítico 1:9). Isso pode parecer desnecessário. Esses pedaços deviam ser consumidos no altar. Era meramente uma perda de tempo o lavá-los antes de queimá-los. Esse, no entanto não é o raciocínio de Deus. A ordem é: lave cada pedaço; nada impuro deve vir sobre o altar. E assim os pedaços eram lavados e cuidadosamente colocados em ordem na lenha, que era colocada em ordem no altar.

Purificação pelo Fogo e pela Água

Três elementos de purificação eram utilizados no serviço: fogo, água e sangue. O fogo, simbolizando o Espírito Santo, é um agente purificador. Quando Cristo vem "ao Seu templo", Ele é "como o fogo do ourives". "E assentar-se-á como fundidor e purificador de prata; e purificará os filhos de Levi, e os refinará como ouro e como prata; então ao Senhor trarão oferta em justiça" (Malaquias 3:2, 3). Ele purificará Seu povo "com o espírito de ardor" (Isaías 4:4).

A pergunta é feita: "Quem dentre nós habitará com o fogo consumidor? Quem dentre nós habitará com as labaredas eternas?" (Isaías 33:14). "Porque o nosso Deus é um fogo consumidor" (Hebreus 12:29). O fogo é a presença de Deus, que consome ou purifica.

O fogo no altar não era fogo comum. Veio originalmente de Deus. "Porque o fogo saiu de diante do Senhor, e consumiu o holocausto e

a gordura, sobre o altar; o que vendo todo o povo, jubilaram e caíram sobre as suas faces" (Levítico 9:24). Deus lhes aceitara o sacrifício.

Estava limpo, lavado e "em ordem", pronto para o fogo; e o fogo saiu "de diante do Senhor". Esse fogo no altar sempre era mantido aceso e não se permitia ser ele apagado; como veio de Deus, foi chamado sagrado em contraste com o fogo comum, e deveria ser usado somente no serviço levítico.

A água simboliza tanto o batismo quanto a Palavra, dois agentes de purificação. "Também Cristo amou a igreja, e a si mesmo se entregou por ela, para a santificar, purificando-a com a lavagem da água, pela palavra", (Efésios 5:25, 26). "Segundo a Sua misericórdia, nos salvou pela lavagem da regeneração e da renovação do Espírito Santo, que abundantemente Ele derramou sobre nós por Jesus Cristo nosso Salvador" (Tito 3:5, 6). Paulo foi instruído: "batiza-te, e lava os teus pecados" (Atos 22:16). Quando os pedaços do animal usado no holocausto eram lavados antes de serem colocados no altar, era ensinado ao povo não apenas ordem e limpeza, mas também a lição espiritual que antes de qualquer coisa ser colocada sobre o altar, antes dela ser aceita por Deus, deve ser limpa, lavada, pura, santa.

Vida no Sangue

No holocausto – como em todas as ofertas – o sangue era o elemento vital, importante. É o que faz expiação pela alma. A passagem clássica que trata disso é encontrada em Levítico 17:11: "A vida da carne está no sangue; e eu o tenho dado a vós sobre o

altar para fazer expiação pelas vossas almas: porque é o sangue que faz expiação em virtude da vida" (ARV).

A vida da carne está no sangue. É o sangue que faz expiação "em virtude da vida". Quando o sangue era aspergido sobre o altar e o fogo descia e consumia o sacrifício, isso indicava a aceitação de Deus do substituto. "Que seja aceito a favor dele", ou em lugar dele, "para a sua expiação" (Levítico 1:4). Esta expiação foi feita "em virtude da *vida*" que estava no sangue. Mas esse sangue, que representava a vida, só foi eficaz após a morte da vítima. Se Deus tivesse pretendido transmitir a ideia de que o sangue propriamente dito era eficaz sem a morte, Ele teria declarado isso. Uma certa quantidade de sangue poderia ter sido retirada de um animal sem matá-lo – como agora é feito em transfusões de sangue. O sangue poderia assim ter sido fornecido sem morte.

Mas esse não era o plano de Deus. O sangue não era usado até que a morte tivesse ocorrido. De igual modo foi com Cristo. Não foi senão depois de Sua morte que fluiu sangue e água (João 19:34). Cristo "veio por água e sangue... não só por água, mas por água e por "sangue" (1 João 5:6). Não se pode enfatizar demasiadamente que é "intervindo a morte para remissão das transgressões que havia debaixo do primeiro testamento" que aqueles que são chamados recebam a promessa da herança eterna (Hebreus 9:15).

Foi a morte expiatória de Cristo que tornou possível a nossa salvação. Portanto, a cruz deve sempre ser central no cristianismo. Mas o poder do sangue para purificar e salvar depende da vida dAquele que o deu. É o sangue que faz expiação em virtude da vida que Ele viveu e morreu por nós. Essa vida foi uma vida sem pecado. Em tal vida há poder. Nenhum homem é salvo pela lei. Nenhum

homem é salvo por boas obras. Nenhum homem é salvo meramente por conformar-se a regras. “Fomos reconciliados com Deus pela morte de Seu Filho, muito mais, tendo sido já reconciliados, seremos salvos pela Sua vida” (Romanos 5:10).

Aceitável a Deus

O holocausto, “oferta queimada”, era “de cheiro suave ao Senhor” (Levítico 1:17). Ele agradava ao Senhor. Era aceitável a Ele. Algumas das razões para isso foram dadas. Elas serão agora enfatizadas.

Como o sacrifício queimado era, antes de tudo, um tipo da oferta perfeita de Cristo, é natural que ele fosse agradável a Deus. Como o sacrifício deveria ser sem defeito, perfeito, assim Cristo foi o “Cordeiro imaculado e incontaminado”, que “vos amou, e Se entregou a Si mesmo por nós, em oferta e sacrifício a Deus em cheiro suave” (1 Pedro 1:19; Efésios 5:2). Cristo, como retratado no holocausto, aceitou completa consagração, inteira dedicação, entrega total, doação de tudo, para que Ele pudesse salvar alguns.

O sacrifício queimado era agradável a Deus porque revelava um desejo no coração do ofertante de se dedicar a Deus. O ofertante de fato dizia: “Senhor, quero Te servir. Coloco-me sem reservas no teu altar. Nada retenho a mim mesmo. Aceite-me Senhor”. Tal atitude é um cheiro suave para o Senhor.

O sacrifício queimado era um cheiro suave a Deus porque era uma oferta voluntária. Não era exigida, exceto quando ligada com outras ofertas. Se um homem pecasse, Deus exigia uma oferta pelo pecado e o seu holocausto acompanhante, mas nunca um sacrifício

queimado sozinho. Se um homem o oferecesse, era "de sua própria vontade" (Levítico 1:3). Não havia compulsão. Era, por isso, uma oferta muito significativa e indicava um coração agradecido.

Há o perigo de que os cristãos façam muitas coisas relacionadas a religião não porque têm um intenso desejo de fazê-las, mas porque é o costume ou porque elas são exigidas. *Dever* é uma grande palavra; *amor* é ainda maior. Não devemos minimizar o dever; antes, devemos enfatizá-lo. Mas não devemos esquecer que o amor é uma força ainda maior, e que, corretamente entendido e aplicado, cumpre o dever, porque o inclui. O amor é voluntário, livre; o dever é exigido, obrigatório. O dever é lei; o amor é graça. Ambos são necessários, e um não se deve ser enfatizado para exclusão do outro, mas o maior deles é o amor.

Como não havia mandamento concernente à oferta de um holocausto, ele na realidade era uma oferta de amor, de dedicação, de consagração. Era algo feito além e acima do que era necessário. Isso era agradável a Deus.

"Deus ama ao que dá com alegria" (2 Coríntios 9:7). Alguns leem isso como se dissesse que Deus ama um doador liberal ou que dê com abundância. Embora isso possa ser verdade, a declaração diz que Deus ama quem dá de bom grado e de sua livre vontade. O presente pode ser pequeno ou grande, mas se for oferecido voluntariamente, é agradável a Deus.

Seria bom que o espírito de serviço feliz e alegre fosse mais comum do que é. Muitas vezes fazemos resignadamente o que Deus gostaria de ver feito alegremente. Deus ama um doador alegre, não meramente de dinheiro, mas de serviço. Há tarefas a serem feitas que nem sempre são prazerosas ou agradáveis. Nós as fazemos não

porque gostamos de fazê-las, mas porque sentimos que devemos. Deus aprecia isso; mas Ele ficaria muito satisfeito se fizéssemos Sua obra sem sentir que estamos sacrificando muito para fazê-la, e que isso é mais um fardo que uma alegria.

Muitos cristãos esperam ser incentivados, admoestados, encorajados e até mesmo subornados antes de fazer o que devem fazer sem qualquer insistência. Isaías reclama: "Ninguém há... que se desperte" (Isaías 64:7). Tal atitude deve enfadar a Deus. Nada é mais enfadonho do que ter que admoestar de novo e de novo, e ter pouca resposta. Foi de todo o coração e por experiência pessoal que o apóstolo disse que Deus ama ao que dá com alegria.

A Experiência de Davi

Foi sem dúvida porque Davi era alegre e disposto que ele foi amado por Deus. Ele pecou e pecou gravemente, mas se arrependeu tão profundamente quanto havia pecado, e Deus o perdoou. A experiência deixou uma vívida impressão na mente de Davi, e depois disso ele sempre ansiava agradar a Deus e fazer algo por Ele.

Foi esse espírito que o levou a propor a construção de um templo para Deus habitar. O tabernáculo erigido no deserto tinha centenas de anos e devia estar em uma condição precária. Deus teria Se agradado em ter alguém construindo para Ele um templo, mas decidiu esperar até que alguém pensasse nisso por si mesmo.

Isso fez Davi, e sentiu-se feliz na expectativa de construir um templo para Deus. Grande deve ter sido sua decepção quando lhe foi dito que não seria permitido a ele fazê-lo; mas em apreciação do que Davi teve em mente fazer, Deus disse que ao invés de Davi construir

uma casa para Deus, Deus construiria uma casa para Davi (1 Crônicas 17:6-10). Foi ligado a isso que Deus lhe deu a promessa de que seu trono deveria ser "firme para sempre".

Esta promessa encontra seu cumprimento em Cristo, que, quando vier, se assentará sobre "o trono de Davi, seu pai" (Lucas 1:32). Essa é uma promessa muito maravilhosa e incomum. Abraão, Moisés e Elias são passados por alto e a honra é dada a Davi. Uma razão para isso, acreditamos, é encontrada na disposição de Davi em fazer algo para Deus além e acima do que era necessário.

Isso é surpreendentemente ilustrado na experiência de Davi com o templo. Deus lhe dissera que ele não poderia construir o templo. Davi, no entanto, desejava muito fazê-lo; e à medida que ele pensava no assunto encontrou várias maneiras de fazer preparações para o edifício sem fazer o edifício propriamente dito. Davi disse: "Salomão, meu filho, ainda é moço e tenro, e a casa que se há de edificar para o Senhor deve ser magnífica em excelência, para nome e glória em todas as terras; eu, pois, agora lhe prepararei materiais. Assim preparou Davi materiais em abundância, antes da sua morte" (1 Crônicas 22:5).

A primeira coisa que Davi fez foi reunir dinheiro para o edifício. Os números dados em 1 Crônicas 22:14 totalizam muitos milhões de dólares em nosso dinheiro, que Davi doou ou coletou. Em seguida, ele começou a ordenar que "lavrassem pedras de cantaria, para edificar a casa de Deus" (verso 2). Ele também preparou "ferro em abundância para os pregos das portas das entradas, e para as junturas: como também bronze em abundância, que não foi pesado" (verso 3).

Antes que ele pudesse fazer qualquer uma dessas coisas, no entanto, era necessário que ele tivesse um modelo ou planta. Esse modelo, Davi nos diz, ele recebeu do Senhor. “Tudo isto, disse Davi, fez-me entender o Senhor, por escrito da Sua mão, a saber, todas as obras desta planta” (1 Crônicas 28:19). Nós podemos quase imaginar o que Davi disse ao Senhor: “Senhor, Tu disseste que não posso edificar o templo. Eu gostaria muito de fazê-lo, mas estou contente em confiar em Tua decisão. Posso fazer um modelo? Isto não seria construir, não é verdade, Senhor?”. Então o Senhor o ajudou a fazer um modelo, satisfeito com a boa vontade de Davi de fazer algo para Ele.

Ligado a isso há uma interessante declaração em 1 Crônicas 28:4: “E o Senhor Deus de Israel escolheu-me de toda a casa de meu pai, para que eternamente fosse rei sobre Israel; porque a Judá escolheu por soberano, e a casa de meu pai na casa de Judá; e entre os filhos de meu pai se agradou de mim para me fazer reinar sobre todo o Israel”. Essa expressão única mostra a alta consideração de Deus por Davi. E assim Davi obteve permissão para preparar a pedra, a madeira e o ferro para o templo do Senhor, bem como o plano em si. Esta pode ser a razão pela qual, mais tarde, na construção do templo, não se ouviu o som do martelo. Davi havia preparado o material de antemão.

Davi, no entanto, não ficou satisfeito com fazer a preparação para a construção do templo. Ele também queria preparar a música para a dedicação. Como isso não era construir, ele se sentiu livre para ir em frente. Davi era o doce cantor de Israel; ele amava a música com todo o seu coração. Assim, Davi começou a preparar-se para a ocasião reunindo um grupo de quatro mil “para louvarem ao Senhor

com os instrumentos, que eu fiz para O louvar" (1 Crônicas 23:5). Ele também reuniu os cantores e os treinou, conforme registrado no vigésimo quinto capítulo do mesmo livro. É agradável pensar em Davi após a triste experiência de sua vida, passando alguns anos em paz e contentamento, fazendo preparação para a construção do templo do Senhor e treinando os cantores e músicos para sua dedicação.

Mas Davi ainda não estava satisfeito. O Senhor lhe disse que ele não poderia construir o templo, mas que seu filho Salomão deveria fazê-lo. O que impediria Davi de abdicar e tornar seu filho Salomão, rei de Israel? "Sendo, pois, Davi já velho, e cheio de dias, fez a Salomão, seu filho, rei sobre Israel" (verso 1). Embora também houvesse razões políticas para isso, o contexto da declaração indica que a construção do templo foi um fator vital.

Não é de se admirar que Deus gostasse de Davi. Ele continuava se esforçando para ter permissão de Deus para fazer mais por Ele. Ele meditou no plano de fazer preparação para a construção do templo. Ele coletou somas inimagináveis de dinheiro. Ele treinou os músicos – tudo o que ele poderia fazer por Deus, que havia feito tanto por ele. Davi era um alegre doador de dinheiro e de serviço, e Deus gostava dele. Não sabemos quanto tempo Davi viveu depois que Salomão se tornou rei, mas quando ele morreu, "*segunda vez* fizeram rei a Salomão filho de Davi" (1 Crônicas 29:22).

Quem dera que tivéssemos mais homens e igrejas como Davi, dispostos a sacrificar e trabalhar, e ansiosos para fazer ainda mais! Não haveria então mais necessidade de insistir com as pessoas ou as igrejas para que se levantassem e terminassem a obra. Se Davi estivesse aqui e fosse convidado a dar dez dólares, ele

indubitavelmente perguntaria: “Não posso dar vinte ou cem?”. E o Senhor se agradaria, e diria: “Sim, Davi, tu podes”. Foi por causa deste espírito que Davi, apesar do seu pecado, foi escolhido para ser o antepassado terreno de Cristo. Foi o mesmo espírito que levou Cristo a dar de bom grado, a sofrer tudo e, finalmente, a fazer o sacrifício supremo. Deus ama ao que dá com alegria.

Tudo isso era simbolizado pelo holocausto. Como foi dito, não era uma oferta obrigatória. É como um presente de amor, de dedicação, de consagração. Era oferecido com um espírito de alegre sacrifício a Deus. Era a doação de um presente; era a entrega de si mesmo. O ofertante deixava tudo sobre o altar para ser consumido, e com isso ele dava a si mesmo, um sacrifício vivo.

9. Ofertas de Alimentos

A palavra usada em hebraico para "oferta de alimentos" é *minchah*. Significa um presente feito a outro, geralmente para um superior. Quando Caim e Abel apresentaram suas ofertas a Deus como registrado em Gênesis 4:3, 4, foi uma *minchah* que eles ofereceram. Assim também foi o presente de Jacó a Esaú (Gênesis 32:13). Foi uma *minchah* que os irmãos de José apresentaram a ele no Egito (Gênesis 43:11). O nome dado a essas ofertas na *King James Version* é *meat offering* ("oferta de carne" ou "oferta de refeição"). O mais próximo do correto seria *meal offering* ("oferta de refeição" ou "ofertas de alimentos"), como usado na *American Revised Version*, especialmente porque refeições com carne nunca eram usadas nestas ofertas sob o sistema levítico estabelecido no Sinai.

As ofertas de alimentos consistiam naqueles produtos vegetais que constituíam o suprimento principal de alimentos da nação: farinha, azeite, grãos, vinho e sal – com incenso. Quando elas eram apresentadas perante o Senhor, uma parte era queimada como um memorial sobre o altar como um cheiro suave ao Senhor; o resto pertencia ao sacerdote. "É algo santíssimo das ofertas de Jeová feitas pelo fogo" (Levítico 2:3, ARV). Se o holocausto significava consagração e dedicação, a oferta de alimentos significava submissão e dependência. Os holocaustos representavam a rendição completa de uma vida; as ofertas de alimentos eram um reconhecimento de soberania e mordomia, de dependência a um superior. Elas eram um ato de homenagem a Deus e um penhor de lealdade.

As ofertas de alimentos eram normalmente usadas em ligação com os holocaustos e as ofertas pacíficas, mas não àquelas de pecado ou transgressão. O registro em Números declara: “Fala aos filhos de Israel, e dize-lhes: Quando entrardes na terra das vossas habitações, que eu vos hei de dar, e ao Senhor fizerdes oferta queimada, holocausto, ou sacrifício, para cumprir um voto, ou em oferta voluntária, ou nas vossas solenidades, para fazerdes ao Senhor um cheiro suave de ovelhas ou gado, então aquele que apresentar a sua oferta ao Senhor, por oferta de alimentos trará uma décima de flor de farinha misturada com a quarta parte de um him de azeite. E de vinho para libação prepararás a quarta parte de um him, para holocausto, ou para sacrifício para cada cordeiro” (Números 15:2-5). Quando um carneiro era oferecido, a oferta de alimentos era aumentada para duas décimas de flor de farinha; e quando um novilho era sacrificado, a oferta de alimentos era de três décimas. As libações ou ofertas de bebida eram aumentadas em proporção (versos 6 a 10).

Quando a oferta de alimentos consistia em flor de farinha, misturava-se com azeite e incenso era colocado sobre ela (Levítico 2:1). Um punhado desta farinha com azeite e todo o incenso era queimado como memorial sobre o altar do holocausto. Era “uma oferta feita por fogo, de cheiro suave ao Senhor” (verso 2). O que quer que restasse após o punhado ter sido colocado sobre o altar pertencia a Arão e seus filhos.

Quando a oferta consistia em bolos ou coscorões ázimos, ela devia ser feita de flor de farinha misturada com azeite, partida em pedaços e sobre ela era derramado azeite (versos 4 a 6). Às vezes ela era tostada na frigideira (verso 7). Quando era assim apresentada, o

sacerdote pegava uma parte e queimava sobre o altar como memorial (versos 8 e 9). O que restasse dos coscorões pertencia aos sacerdotes e era considerado santíssimo (verso 10).

A oferta de farinha e os coscorões ázimos, ungidos com óleo, destinavam-se a ensinar a Israel que Deus é o mantenedor de toda a vida, que dependiam dEle para o alimento diário; e que antes de tomar parte das bênçãos da vida eles deveriam reconhecê-Lo como o doador de tudo. Esse reconhecimento de Deus como o provedor de bênçãos temporais levaria naturalmente suas mentes à fonte de todas as bênçãos espirituais. O Novo Testamento revela essa fonte como o Pão que desce do céu, o qual dá vida ao mundo (João 6:33).

Sem Fermento

É especificamente declarado que nenhuma oferta de alimentos deve ser feita com fermento. Nem este e nem mel poderiam vir sobre o altar (Levítico 2:11). No entanto, tanto o fermento quanto o mel foram ordenados para serem oferecidos como primícias. Quando assim usados, eles, contudo, não deveriam vir sobre o altar (verso 12).

A questão que certamente poderia ser levantada é por que o fermento e o mel, proibidos com outros sacrifícios, deveriam ser oferecidos como primícias. Enquanto o fermento simboliza o pecado, hipocrisia, malícia, maldade, (Lucas 12:1; 1 Coríntios 5:8), não há uma afirmação direta na Bíblia quanto ao significado simbólico do mel. Os comentaristas geralmente concordam, no entanto, que o mel representa os pecados da carne que são

agradáveis aos sentidos, mas que, apesar disso, corrompem. O mel é, portanto, considerado um símbolo da justiça-própria ou egoísmo.

Interpretando essas coisas na linguagem de hoje, entendemos que quando Deus ordena Israel a trazer fermento e mel como primícias, Ele nos convida, quando chegamos pela primeira vez, a trazer todas as nossas tendências pecaminosas e mundanismo acariciado a Ele. Ele quer que cheguemos exatamente como estamos. Embora Deus seja desagradado com o pecado, e não seja um cheiro suave para Ele, e conquanto o símbolo do pecado, o fermento, não deva vir ao altar, Deus quer que cheguemos a Ele com todo nosso pecado e justiça-própria. Ao vir, devemos deixar tudo aos Seus pés. Então devemos ir e não mais pecar.

Nas ofertas de alimentos, como em outras ofertas, o sal era usado. Ele é chamado "sal da aliança do teu Deus; em todas as tuas ofertas oferecerás sal" (Levítico 2:13). Todos os sacrifícios, tanto animais como vegetais, levavam sal. "Porque cada um será salgado com fogo, e cada sacrifício será salgado com sal" (Marcos 9:49). O sal tem um poder preservador. Ele também dá sabor à comida. Era uma parte vital de cada sacrifício. Simboliza o poder de Deus para preservar e manter.

Ao trazer uma oferta de alimentos das primícias, uma pessoa poderia usar "espigas verdes, tostadas ao fogo; isto é, do grão trilhado de espigas verdes cheias". "E sobre ela deitarás azeite e porás sobre ela incenso". Uma parte memorial era tomada pelo sacerdote, e queimada sobre o altar do holocausto (Levítico 2:14-16). A *American Revised Version*, em vez de "grão trilhado de espigas verdes cheias", traduz "grão moído da espiga fresca". Embora não devamos procurar um significado escondido em toda

expressão, não parece forçado crer que o grão moído aqui tipifica Aquele que foi moído por nós, e por cujas pisaduras fomos sarados (Isaías 53:5). As ofertas de alimentos nos apresentam Cristo como o doador e mantenedor da vida, Aquele mediante e em quem "vivemos, e nos movemos, e existimos" (Atos 17:28).

Às ofertas de alimentos também pertence a libação de vinho mencionada como a oferta de bebida (Números 15:10, 24). Essa oferta de bebida era apresentada diante do Senhor e derramada no lugar santo, embora não no altar (Números 28:7; Êxodo 30:9).

O molho movido ofertado como primícias da colheita, que deveria ser movido perante o Senhor no segundo dia da Páscoa, era também uma oferta de alimentos (Levítico 23:10-12). Outra oferta de alimentos eram os dois pães movidos cozidos com fermento, que se apresentavam por ocasião do Pentecostes como primícias para o Senhor (versos 17 a 20). Outras ofertas eram a oferta de alimento diária de Arão e seus filhos, que era para ser uma oferta perpétua (Levítico 6:20), e a oferta de ciúmes registrada em Números 5:15.

O Pão da Proposição

O pão da proposição colocado semanalmente na mesa no primeiro compartimento do santuário era uma oferta de alimentos apresentada ao Senhor. Seu nome hebraico significa o "pão da Presença", ou "pão da face". É também chamado de "pão contínuo" (Números 4:7). A mesa é chamada de "mesa da proposição" e "mesa pura" (Números 4:7, Levítico 24:6; 2 Crônicas, 13:10, 11). O pão da proposição consistia em doze pães, cada um feito de duas

dízimas de um efa de flor de farinha. Os pães eram colocados em duas pilhas na mesa todos os sábados.

Os sacerdotes que estavam entrando e deviam oficiar durante a semana seguinte começavam seu trabalho com o sacrifício da tarde no sábado. Os sacerdotes que estavam saindo terminavam seu turno com o sacrifício da manhã de sábado. Tanto os sacerdotes que estavam saindo quanto os que estavam entrando uniam-se na remoção do pão da proposição e na sua substituição. Enquanto os sacerdotes que estavam saindo removiam o pão velho, os sacerdotes que estavam entrando colocavam o pão novo. Eles tinham o cuidado de não remover o antigo até que o novo fosse colocado. O pão deveria sempre estar na mesa. Era o "pão da Presença".

Há uma diferença de opinião quanto ao tamanho dos pães. Alguns acreditam que eles tinham de meio metro a um metro. Embora isso não possa ser comprovado, está claro que duas dízimas de um efa – que é equivalente a quatro quintos de uma medida de farinha e que era usado para cada pão – produziria um pão de tamanho considerável. Nas duas pilhas de pão, o incenso era colocado em duas taças, um punhado de incenso em cada uma. Quando o pão era mudado no sábado, este incenso era retirado e queimado no altar do holocausto.

O "pão da Presença" era oferecido a Deus "por aliança perpétua" (Levítico 24:8). Era um testemunho sempre presente de que Israel dependia de Deus para sustento e uma promessa constante de Deus de que Ele os sustentaria. Sua necessidade estava sempre diante dEle e Sua promessa constantemente diante deles.

O registro relativo à mesa do pão da proposição revela que havia pratos sobre a mesa, colheres, cântaros e tigelas "com que se hão de

derramar" (Êxodo 25:29, ARV). Ainda que, em ligação com isso, nada seja dito sobre o vinho estar na mesa, é evidente que os cântaros usados para "derramar" estavam lá por um propósito. Havia uma oferta de libação de vinho ordenada em conexão com o sacrifício diário (Números 28:7). O vinho devia ser oferecido "ao Senhor" "no santuário". O registro não revela *onde* no lugar santo o vinho deveria ser derramado, mas apenas que deveria ser derramado "ao Senhor". No entanto, somos informados de onde *não* deveria ser derramado. Quanto ao altar do incenso, Israel foi proibido de oferecer "incenso estranho" sobre ele, "nem tampouco derramareis sobre ele libações" (Êxodo 30:9). Se a oferta de libação do vinho devia ser derramada no santuário; se não devia ser derramada no altar; se haviam cântaros na mesa "com que se hão de derramar", parece claro que os cântaros na mesa continham vinho.

Não é longo o passo da mesa dos pães da proposição no Antigo Testamento até a mesa do Senhor no Novo Testamento (Lucas 22:30; 1 Coríntios 10:21). O paralelo é próximo. O pão é o Seu corpo, partido por nós. O cálice é o Novo Testamento em Seu sangue (1 Coríntios 11:24, 25). Sempre que comemos o pão e bebemos do cálice, anunciamos "a morte do Senhor, até que venha" (verso 26). "O pão da Presença" é símbolo dAquele que vive "sempre para interceder" por nós (Hebreus 7:25). Ele é o "pão vivo que desceu do céu" (João 6:51).

Conforme declarado, as ofertas de alimentos eram um reconhecimento da soberania de Deus e da mordomia do homem. Os holocaustos diziam: Tudo o que *sou* é do Senhor. As ofertas de alimentos diziam: Tudo o que eu *tenho* é do Senhor. Nestas últimas, estão incluídos os primeiros, pois quando um homem é dedicado a

Deus, essa dedicação inclui tanto suas posses quanto ele próprio. Essa é, sem dúvida, a razão pela qual as ofertas de alimentos sempre acompanhavam a oferta queimada (Números 15:4).

Dedicação dos Meios

A oferta de alimentos é um sacrifício definido e separado que denota uma consagração de meios, assim como o sacrifício queimado denota uma consagração da vida. A dedicação de meios deve ser precedida por uma dedicação da vida. Uma é o resultado da outra. A dedicação da vida sem a dedicação de meios não está prevista no plano de Deus. A dedicação de meios sem dedicação da vida não é aceitável. As duas devem ir juntas. Combinadas, elas formam um sacrifício completo, agradável a Deus, um "cheiro suave ao Senhor".

A ideia de mordomia precisa de ênfase. Alguns que levam o nome de cristãos falam em voz alta de santidade e devoção a Deus, mas suas obras nem sempre correspondem ao que professam. Os cordões da bolsa se mantêm apertados, os apelos são ignorados, a causa de Deus definha. Essas pessoas precisam entender que a consagração da vida inclui a consagração de meios.

Seria enganoso, no entanto, acreditar que a dedicação de meios é tudo o que Deus requer. Somos responsáveis por quaisquer talentos que possamos ter, sejam eles dinheiro, tempo ou dons naturais. De todos estes Deus é o dono legítimo e nós somos apenas mordomos. Talentos como música, canto, arte, fala, liderança, eficiência, pertencem a Deus. Eles devem ser dedicados a Ele. Eles devem ser colocados no altar.

A flor de farinha usada na oferta de alimentos era parcialmente produto do trabalho do homem. Deus faz o grão crescer; Ele dá a luz do sol e a chuva; Ele coloca as propriedades que dão vida dentro da semente. O homem semeia e colhe o grão, mói a farinha, separa todas as partículas grossas dela até que ela se torne "flor de farinha". É então apresentada a Deus como farinha ou como pães preparados por cozimento. Deus e o homem cooperaram e o produto resultante é dedicado a Deus. Representa o presente original de Deus mais o trabalho do homem. É uma retribuição para o próprio Deus com juros. Deus dá a semente; o homem a planta; Deus a rega. Multiplicada, é devolvida a Deus, que graciosamente a aceita. É um símbolo da obra da vida do homem, de seus talentos melhorados sob a orientadora mão de Deus.

Deus dá a todo homem pelo menos um talento. Ele espera que o homem aprimore esse talento e o multiplique. Não é aceitável a Deus apresentar-Lhe o talento original, devolvê-Lo apenas o que Ele nos deu. Ele quer que levemos a semente que Ele dá, que a plantemos, cuidemos e a colhamos. Ele quer que o grão passe pelo processo que parece esmagar-lhe a própria vida, mas na realidade o prepara para servir ao homem; Ele quer que tudo quanto é grosseiro seja removido, e Ele quer que seja apresentado a Ele como "flor de farinha". Ele quer que os talentos sejam desenvolvidos e apresentados a Ele com juros. Nada menos servirá.

Como observado, a flor de farinha representa a obra da vida do homem. Representa talentos aprimorados. O que o pão da proposição significava em relação à nação, a oferta de alimentos significava em relação ao indivíduo. É a obra da vida consagrada em símbolo.

Quão significativa é a expressão “flor de farinha”! A farinha é grão esmagado entre as pedras superior e inferior do moinho. Ela *era* o grão, capaz de ser plantado, capaz de perpetuar a vida. Agora está esmagado, sem vida. Nunca poderá ser plantado novamente; está morto. A vida foi-lhe esmagada. Mas isso foi inútil? Não, mil vezes não! Deu a vida, morreu, para que outros pudessem viver. O esmagar de sua própria vida tornou-se o meio pelo qual a vida foi perpetuada, enobrecida. Ela *era* a vida da *semente*; agora ajuda a sustentar a vida de uma *alma*, um ser feito à imagem de Deus. A morte enriqueceu-a, glorificou-a, tornando-a útil à humanidade.

O Ministério do Sofrimento

Poucas vidas são de valor real ou duradouro para a humanidade até que elas sejam moídas e esmagadas. É nas experiências profundas da vida que os homens encontram a Deus. É quando as águas cobrem a alma que o caráter é construído. Tristeza, desapontamento e sofrimento são hábeis servos de Deus. São os dias sombrios que trazem os aguaceiros que permitem que a semente germine e produza frutos.

O problema do sofrimento pode ser insondável em seus aspectos mais profundos. Mas algumas coisas são claras. O sofrimento serve a um propósito definido no plano de Deus. Ele suaviza o espírito. Prepara a alma para uma compreensão mais profunda da vida. Inspira simpatia pelos outros. Faz com que se ande mansamente diante de Deus e dos homens.

Só quem sofreu viveu. Só quem amou viveu. Os dois são inseparáveis. O amor pede sacrifício. O sacrifício geralmente requer

sofrimento. Não que requeira necessariamente sofrimento físico ou mesmo dor. O tipo mais elevado de sofrimento é alegre, santo e elevado. Uma mãe pode fazer sacrifícios pelo filho, ela pode sofrer, mas o faz de bom grado, com alegria. O amor reputa o sacrifício como um privilégio. "Regozijo-me agora no que padeço por vós", diz Paulo, "e na minha carne cumpro o resto das aflições de Cristo, pelo Seu corpo, que é a igreja" (Colossenses 1:24).

A lição do sofrimento não terá sido aprendida até que saibamos como nos regozijar nele. E *podemos* nos regozijar, quando nos ocorre a ideia que "como as aflições de Cristo são abundantes em nós, assim também é abundante a nossa consolação por meio de Cristo"; que, quando nós somos "atribulados, é para" nossa "consolação e salvação"; que o próprio Cristo "aprendeu a obediência, por aquilo que padeceu"; e que porque Ele "sendo tentado, padeceu, pode socorrer aos que são tentados"; quando nos ocorre que nossos sofrimentos, corretamente suportados e interpretados, são permitidos para que, como o sumo sacerdote do passado, cada um de nós "possa compadecer-se ternamente dos ignorantes e errados; pois também ele mesmo está rodeado de fraqueza" (2 Coríntios 1:5, 6; Hebreus 5:8; 2:18; 5:2). Tal sofrimento não é triste, mas feliz. Cristo, "pelo gozo que Lhe estava proposto, suportou a cruz" (Hebreus 12:2).

O sofrimento tem sido o quinhão do povo de Deus em todos os tempos. Faz parte do plano de Deus. Somente através do sofrimento podem certas lições ser aprendidas. Só assim podemos, no lugar de Cristo, ministrar como deveríamos àqueles que estão passando pelo vale da aflição e "consolar os que estiverem em alguma tribulação, com a consolação com que nós mesmos somos consolados por

Deus" (2 Coríntios 1:4). Visto sob essa luz, o sofrimento se torna uma bênção. Ele nos permite ministrar de uma maneira que não é possível sem tal experiência. Torna-se um privilégio "não somente crer nEle, como também padecer por Ele" (Filipenses 1:29).

Para entender quão necessária é "a comunhão de Seus sofrimentos", precisamos apenas olhar para a experiência de alguns dos santos de Deus nas eras passadas. Lembre-se daqueles três dias terríveis depois que Deus disse a Abraão para matar seu filho. Lembre-se da noite de angústia de Jacó – a noite que fez um santo de um pecador. Lembre-se do tempo que José passou aguardando a morte na cisterna, sua agonia ao ser vendido como escravo, sua experiência na prisão, causada por falsas acusações e amargurada pela ingratidão. Lembre-se das perseguições de Jeremias; o temível dia em que Ezequiel foi ordenado a sair e pregar, em vez de ser permitido ficar com a esposa que estava morrendo; a experiência sombria e terrível de João Batista na prisão, quando a dúvida assaltou sua alma; o espinho na carne de Paulo, que ele não tinha permissão para ter removido. E, no entanto, de todas essas experiências saíram vidas mais nobres, maior visão, mais vasta utilidade. Sem elas, esses santos nunca poderiam ter feito o trabalho que fizeram, nem suas vidas teriam sido a inspiração que elas são agora. Assim como as flores dão mais deliciosa fragrância quando são esmagadas, também a grande tristeza pode enobrecer e embelezar uma vida, sublimando-a para o uso de Deus.

Santificado pelo Espírito

A farinha usada nas ofertas de alimentos não deveria ser oferecida seca; precisava ser misturada com azeite, ou ungida com azeite

(Levítico 2:4, 5). O azeite é o Espírito de Deus. Somente quando a vida é santificada pelo Espírito, misturada com ele, ungida com ele, pode ela ser agradável a Deus. O sofrimento, por si só, pode não ser uma bênção. Pode levar apenas a dureza de coração, amargura de espírito. Mas ao tomar o Espírito de Deus posse da alma, ao permear a vida o doce espírito do Mestre, a fragrância de uma vida dedicada torna-se manifesta.

Como o incenso oferecido a cada manhã e tarde no lugar santo simbolizava a justiça de Cristo que subia com as orações do sacerdote pela nação como um cheiro suave a Deus, assim o incenso oferecido em ligação com cada oferta de alimentos era eficaz para o indivíduo. Fazia uma aplicação pessoal daquilo que de outra forma seria apenas geral. No sacrifício da manhã e da tarde o sacerdote orava pelo povo. Na oferta de alimentos, o incenso era aplicado à alma individual.

Nas mentes dos israelitas, o incenso e a oração estavam intimamente associados. De manhã e à tarde, enquanto o incenso – simbolizando os méritos e intercessões de Cristo –subia no lugar santo, orações eram oferecidas em todas as partes da nação. O incenso não apenas permeava o lugar santo e o santíssimo, mas sua fragrância era notada longe, ao redor do tabernáculo. Em toda parte, ela anunciava a oração e chamava os homens à comunhão com Deus.

A oração é vital para o cristianismo. É a respiração da alma. É o elemento vital em toda atividade da vida. Deve acompanhar todo sacrifício, perfumar toda oferta. Não é apenas um ingrediente importante do cristianismo, é a própria vida dele. Sem o seu sopro vital, a vida logo cessa; e com o cessar da vida, a decomposição se

estabelece, e aquilo que deveria ser um cheiro de vida para a vida torna-se um cheiro de morte para a morte [2 Coríntios 2:16].

“Porque cada um será salgado com fogo, e cada sacrifício será salgado com sal” (Marcos 9:49). O fogo purifica; o sal preserva. Ser salgado com fogo significa não apenas purificação, mas preservação. Deus quer um povo puro, um povo cujos pecados estão perdoados. Não é suficiente estar perdoado e puro. O poder de Deus para manter deve ser aceito. Nós devemos ser mantidos puros. O fogo não deve ser um fogo destrutivo, mas um que purifique. Devemos ser primeiro purificados e depois mantidos.

“Salgados com fogo!”. “Salgados com sal!”. Purificados e mantidos puros! Provisão maravilhosa! A oferta de alimentos, embora não seja a mais importante, tem belas lições para a alma devota. Tudo o que somos deve estar no altar. Tudo o que temos pertence a Deus. E Deus purificará e manterá os seus. Que essas lições permaneçam conosco.

10. Ofertas Pacíficas

A palavra hebraica traduzida como “oferta pacífica” vem de uma palavra raiz que significa “compensar, suprir o que está faltando, pagar uma recompensa”. Ela denota um estado no qual os mal-entendidos foram esclarecidos e os erros corrigidos, e no qual os bons sentimentos prevalecem. Ofertas pacíficas eram usadas em qualquer ocasião que pedisse gratidão e alegria, e também ao fazer um voto. Eram ofertas de cheiro suave, como os holocaustos e as ofertas de alimentos. Elas eram uma expressão da parte do ofertante de sua paz com Deus e de sua gratidão a Ele por Suas muitas bênçãos.

Ao selecionar uma oferta pacífica, o ofertante não ficava limitado em sua escolha. Ele poderia usar um novilho, uma ovelha, um cordeiro, um bode ou uma cabra. Normalmente, um sacrifício tinha que ser “sem defeito”, “para que seja aceito” (Levítico 22:21; 3:1-17). No entanto, quando uma oferta pacífica era apresentada como oferta voluntária, ela não precisava ser sem defeito. O animal poderia ser usado mesmo se fosse “comprido ou curto de membros” (Levítico 22:23). Como no caso do holocausto, o ofertante deveria colocar a mão sobre a cabeça do sacrifício e matá-lo à porta do tabernáculo. O sangue era então aspergido sobre o altar em redor pelo sacerdote (Levítico 3:2). Depois disso, a gordura era queimada: “alimento é da oferta queimada ao Senhor” (Levítico 3:11). “Toda a gordura será do Senhor. Estatuto perpétuo é pelas vossas gerações, em todas as vossas habitações: nenhuma gordura nem sangue algum comereis” (versos 16 e 17).

As ofertas pacíficas eram de três tipos: oferta de gratidão, oferta por um voto e ofertas voluntárias. Destas, a oferta de gratidão, ou oferta de louvor, parece ser a mais proeminente. Ela era oferecida em ocasiões de alegria, gratidão por algum caso específico de livramento, ou por algum gesto de benção concedido. Era oferecida por um coração cheio de louvor a Deus, transbordando de alegria.

Os holocaustos representavam dedicação e consagração por parte do ofertante. As ofertas de alimentos reconheciam a dependência do ofertante em relação a Deus para todas as necessidades temporais e sua aceitação da responsabilidade da mordomia. As ofertas pacíficas eram uma oferta de louvor pelas misericórdias recebidas, uma oferta de gratidão pelas bênçãos desfrutadas; uma oferta voluntária de um coração transbordante. Enquanto tais, elas não pediam favores; elas atribuíam louvor a Deus pelo que Ele havia feito, e exaltavam Seu nome por Sua bondade e misericórdia para com os filhos dos homens.

Banquete Comunal

As ofertas no Antigo Testamento eram orações corporificadas. Elas combinavam fé e obras, oração e fé. Em sua totalidade, elas expressavam inteiramente o relacionamento do homem com Deus, e a sua necessidade dEle. Ofertas pacíficas eram ofertas de comunhão. Ao passo que os holocaustos eram totalmente queimados no altar e nenhuma parte era comida; e as ofertas de alimentos eram parcialmente queimadas no altar e parcialmente comidas; as ofertas pacíficas eram divididas entre Deus, o sacerdote e o ofertante, sendo a maior parte dada ao ofertante e sua família. A parte de Deus era queimada no altar (Levítico 3:14-17). O sacerdote recebia o peito

movido e a espádua alçada (Levítico 7:33, 34). O resto pertencia ao ofertante, que podia convidar qualquer pessoa limpa para com ele participar. Essas ofertas deviam ser comidas no mesmo dia, ou, em alguns casos, no dia seguinte, mas não depois (versos 16 a 21).

Bolos ázimos misturados com azeite, também coscorões e bolos fritos, faziam parte das ofertas. A isto era adicionado pão levedado. Uma parte era primeiro apresentada ao Senhor como uma oferta alçada e depois dada ao sacerdote como sua porção (versos 11 a 13).

Toda a cerimônia constituía uma espécie de culto de comunhão em que sacerdote e povo participavam da mesa do Senhor – uma ocasião alegre, onde todos se uniam em agradecer a Deus e louvá-Lo por Sua misericórdia.

O uso do fermento na oferta pacífica é significativo. Comumente, o fermento não era permitido em nenhum sacrifício. Em uma outra ocasião em que ele era usado – o da oferta de alimentos das primícias (Levítico 2:12) – não era permitido que subisse ao altar. Na ocasião atual, era apresentado ao Senhor como oferta alçada e depois dado ao sacerdote que havia espargido o sangue (Levítico 7:13, 14). No caso da oferta de alimentos das primícias, o fermento representava o homem trazendo sua oferta a Deus pela primeira vez. Ele deveria trazê-la como ela estivesse. Mas ele deveria fazer isso apenas uma vez. Na oferta pacífica, tanto o pão ázimo quanto o com fermento eram ordenados. Não pode ser que, como essa é uma refeição comum da qual Deus, sacerdote e ofertante participam, o pão sem fermento represente Aquele que é sem pecado e que é a nossa paz; e que o fermento represente a imperfeição do homem, o qual, todavia, é aceito por Deus? Referência a isso é feita em Amós 4:5.

"A carne do sacrifício de ação de graças da sua oferta pacífica se comerá no dia do seu oferecimento" (Levítico 7:15). Embora isso fosse, em parte, uma medida sanitária, essa não era a única razão; pois nos casos em que a oferta pacífica era um voto ou uma oferta voluntária, também podia ser comida no segundo dia (verso 16). Era manifestamente impossível para o homem consumir sua oferta em um dia, se fosse um boi, um bode ou cabra ou um cordeiro. Ele, portanto, era autorizado e ordenado a pedir a outros que compartilhassem a refeição. "Dentro das tuas portas não poderás comer... nenhum dos teus votos, que houveres prometido, nem as tuas ofertas voluntárias, nem a oferta alçada da tua mão. Mas os comerás perante o Senhor teu Deus, no lugar que escolher o Senhor teu Deus, tu, e teu filho, e a tua filha, e o teu servo, e a tua serva, e o levita que está dentro das tuas portas; e perante o Senhor teu Deus te alegrarás em tudo em que puseres a tua mão. Guarda-te, que não desampares ao levita todos os teus dias na terra" (Deuteronômio 12:17-19).

Essa era uma característica distintiva da oferta pacífica. Ela deveria ser comida no mesmo dia e deveria ser compartilhada; deveria ser comida "perante o Senhor", e os participantes deveriam se alegrar. Era uma refeição alegre e comunal e, nesse aspecto, diferia de outras ofertas.

Votos

Às vezes as ofertas pacíficas eram ofertas de votos. Por uma ou outra razão, talvez por causa de alguma bênção especial, esperada ou desejada, um ofertante poderia fazer um voto ao Senhor. Ele poderia fazer um voto de si mesmo ao Senhor, de sua esposa ou

filhos, ou gado, casa ou terras (Levítico 27). Dessa maneira Samuel foi dado em voto ao Senhor (1 Samuel 1:11). No caso de pessoas, um voto poderia ser normalmente redimido, ou comprado de volta, por uma estimativa fixa, ajustada pelos sacerdotes no caso dos muito pobres (Levítico 27:1-8). Se o voto se referisse a um dos animais adequados para sacrifício, ele não poderia ser redimido. Se um homem tentasse trocá-lo por outro animal, ambos os animais deveriam ser oferecidos (versos 9 e 10). No caso de um animal impuro, o sacerdote deveria avaliá-lo. Ele poderia ser resgatado adicionando-se um quinto ao valor estimado (versos 11 a 13).

Um princípio claramente declarado era que nada que já pertencesse a Deus poderia ser apresentado como voto. Sob esta regra estavam os primogênitos (versos 26 e 27); qualquer coisa devotada a Deus (versos 28 e 29); e o dízimo (versos 30 a 34).

Há alguns que não olham os votos com agrado. Contudo, Deus providenciou os votos. Embora seja melhor não votar do que votar e não cumprir (Eclesiastes 5:5), às vezes os votos estão em ordem e são aceitáveis a Deus. “Abstendo-te de votar, não haverá pecado em ti” (Deuteronômio 23:22); mas se um homem fizer um voto, é dito a ele, “não tardarás em cumpri-lo” (verso 21). Fazer um voto é opcional. Um homem pode ou não fazer um voto, mas se ele o fizer “não violará a sua palavra: segundo tudo o que saiu da sua boca, fará” (Números 30:2).

O ponto principal é que um homem deve manter aquilo que prometeu. Ele não deve “violar a sua palavra”. Ele não deve nem ser “tardio” em cumprir seu voto. Quando chegar a hora certa, ele deve pagar. Deus espera isso.

Deus quer que o Seu povo seja honesto e confiável. Ele quer que eles cumpram suas promessas. Nenhum homem está cumprindo seus deveres cristãos se ele não é confiável em negócios. Nenhum homem pode quebrar sua palavra e reter o favor de Deus. Nenhum homem pode "esquecer" de pagar suas contas, ou mesmo ser tardio em relação a elas, e ser considerado honesto aos olhos do céu. Um cristão, acima de tudo, deve ser um homem de palavra. Ele não deve ser apenas justo; ele deve ser diligente.

Esta é uma época em que muitos consideram sua palavra como de pouco peso e têm pouco respeito por suas promessas. Embora isso possa ser esperado do mundo, não pode haver desculpa para aquele que leva o nome de Cristo e repudia sua promessa. No entanto, quantos compromissos não pagos existem, quantos votos quebrados! O voto matrimonial é quebrado; o voto batismal é quebrado; o voto de ordenação é quebrado. Alianças são repudiadas, acordos violados, promessas esquecidas. A quebra da fé é comum; a desconsideração da responsabilidade é quase universal. O próprio Cristo cogitou se encontraria fé na terra quando Ele retornar no último dia (Lucas 18:8).

No meio de toda essa confusão deve haver, e haverá, um povo em quem Deus pode confiar, em cuja boca não se acha engano, que seja fiel à sua palavra. A pergunta feita no Salmo 15 também é respondida lá. A pergunta: "Senhor, quem habitará no Teu tabernáculo? Quem morará no Teu santo monte?". A resposta: "Aquele que anda sinceramente, e pratica a justiça, e fala a verdade no seu coração. Aquele que não difama com a sua língua, nem faz mal ao seu próximo, nem aceita nenhum opróbrio contra o seu próximo; A cujos olhos o réprobo é desprezado; mas honra os que

temem ao Senhor; aquele que jura com dano seu, e contudo não muda. Aquele que não dá o seu dinheiro com usura, nem recebe peitas contra o inocente. Quem faz isto nunca será abalado".

Uma das condições aqui mencionadas de permanecer no tabernáculo de Deus é a de que jure "com dano seu" e não mude. Um homem pode concordar em vender ou comprar alguma propriedade, e após o acordo ser feito, receber uma oferta mais favorável. Permanecerá ele com o acordo, mesmo com uma perda para si? Permanecerá, se for um cristão.

A consideração pela palavra de alguém é uma necessidade urgente. As nações precisam disso, para que seus acordos não fiquem sem sentido. Os negócios precisam disso, para que não resulte em confusão e desastre. Os indivíduos precisam disso, para que a fé não pereça na terra. Acima de tudo, os cristãos precisam disso, para que os homens não percam sua visão e esperança, e o desespero se apodere da humanidade.

Esta é a hora e oportunidade suprema da igreja. O mundo deve receber uma demonstração de que há um povo que permanece fiel em uma geração infiel; que tem respeito por sua própria palavra, bem como por Deus; que são fiéis à fé que uma vez foi dada aos santos. A manifestação dos filhos de Deus está atrasada (Romanos 8:19). Essa revelação dos filhos de Deus não é apenas "a ardente expectação da criatura", mas "toda a criação geme e está juntamente com dores de parto" por ela (verso 22). E essa manifestação revelará um povo que tem o selo da aprovação de Deus. Eles guardam os mandamentos. Eles têm a fé de Jesus. Sua palavra é sim, sim, e não, não. Eles são irrepreensíveis, mesmo diante do trono de Deus (Apocalipse 14:12, 5; Tiago 5:12).

Em Paz com Deus

Como foi dito anteriormente, a oferta pacífica era uma oferta de comunhão na qual Deus, o sacerdote e o povo participavam. Era uma refeição comunal, realizada dentro do recinto do templo, na qual a alegria e a felicidade prevaleciam, e sacerdotes e pessoas conversavam. Não era necessariamente uma ocasião em que a paz era efetuada; era antes uma festa de regozijo pela paz que existia. Era geralmente precedida por uma oferta pelo pecado e um holocausto. A expiação havia sido feita, o sangue havia sido aspergido, o perdão havia sido estendido, e a justificação havia sido assegurada. Em comemoração a isso, o ofertante convidava seus parentes e seus servos, bem como os levitas, para comerem com ele. "Dentro das tuas portas não poderás comer", era o mandamento, mas só "no lugar que escolher o Senhor teu Deus" (Deuteronômio 12:17, 18). E assim toda a família celebrava de maneira festiva a paz que havia sido estabelecida entre Deus e o homem, e entre homem e homem.

"Tendo sido, pois, justificados pela fé, temos paz com Deus, por nosso Senhor Jesus Cristo" (Romanos 5:1). "Ele é a nossa paz" (Efésios 2:14). O Israel da antiguidade foi convidado a celebrar o fato de que eles tinham paz com Deus, que seus pecados foram perdoados e que eles foram restaurados ao favor de Deus. Esta celebração incluía filho e filha, servo e serva, bem como o levita. Todos sentavam-se à mesa do Senhor e se alegravam juntos "na esperança da glória de Deus". Da mesma maneira devemos nos alegrar em "Deus por nosso Senhor Jesus Cristo, pelo qual agora alcançamos a reconciliação" (Romanos 5:2, 11).

Poucos apreciam ou se regozijam na paz de Deus como deveriam. Embora a razão possa ser uma falta de apreciação do que Deus fez por eles, muitos são as almas queridas que falham em entender que é seu direito e privilégio serem felizes em sua religião. Eles vivem na sombra da cruz e não em seus raios de luz. Eles sentem que há algo errado na felicidade, que sorrir é inapropriado, e que o riso inocente é sacrilégio. Eles carregam o fardo do mundo sobre seus ombros e sentem que gastar algum tempo em recreação é não apenas uma perda de tempo, mas definitivamente irreligioso. Eles são bons cristãos, mas não cristãos felizes. Se eles estivessem vivendo nos dias de Cristo e o seguissem, questionariam se era recomendável Sua ida à festa de casamento em Caná, na Galileia. Eles poderiam até ficar perplexos quanto a Cristo comer e beber com pecadores. Com os discípulos de João eles estariam jejuando e orando (Lucas 5:29-35).

Isso está escrito com plena consideração do tempo em que nós estamos vivendo. Se já houve um período em que a seriedade e a sobriedade deveriam caracterizar nossa obra, esse tempo é agora. Em vista da crise que se aproxima, que tipo de homens devemos ser, em toda a santa conversação e piedade! Toda frivolidade e leviandade devem ser postas de lado, e a solenidade deve tomar posse de todo elemento terreno. Grandes e momentosos eventos estão se aproximando rapidamente. Esse não é um tempo para trivialidade e mesquinhez. O Rei está às portas!

Regozijando-se no Senhor

Essas condições, no entanto, não devem nos levar a perder de vista o fato de que somos filhos do Rei, que nossos pecados são perdoados

e que temos o direito de ser felizes e nos regozijarmos. A obra de Deus deve ser finalizada e cumpre-nos tomar parte nela; mas, afinal, é Deus quem deve finalizar a obra. Muitos falam e agem como se eles tivessem que finalizar a obra, como se tudo dependesse deles. Eles parecem pensar que eles têm a responsabilidade da obra sobre eles, e que embora Deus possa ajudar, são realmente *eles* que devem fazer a obra. Mesmo em suas orações, eles muitas vezes lembram a Deus o que Ele deve fazer, com medo de que Ele possa esquecer algumas coisas que estão em seus corações. Eles são boas almas, ansiosas para fazer o que é certo o tempo todo, mas não aprenderam a lançar seus fardos sobre o Senhor. Eles estão fazendo o melhor para carregar a carga e, embora gemendo sob o fardo, estão determinados a não desistir. Eles lutam e estão fazendo muito bem. Eles são obreiros valiosos e o Senhor os ama muito.

Mas eles estão em falta em alguns fundamentos importantes, e não estão obtendo muita alegria de seu cristianismo. Eles são Martas que labutam e trabalham, mas deixam de fora a única coisa necessária. Eles olham com desaprovação para as Marias, que não estão fazendo o que fazem, e fazem sua queixa ao Senhor. Eles não compreendem como Cristo pode ficar do lado de Maria, quando em sua mente ela deveria ser repreendida. Eles trabalham, mas não estão felizes com isso. Eles acham que os outros não estão fazendo sua parte (Lucas 10:38-42).

É a mesma lição que é enfatizada na história do filho pródigo. O filho mais velho disse que nunca havia feito nada de errado. Ele sempre trabalhara duro e não perdera tempo em banquetes e festas. E agora, quando o filho mais novo chegava em casa depois de gastar sua parte em uma vida desordeira, ele estava zangado e não queria

entrar para a festa feita em honra do irmão que voltava. Foi de nenhum proveito que o pai saiu e pediu a ele. Antes, ele censurou o pai, acusando-o de que "vindo, porém, este teu filho, que desperdiçou os teus bens com as meretrizes, mataste-lhe o bezerro cevado" (Lucas 15:30). Bondosamente o pai respondeu: "Mas era justo alegrarmo-nos e folgarmos, porque este teu irmão estava morto, e reviveu; e tinha-se perdido, e achou-se" (verso 32). Não nos é dito o fim da história. O filho entrou? O amor do pai prevaleceu? Nós não sabemos. A história não diz. A última imagem que temos é a do filho mais velho estando fora de casa, zangado. É de se esperar que ele se arrependesse e entrasse, mas não sabemos.

Os cristãos devem ser um povo feliz, mesmo em meio aos eventos mais solenes. E por que eles não deveriam sê-lo? Seus pecados estão perdoados e eles têm paz com Deus. Eles estão justificados, santificados, salvos. Deus pôs um novo cântico em suas bocas. Eles são filhos do Altíssimo. Eles estão andando com Deus e são felizes em Seu amor.

Poucos cristãos têm a paz de Deus em seus corações como deveriam. Eles esquecem sua herança. Disse Cristo: "Deixo-vos a paz, a minha paz vos dou; não vo-la dou como o mundo a dá. Não se turbe o vosso coração, nem se atemorize" (João 14:27).

Todavia os corações de muitos estão perturbados. Eles estão com medo. Eles estão preocupados. Alguém querido está fora do rebanho, e eles estão tentando "orar por ele". Dia e noite eles labutam e oram. Eles não deixam pedra sobre pedra em seus esforços para alcançar a salvação dele. Se alguém pode ser salvo pelas obras de outra pessoa, estão determinados de que isso deve ser feito. E não deixam a Deus fora do plano. Oram a Ele. Imploram a

Ele. Eles oram como se Deus precisasse ser suscitado. E finalmente o querido volta para Deus. Quão felizes eles estão! Agora eles podem descansar. Agora seu trabalho está feito, sua tarefa cumprida.

Será que alguma vez ocorreu a tais almas que Deus está tão interessado na conversão do querido como elas estão, sim, mais do que elas possivelmente poderiam estar? Será que alguma vez lhes ocorreu que, muito antes de começarem a orar e a trabalhar, Deus planejou e trabalhou pela salvação do ente querido; que Ele está fazendo e fez tudo o que possivelmente pode ser feito? Que, em lugar de tomarem a obra de Deus e implorarem a Ele que *os* ajude, seria melhor se eles reconhecessem a obra como obra de Deus e cooperassem com Ele? No momento em que tal compreensão chega à alma, a paz vem. Isso não nos fará trabalhar menos ou orar menos, mas mudará a ênfase. Nós começaremos a orar com fé. Se acreditarmos que Deus realmente está trabalhando, se acreditarmos que Ele está interessado na salvação dos homens, nós oraremos mais do que nunca, mas deixaremos a responsabilidade com Deus.

Muito de nossa obra e muitas das nossas orações estão fundamentadas na incredulidade. Com Habacuque, sentimos que Deus não está fazendo a Sua parte (Habacuque 1:2-4). Ele precisa ser lembrado. Há coisas que devem ser chamadas à Sua atenção, e nós procedemos de modo a trazê-las diante dEle. Em vez de ter fé em Deus, em Sua sabedoria, Seu poder, assumimos o fardo sobre nós mesmos, dizendo, com efeito, que não podemos confiar em Deus para fazer o que Ele prometeu fazer. Mas quando a fé vem, quando a maravilhosa luz nos revela que Deus ainda está governando nos assuntos dos homens; que Ele está fazendo tudo o que pode ser feito para salvar a humanidade; e que nossa principal

preocupação deve ser conhecer a Sua vontade – quando essa compreensão chega até nós, a segurança, o descanso e a paz serão nossos em abundante medida. Não haverá menos obras, mas elas serão obras de fé. Não haverá menos orações, mas elas serão orações de fé. Diariamente ascenderão ações de graças pelo privilégio de trabalhar junto com Deus. A paz encherá o coração e a alma. Não mais haverá ansiedade e preocupação. Paz, doce paz, quietude, descanso, felicidade e alegria serão a porção diária. A vida e a perspectiva da vida são inteiramente mudadas. Nós aprendemos a sentar aos pés de Jesus. Enquanto Marta ainda está trabalhando – e reclamando – Maria está ouvindo as palavras da vida. Ela achou a única coisa necessária. Ela entende a palavra de Cristo: "A obra de Deus é esta: Que creiais" (João 6:29). E ela crê e descansa.

Não há mais alta bem-aventurança possível do que possuir a paz de Deus no coração. É o legado que nos deixou Cristo. "Deixo-vos a paz", Ele diz. Maravilhosas palavras! "A Minha paz vos dou" (João 14:27). Sua paz é aquela tranquila segurança que vem da confiança em Deus. Ao tempo em que Cristo proferiu estas palavras, Ele estava Se aproximando da cruz. Tinha diante de Si o Gólgota. Mas Ele não vacilou. Seu coração estava cheio de paz e segurança. Conhecia Aquele em Quem confiava. E Ele descansava no conhecimento de que Deus conhecia o caminho. Ele não podia "enxergar para além dos portais do sepulcro". A esperança "não Lhe apresentava Sua saída da sepultura como vencedor, nem Lhe falava da aceitação do sacrifício por parte do Pai". Mas Ele "descansava, pela fé nAquele a quem Se deleitara sempre em obedecer. ... Pela fé, saiu Cristo vitorioso". – *O Desejado de Todas as Nações*, páginas 532, 533 e 535.

Essa mesma paz Ele nos lega. Ela significa unidade com o Pai, companheirismo e comunhão. Significa serena alegria, descanso e contentamento. Significa fé, amor, esperança. Nesta paz não há medo, preocupação ou ansiedade. Quem a possui tem aquilo que excede todo o entendimento. Ele tem uma fonte de força que não depende das circunstâncias. Ele está em sintonia com Deus.

11. Ofertas pelo Pecado

"Pecado" e "oferta pelo pecado" são traduções diferentes da mesma palavra hebraica, *chattath*. As ofertas pelo pecado estavam tão intimamente relacionadas com o pecado que uma palavra hebraica é usada para denotar ambas. Quando Oséias diz dos sacerdotes: "Alimentam-se do pecado do Meu povo" (Oseias 4:8, KJV), *chattath* é usada, e pode, portanto, corretamente ser traduzida como "pecado" ou "oferta pelo pecado".

As ofertas pelo pecado são mencionadas pela primeira vez na Bíblia em ligação com a consagração de Arão e seus filhos (Êxodo 29:14). Há aqueles que acreditam que elas já existiam e eram usadas antes, mas não há registro disso até o tempo de Moisés. Durante esse período inicial, os holocaustos parecem ser as únicas ofertas usadas.

As ofertas pelo pecado serviam apenas para os pecados cometidos por ignorância. "Quando uma alma pecar, por ignorância" (Levítico 4:2); "se toda a congregação de Israel pecar por ignorância" (verso 13); "se qualquer pessoa do povo da terra pecar por ignorância" (verso 27); "quando se fizer alguma coisa por ignorância" (Números 15:24); "se alguma alma pecar por ignorância" (verso 27) – estas são as declarações relacionadas com as ofertas pelo pecado. Eles se referiam a pecados de erros, equívocos ou atos precipitados, dos quais o pecador não sabia na época, mas que depois se tornaram conhecidos por ele.

As ofertas pelo pecado não cobriam os pecados feitos conscientemente, intencionalmente, desafiadoramente ou persistentemente. Quando Israel pecou deliberadamente, como na

adoração do bezerro de ouro, e recusou a misericórdia oferecida por Deus quando Moisés os chamou ao arrependimento, eles foram prontamente punidos. “Caíram do povo aquele dia uns três mil homens” (Êxodo 32:28). Assim foi com o homem, que apesar da ordem de Deus, apanhou lenha no sábado (Números 15:32-36). Ele foi morto.

No que se refere a pecados intencionais ou presunçosos, a lei diz: “Mas a pessoa que fizer alguma coisa temerariamente, quer seja dos naturais quer dos estrangeiros, injuria ao Senhor; tal pessoa será extirpada do meio do Seu povo. Pois desprezou a palavra do Senhor, e anulou o Seu mandamento; totalmente será extirpada aquela pessoa, a sua iniquidade será sobre ela” (versos 30 e 31).

À essa regra geral havia algumas exceções que serão discutidas no capítulo “Ofertas pela Transgressão”. Também deve ser notado que, embora não houvesse provisão no ritual diário para pecados conscientes ou intencionais, os pecados feitos com arrogância, os serviços do Dia da Expiação proviam para tais transgressões. Isso será considerado mais tarde.

As Várias Ofertas pelo Pecado

O quarto capítulo de Levítico discute as ofertas pelo pecado sob quatro categorias. O pecado do sacerdote ungido (versos 3 a 12), de todo o povo (versos 13 a 21), do príncipe (versos 22 a 28), e de uma das pessoas comuns (versos 27 a 35). Os sacrifícios exigidos não eram os mesmos em todos os casos, nem o sangue era disposto da mesma maneira. Se o sacerdote ungido pecasse “de acordo com o pecado do povo” (KJV), ou como a *American Revised Version* diz,

"de maneira a trazer culpa sobre o povo", ele deveria trazer "um novilho sem defeito ao Senhor, como oferta pelo pecado" (Levítico 4:3). Se toda a congregação de Israel pecasse por ignorância, também deveriam oferecer "um novilho como oferta pelo pecado" e o apresentarem "diante da tenda da congregação" (verso 14). Se um dos príncipes pecasse ele deveria trazer "um bode tirado das cabras, macho sem defeito" (verso 23). Se uma das pessoas comuns pecava por ignorância, deveria trazer "uma cabra sem defeito" (verso 28). No caso dela não poder trazer uma cabra, poderia levar uma cordeira (verso 32).

Em cada caso, o pecador deveria providenciar a oferta, colocar a mão sobre a cabeça do animal e matá-lo. Quando toda a congregação pecava, a assembleia providenciava a oferta e os anciãos colocavam as mãos sobre a cabeça do novilho.

Na disposição do sangue havia uma diferença que deve ser notada. Quando o sacerdote ungido pecava e trazia seu novilho, e o matava, o sacerdote deveria molhar "seu dedo no sangue, e daquele sangue espargirá sete vezes perante o Senhor diante do véu do santuário" (verso 6). Ele também deveria pôr "daquele sangue sobre as pontas do altar do incenso aromático, perante o Senhor que está na tenda da congregação; e todo o restante do sangue do novilho derramará à base do altar do holocausto, que está à porta da tenda da congregação" (verso 7).

Quando toda a congregação pecava, o sangue era disposto da mesma maneira como quando o sacerdote ungido pecava. Parte dele era levado para o primeiro compartimento do santuário e aspergido diante do véu. As pontas do altar do incenso eram tocadas com o

sangue, e o restante do sangue era derramado ao pé do altar do holocausto no pátio exterior (verso 18).

Quando um príncipe pecava, o sangue não era trazido para o santuário. O registro diz: "o sacerdote com o seu dedo tomará do sangue da expiação, e o porá sobre as pontas do altar do holocausto; então o restante do seu sangue derramará à base do altar do holocausto" (verso 25). Nesse caso, o sangue não era levado para o santuário nem aspergido diante do véu. Era colocado nas pontas do altar do holocausto no pátio exterior, e o restante do sangue era derramado aos pés do mesmo altar.

Quando uma das pessoas comuns pecava, o sangue era disposto da mesma maneira. Era colocado nas pontas do altar do holocausto e o restante era derramado na base do altar (versos 30 e 34).

Em todos os quatro casos, a gordura era removida da carcaça e queimada no altar do holocausto (versos 8 a 10, 19, 26, 31, e 35). A carcaça, no entanto, era tratada de forma diferente nos diversos casos. Se o sacerdote ungido pecasse, "o couro do novilho, e toda a sua carne, com a sua cabeça e as suas pernas, e as suas entranhas, e o seu esterco, enfim, o novilho todo levará fora do arraial a um lugar limpo, onde se lança a cinza, e o queimará com fogo sobre a lenha; onde se lança a cinza se queimará" (versos 11 e 12). O mesmo era feito com a carcaça do novilho oferecido como oferta pelo pecado para toda a congregação. O corpo era levado fora do acampamento, para um lugar limpo, e lá queimado com fogo sobre a lenha (verso 21).

Não há instrução no quarto capítulo de Levítico sobre o que era feito com o corpo quando um príncipe ou uma das pessoas comuns pecava. No sexto capítulo de Levítico, porém, na "lei da expiação

do pecado", encontram-se mais instruções. "No lugar onde se degola o holocausto se degolará a expiação do pecado perante o Senhor; coisa santíssima é. O sacerdote que a oferecer pelo pecado a comerá; no lugar santo se comerá, no pátio da tenda da congregação" (Levítico 6:25, 26).

Essa afirmação é esclarecedora. O sacerdote que oferecia a oferta pelo pecado devia comê-la. Ele deveria comê-la em um lugar sagrado, no pátio da tenda da congregação. O verso 29 declara: "Todo o homem entre os sacerdotes a comerá; coisa santíssima é". O princípio com respeito à disposição da carcaça das ofertas pelo pecado é declarado no verso 30: "Porém, não se comerá nenhuma oferta pelo pecado, cujo sangue se traz à tenda da congregação, para expiar no santuário; no fogo será queimada".

O Sangue

Do acima exposto, resumimos o uso do sangue nas ofertas pelo pecado da seguinte forma: Nos dois primeiros casos – os do sacerdote ungido e toda a congregação – a ministração do sangue era semelhante: ele era levado ao primeiro compartimento do santuário e aspergido sete vezes diante do véu, e também colocado nas pontas do altar do incenso (Levítico 4:6, 7). Apenas uma pequena porção do sangue era usada na aspersão; o restante era derramado ao pé do altar do holocausto.

Nos outros dois casos – os do príncipe e o de alguém da congregação – o sangue não era levado para o santuário, mas o sacerdote tomava do sangue com o seu dedo e colocava um pouco sobre as pontas do altar do holocausto (verso 25). A diferença a ser

notada é que nos dois primeiros casos o sangue era levado *para dentro* do santuário; nos outros dois casos não era.

A Carne

Em nenhum dos quatro casos era a carne usada em qualquer ministração no altar. Enquanto a gordura de todos os animais usados no serviço era removida do corpo e queimada "sobre o altar, por cheiro suave ao Senhor" (Levítico 4:8, 19, 26, 31, 35), a carne em si era queimada fora do acampamento ou comida pelos sacerdotes (versos 12 e 21; 6: 26 e 29). A queima da carcaça fora do acampamento era simplesmente para o propósito de descartar a mesma, e não tinha significado expiatório. Na explicação do comer da carne pelos sacerdotes, Moisés diz: "Eis que não se trouxe o seu sangue para dentro do santuário; certamente devíeis ter comido no santuário, como tenho ordenado" (Levítico 10:18). Isso concorda com o princípio declarado em Levítico 6:30. Uma das duas coisas deve ser feita: ou o sangue do sacrifício deve ser levado para dentro do lugar santo, ou então a carne deve ser comida pelo sacerdote.

Não foi deixado ao julgamento do sacerdote escolher qual dessas duas maneiras fazer. Ele foi especificamente ordenado a trazer o sangue para dentro do santuário, nos casos do sacerdote ungido e de toda a congregação; nos outros dois casos, ele não deveria levar o sangue para dentro do lugar santo, mas colocá-lo nas pontas do altar do holocausto, e então comer a carne. Ele não tinha permissão para levar o sangue para dentro do santuário e *também* comer a carne, nem poderia ele deixar de comer a carne quando o sangue não era levado para dentro. Ele podia fazer somente uma das duas coisas, mas esta coisa não podia ser dispensada. Isso parece indicar que o

consumo da carne era, de certa forma, considerado o equivalente a levar o sangue para dentro do santuário.

Transferência do Pecado

"Moisés diligentemente buscou o bode da oferta pelo pecado, e eis que já tinha sido queimado; e ele irritou-se com Eleazar e Itamar, os filhos que de Arão haviam ficado, dizendo: Por que não comestes a oferta pelo pecado no santuário, visto que é coisa santíssima, e que Ele a tem dado a vós para levardes a iniquidade da congregação, para fazerdes expiação por eles diante de Jeová? Eis que o seu sangue dela não foi levado para dentro do santuário; vós certamente a devíeis ter comido no santuário, como eu ordenei" (Levítico 10:16-18, ARV)

Arão e seus filhos haviam cometido o erro de não comer a carne da oferta pelo pecado. Quando um bode era oferecido, o sangue era colocado nas pontas do altar do holocausto, e a carne devia ser comida. Neste caso, eles não fizeram o consumo da carne. Isso deixou Moisés irritado. "Certamente a devíeis ter comido", disse ele. A razão para comer a carne é declarada como: "Deus a tem dado a vós para levardes a iniquidade da congregação". Essa é uma clara afirmação de que o sacerdote, ao comer a carne, tomava sobre si a iniquidade do povo.

Essa afirmação tem uma influência definitiva sobre a questão da possibilidade de transferência do pecado de um indivíduo para outro. A questão é fundamental para o cristianismo. Se o pecado não pode ser transferido, então Cristo, naturalmente, não pode e não levou os nossos pecados. E se Ele não pode e não levou nossos

pecados, nós estamos sem esperança. O cristianismo é construído sobre a premissa de que Cristo é o Cordeiro que leva o pecado do mundo. Tire essa esperança da humanidade e tudo está perdido.

Nós agora perguntamos: Existe algum paralelo disto no serviço do santuário? Alguma transferência do pecado é feita lá? Alguém leva os pecados do outro? A resposta é afirmativa. Um homem vem ao santuário sobrecarregado com o pecado. Quando ele sai, o fardo caiu; ele foi perdoado e vai embora livre e feliz. O que aconteceu?

Ele trouxe a sua oferta pelo pecado, "uma cordeira, ou uma cabrinha pelo pecado" (Levítico 5:6). (Ver também 4:28, 31). Ele pôs sua mão sobre a cabeça da oferta e a matou. Ele confessou "aquilo em que pecou" (Levítico 5:5). Depois disto, o sacerdote tomou "do seu sangue, e o porá sobre as pontas do altar do holocausto" (Levítico 4:30, 31). Como a última parte da cerimônia, o sacerdote comeu a carne da oferta pelo pecado no pátio do tabernáculo, levando, por este ato, o pecado sobre si mesmo, levando "a iniquidade da congregação" (Levítico 6:26; 10:17). Ao fazer isso, o sacerdote era um símbolo daquele que "levou sobre si o pecado de muitos", sobre quem o Senhor fez cair "a iniquidade de nós todos" (Isaías 53:12, 6). "Verdadeiramente ele tomou sobre si as nossas enfermidades, e as nossas dores levou sobre si"; Sua alma foi posta "por expiação do pecado". Porque sofreu assim, "Meu servo, o justo, justificará a muitos; porque as iniquidades deles levará sobre si" (versos 4, 10 e 11).

Quem pode falhar em ver o paralelo? De Cristo é dito que "as iniquidades deles levará sobre si". Dos sacerdotes é dito que "Deus a tem dado a vós para levardes a iniquidade da congregação". Assim como Cristo tomou o pecado sobre Ele, também os sacerdotes

tomaram o pecado sobre eles. Assim como Cristo tomou os nossos pecados sobre Ele para justificar muitos, também os sacerdotes tomavam o pecado sobre eles "para fazer expiação por eles diante do Senhor" (verso 11; Levítico 10:17). Não pode haver dúvida de que nesses casos há uma transferência de pecado; em um caso no tipo, no outro caso em realidade.

Quando o sacerdote ministrava o sangue e comia a carne, ele não apenas tomava o pecado sobre ele, mas se identificava tão completamente com o pecador que os pecados que ele tomava sobre si mesmo se tornavam *seus* pecados, e ele se tornava responsável por eles. "Deus a deu [a carne] a vós, para que levásseis a iniquidade da congregação, *para fazer expiação* por eles diante do Senhor?" (Levítico 10:17).

No decorrer de seu serviço semanal no santuário, o sacerdote comia de muitas das ofertas pelo pecado e, assim, carregava os pecados de muitos ofertantes. Como ele não podia expiar esses pecados com sua própria vida, e como ele levava os pecados pelo propósito declarado de fazer expiação por eles, tornou-se necessário que ele trouxesse uma oferta pessoal por todos os pecados que ele carregava e pelos quais ele era responsável. Como os pecados que ele carregava eram agora seus, e como quando um sacerdote pecava, o sangue era trazido para dentro do lugar santo, então ele trazia o sangue para dentro do santuário, uma expiação por todos os pecados que ele levou.

Os serviços do Dia da Expiação também ensinam que a transferência do pecado é possível. "Arão colocará ambas as mãos sobre a cabeça do bode vivo, e confessará sobre ele todas as iniquidades dos filhos de Israel, e todas as suas transgressões, todos

os seus pecados; e ele *os colocará sobre a cabeça do bode*, e o enviará para longe, pela mão de um homem que está em prontidão, para o deserto" (Levítico 16:21, ARV).

Essa afirmação é clara e precisa. O sumo sacerdote colocava suas mãos sobre a cabeça do bode emissário e confessava sobre ele todas as iniquidades dos filhos de Israel e todas as suas transgressões em todos os seus pecados, e *os colocava "sobre a cabeça do bode*". As palavras não poderiam ser mais claras do que estas são.

Sobre a evidência aqui apresentada, sustentamos com confiança que a transferência do pecado é uma doutrina bíblica verdadeira, que foi prefigurada no serviço do santuário, e que foi efetivamente realizada na vida de Cristo. Acreditamos que essa doutrina é vital para a salvação, um dos pilares fundamentais na expiação.

O Sangue Contamina?

Uma doutrina evangélica distinta é a de que o sangue purifica "O sangue de Jesus Cristo, Seu Filho, nos purifica de todo o pecado" é a crença e credo de todo cristão (1 João 1:7). A doutrina de que o sangue também contamina é verdadeiramente bíblica? Isso vamos considerar agora.

Se mudássemos a pergunta para "o *pecado* contamina?" todos concordariam. "Porque do coração", diz Cristo, "procedem os maus pensamentos, mortes, adultérios, fornicação, furtos, falsos testemunhos e blasfêmias. *São estas coisas que contaminam o homem*" (Mateus 15:19, 20). Essa é uma declaração do princípio que é confirmado pelo ensino geral da Bíblia. O pecado não apenas contamina o homem, mas contamina tudo o que toca. O adultério

contamina a terra e o santuário (Ezequiel 23:37, 38). O assassinato contamina a terra (Números 35:33). A profanação do sábado contamina tanto o sábado como o santuário (Ezequiel 23:38). As imundícias contaminam o tabernáculo (Levítico 15:31; 16:16). A adoração de Moloque contamina o santuário (Levítico 20:3). O imundo cerimonialmente, que não se purifica, contamina o tabernáculo e o santuário do Senhor (Números 19:13, 20). Em todos esses casos, é o pecado que contamina, seja uma pessoa, uma coisa ou um dia. A terra pode ser contaminada, assim como o sábado, o tabernáculo, o santuário ou o coração humano. O pecado contamina o que quer que toque.

A Purificação do Santuário

Quando no Dia da Expiação o santuário era purificado por meio do sangue do bode, Arão foi instruído a espargir o sangue "sobre o propiciatório, e perante a face do propiciatório" e fazer "expiação pelo santuário" e pela "tenda da congregação" e também "sairá ao altar, que está perante o Senhor, e.… o purificará... e o santificará" (Levítico 16:15-19). Em particular, ele deve colocar o sangue "sobre as pontas do altar ao redor" (verso 18). Da mesma maneira, o altar do incenso deveria ser purificado. "Arão fará expiação sobre as pontas dele uma vez no ano; com o sangue da oferta pelo pecado da expiação uma vez no ano ele fará expiação pelo altar pelas suas gerações: isso é santíssimo para Jeová" (Êxodo 30:10, ARV)

Esses altares eram purificados a cada ano, assim como o lugar santo e o lugar santíssimo. Podemos, portanto, inquirir corretamente: o que havia feito esses altares e lugares impuros? É dito que a razão da contaminação é "por causa das imundícias dos filhos de Israel e

das suas transgressões, e de todos os seus pecados" (Levítico 16:16). Isso é confirmado pela afirmação de que o sangue foi colocado "sobre as pontas do altar ao redor" e também aspergido sobre ele sete vezes para o purificar e o santificar "das imundícias dos filhos de Israel" (versos 18 e 19).

Nós, portanto, sustentamos que o santuário se fez impuro por causa dos pecados de Israel, e que isso era particularmente verdadeiro quanto às pontas dos altares. Do altar de ouro é enfatizado que Arão devia fazer "expiação *sobre as suas pontas*", "uma vez no ano" e que essa expiação deveria ser feita "com o sangue do sacrifício das expiações" (Êxodo 30:10). Ele também deveria colocar o sangue do bode "sobre as pontas do altar [do holocausto] ao redor...e o purificará das imundícias dos filhos de Israel, e o santificará" (Levítico 16:18, 19).

Pode ser pertinente perguntar: Se o sangue apenas purifica e nunca contamina, por que ele é necessário para purificar as pontas, no Dia da Expiação, se era colocado sangue nessas pontas todos os dias do ano? Se o sangue colocado diariamente nas pontas purificasse, então as pontas deveriam estar muito puras no Dia da Expiação. Mas o contrário era o caso. Elas estavam contaminadas; elas estavam impuras. Sangue havia sido colocado sobre elas; o pecado havia sido registrado pelo sacerdote colocando sua impressão digital de sangue sobre elas. Elas precisavam de purificação.

Uma Declaração Importante

Uma declaração importante a respeito do sangue é encontrada em Levítico 17:11, que discutimos brevemente no capítulo sobre as

ofertas queimadas. A *King James Version* diz: "Porque a vida da carne está no sangue: e eu o tenho dado a vós sobre o altar para fazer expiação pelas vossas almas: porque é o sangue que faz expiação pela alma". A *American Revised Version* traduz: "Porque a vida da carne está no sangue; e eu o tenho dado a vós sobre o altar para fazer expiação pelas vossas almas: porque é o sangue que faz expiação em razão da vida".

Ambas as versões enfatizam o fato de que "a vida da carne está no sangue" e que "é o sangue que faz expiação". A *American Revised Version* afirma que "o sangue... faz expiação em razão da vida". Não é o sangue em si que expia. É a vida no sangue que faz isso. É a vida da pessoa que determina o valor do sangue, e o sangue tem valor apenas conforme a vida tem valor.

Por essa razão, o sangue de um ser pecaminoso não tem valor expiatório. E pela mesma razão, o sangue de Cristo tem infinito valor expiatório. Seu sangue expia, mas somente "em razão da vida". Esse significado é inerente à construção hebraica. A preposição *pela* na sentença "é o sangue que faz expiação *pela* alma", invariavelmente denota os meios pelos quais a expiação é feita e, portanto, pode ser apropriadamente traduzida "em razão da".

O plano de salvação é fundamentado na expiação pelo sangue. Por causa do pecado, o homem tinha perdido seu direito à vida, que deve, portanto, ser devolvida a Deus, a quem é devida. Como uma provisão misericordiosa, Deus provê um meio de escape e aceita outra vida no lugar da vida do transgressor. Como a vida da carne está no sangue, o sangue do substituto é derramado e apresentado a Deus no altar, no lugar do sangue do verdadeiro pecador. Mas antes que isso seja feito, o pecador deve identificar-se com o substituto,

deve colocar a mão na cabeça da vítima e confessar "aquilo em que pecou" e que é digno de morte (Levítico 5:5). A genialidade mesma da transação é que o substituto toma o lugar do pecador e morre em seu lugar, por necessidade o pecado e a culpa são transferidos para o substituto, que se submete à pena. Depois que o sacrifício é morto, o sangue – o símbolo da vida – é colocado nas pontas do altar, constituindo este ato um reconhecimento de uma vida devolvida e também da justiça da lei ao exigi-la.

Com relação ao sangue usado na oferta pelo pecado, está registrado o seguinte: "o sacerdote com o seu dedo tomará do seu sangue, e o porá sobre as pontas do altar do holocausto" (Levítico 4:30). Dessa cerimônia, Jeremias diz: "O pecado de Judá está escrito com um ponteiro de ferro, com ponta de diamante, gravado na tábua do seu coração *e nas pontas dos vossos altares*" (Jeremias 17:1). À medida que o sacerdote, com o seu dedo, solenemente marcava as pontas com o sangue, o pecado era registrado. Ele fazia uma impressão digital, uma impressão de sangue, sobre as pontas, e essa impressão digital constituía um registro tão definido quanto se fosse gravado com a ponta de um diamante. O homem pecou. Ele confessou seu pecado. O pecado é registrado com o sangue do sacrifício que o homem trouxe. Ele admitiu sua culpa. Ele reconheceu a justiça da morte como a punição por seu pecado e, reconhecendo isso, tomou com a própria mão a vida da vítima. Um registro dessa transação é agora colocado em sangue sobre as pontas do altar.

O sangue que foi colocado nas pontas do altar era o sangue de um animal ao qual o pecado havia sido imputado. O animal morreu porque o pecado foi colocado sobre ele. O sangue que foi colocado nas pontas do altar era, portanto, sangue carregado de pecado. Esse

sangue registrou o pecado nas pontas como um ponteiro de ferro. Também registrou a morte do pecador em seu substituto. Registrou que uma vida que por causa do pecado havia sido perdida foi devolvida Àquele que a deu. Registrou o pagamento à lei daquilo que lhe era devido. Registrou que uma vida desperdiçada, a vida de alguém que percebeu e reconheceu seu pecado, foi voluntariamente renunciada e deposta.

A vida que o pecador deste modo depôs não era uma vida perfeita e pura. Era uma vida pecaminosa e contaminada. Dessa vida o sangue era símbolo, pois a vida está no sangue e a vida determina o valor do sangue. Se não fosse uma vida pecaminosa que assim foi apresentada a Deus, não haveria motivo para a confissão do pecado nem a entrega da vida sobre o altar. A lei violada exige a vida do pecador – da qual o sangue carregado pelo pecado é o símbolo – e o homem a depõe voluntariamente. A vida exigida é a vida *pecaminosa*, não a vida perfeita, e a essa vida pecaminosa o homem agora renuncia. Ele já tinha, pela confissão, colocado seu pecado sobre o animal inocente, que se tornou seu substituto e agora é considerado um pecador. Como tal, deve morrer e pagar a pena pelo pecado, mantendo assim a dignidade da lei.

É esse sangue carregado de pecado que o sacerdote toma e coloca nas pontas do altar, assim registrando o pecado e também o fato de que um pagamento foi feito. Assim se cumpre a declaração de Jeremias de que "o pecado de Judá está escrito com um ponteiro de ferro, com ponta de diamante, gravado na tábua do seu coração e *nas pontas dos vossos altares*" (Jeremias 17:1).

Duas Coisas Necessárias

Ao considerar a expiação, muitos esquecem a parte que a lei desempenha. Contudo, era em torno da lei dos Dez Mandamentos que todos os serviços do santuário giravam. Tire a lei, e não haveria necessidade de nenhuma expiação, pois sem lei não há pecado. Considerada a partir desse ponto de vista, duas coisas são necessárias para a expiação.

Primeiro, um reconhecimento das justas reivindicações da lei, que é outra expressão para a justiça de Deus. Isto é dado pela confissão do pecador, e a consequente renúncia e devolução da vida que ele tinha perdido. Esse ato satisfaz a lei e a pena é paga pela perda da vida. Mas conquanto a lei seja paga dessa forma, o pecador, no tipo, está morto. Essa é a primeira parte da transação, e uma parte bem importante.

Segundo, deve haver, no tipo, uma libertação da morte para o pecador, alguma transação pela qual uma vida pura e sem pecado é trocada pela vida pecaminosa e contaminada do pecador. Essa vida sem pecado não somente deve ser sem pecado em si mesma como também não deve levar pecado, ter pecados colocados sobre ela ou ser feita pecado. Deve ser uma vida pura e santa, "que não tenha defeito, e sobre a qual *não tenha sido posto jugo*" (Números 19:2). Tal vida é encontrada somente em Cristo, e o símbolo perfeito dessa vida é encontrado no bode do Senhor, que no Dia da Expiação morria sem ter nenhum pecado confessado sobre ele, e cujo sangue efetuava a purificação do santuário (Levítico 16).

Essas duas fases do ministério de Cristo não devem ser confundidas. Elas são distintas e separadas; todavia, elas encontraram sua expressão no único Redentor perfeito, que, sem pecado, ainda assim levou sobre Si "o pecado de muitos"; que "não conheceu pecado", mas Deus "o fez pecado por nós"; que fez de Sua alma uma "expiação do pecado" e "derramou a Sua alma na morte", ainda que "nunca cometeu injustiça, nem houve engano na sua boca" (2 Coríntios 5:21; Isaías 53:10, 12, 9).

O Ritual da Oferta pelo Pecado

Estamos agora prontos para considerar mais além o significado do que acontecia quando um homem trazia sua oferta pelo pecado ao tabernáculo e ia embora perdoado. Já discutimos isso brevemente, mas acrescentaremos algumas observações adicionais.

Quando uma das pessoas pecava e tornava-se ciente disso, ela deveria trazer "uma cabra sem defeito, pelo seu pecado que cometeu, e porá a sua mão sobre a cabeça da oferta da expiação do pecado, e a degolará no lugar do holocausto" (Levítico 4:28, 29).

A imposição da mão era um costume antigo em Israel, um ato simbólico pelo qual algo possuído por um era transmitido a outro. Assim Jacó colocou propositadamente sua mão direita sobre Efraim e sua esquerda sobre Manassés, e abençoou-os (Gênesis 48:14, 15). Assim também Jesus impôs Suas mãos sobre as criancinhas e as abençoou (Marcos 10: 16). Da mesma maneira, Jesus curou pessoas (Marcos 6:5); Paulo tornou a ver (Atos 9:12); homens receberam o Espírito Santo (Atos 19:6); Josué foi dedicado ao santo ofício por Moisés (Números 27:18); e Estêvão foi ordenado ao ministério

(Atos 6:6). Em cada caso, algo foi transmitido de um para o outro pelo sinal externo da imposição das mãos. No Novo Testamento, a imposição das mãos é considerada uma das doutrinas fundamentais da igreja (Hebreus 6:2), e instrução é dada quanto a não ser prematuro na concessão do dom (1 Timóteo 5:22).

Se agora perguntarmos o que o pecador possui e o que ele pode transmitir quando aparece diante de Deus e coloca sua mão no sacrifício, descobrimos que ele está em posse de apenas uma coisa, *pecado,* do qual ele espera e ora para ser liberto. E ele é liberto disso. Ele coloca a mão sobre a cabeça do animal, e por este ato transmite seu pecado ao cordeiro inocente, que agora carrega seus pecados.

Então, a mesma mão que transmitiu os pecados ao cordeiro o mata. O serviço sacerdotal agora começa e o sangue é colocado nas pontas do altar do holocausto. Este sangue representa a vida que o pecador perdeu, a qual é derramada para satisfazer a demanda da lei. A lei retém o sangue, a vida do pecador, até o Dia da Expiação, quando a redenção é realizada. Como observado anteriormente, o sacerdote mergulhava seu dedo no sangue e colocava uma marca nas pontas, uma marca de sangue, uma impressão digital. Por esta marca o pecado era registrado, pois uma impressão digital constitui um registro. Essa marca registrou o pecado e também o fato de que uma morte havia ocorrido por aquele pecado.

Por essa transação, o altar tornou-se contaminado, particularmente as pontas. Por esta razão, tornava-se necessário fazer uma expiação sobre o altar uma vez por ano com o sangue de uma oferta pelo pecado. Essa expiação era realizada quando o sacerdote tomava o sangue puro do bode do Senhor, sobre o qual nenhum pecado havia

sido posto, e o colocava nas pontas do altar ao redor. “E ele sairá ao altar que está perante Jeová, e fará expiação pelo altar; e tomará o sangue do novilho, e o sangue do bode, e o porá sobre as pontas do altar ao redor. E espargirá do sangue sobre o altar com seu dedo sete vezes, e o purificará, e o santificará das imundícias dos filhos de Israel” (Levítico 16:18, 19, ARV). Como durante o ano essas pontas haviam sido contaminadas pelo sangue carregado de pecado que havia sido colocado sobre elas, agora elas eram purificadas com sangue sem pecado usado no Dia da Expiação.

É interessante notar que, no Dia da Expiação, o sangue expiatório era colocado apenas nos objetos que anteriormente haviam sido contaminados. Nenhum sangue era colocado na pia, no candelabro ou na mesa dos pães da proposição, pois nenhum sangue havia sido aplicado a eles. Mas sangue era aplicado ao propiciatório, onde o sangue do novilho havia sido aspergido. O altar do incenso e o altar do holocausto também eram aspergidos e o sangue colocado sobre as pontas (Êxodo 30:10; 16:18, 19), pois esses altares haviam sido anteriormente contaminados no serviço diário. Do véu não temos registros claros de que qualquer sangue era aspergido nele, seja no serviço diário, seja na purificação o Dia da Expiação. A declaração da Bíblia é que o sangue foi aspergido “diante” do véu, que é provavelmente a leitura correta (Levítico 4:6, 17). No entanto, uma vez por ano, o véu era retirado e um novo era suspenso.

Nós, portanto, sustentamos que o sangue contamina e purifica. O que o sangue faz depende do tipo do sangue usado. A vida mede o valor do sangue e o sangue a vida; pois “a vida da carne está no sangue” (Levítico 17:11). Se é uma vida pecaminosa, o sangue contamina; se é uma vida sem pecado, ele purifica. Em harmonia

com isso está o fato de que enquanto o pecado era confessado sobre o sacrifício no serviço diário, não há registro de que o pecado era confessado sobre o bode do Senhor no serviço anual. No primeiro caso, o sacrifício era feito para levar o pecado, era feito pecado e, como um pecador, deveria morrer. No segundo caso, Cristo morreu como O Sem Pecado – uma vida inocente e sem pecado foi dada em santa consagração para nós. A falha em distinguir essas duas fases na obra da redenção, mostrada claramente no tipo, torna impossível uma verdadeira avaliação da obra expiatória de Cristo. Como nosso Substituto, Cristo tomou nossos pecados sobre Ele e morreu no lugar do pecador e pelo pecado. Como pecador Ele devia morrer – dizemos com reverência – e assim pagar a pena. Mas como O Sem Pecado Ele não tinha obrigação de morrer; mas Ele voluntariamente morreu por nós e, "muito além da obrigação", nos redimiu da morte e da sepultura e nos colocou nos lugares celestiais, em Cristo Jesus.

Ofertas Pelo Pecado-Culpa

Os primeiros treze versos do quinto capítulo de Levítico lidam com tipos de transgressões que são chamados tanto de pecados como de culpas. Os comentaristas não estão de acordo quanto ao nome correto, alguns os chamam de ofertas pelo pecado e outros de ofertas pela culpa. Como eles partilham da natureza de ambos, e como a Bíblia na seção mencionada se refere a eles sob ambas as designações, nós os chamaremos de ofertas pelo pecado-culpa.

Normalmente, uma culpa é um pecado conscientemente cometido, um passar por cima. Ela pode ser involuntariamente cometida, mas em tais casos sustenta-se que o homem deveria ter sabido melhor e que ele é responsável por sua ignorância. A palavra hebraica para

oferta pela culpa, *asham*, pode muito bem ser traduzida como "culpa ou oferta pela dívida". Ela denota um maior grau de culpa do que a oferta pelo pecado, embora o próprio pecado possa não ser maior.

Como afirmado, alguns pecados partilham da natureza de uma culpa. Por exemplo, uma pessoa pode, até certo ponto, ser ignorante sobre algum erro que está cometendo, e ainda assim não ser inteiramente ignorante dele. Ela não tem certeza se está fazendo algo certo; ainda assim, continua a fazer isso. Esses são os tipos de culpas mencionadas na primeira parte do quinto capítulo de Levítico. A eles pertencem a retenção de informação (verso 1), o tocar qualquer coisa impura (versos 2 e 3), e o jurar precipitadamente (verso 4). Em tais casos, era ordenado ao pecador que trouxesse uma oferta pela culpa "ao Senhor, pelo seu pecado que cometeu: uma fêmea de gado miúdo, uma cordeira, ou uma cabrinha pelo pecado" (verso 6). Será notado que no verso 7 eles eram chamados de expiação pela culpa e, no verso 9, expiação pelo pecado. Podemos, portanto, considerá-las uma espécie de oferta intermediária entre as duas.

Uma pessoa que pecou em qualquer uma das coisas mencionadas acima deveria trazer uma fêmea de gado miúdo, uma cordeira, ou uma cabrinha por oferta pelo pecado (verso 6). Se ele não pudesse trazer uma fêmea de gado miúdo, ele poderia trazer uma rolinha ou um pombinho. Nenhuma orientação é dada sobre como o sangue dos animais devia ser ministrado. Na ausência de qualquer instrução específica, acredita-se que ele era descartado da mesma maneira que as ofertas pelo pecado regulares. No caso dos pássaros, o sangue era aspergido sobre a parede do altar (verso 9).

Oferta Pelo Pecado Sem Sangue

Se o pecador não pudesse trazer uma rolinha ou um pombinho, ele poderia trazer por sua oferta a décima parte de um efa de flor de farinha para oferta pelo pecado. Não lhe era permitido, no entanto, colocar azeite ou incenso nela. A razão: "É expiação do pecado". O sacerdote, ao oferecer ela, pegava um punhado de farinha e queimava por memorial sobre o altar. O restante pertencia ao sacerdote da mesma forma que na oferta de carne (versos 11 a 13).

Estamos aqui frente a frente com um fato notável. Normalmente, uma oferta pelo pecado deveria ser uma oferta de sangue, isto é, a vida de um animal deveria ser tirada e o sangue colocado sobre as pontas do altar. Aqui, no entanto, a oferta de uma décima parte de um efa de farinha é aceita em lugar do sangue. É definitivamente declarado que o sacerdote tomará um punhado desta farinha e a queimará sobre o altar, "assim o sacerdote por ela fará expiação do seu pecado, que cometeu em alguma destas coisas, e lhe será perdoado" (verso 13). Para que ninguém pense que se trata de uma oferta de alimentos comum, duas vezes é feita a declaração: "é expiação do pecado" (versos 11 e 12) Parece claro, portanto, que ao menos nesse caso uma oferta pelo pecado que não continha sangue era aceita e fazia expiação pelo pecado.

Isso chama a atenção para a declaração encontrada em Hebreus 9:22: "quase todas as coisas, segundo a lei, se purificam com sangue; e sem derramamento de sangue não há remissão". Embora seja verdade que, em geral, no serviço típico não poderia haver remissão de pecados sem o derramamento de sangue, não devemos esquecer a exceção aqui notada. A *American Revised Version* diz:

"De acordo com a lei, eu quase posso dizer, todas as coisas são purificadas com sangue e, à parte do derramamento de sangue, não há remissão". O advérbio "quase" provavelmente qualifica ambas as cláusulas; então a frase poderia ser lida assim: "Eu quase posso dizer que todas as coisas são purificadas com sangue" e "Eu quase posso dizer que à parte do derramamento de sangue não há remissão". Isto é, a regra de que não há remissão sem derramamento de sangue mantém-se válida; mas nos tipos há a exceção aqui notada.

Uma situação similar nos confronta com referência à novilha vermelha. Nenhuma aplicação imediata de sangue no processo de purificação foi mencionada, mas apenas de água e cinzas. Ainda assim, foi uma purificação pelo pecado, uma oferta pelo pecado (Números 19:9, ARV).

Nossa alegação não é que os pecados são, ou podem ser perdoados sem o sacrifício no Calvário. A morte de Cristo é necessária para nossa salvação. É, no entanto, significativo que nos tipos mencionados acima a expiação e o perdão do pecado fossem às vezes realizados sem o uso imediato e direto do sangue.

Na busca de uma aplicação disso na dispensação cristã, não podemos crer que ela significa e se aplica a pessoas que não têm conhecimento direto ou definido do Salvador e, no entanto, estão vivendo de acordo com toda a luz que possuem, fazendo a vontade de Deus tão bem quanto elas entendem? Não poderia significar aqueles gentios que nunca ouviram falar do nome de Jesus e, ainda assim, em maior ou menor medida, partilham de Seu espírito? Cremos que há aqueles que nunca ouviram o nome abençoado do Mestre, que nada sabem do Calvário e da redenção efetuada para

eles na cruz, que têm mostrado o espírito de Cristo e serão salvos no reino dos céus. Para os tais, acreditamos, isso se aplica.

Três Casos

O primeiro caso mencionado no quinto capítulo de Levítico, verso um, é o de reter informações quando sob juramento. “Se uma pessoa pecar, e ouvir a voz juramento, e for testemunha, seja porque viu ou porque soube; se o não denunciar, então levará sua iniquidade” (KJV). A “voz de juramento” é chamada de “voz de adjuração”, na *American Revised Version*, e faz referência ao juramento administrado em um tribunal judaico. Quando Cristo estava sendo julgado, “o sumo sacerdote disse-lhe: Conjuro-te pelo Deus vivo que nos digas se tu és o Cristo, o Filho de Deus” (Mateus 26:63). Sob essas circunstâncias, Cristo não pôde manter silêncio, mas respondeu: “Tu o disseste”. Ele Se sentiu compelido a responder quando a adjuração foi invocada, embora anteriormente, “guardasse silêncio”.

Um exemplo seria o conhecimento de um crime cometido. Uma pessoa é chamada no tribunal para testemunhar sobre o que ela sabe sobre isso, mas se recusa a fazê-lo. Esse é um pecado de omissão, e está sob a repreensão de Deus. Tal pessoa “levará sua iniquidade”.

O segundo caso é o de tocar alguma coisa imunda, “seja qualquer que for a imundícia” (Levítico 5:2, 3). O homem pode ter se tornado imundo inconscientemente; pode lhe ter sido “oculto” e, consequentemente, ele negligenciou o se purificar. Por causa disso, quando “o souber depois, será culpado”.

Esta foi uma medida sanitária. “Imundícia”, como a palavra é aqui usada, denota mais que impureza cerimonial. Havia muitas doenças repugnantes, tanto de homens quanto de animais, que eram altamente contagiosas. Por descuido, uma epidemia poderia facilmente ocorrer. Foi, portanto, ordenado que uma pessoa que se tivesse exposto deveria observar as regras que regem tais casos, e evitar o contato com outros por um período determinado; banhar-se e lavar suas roupas, e tomar outras medidas de precaução. Se ele falhasse em fazer isso, por ignorância ou transgressão intencional, quando “o souber depois, será culpado”.

O terceiro caso é o de um homem que jura “precipitadamente com os seus lábios fazer mal ou fazer bem, seja o que for que o homem pronunciar precipitadamente com juramento” (verso 4, ARV). “Jurar precipitadamente” também pode ser traduzido como “jurar, tagarelar com os lábios”, isto é, “jurar com palavras ociosas e vazias”, usar de profanidade leviana, afirmar com um juramento. Tudo isso é proibido nessas injunções.

Às vezes é instado que Deus, antigamente, não exigia confissão e restituição para conceder perdão, mas apenas pedia ao pecador que trouxesse o sacrifício requerido. O ritual da oferta pelo pecado-culpa deve corrigir essa impressão. A confissão era definitivamente requerida. “Quando homem ou mulher fizer algum de todos os pecados humanos, transgredindo contra o Senhor, tal alma culpada é. E confessará o seu pecado que cometeu” (Números 5:6, 7).

Uma confissão geral, no entanto, não era suficiente. “Será, pois, que, culpado sendo numa destas coisas, confessará aquilo em que pecou” (Levítico 5:5). Esta afirmação é definitiva e decisiva. Não somente deve o pecador confessar, mas ele deve confessar “aquilo

em que pecou". É "aquilo" que conta. Somente quando ele assim confessa pode ele receber a expiação.

O Sangue Faz Expiação

Em todas as ofertas mencionadas neste capítulo, a expiação é feita pelo sangue e não pelo corpo. O corpo servia como meio de transferência do pecado quando o sacerdote comia da carne. E em todos os casos a gordura era queimada no altar como um cheiro suave. Mas o sangue realizava a expiação. E fazia isso "em razão da vida". A vida de Cristo, simbolizada pelo sangue, é a nossa salvação. Como nós estamos "reconciliados com Deus pela morte de seu Filho, muito mais, tendo sido já reconciliados, seremos salvos pela sua vida" (Romanos 5:10). A vida pela qual somos salvos é a Sua vida na terra como nosso exemplo. É também a vida da ressurreição, incluindo a Sua sessão à destra de Deus, onde Ele vive "sempre para interceder" por nós (Hebreus 7:25); e é pelo poder desta "vida indissolúvel" (verso 16, ARV, margem) que Ele purifica nossas "consciências das obras mortas", para servirmos "ao Deus vivo" (Hebreus 9:14).

A Novilha Vermelha

A cerimônia da novilha vermelha merece consideração especial. Ela diferia em muitos aspectos das ofertas pelo pecado regulares; contudo, servia ao mesmo propósito. Números 19:9 diz: "é uma purificação pelo pecado" (KJV). A palavra aqui usada, *chattath,* é a mesma usada em outros lugares para oferta pelo pecado, como observado anteriormente neste capítulo. A *American Revised*

Version diz: “é uma oferta pelo pecado”. Nós, portanto, corretamente incluímos a novilha vermelha entre as ofertas pelo pecado ordenadas por Deus.

Foi ordenado a Israel que trouxesse uma novilha vermelha, sem mancha e sem defeito, e a desse a Eleazar, o sacerdote (versos 2 e 3). O sacerdote deveria trazer a novilha para fora do acampamento e alguém a mataria em sua presença. Ele então deveria tomar do sangue com o seu dedo e aspergir o sangue em direção ao tabernáculo da congregação sete vezes (verso 4). Depois que isso era feito, alguém deveria queimar a novilha diante de Eleazar, “o seu couro, e a sua carne, e o seu sangue, com o seu esterco, se queimará” (verso 5). Conforme a novilha era assim então consumida, o sacerdote devia levar “pau de cedro, e hissopo, e carmesim, e os lançará no meio do fogo que queima a novilha” (verso 6). “Então o sacerdote lavará as suas vestes, e banhará a sua carne na água, e depois entrará no arraial; e o sacerdote será imundo até à tarde” (verso 7). Depois disso, um homem que estivesse limpo deveria recolher as cinzas da novilha e colocá-las fora do acampamento em um lugar limpo. Elas eram “para a água da separação; expiação é”, pelo pecado (verso 9).

As cinzas assim guardadas deveriam ser usadas em certos tipos de impureza, como a de tocar um corpo morto. Nesse caso, as cinzas seriam levadas e sobre elas colocariam “água corrente num vaso. E um homem limpo tomará hissopo, e o molhará naquela água, e a espargirá sobre aquela tenda, e sobre todos os móveis, e sobre as pessoas que ali estiverem, como também sobre aquele que tocar os ossos, ou em alguém que foi morto, ou que faleceu, ou numa sepultura. E o limpo ao terceiro e sétimo dia espargirá sobre o

imundo; e ao sétimo dia o purificará; e lavará as suas vestes, e se banhará na água, e à tarde será limpo" (versos 17 a 19).

Notar-se-á que conquanto essa cerimônia era de expiação pelo pecado, nenhum sangue como tal foi usado na purificação do homem de sua contaminação. A única vez que o uso do sangue é mencionado é no momento da morte da novilha, quando os sacerdotes tomavam do sangue e o aspergiam sete vezes em direção ao tabernáculo da congregação (verso 4). Na aplicação para o indivíduo, no entanto, não havia aspersão de sangue.

Também é digno de nota que a novilha não era morta dentro dos limites do pátio do tabernáculo, onde os outros sacrifícios eram mortos. O sangue não era levado para dentro do santuário, o sangue não era aspergido diante do véu, não era colocado nas pontas do altar do incenso, não era colocado nas pontas do altar do holocausto, nem era derramado ao pé do altar do holocausto; não entrava em contato direto nem com o santuário nem com o altar do holocausto.

No ritual da novilha vermelha, não era necessário que um sacerdote oficiasse, mas apenas uma pessoa limpa. Além disso, nesta oferta, a provisão para purificação não se aplica apenas aos filhos de Israel, mas também ao estrangeiro. "Isto será por estatuto perpétuo aos filhos de Israel e ao estrangeiro que peregrina no meio deles" (verso 10).

A cerimônia ocasional da novilha vermelha tem um profundo significado para o reverente estudante da Palavra de Deus. A purificação do pecado é aqui realizada pelo uso de água na qual cinzas da novilha morta foram colocadas. Sua ministração é fora do arraial, à parte da adoração habitual de Jeová, e não está diretamente relacionada com o ciclo usual do serviço do santuário.

É a essa cerimônia que o escritor de Hebreus se refere quando diz: "Porque, se o sangue dos touros e bodes, e a cinza de uma novilha esparzida sobre os imundos, os santifica, quanto à purificação da carne, quanto mais o sangue de Cristo, que pelo Espírito eterno se ofereceu a si mesmo imaculado a Deus, purificará as vossas consciências das obras mortas, para servirdes ao Deus vivo?" (Hebreus 9:13, 14). A oração de Davi é: "Purifica-me com hissopo, e ficarei puro; lava-me, e ficarei mais branco do que a neve" (Salmos 51:7).

Água Santa, Água Amarga

Um uso um tanto semelhante da água para fins de purificação é mencionado no quinto capítulo do livro de Números. No caso de certos pecados, "o sacerdote tomará água santa num vaso de barro; também tomará o sacerdote do pó que houver no chão do tabernáculo, e o deitará na água" (verso 17). A "água santa" assim preparada é chamada de "água amarga" nos versos 18, 19 e 23. Embora não seja necessário entrar em detalhes em relação à cerimônia angustiante mencionada neste capítulo, chamamos a atenção para o vigésimo terceiro verso. O sacerdote deveria escrever aquelas maldições em um livro e depois "com a água amarga as apagará".

Ao passo que o sangue é mencionado no Antigo Testamento como uma purificação pelo pecado, a água em alguns casos serviu a um propósito similar. A pia situada exatamente antes do tabernáculo, a água usada na cerimônia da novilha vermelha, a água amarga usada para apagar o pecado, como registrada no quinto capítulo de Números, testificam o uso da água para purificação cerimonial. De

Cristo está escrito: “Este é aquele que veio por água e sangue, isto é, Jesus Cristo; não só por água, mas por água e por sangue” (1 João 5:6). Na crucificação, “um dos soldados lhe furou o lado com uma lança, e logo saiu sangue e água. E aquele que o viu testificou, e o seu testemunho é verdadeiro; e sabe que é verdade o que diz, para que também vós o creiais” (João 19:34, 35). A água batismal e a preciosa ordenança da humildade ainda nos salvam “não do despojamento da imundícia da carne, mas da indagação de uma boa consciência para com Deus” (1 Pedro 3:21).

Pesarosamente encerramos este capítulo que tratou das ofertas pelo pecado, pois há tantas outras fases que podem proveitosamente ser consideradas, mas que não dizem respeito ao nosso estudo presente. Ao terminar este breve estudo, o fazemos com uma oração de agradecimento a Deus por Seu dom inefável [2 Coríntios 9:15].

12. Ofertas Pela Transgressão

Um estudo das ofertas pela transgressão, conforme registrado nos últimos seis versos do quinto capítulo de Levítico e nos primeiros sete versos do sexto capítulo, revela que essas ofertas em certos aspectos diferem materialmente das ofertas pelo pecado. Ao passo que elas incluíam o pecado feito por ignorância, como registrado no quinto capítulo, elas também incluíam pecados deliberados, como registrado no sexto. Elas parecem ser pecados tais que admitiam restituição, a qual era requerida em cada caso.

As ofertas pelo pecado forneciam uma escala graduada de sacrifícios de acordo com a posição e capacidade financeira do transgressor, variando de um novilho a rolinhas e pombos, e até mesmo um pouco de farinha. As ofertas pela transgressão, como aqui registradas, não eram graduadas. Elas exigiam um carneiro, juntamente com a restauração do que havia sido tomado, mais um quinto do valor da propriedade em questão.

Outra diferença entre as ofertas pelo pecado e as ofertas pela transgressão está na ministração do sangue. Nas ofertas pelo pecado, o sangue era colocado sobre as pontas do altar, enquanto nas ofertas pela transgressão ele era aspergido sobre o altar (Levítico 4:7, 18, 25, 30; 7:1, 2).

A carne do sacrifício pela transgressão era comida pelos sacerdotes, assim como nas ofertas pelo pecado de uma das pessoas comuns (Levítico 7:6; 6:26, 29).

Ofensas Contra Deus

As transgressões mencionadas em primeiro lugar são aquelas que dizem respeito às "coisas sagradas" (Levítico 5:15). Isso refere-se a qualquer coisa relacionada ao serviço do Senhor, incluindo coisas devotadas a Deus, primícias, dízimos, etc. Se por descuido, falta de fidelidade ou omissão algum dano atingisse à causa de Deus, mesmo que fosse feito por ignorância, o pecador deveria trazer "ao Senhor pela expiação, um carneiro sem defeito do rebanho, conforme à tua estimação em siclos de prata, segundo o siclo do santuário, para expiação da culpa. Assim restituirá o que pecar nas coisas sagradas, e ainda lhe acrescentará a quinta parte, e a dará ao sacerdote; assim o sacerdote, com o carneiro da expiação, fará expiação por ele, e ser-lhe-á perdoado o pecado" (versos 15 e 16).

Que as transgressões aqui registradas sejam consideradas mais sérias do que as mencionadas na primeira parte do capítulo é evidente pela afirmação: "ainda que o não soubesse, contudo será ela culpada" (verso 17). Dos outros pecados é declarado: "quando... *o souber depois*, culpado será" (verso 4). A diferença é que, em um caso, o homem não é considerado culpado até que ele se torne ciente de que transgrediu, enquanto, no outro caso, ele é culpado sabendo ou não que transgrediu. Se ele é culpado, ainda que ignorante de qualquer transgressão, só pode ser porque as circunstâncias indicam que ele *deveria saber*. Quando as "coisas sagradas" do Senhor estão sob consideração, Deus quer que os homens *saibam*.

Alguns têm chegado à conclusão de que os dízimos podem ser retidos se, finalmente, houver um pagamento com uma pena de um quinto adicionado. Isso não é sustentado pelos textos diante de nós. É somente quando tais coisas são feitas na ignorância que Deus

fornece um remédio. Não existe tal provisão para a transgressão intencional.

Ofensas Contra Homens

As transgressões contra o próximo requeriam restituição, bem como o requeriam as transgressões contra Deus, pois qualquer coisa feita contra o homem era considerada também uma transgressão contra Deus. “Quando alguma pessoa pecar, e transgredir contra o Senhor, e negar ao seu próximo o que lhe deu em guarda, ou o que deixou na sua mão, ou o roubo, ou o que reteve violentamente ao seu próximo, ou que achou o perdido, e o negar com falso juramento, ou fizer alguma outra coisa de todas em que o homem costuma pecar; será pois que, como pecou e tornou-se culpado, restituirá o que roubou, ou o que reteve violentamente, ou o depósito que lhe foi dado em guarda, ou o perdido que achou, ou tudo aquilo sobre que jurou falsamente; e o restituirá no seu todo, e ainda sobre isso acrescentará o quinto; àquele de quem é o dará no dia de sua expiação” (Levítico 6:2-5).

As transgressões aqui registradas referem-se à relação do homem com seu próximo, especialmente no que diz respeito à propriedade. Algo foi confiado a uma pessoa e ela nega tê-lo recebido; ela quebra seu acordo, toma à força aquilo que não lhe pertence, encontra algo e mente sobre isso – tudo parece ser feito conscientemente, a ignorância não poderia ser invocada como uma desculpa. Ela é culpada.

O quinto capítulo de Números dá algumas informações adicionais sobre as ofertas pela transgressão. Ele igualmente reconhece que

pecar contra um homem é também pecar contra o Senhor (verso 6), e que o pecado não somente deve ser confessado, mas a restituição deve ser feita, com uma quinta parte adicionada (verso 7). Em seguida, acrescenta esta interessante provisão: "Mas, se aquele homem não tiver resgatador, a quem se restitua a culpa, então a culpa que se restituir ao Senhor será do sacerdote, além do carneiro da expiação pelo qual por ele se fará expiação" (verso 8).

As ofertas pela transgressão diferiam, assim, das ofertas pelo pecado, que reconheciam apenas os pecados cometidos por ignorância. As ofertas pela transgressão serviam para os pecados cometidos conscientemente, e para os quais a ignorância não poderia ser alegada. Isso tem causado alguma dificuldade para os estudantes da Bíblia, pois se reconhece que há perigo em qualquer doutrina que contemple uma oferta como meio de expiação pela transgressão deliberada. Se um homem peca ignorantemente, sua ignorância constitui uma base para o perdão; mas prover de antemão a um pecado premeditado e estipular seu custo, parece imoral. Foi isso que a Igreja Católica Romana apoiou em uma época, e que trouxe todos os tipos de abusos, e foi a causa imediata da Reforma. Vamos olhar um pouco mais de perto para as ofertas bíblicas antes de chegarmos a uma conclusão final.

Ofertas pela Transgressão

"Se uma alma pecar, e cometer uma transgressão contra o Senhor, e mentir ao seu próximo" (Levítico 6:2, KJV). Mentir é aqui considerado uma transgressão contra o Senhor, assim como contra o próximo. Por essa razão, o transgressor devia fazer reparações a

ambos: ele devia confessar seu pecado e trazer uma oferta a Deus, e fazer restituição ao homem.

Parece inconcebível que um homem pudesse mentir ao seu próximo naquilo "que lhe deu em guarda", e o fazer ignorantemente. O próximo está indo embora e confia alguma coisa ao homem, para este guardar até o seu retorno. Embora seja possível que o homem *possa* esquecer a transação, parece improvável que ele irá fazê-lo. Mesmo se ele esquecer, provavelmente se recordará quando o próximo lhe lembrar. Mas no caso diante de nós não há circunstâncias atenuantes. O homem simplesmente mente e não há apelo à ignorância. A conclusão é inescapável: o homem é culpado de pecado deliberado.

É o mesmo no caso seguinte, em que ele mente sobre o que o próximo "deixou na sua mão", em "penhor", isto é, em um acordo. Dois homens entram em um acordo e um deles tenta mentir, saindo do acordo. É concebível que possa ter havido um lapso de memória, mas a evidência é contra isso. Ele é culpado.

Se pode haver apenas uma ligeira dúvida sobre a culpa do homem nesses dois primeiros casos, há ainda menos no terceiro caso, em que uma coisa é retida "violentamente". Seria muito forçado sustentar que, nesse caso, era uma questão de ignorância; embora alguns tenham tentado isso, alegando que o homem *pensava* que a coisa era dele e, portanto, recuperou-a pela violência. Conquanto admitamos que tal situação *possa* ocorrer, a probabilidade é tão pequena que parece que Deus não citaria tal caso como base para a ação sacrificial.

"Ou enganou seu próximo; ou achou o perdido, e mentiu sobre isso, e jurou falsamente" (versos 2 e 3, KJV). Deus, ao citar esses casos,

não pretende mostrar que o homem está na ignorância, mas que ele deliberadamente ou imprudentemente cometeu uma transgressão e que ele é culpado.

Como esses casos requerem restituição antes que possam ser finalmente e justamente eliminados, Deus toma conhecimento deles e prescreve uma pena adequada para as violações.

Primeiro, vem a confissão. "Quando homem ou mulher fizer algum de todos os pecados humanos, transgredindo contra o Senhor, tal alma culpada é. E confessará o seu pecado que cometeu" (Números 5:6, 7).

Em segundo lugar, vem a restituição: "fará plena restituição, segundo a soma total, e lhe acrescentará a sua quinta parte, e a dará àquele contra quem se fez culpado" (verso 7).

Terceiro, um sacrifício a Deus: "E a sua expiação trará ao Senhor: um carneiro sem defeito do rebanho, conforme à tua estimação, para expiação da culpa trará ao sacerdote" (Levítico 6:6).

Quarto, perdão: "E o sacerdote fará expiação por ela diante do Senhor, e será perdoada de qualquer das coisas que fez, tornando-se culpada" (verso 7).

Alguns acreditam que a frase em Levítico 6:6, "conforme à tua estimação", refere-se a uma pena extra que o sacerdote poderia exigir se as circunstâncias o justificassem. Outros sustentam que tem referência ao valor do carneiro. Em qualquer caso, parece que o sacerdote tinha alguma jurisdição no caso que o homem era obrigado a respeitar.

Ao considerarmos os diferentes aspectos das ofertas pela transgressão, não encontramos nada questionável ou imoral nos

regulamentos, mas encontramos a evidência de um Deus misericordioso e compassivo, que perdoará, mas também "que ao culpado não tem por inocente" (Êxodo 34:7).

Não encontramos nada nesses regulamentos que encoraje a transgressão, ou que dê a menor impressão de que o pecado compense e de que alguém possa comprar sua saída dando um presente a Deus. O que Roma fez nos dias de Tetzel foi uma perversão das provisões misericordiosas de Deus, e totalmente diferente do plano de salvação de Deus.

O Caso Hoje

Se Deus em tempos mais antigos perdoasse apenas pecados de ignorância, haveria pouca esperança de salvação para qualquer um. E o caso não é diferente hoje. Se Deus perdoasse apenas o que fazemos involuntariamente, estaríamos sem esperança. Deus também perdoará nossos pecados intencionais se nos arrependermos deles. E não é este o evangelho? Aos homens de Israel reunidos em Antioquia, Paulo disse: "Seja-vos, pois, notório, homens irmãos, que por Este se vos anuncia a remissão dos pecados. E de tudo o que, pela lei de Moisés, não pudestes ser justificados, por Ele é justificado todo aquele que crê" (Atos 13:38, 39).

Essas foram as boas novas naquele tempo, e são as boas novas agora. Precisamos de um Salvador que não apenas irá nos perdoar dos nossos pecados, mas também "nos purificar de toda a injustiça" (1 João 1:9).

Não devemos esquecer que uma transgressão é uma ofensa mais séria. Se um homem à noite tropeçasse em um arame que ele falhou

em ver ou não pudesse ver, nem o homem nem Deus o considerariam muito culpado. Mas se no dia seguinte, em plena luz do dia, o homem chegasse ao mesmo lugar e visse suspensa no arame uma placa, "Não atravesse", e ele deliberadamente atravessasse, não poderia alegar ignorância como uma circunstância atenuante. Ele atravessou e deve submeter-se às consequências.

Assim é conosco. Muitos dos nossos pecados são intencionais e, consequentemente, são contados como transgressões. Nós ou sabíamos ou devíamos saber melhor. Nós não temos desculpa. Mas graças a Deus, há perdão pela transgressão, bem como pelo pecado. Nosso Deus é capaz e está disposto ao máximo para salvar.

Restituição

Uma parte vital do plano da redenção, no que diz respeito ao homem, é a da restituição. Convicção do pecado não é suficiente. Tristeza pelo pecado não é suficiente. Confissão do pecado não é suficiente. Embora todos estes sejam bons e sejam passos em direção ao reino, eles não são suficientes. Eles devem ser acompanhados por um arrependimento tão profundo e completo que a alma não descansará até que todos os passos tenham sido dados e todos os esforços feitos para corrigir as falhas do passado. Isso irá, na maioria dos casos, incluir restituição, devolver o que roubamos e fazer todos os esforços para reparar os erros. As transgressões incluem transações comerciais questionáveis, representação fraudulenta de valores, dar impressões erradas por motivos egoístas e desonestidade descarada. Incluem acordos astutos para a desvantagem dos pobres, e o oprimir aos necessitados para obter lucro. Inclui taxas exorbitantes de todos os tipos, juros excessivos

sobre empréstimos em dinheiro e trabalho desonesto para os salários recebidos. Incluem tirar vantagem dos infortúnios dos outros, e exigir mais do que é justo pelo serviço prestado simplesmente porque a outra pessoa está em uma posição em que ele não pode se ajudar.

Por essas e muitas outras coisas, a restituição deve ser feita sempre que possível; e onde ela não pode ser feita, pode ser bom seguir a instrução antiga, de que onde é impossível restituir à pessoa em questão, onde nem mesmo um parente próximo possa ser encontrado, "então a culpa que se restituir ao Senhor será do sacerdote" (Números 5:8). A aplicação atual desta instrução exigiria que o dinheiro envolvido fosse dado, ou usado, na obra do Senhor.

Zaqueu

A história de Zaqueu como registrada no décimo nono capítulo de Lucas é uma ilustração da restituição. Cristo convidou-Se a ser hóspede de Zaqueu, e tão grande honra tomou conta do publicano que ele exclamou: "Senhor, eis que eu dou aos pobres metade dos meus bens; e, se nalguma coisa tenho defraudado alguém, o restituo quadruplicado". A resposta de Cristo a isto foi imediata e significativa: "Hoje veio a salvação a esta casa, pois também este é filho de Abraão. Porque o Filho do homem veio buscar e salvar o que se havia perdido" (Lucas 19:8-10).

Isto apresenta um caso de completo arrependimento. A presença de Jesus causou tal impressão em Zaqueu que seus primeiros pensamentos se preocuparam em fazer restituição. Ele era um publicano e, sem dúvida, tinha uma longa lista de acordos astutos e

transações comerciais desonestas para prestar contas. Ele havia extraído dinheiro por “fraude”, que incluía todas as transações questionáveis. Mas agora dá meia volta. Ele abandona todas as más práticas e decide retribuir quatro vezes o que adquiriu desonestamente.

Há necessidade de que o assunto da restituição seja chamado à atenção de todos os que professam o nome de Cristo. Os recém convertidos precisam de instrução nesse assunto, assim como muitos que há anos estão registrados na igreja de Deus. Todos precisam de um mais vivo senso de sua responsabilidade, e alguns precisam de uma lição de honestidade simples. Há pessoas que ficaram devendo dinheiro por anos e depois pediram para que o valor fosse cortado pela metade. É duvidoso que as tais tenham a aprovação de Deus. Os homens podem aceitar tal proposição em vez de perder tudo; mas isso não liquida a conta com o Céu.

13. O Dia da Expiação

O Dia da Expiação era o grande dia em Israel. Era peculiarmente santo, e nele nenhum trabalho deveria ser feito. Os judeus o chamavam de *Yoma,* O Dia. Ele era a pedra angular do sistema sacrificial. Quem não afligia sua alma naquele dia, era extirpado de Israel (Levítico 23:29). O Dia da Expiação ocorria no décimo dia do sétimo mês, Tishri, que corresponde ao nosso setembro-outubro. A preparação especial para este dia começava no primeiro dia de Tishri. Disto, a *Enciclopédia Judaica*, no artigo "Expiação", diz:

"Os primeiros dez dias de Tishri tornaram-se os dez dias penitenciais do ano, destinados a trazer uma perfeita mudança de coração, e fazer Israel como criaturas recém-nascidas... a culminação sendo alcançada no Dia da Expiação, quando a maior dádiva da religião, a misericórdia perdoadora de Deus, deveria ser oferecida ao homem". "A ideia que também se desenvolveu em círculos judaicos era que no primeiro dia de Tishri, o Dia de Ano Novo sagrado e o aniversário de criação, as ações do homem eram julgadas e seu destino era decidido; e que no décimo dia de Tishri o decreto do céu era selado". – Volume 2, página 281.

Uma concepção judaica do que ocorria naquele dia é dada na mesma enciclopédia, no artigo "Expiação, Dia da", como segue:

"Deus, sentado em Seu trono para julgar o mundo, ao mesmo tempo Juiz, Litigante, Perito e Testemunha, abre o Livro de Registros; este é lido, achando-se ali a assinatura de cada homem. A grande trombeta soa; uma voz mansa e delicada é ouvida; os anjos estremecem, dizendo: este é o dia do juízo, porque os Seus próprios

ministros não são puros diante de Deus. Assim como um pastor reúne seu rebanho, fazendo com que ele passe por baixo de sua vara, Deus faz com que toda alma viva passe diante dEle para fixar o limite da vida de toda criatura e para determinar-lhe seu destino. No Dia de Ano Novo o decreto é escrito; no Dia da Expiação é selado quem deve viver e quem deve morrer, etc. Mas o arrependimento, a oração e a caridade podem desviar o mau decreto". – *Ibid.*, página 286.

Uma semana antes do décimo dia do sétimo mês, o sumo-sacerdote se mudava de sua casa em Jerusalém para os recintos do templo. Lá ele passava a semana em oração e meditação, e também ensaiando o ritual do Dia da Expiação, para que nenhum erro fosse cometido em nenhuma das cerimônias. Havia também com ele, pelo menos nos anos posteriores, outro sacerdote que poderia continuar com o serviço do dia, caso ele adoecesse ou morresse, ou qualquer acidente acontecesse com ele. Havia também, geralmente, um sacerdote mais velho, que instruía e ajudava o sumo sacerdote, e certificava-se de que ele entendesse cada passo do ritual e estivesse completamente familiarizado com tudo o que deveria ser feito. Na noite anterior ao Dia da Expiação, o sumo sacerdote não tinha permissão para dormir, para que nenhuma contaminação viesse a ele.

O Serviço

No Dia da Expiação todos se levantavam cedo. O próprio sumo sacerdote oficializava o sacrifício matinal diário, que era realizado neste dia como nos outros dias (Números 29:11). Depois que o serviço terminava, começavam os serviços especiais. O registro do que era feito é encontrado no décimo sexto capítulo de Levítico. Um

estudo desse capítulo rende a seguinte informação: é dito a Arão que ele não pode entrar em todo o tempo no lugar santíssimo, "para que não morra", pois Deus aparecerá "na nuvem sobre o propiciatório" (Levítico 16:2). Quando ele entra no lugar santíssimo no Dia da Expiação, ele deve estar vestido com "a túnica santa de linho, e terá ceroulas de linho sobre a sua carne, e cingir-se-á com um cinto de linho, e se cobrirá com uma mitra de linho; estas são vestes santas" (verso 4). Antes de colocá-las, ele deve se banhar.

Ao iniciar o serviço, o sumo sacerdote recebe da congregação dois bodes para oferta pelo pecado e um carneiro para holocausto, os quais, juntamente com sua própria oferta pelo pecado, um novilho, são apresentados perante o Senhor (versos 3 e 5). Ele mata o novilho, que é por si mesmo, e com ele deve fazer "e fará expiação por si e pela sua casa" (verso 11).

Depois que o novilho era morto, mas antes que qualquer sangue fosse ministrado, o sumo sacerdote deveria tomar "o incensário cheio de brasas de fogo do altar, de diante do Senhor, e os seus punhos cheios de incenso aromático moído, e o levará para dentro do véu". Ali ele colocaria o incenso no fogo que trouxe, e a nuvem de incenso cobriria "o propiciatório, que está sobre o testemunho, para que não morra" (versos 12 e 13).

O sumo sacerdote está agora pronto para ministrar o sangue do novilho, o que ele faz ao aspergi-lo "com o seu dedo", "sobre a face do propiciatório, para o lado oriental; e perante o propiciatório espargirá sete vezes do sangue com o seu dedo" (verso 14).

Antes que o novilho fosse morto, outra cerimônia acontecia. Eram lançadas sortes sobre os dois bodes, um com sorte pelo Senhor e outro pelo bode emissário (verso 8). O bode sobre o qual caía a sorte

pelo Senhor devia ser oferecido como oferta pelo pecado. O outro, o bode emissário, devia ser apresentado vivo diante do Senhor "para fazer expiação com ele, a fim de enviá-lo ao deserto como bode emissário" (versos 9 e 10). De ambos os bodes é afirmado que Arão "porá perante o Senhor, à porta da tenda da congregação" (verso 7). Isso significa que ambos eram levados para perto da porta do tabernáculo e amarrados a anéis colocados no solo ou no pavimento, e deixados ali de pé enquanto a outra parte do serviço com o novilho prosseguia. Eles eram então apresentados "perante o Senhor", para aguardar a conclusão dos serviços do incenso e do novilho.

Depois que o sumo sacerdote saía do lugar santíssimo, tendo realizado o ritual com o sangue do novilho, ele matava o bode da oferta pelo pecado que era para o povo. Ele então entrava no lugar santíssimo e aspergia o sangue do bode, como ele havia aspergido o sangue do novilho, sobre o propiciatório e diante do propiciatório (verso 15). Por este ato ele fazia expiação pelo lugar santíssimo "por causa das imundícias dos filhos de Israel e das suas transgressões, e de todos os seus pecados" (verso 16). Ele então fazia a mesma coisa para o tabernáculo da congregação, isto é, o lugar santo.

Havia um regulamento especial que, enquanto o sumo sacerdote estivesse fazendo este trabalho, não deveria haver nenhum homem dentro do tabernáculo da congregação "quando ele entrar para fazer expiação no santuário, até que ele saia, depois de feita expiação por si mesmo, e pela sua casa, e por toda a congregação de Israel" (verso 17). Não nos é dita a razão dessa proibição, mas parece razoável crer que o véu que separava o santo do santíssimo era posto à parte durante os serviços especiais do Dia da Expiação, revelando assim a arca e o propiciatório com o Shekinah, e que qualquer

pessoa não especialmente designada para entrar no santuário estaria em sério perigo de se introduzir na presença de Deus despreparado, intrusão essa, é claro, que significaria morte instantânea.

Purificando o Tabernáculo e o Altar

Tendo feito expiação pelo lugar santo e pelo tabernáculo da congregação, isto é, para o lugar santíssimo e o lugar santo (verso 16), Arão "sairá ao altar, que está perante o Senhor[1], e fará expiação por ele; e tomará do sangue do novilho, e do sangue do bode, e o porá sobre as pontas do altar ao redor. E daquele sangue espargirá sobre o altar, com o seu dedo, sete vezes, e o purificará das imundícias dos filhos de Israel, e o santificará" (versos 18 e 19).

Arão tinha agora "acabado de reconciliar o lugar santo, e o tabernáculo da congregação, e o altar" (verso 20, KJV). É digno de nota que o segundo compartimento é chamado de "lugar santo" neste capítulo, como de fato o é em outra parte na Bíblia. Mas isso não precisa causar qualquer confusão, pois é contrastado com o "tabernáculo da congregação", que é o nome comum para o primeiro compartimento. A leitura deste verso, como podemos entendê-lo, é, portanto, que Arão tinha agora "acabado de reconciliar" o santíssimo, o lugar santo e o altar.

Quando Arão ofereceu o novilho, ele fez uma "expiação por si e pela sua casa" (versos 6 e 11). Por outro lado, o bode da oferta pelo pecado era pelo povo (versos 8 e 15). No entanto, na ministração do sangue do bode, não se diz que Arão fez expiação pelo povo, mas

[1] Ver Apêndice, para uma discussão sobre a frase "o altar, que está perante o Senhor".

"pelo lugar santo" e "pelo tabernáculo da congregação" (verso 16, KJV).

Nós não negamos, mas afirmamos, que uma expiação foi efetuada pelo povo, pois isso é declarado definitivamente em outra parte (versos 30 e 34). Estamos apenas chamando a atenção para o fato de que o sangue do novilho faz expiação por Arão e sua casa, enquanto o sangue do bode faz expiação e purifica os lugares santos do santuário (verso 18). É quase incidentalmente que a expiação pelo povo é mencionada.

Esse estudo nos leva à conclusão de que havia dois propósitos distintos na purificação realizada no Dia da Expiação: um, a purificação das *coisas* – tais como os dois lugares santos e o altar; o outro, a purificação de *sacerdotes* e *povo*. A impureza é removida das *coisas* e das *pessoas*. Ambas são *purificadas* (versos 16, 19 e 30). Além disso, expiação é feita pelas *coisas* e pelas *pessoas* (versos 11, 16, 18, 30, 33 e 34). Esses dois propósitos estão intimamente ligados: um é dependente do outro e, ainda assim, eles devem ser mantidos separados em nosso pensamento assim como estão no registro.

Os lugares santos foram purificados, não por causa de qualquer pecado inerente ou mal no santuário ou altar, mas "por causa das imundícias dos filhos de Israel e das suas transgressões, e de todos os seus pecados" (verso 16). Isso é verdade para o altar também. O sacerdote "o purificará das imundícias dos filhos de Israel, e o santificará" (verso 19).

Estas declarações deixam claro que foram os pecados de Israel que contaminaram o santuário e o altar. Essa contaminação havia ocorrido durante todo o ano no ministério diário. Todas as manhãs e

todas as tardes um cordeiro havia sido morto e seu sangue espargido sobre o altar e "ao redor". Isso havia contaminado o altar. Os ofensores haviam trazido suas ofertas pelo pecado, e o sangue havia sido aspergido no lugar santo e posto nas pontas dos altares. Outras ofertas haviam sido trazidas, e o sangue havia sido aspergido sobre o altar e "ao redor". Através desses meios, o santuário, bem como os altares, havia sido contaminado. Os serviços do Dia da Expiação eram para eliminar todos esses pecados e purificar tanto o santuário e o sacerdócio quanto o povo.

Uma Questão

Pode ser levantada a questão: por que o povo precisava ser purificado? Não tinham eles trazido seus sacrifícios de tempos em tempos ao longo do ano, confessado seus pecados e ido embora perdoados? Por que eles precisariam ser perdoados duas vezes? Por que deveria uma "recordação de pecados" ser feita "todos os anos"? Não deveriam "os adoradores, tendo sido uma vez purificados", "não ter tido mais consciência de pecados"? (Hebreus 10:3, 2, KJV). Essas questões exigem uma resposta.

Pode ser pertinente observar que a salvação é sempre condicionada ao arrependimento e à perseverança. Deus perdoa, mas o perdão não é incondicional e independente do curso futuro do pecador. Note como Ezequiel coloca a questão. "Mas, desviando-se o justo da sua justiça, e cometendo a iniquidade, fazendo conforme todas as abominações que faz o ímpio, porventura viverá? De todas as justiças que tiver feito não se fará memória; na sua transgressão com que transgrediu, e no seu pecado com que pecou, neles morrerá" (Ezequiel 18:24).

Este texto afirma que quando um homem se afasta do certo, de todas as suas boas ações "não se fará memória". O contrário também é verdadeiro. Se um homem tem sido ímpio, mas se desvia do seu mau caminho, "De todas as transgressões que cometeu não haverá lembrança contra ele" (verso 22).

Note também como Cristo, na parábola, lidou com o homem que devia dez mil talentos. Quando ele implorou por misericórdia, foi perdoado (Mateus 18:27). No entanto, quando o mesmo servo foi impiedoso para com o seu conservo que devia a pequena quantia de cem dinheiros, e o lançou na prisão, o seu senhor "disse-lhe: Servo malvado, perdoei-te toda aquela dívida, porque me suplicaste. Não devias tu, igualmente, ter compaixão do teu companheiro, como eu também tive misericórdia de ti? E, indignado, o seu senhor o entregou aos atormentadores, até que pagasse tudo o que lhe devia. Assim vos fará, também, meu Pai celestial, se do coração não perdoardes, cada um a seu irmão, as suas ofensas" (Mateus 18:32-35).

Deus mantém uma conta com cada homem. Sempre que uma oração pelo perdão ascende a Deus de um coração verdadeiro, Deus perdoa. Mas depois que os homens foram perdoados, eles às vezes mudam de ideia. Se arrependem de seu arrependimento. Mostram por suas vidas que seu arrependimento não é permanente. E assim, Deus, em vez de perdoar absoluta e definitivamente, assinala perdão ao lado dos nomes dos homens e aguarda com o apagar final dos pecados até que eles tenham tido tempo para pensar no assunto por completo. Se no final de suas vidas eles continuam da mesma opinião, odiando seus pecados em sincero arrependimento, Deus os

considera fiéis, e no dia do julgamento seu registro é finalmente limpo.

Assim era no Israel do passado. Quando o Dia da Expiação chegava, cada ofensor tinha a oportunidade de mostrar que ele ainda era da mesma opinião. Se ele fosse, o pecado era apagado, e ele era completamente purificado.

Um Dia de Julgamento

O Dia da Expiação era o dia do julgamento de Israel, como evidenciado pelas citações no início deste capítulo. Dia após dia, durante o ano, os transgressores tinham aparecido no templo e recebido perdão. No Dia da Expiação esses pecados eram revistos diante de Deus, ou como Hebreus coloca, havia "novamente recordação de pecados" (Hebreus 10:3, KJV). Naquele dia, todo verdadeiro israelita renovava sua consagração a Deus e confirmava seu arrependimento. Como resultado, ele não era apenas perdoado, mas purificado. "Naquele dia se fará expiação por vós, para purificar-vos; e sereis purificados de todos os vossos pecados perante o Senhor" (Levítico 16:30). Devia ser com felicidade em seus corações que Israel ia para casa na noite daquele dia. "Purificados de todos os vossos pecados" Maravilhosa segurança! A mesma promessa é dada no Novo Testamento: "Se confessarmos os nossos pecados, ele é fiel e justo para nos perdoar os pecados, e nos purificar de toda a injustiça" (1 João 1:9). Não somente perdoar, mas purificar! Purificar de "toda injustiça", de todos "os pecados"!

"Oh, a bem-aventurança do pensamento glorioso –
Meu pecado, não em parte, mas o todo."
[Trecho do Hino "*It Is Well With My Soul*"]

Do juízo final, o revelador diz: "Vi os mortos, grandes e pequenos, que estavam diante de Deus, e abriram-se os livros; e abriu-se outro livro, que é o da vida. E os mortos foram julgados pelas coisas que estavam escritas nos livros, segundo as suas obras" (Apocalipse 20:12). "Os mortos foram julgados pelas coisas que estavam escritas nos livros, segundo as suas obras". O Dia da Expiação era um tipo desse dia. Embora não houvesse livros guardados no santuário, havia, entretanto, um registro do pecado. Cada gota de sangue aspergida no altar do holocausto no serviço da manhã e da tarde constituía um registro dos pecados cometidos. Nas pontas do mesmo altar, e também no altar do incenso, um registro dos pecados perdoados era feito pelo sangue colocado sobre as pontas pelo sacerdote oficiante, à medida que os pecadores vinham, com seus sacrifícios pessoais, obter o perdão. No Dia da Expiação, os pecados daqueles que já haviam obtido o perdão eram apagados. Os pecadores não arrependidos eram "extirpados". Assim, o santuário era purificado do registro do pecado acumulado ao longo do ano. Os pecados não mais permaneciam como uma testemunha contra o povo. A expiação havia sido feita e o povo não estava sob condenação. Mesmo o registro não existia mais.

Cristo, o Representante

Em outro capítulo, a declaração de que Arão não apenas representava o povo, mas estava praticamente identificado com ele é enfatizada. O que ele fez, eles fizeram. O que eles fizeram, ele fez.

O sumo sacerdote "representava todo o povo. Todos os israelitas eram contados como estando nele". Nele "tudo que pertencia ao sacerdócio se reunia e alcançava seu ponto culminante". "Quando ele pecava, o povo pecava". [Vitringa citado por Patrick Fairbairn em *Typology of Scripture*, 1882, volume 2, página 263].

Adão era o representante do homem. Por ele "entrou o pecado no mundo" (Romanos 5:12). "Pela desobediência de um só homem, muitos foram feitos pecadores" (verso 19). E assim, "pela ofensa de um só, a morte reinou", e "pela ofensa de um morreram muitos" (versos 17 e 15).

Cristo também era o representante do homem. Ele foi o segundo homem e o último Adão. "O primeiro homem, da terra, é terreno; o segundo homem, o Senhor, é do céu" (1 Coríntios 15:47). Esse segundo homem, "o Senhor, do céu", desfez tudo o que o primeiro homem havia feito por sua transgressão. Pela desobediência do primeiro homem "muitos foram feitos pecadores". Pela obediência do segundo homem "muitos serão feitos justos" (Romanos 5:19). Pela ofensa do primeiro homem, "veio o juízo sobre todos os homens para condenação". Pela retidão do segundo homem, "veio a graça sobre todos os homens para justificação de vida" (verso 18). E assim "como todos morrem em Adão, assim também todos serão vivificados em Cristo" (1 Coríntios 15:22).

O sumo sacerdote era um tipo de Cristo e um representante da nação. Como um representante da nação, ele era identificado com seus pecados e merecia a morte. Como um tipo de Cristo, ele era seu mediador e salvador. Em ambos os casos, ele fazia transações com Deus pelo povo. Nesse sentido, ele *era* o povo. Se Deus o aceitava, Ele aceitava o povo nele. Por essa razão, o povo estava ansioso para ouvir o som dos sinos em seu manto no Dia da Expiação. Quando finalmente a expiação era efetuada e a reconciliação era concluída, o som dos sinos conforme o sumo sacerdote retomava suas vestes sumo-sacerdotais era o sinal de que Deus havia aceitado o substituto. Quando ele saia e o som era claramente ouvido por todos, a alegria e gratidão deles eram profundas. Deus mais uma vez os aceitara na pessoa do sumo sacerdote.

Quando o sumo sacerdote entrava no santíssimo no Dia da Expiação, ele entrava como representante do povo. Nele, Israel aparecia perante o Senhor para prestar contas dos pecados do ano. O registro desses pecados aparecia em sangue no altar do holocausto e no lugar santo. Com o Dia da Expiação, o dia do acerto de contas tinha chegado, o dia do juízo em que todos os pecados seriam revistos diante de Deus. O sumo sacerdote apareceria na presença de Deus, protegido pelo véu do incenso. Pela primeira vez naquele ano, o pecado era trazido perante Deus no santíssimo. O sumo sacerdote aspergia o sangue do novilho “sobre a face do propiciatório, para o lado oriental; e perante o propiciatório” ele aspergia “sete vezes do sangue com o seu dedo” e recebia “expiação por si e pela sua casa” (Levítico 16:14, 11). Ele estava agora puro. Quaisquer que fossem os pecados com os quais ele estivera identificado, sejam quais fossem os pecados pelos quais ele estivera responsável, eles tinham

sido, em figura, transferidos para o santuário. Ele estava puro, mas o santuário não estava.

O que até então tinha sido realizado era isto: O sumo sacerdote, em sua função representativa, havia comparecido diante de Deus e da lei. Ele reconheceu seus pecados e aspergiu o sangue. A lei, com efeito, perguntou: "Você pecou?". O sumo sacerdote respondeu: "Pequei e confessei meus pecados". A lei disse: "O salário do pecado é a morte. Não tenho outra escolha senão exigir vida". O sumo sacerdote respondeu: "Eu trouxe o sangue da vítima. Aceita-o".

O sangue é aspergido no propiciatório. Um substituto tinha sido aceito no lugar do pecador. Sobre esse substituto o pecado havia sido colocado; ele foi feito pecado e, como tal, morreu. Ele pagou a pena da transgressão. Ele morreu no lugar do pecador e pelo pecado. Pagou a dívida devida por causa do pecado.

Em nossa consideração de sacrifícios pelo pecado, foi dada ênfase à colocação da mão sobre a cabeça da vítima, transferindo desse modo o pecado para a vítima. Em cada caso, a vítima morria com culpa sobre sua cabeça, morria pelo pecado. Assim Cristo tomou nossos pecados sobre Si e foi feito pecado. Sendo feito pecado, ele devia morrer, pois o salário do pecado é a morte.

Cristo morreu não só como substituto do pecador, mas também como O Sem Pecado. Tomando nossos pecados sobre Si mesmo – dizemos com reverência – Ele devia morrer; a lei exigia isso. Mas pessoalmente Cristo não tinha pecado. Ele era sem pecado; contudo, Ele morreu. E a morte dO Sem Pecado é uma parte definida do plano de Deus. A morte do *pecador* satisfaz a reivindicação da lei.

A morte d*O Sem Pecado* fornece o resgate e liberta o pecador da morte.

Depois que o sumo sacerdote tinha oferecido o novilho e aspergido seu sangue sobre o propiciatório e diante do propiciatório, ele devia matar "o bode da oferta pelo pecado, que é pelo povo, e trará o sangue do bode para dentro do véu, e fará com esse sangue como fez com o sangue do novilho, e o aspergirá sobre o propiciatório, e diante do propiciatório: e fará expiação pelo lugar santo, por causa das imundícias dos filhos de Israel, e por causa das suas transgressões em todos os seus pecados: da mesma maneira fará pelo tabernáculo da congregação, que permanece entre eles no meio das suas imundícias" (Levítico 16:15, 16, KJV).

Já foi notado antes, mas aqui deve ser enfatizado, que o sangue do novilho e o do bode realizavam duas coisas diferentes. O primeiro fazia expiação por Arão e sua casa. O segundo fazia expiação pelo povo e pelo santuário (versos 11, 15 e 16). Nada é dito sobre o sangue do novilho realizando expiação ou purificação do santuário, mas isso é definitivamente declarado do sangue do bode (versos 15 e 16). Isso pode ser explicado pelos motivos a seguir.

Em todos os casos no serviço diário onde o perdão era obtido, a expiação era realizada por meio do sangue e indicava uma transferência de pecados para o santuário. O pecador transferia seus pecados para a vítima que era morta, e o sangue era colocado nas pontas do altar do holocausto, ou nas pontas do altar do incenso e aspergido no lugar santo. O sangue que – por causa do pecado ter sido confessado sobre a vítima – pode ser chamado de sangue carregado de pecado, tipicamente e cerimonialmente contamina o lugar onde é aplicado. É dessa forma que o santuário fica impuro.

Quando o sumo sacerdote saía depois de aspergir o sangue do novilho, ele estava purificado. Quaisquer pecados que ele carregara pelos quais ele fora responsável haviam sido confessados e transferidos para o santuário. Quando ele pisa fora do santíssimo, ele está purificado, livre, santo, um tipo de Cristo, O Sem Pecado. Ele tinha confessado seus pecados, eles haviam sido perdoados, e ele não tem mais nenhuma confissão a fazer por si mesmo.

O bode do Senhor, cujo sangue ele está prestes a aspergir, tipifica O Sem Pecado. Em todas as ofertas feitas durante o ano, a morte de Cristo como o Portador do Pecado era retratada. Aquele que não conheceu pecado, foi feito pecado por nós. No bode no Dia da Expiação, Ele é tipificado como o escolhido de Deus, inocente, imaculado, sem pecado.

Para enfatizar: No bode oferecido no Dia da Expiação, temos uma referência simbólica à morte do Cristo sem pecado, “santo, inocente, imaculado, separado dos pecadores, e feito mais sublime do que os céus” (Hebreus 7:26). Como o sangue do bode não está carregado de pecado ele tem eficácia purificadora e torna possível a purificação do santuário.

A aspersão do sangue dos sacrifícios da manhã e da tarde pela nação “cobria” todo pecado cometido em qualquer parte de Israel naquele dia em particular. O sacrifício diário no altar representava Cristo, que morreu por nós “sendo nós ainda pecadores”; que “Se entregou a Si mesmo por nós, em oferta e sacrifício a Deus, em cheiro suave”; Quem é “a propiciação pelos nossos pecados, e não somente pelos nossos, mas também pelos de todo o mundo” (Romanos 5:8; Efésios 5:2; 1 João 2:2). O holocausto diário é símbolo dAquele que Se entregou pelo pecado do mundo, morrendo por todos os homens,

provendo assim a todos os que virão a Ele para serem salvos. A aspersão do sangue "sobre o altar ao redor" denota a expiação temporária ou provisória fornecida, e também constitui um registro dos pecados cometidos, mas ainda não individualmente expiados.

As ofertas individuais pelo pecado e pela transgressão constituíam, com efeito, um registro dos pecados pelos quais era buscada expiação. Os pecados já haviam sido registrados no serviço diário da manhã e da tarde. Agora os ofensores individuais registram seu arrependimento trazendo as ofertas requeridas, e o sangue é devidamente colocado nas pontas do altar do holocausto, ou nas pontas do altar do incenso e aspergido diante do véu. O sangue assim ministrado registrou pecados confessados. Já foi observado que todos os pecados confessados acabaram chegando ao santuário, pois nos casos em que o sangue não era levado diretamente para o santuário, a carne era comida pelos sacerdotes que assim carregavam o pecado; e quando os sacerdotes ofereciam sacrifícios por si mesmos, esses pecados seriam, com os seus próprios, levados para o lugar santo.

Esse serviço do tabernáculo terrestre representava a obra realizada no santuário celeste, onde é mantido um registro completo dos pecados cometidos e dos pecados confessados. Quando o Dia da Expiação chegava em Israel, todos deveriam ter confessado seus pecados e tido essa confissão registrada em sangue no santuário. Para completar a obra, era agora necessário que o registro fosse removido, que os pecados fossem apagados, para purificar o santuário de sua impureza de sangue. Antes que essa purificação específica fosse feita, o sumo sacerdote entrava no santíssimo com o sangue do novilho e fazia expiação por si e por sua casa. Feito isso,

a obra de purificação começava. O santíssimo era purificado com o sangue do bode e depois o santo. Assim o registro do pecado era apagado. Depois disso, o altar era purificado.

"E daquele sangue espargirá sobre o altar, com o seu dedo, sete vezes, e o purificará das imundícias dos filhos de Israel, e o santificará" (Levítico 16:19). Dessa maneira, ele tinha "acabado de reconciliar o lugar santo, e o tabernáculo da congregação, e o altar" (verso 20, KJV) (verso 20, KJV). Tudo agora está purificado, reconciliado e expiado.

Até agora, no relato, nada foi dito sobre a purificação do povo. Eles já haviam confessado seus pecados. Eles foram perdoados. Apenas o registro de seus pecados permanecia, e nesse dia ele era apagado. O apagar do registro era o último ato na purificação do povo. Eles começavam o ano novo com uma lousa limpa.

Chamaríamos a atenção para mais uma coisa, a saber, a colocação do sangue do novilho nas pontas do altar (verso 18). O sangue do bode ser colocado no altar não é algo que precisa de mais explicações, pois isso era para purificá-lo. Mas por que o sangue do novilho?

O sumo sacerdote representava todo o povo. Ele fazia transações por eles com Deus. Como representante de Cristo, ele tipicamente efetuava a expiação, de modo que, quando sua obra era feita no Dia da Expiação, todo pecado havia sido tratado, e todo pecado confessado apagado. Quando ele, portanto, confessava esses pecados, ele o fazia em nome de Israel e recebia expiação. Por isso foi dito que o sumo sacerdote fazia expiação por eles, para purificá-los, para que eles pudessem ser purificados de todos os seus pecados (verso 30).

Havia, sem dúvida, aqueles em Israel que adiavam sua confissão até que fosse tarde demais para trazer uma oferta individual pelo pecado antes do Dia da Expiação. Eles estavam arrependidos, mas haviam demorado em vir ao santuário. Outros estavam doentes e não podiam vir, ou estavam em uma viagem em terras distantes. Nenhum desses tinha trazido suas ofertas pelo pecado ou pela transgressão. Eles deveriam ser deixados de fora?

Seus pecados foram registrados no sacrifício diário de manhã e à tarde, mas nenhuma confissão havia sido registrada no santuário, porque eles não tinham trazido nenhum sacrifício. O que deveria ser feito? O sumo sacerdote no Dia da Expiação colocava um pouco do sangue nos chifres do altar e registrava, assim, a confissão e o perdão para eles. Ele fez a obra que eles teriam feito se houvesse tempo ou se tivessem sido capazes; e por causa de seu arrependimento, eles foram incluídos na expiação. Desses tais são o ladrão na cruz e outros.

Assim, a obra do Dia da Expiação foi concluída, no que diz respeito a todos os pecados confessados. Todos que confessaram seus pecados e se arrependeram deles tiveram a certeza dos pecados apagados. Eles ouviram os sinos enquanto o sumo sacerdote retomava suas vestes sumo sacerdotais, contando da obra terminada. Eles não eram apenas pecadores perdoados; eles não foram apenas perdoados; eles foram purificados. “Se confessarmos os nossos pecados, ele é fiel e justo para nos perdoar os pecados, e nos purificar de toda a injustiça” (1 João 1:9). O perdão havia sido alcançado no serviço diário; a purificação, no Dia da Expiação. Até mesmo o registro do pecado era apagado. Israel estava purificado.

14. O Bode Emissário

Em nossa análise do Dia da Expiação, omitimos uma parte importante do serviço, que merece tratamento especial, a do bode emissário. Sobre esse assunto, muito tem sido escrito e muitas opiniões diferentes são mantidas. Consideraremos o que acreditamos ser a visão verdadeira e que harmoniza melhor com o propósito geral da expiação.

Lembremos que o sangue do bode do Senhor purificava o lugar santíssimo, o santo e o altar "das imundícias dos filhos de Israel" "e das suas transgressões, e de todos os seus pecados" (Levítico 16:16). (Ver verso 19). Foi enfatizado que isso não era meramente perdão, mas também purificação. O perdão havia sido obtido no serviço diário, quando as ofertas individuais pelo pecado foram trazidas. O sangue tinha então sido ministrado e o pecado perdoado. Repetidamente, é afirmado que "o sacerdote por ele fará expiação do seu pecado, e lhe será perdoado" (Levítico 4:26, 31, 35). O *registro* do pecado permanecia, no entanto, até o Dia da Expiação, quando era finalmente apagado.

Isso é um tipo do que acontece no grande dia do julgamento, do qual o Dia da Expiação era um tipo. Nele, os livros são abertos e os pecados dos justos são apagados (Atos 3:19; Apocalipse 20:12; Daniel 7:10). Aqueles que não têm seus pecados apagados terão seus nomes apagados (Êxodo 32:33; Apocalipse 3:5; Salmos 69:28). Isso significa perdição eterna.

O Bode Emissário

Quando lançavam sortes sobre os dois bodes tomados da congregação, uma sorte era pelo bode do Senhor e outra pelo bode emissário (Levítico 16:8). Alguns acreditam que ambos os bodes eram símbolos de Cristo, representando duas fases de Sua obra expiatória. Outros acreditam que eles representam duas forças opostas, e que, como um é "pelo Senhor", e outro para Azazel, o último representa Satanás. Alguns estudiosos, provavelmente a maioria, sustentam que Azazel é um espírito pessoal, perverso e sobre-humano; outros argumentam que significa "aquele que remove", especialmente "por uma série de atos". Parece mais razoável acreditar que, como um bode é pelo Senhor, um ser pessoal, o outro também é por um ser pessoal. Como os dois bodes são evidentemente antitéticos, a visão mais consistente seria que Azazel deve ser o oposto do Senhor. Ele, então, não poderia ser outro senão Satanás.

Embora acreditemos que o peso da evidência está a favor de considerar Azazel um espírito pessoal e perverso, há certas dificuldades nessa visão que devem ser levadas em consideração. A principal delas é a afirmação de que o bode emissário, "apresentar-se-á vivo perante o Senhor, para fazer expiação com ele, a fim de enviá-lo ao deserto como bode emissário" (Levítico 16:10). Se Azazel significa "um espírito perverso", Satanás, como pode ser possível "fazer expiação com ele"?

Acreditamos que uma análise sobre o oficio do bode emissário fornece uma solução para esse problema.

O bode emissário era colocado em proeminência no Dia da Expiação somente depois que a obra de expiação estava completada.

Depois que Arão tivesse "acabado de fazer expiação pelo santuário, e pela tenda da congregação, e pelo altar, então fará chegar o bode vivo. E Arão porá ambas as suas mãos sobre a cabeça do bode vivo, e sobre ele confessará todas as iniquidades dos filhos de Israel, e todas as suas transgressões, e todos os seus pecados; e os porá sobre a cabeça do bode, e enviá-lo-á ao deserto, pela mão de um homem designado para isso. Assim aquele bode levará sobre si todas as iniquidades deles à terra solitária; e deixará o bode no deserto" (versos 20 a 22).

O sacerdote *acabara* de fazer expiação; o santuário e o altar *haviam sido* purificados; expiação *foi feita*; purificação *foi feita*; então, e não antes, o bode emissário aparecia em seu papel especial. Portanto, o bode emissário não tinha parte na expiação, que já havia sido realizada com o sangue do bode do Senhor. Essa obra estava concluída.

É feita a objeção que, como a iniquidade dos filhos de Israel era colocada na cabeça do bode emissário, nosso argumento não pode estar correto. O texto em questão diz que Arão "porá ambas as suas mãos sobre a cabeça do bode vivo, e sobre ele confessará todas as iniquidades dos filhos de Israel, e todas as suas transgressões, e todos os seus pecados; e os porá sobre a cabeça do bode, e enviá-lo-á ao deserto, pela mão de um homem designado para isso" (verso 21). Vamos considerar isso.

Responsabilidade Partilhada

A maioria dos pecados admite responsabilidade compartilhada. A pessoa que comete o pecado é frequentemente a principal culpada,

mas esse não é o caso sempre. Algumas pessoas são mais vítimas do pecado do que pecadoras. O homem que educa uma criança para roubar não pode escapar da responsabilidade dizendo que ele próprio não rouba. Aquele que atrai uma menina ao pecado, embora não participe ele próprio desse pecado, é culpado. Os pais que falham em inculcar princípios corretos em seus filhos deverão, algum dia, prestar contas. É assim que deve ser. A responsabilidade pelo pecado não é identificada em uma pessoa apenas. Isso é verdade para todos os pecados, exceto os pecados pessoais de Satanás. "Quando ele profere mentira, fala do que lhe é próprio, porque é mentiroso, e pai da mentira" (João 8:44).

Chegamos agora a uma consideração dos pecados que Satanás carrega, dos pecados que os homens carregam e dos pecados que Cristo carrega. Deve-se ter em mente, no entanto, que somente Cristo carrega pecados em expiação substitutiva. Os homens e Satanás carregam pecados a título de merecimento e punição.

Que Satanás deva sofrer por seus pecados pessoais é evidente. Ele é um homicida desde o princípio e o originador do pecado. Se o pecador deve ser punido, Satanás não pode escapar. Sua responsabilidade vai além de seus pecados pessoais, abarca também os pecados que ele levou outros a cometer. Isso envolve todo pecado, seja quem for que tenha cometido. Ele é responsável pelos pecados dos anjos que caíram e é responsável pelos pecados dos homens. Não há pecado cometido em qualquer lugar, no céu ou na terra, pelo qual ele não seja primeiramente responsável. Quer o pecado seja cometido por santo ou pecador, Satanás é o instigador dele. Isso não significa que os anjos que pecaram não terão que sofrer pelo que fizeram; nem significa que os homens estejam sem

responsabilidade. É apenas razoável e justo e que cada pecador carregue a punição de seus pecados até o ponto que for culpado. Satanás não carrega o pecado deles como tal. Eles devem carregar seu próprio pecado. O pecado pelo qual ele será responsabilizado é a sua obra maligna em tentá-los a pecar, incitando-os, atraindo-os para a sua ruína. Isso é frequentemente pior que o próprio pecado.

O princípio da responsabilidade conjunta é ilustrado no pecado de nossos primeiros pais. Satanás tentou-os e eles caíram. Por causa da parte de Satanás no pecado, a serpente foi amaldiçoada; por causa do pecado de Adão e Eva, eles foram banidos do Éden. Deus não considerou Adão e Eva exclusivamente responsáveis, nem os escusou. Satanás era culpado; também o homem. Não havia circunstâncias atenuantes. Todos eram culpados e todos foram punidos, cada um segundo o que merecia. Esse princípio da responsabilidade conjunta, ilustrado no tratamento dado por Deus ao primeiro pecado, ainda é válido. É ordenado por Deus, e sua justiça encontra resposta no próprio senso de direito do homem.

Como Satanás é primeiramente responsável pelos pecados de todos os homens, esses pecados devem finalmente ser colocados sobre ele e ele deve suportar o castigo que lhe é devido. Essa punição não é expiatória; nem é substitutiva; tampouco é de reconciliação, exceto no sentido de que um criminoso expia seus pecados sendo enforcado na forca. Ele simplesmente sofre por seus próprios pecados e por sua influência em fazer outros pecarem. Esse princípio é bem declarado pela Sra. E. G. White quando ela diz: “A punição do pecador será medida pela extensão em que ele influenciou outros na impenitência”. – *The Youth's Instructor*, 9 de maio de 1901. “De todos os pecados que Deus punirá, nenhum é mais ofensivo à Sua

vista do que aquele que incentiva o outro a fazer o mal". – *Patriarcas e Profetas*, página 228. Em harmonia com isso está a afirmação de que Satanás deve suportar "a culpa de todos os pecados que induziu o povo de Deus a cometer". – *O Grande Conflito*, página 485. Colocando essas declarações juntas, descobrimos que Satanás será punido por sua participação nos pecados do impenitente e também por sua participação nos pecados dos justos. Isso é merecido, pois ele é aquele que os levou ao pecado.

Quando os Santos Pecam

A culpa de Satanás é particularmente hedionda no caso de professos cristãos. Nenhum cristão deseja pecar. Ele abomina isso. Mas Satanás o tenta. Mil vezes o homem resiste, e mil vezes Satanás volta. Finalmente o homem cede; ele peca. Mas ele logo se arrepende; ele pede perdão. O pecado foi registrado no céu. Agora o perdão é colocado ao lado. O homem está feliz. Ele está perdoado. Ele colocou seu pecado sobre o grande Portador do Pecado, que voluntariamente o toma sobre Si, paga a pena e sofre a punição devida ao pecador.

Então vem o julgamento final. O pecado é apagado. O registro do homem é limpo. Mas e a parte de Satanás em fazer com que ele caísse? Isso foi expiado? Não foi. Satanás deve pagar por isso ele mesmo com sua vida.

Um incidente que ocorreu anos atrás pode ser de interesse.

Em certa faculdade, um zelador tentava fechar as janelas durante uma convocação na capela. Ele andava silenciosamente pela ala

exterior, com uma longa vara estendida, os olhos fitos nas janelas. Um estudante viu nisto uma excelente oportunidade, que não devia passar desaproveitada. Ao passar o zelador, com toda atenção em seu serviço, o jovem estendeu o pé e, com estrondoso baque, o homem e sua vara foram ao chão. A pronta censura por sua falta de jeito foi, com igual prontidão, retirada quando as circunstâncias foram compreendidas. Um homem caíra. O outro era responsável.

Assim, idealmente, deveria ser com o cristão. Ele pode cair, mas se o fizer deve ser apenas porque Satanás o atraiu para uma armadilha e não por causa de qualquer desejo de sua parte. Nós dizemos *idealmente*. Em muitos casos, o cristão se rende por causa de alguma fraqueza para a qual não há desculpa. Pois, embora um cristão possa cair, não admitimos a necessidade de sua queda. Deus é capaz de mantê-lo, e se Satanás conseguir enganá-lo, sua vida e intenção devem ser tais que ele possa dizer com Paulo: "não sou eu que faço isto, mas o pecado que habita em mim" (Romanos 7:17, 20).

Nós apresentamos esta ilustração, não para levar qualquer um a pensar que pode cair e fugir da responsabilidade por sua queda, mas sim para mostrar que há casos em que Satanás é quase inteiramente responsável, e a culpa pode ser justamente colocada sobre ele.

O leitor que acompanhou o argumento até agora notará que em cada pecado consideramos Satanás culpado em dois pontos:

Primeiro, ele é responsável como o instigador de todo pecado. Quer ele faça pessoalmente a sua obra maligna, como no Jardim do Éden, quer use um de seus agentes – como é geralmente o caso – sua culpa é clara. Mesmo no caso em que o homem está totalmente disposto a pecar, Satanás deve assumir a responsabilidade primária. Assim

como o vendedor de bebidas alcoólicas torna-se parcialmente responsável pelos crimes cometidos por um homem que está sob a influência do licor que ele vendeu, Satanás deve ser responsabilizado por sua parte em todo pecado.

Segundo, Satanás é também responsável pela parte que ele tem no pecado em si. Para usar a ilustração do dono do bar: esse normalmente restringe sua atividade à venda do licor e deixa o homem encontrar sua própria vítima. Mas não Satanás. Ele segue o homem, sugere possíveis vítimas e o ajuda a realizar seus maus desejos. Ele sugerirá à mulher que ela também tome um drinque – não há mal nenhum nisso – e, em pouco tempo, a vontade dela de resistir está quebrada. Satanás assim se torna um participante direto no pecado. Seria injusto afirmar que somente a mulher é culpada. Satanás criou circunstâncias que podem torná-lo ainda mais culpado do que ela. É verdade que ele não cometeu adultério – o homem e a mulher fizeram isso – mas ele estava mais intimamente interessado no pecado, e por mais que o homem e a mulher se arrependam mais tarde, a culpa de Satanás permanece. No julgamento, ele será acusado de pecados que ele não cometeu pessoalmente, mas nos quais ele foi, ainda assim, um participante. Esses pecados serão colocados sobre ele e ele deve assumir sua responsabilidade pelos mesmos.

Cristo Como Portador do Pecado

Alguns concluíram erroneamente que, se os pecados de Israel eram afinal colocados em Satanás, ele deveria ter alguma parte na expiação. Esse é um grande erro. Satanás não tem parte alguma na expiação vicária; os santos não são de forma alguma devedores a

ele; o seu carregar do pecado não está de maneira alguma relacionado à salvação; sua obra é má e apenas má.

Como o Cordeiro de Deus, Cristo carregou o pecado do mundo (João 3:16). Todos os pecados acumulados dos homens foram colocados sobre ele. Ele é "o Salvador de todos os homens, principalmente dos fiéis" (1 Timóteo 4:10).

O sacrifício de Cristo não poderia ser e não estava limitado apenas àqueles que finalmente O aceitariam. Ele incluía todos os homens em suas provisões. Ele levou os pecados de todos os homens, de Caifás, de Judas, daqueles que O pregaram na cruz. Mas Ele os carregou eficazmente somente para aqueles que finalmente O aceitariam. "Mas, a todos quantos o receberam, deu-lhes o poder de serem feitos filhos de Deus, aos que creem no seu nome" (João 1:12).

Mas mesmo aqueles que afinal rejeitam a oferta de salvação têm sido os beneficiários da expiação de Cristo. Nenhum pecador tem qualquer direito inerente à vida, e sua existência continuada e oportunidade de aceitar a salvação é fornecida a ele somente pelo sacrifício no Calvário. Tempo probatório é concedido a ele para tomar sua decisão, e tempo este comprado com sangue. Quando, por fim, ele finalmente e irrevogavelmente decide que não aceitará a vida sob as condições em que ela é oferecida, o dado está lançado e ele deve suportar as consequências. Deus não pode fazer mais por ele. A salvação foi oferecida a ele vez após vez, e ele a desdenhou. O Espírito Santo o deixa. Ele determinou seu próprio caso.

No serviço do santuário, os princípios simples da salvação eram claramente ensinados. Um pecador arrependido trouxe seu cordeiro, colocou a mão em sua cabeça, confessou seu pecado e depois matou

o cordeiro. O sacerdote então ministrou o sangue e comeu da carne, enquanto o homem foi embora perdoado. Ao comer a carne, o sacerdote levou o pecado sobre si mesmo, tornando-se assim um tipo dAquele que se tornou pecado por nós. No Dia da Expiação, o sumo sacerdote, carregando os pecados acumulados do ano, fazia expiação por todos os pecados confessados com o sangue do bode, assim apagando-os de modo que nem mesmo o registro permanecia. O Israel arrependido tinha, naquele dia, não apenas seus pecados perdoados, mas também apagados, e eles não existiam mais. Aqueles que não haviam confessado seus pecados e não haviam recebido o perdão eram extirpados, excomungados, um tipo de sua separação final do favor de Deus e da terra dos viventes.

Essa é a lição simples da salvação ensinada no santuário. No holocausto diário, Israel viu Cristo como o Salvador de todos os homens, um contínuo sacrifício aplicável a todos, provendo temporariamente e provisoriamente por todos os pecados, confessados ou não confessados. Na oferta pelo pecado, eles viram homens aceitando pela fé a salvação oferecida e recebendo perdão. No Dia da Expiação, eles viram o sumo sacerdote fazendo expiação e oferecendo completa purificação para aqueles que já tinham seus pecados perdoados e ainda estavam arrependidos, humildemente curvando-se diante do lugar de habitação de Deus. Com isso, a expiação estava completa e nada precisava ser ou poderia ser acrescentado. Os pecados naquele dia foram apagados, e até o registro se tornava inexistente.

A Natureza do Pecado

O pecado não é uma entidade existente à parte e independente da personalidade; é uma atitude mental, uma disposição, um atributo, uma qualidade de personalidade, um modo de vida, uma perversão do bem. Bondade, amor, misericórdia, ou pecado, ódio e mal podem ser personificados, mas não são existências separadas. O pecado pode jazer à porta; amor e justiça podem se beijar; o mal e a justiça podem lutar até a morte; mas estas são todas personificações e existem apenas em conexão com a personalidade.

Essas verdades são tão evidentes que parece desnecessário declará-las. No entanto, é necessário enfatizar este ponto, em vista do fato de que existem aqueles que aceitam a descrição vívida e a personificação do pecado na Bíblia como prova de sua existência real como uma entidade. Isso faz com que eles acreditem que o pecado ainda existe depois que ele é expiado, eliminado, depois que é posto um fim a ele, anulado, lançado para trás das costas de Deus [Isaías 38:17], lançado nas profundezas do mar [Miquéias 7:19], apagado da memória de Deus [Isaías 43:25]; e que Satanás é a única pessoa que pode aniquilar o pecado. Eles creem que tudo o que Cristo fez quando Ele deu um fim ao pecado, quando Ele morreu na cruz, quando Ele sepultou o pecado, e o que Ele fará quando Ele finalmente os apagar dos livros do registro – tudo isso não vale nada para a destruição e erradicação do pecado do universo. Segundo essa teoria, Satanás é o único que pode extirpar o pecado; e assim ele desempenha um papel vital no plano de salvação.

A confusão que surgiu com relação a esse assunto é baseada em uma má interpretação da declaração de que os pecados são colocados na cabeça do bode emissário. Essa declaração diz:

"Havendo, pois, acabado de fazer expiação pelo santuário, e pela tenda da congregação, e pelo altar, então fará chegar o bode vivo. E Arão porá ambas as suas mãos sobre a cabeça do bode vivo, e sobre ele confessará todas as iniquidades dos filhos de Israel, e todas as suas transgressões, e todos os seus pecados; e os porá sobre a cabeça do bode, e enviá-lo-á ao deserto, pela mão de um homem designado para isso. Assim aquele bode levará sobre si todas as iniquidades deles à terra solitária; e deixará o bode no deserto" (Levítico 16:20-22).

Quatro Interpretações

Quatro diferentes interpretações são dadas a essa declaração. Satanás carrega e é punido pelos (1) pecados confessados dos justos somente, (2) pecados dos ímpios somente, (3) pecados confessados e não confessados de todos os homens, (4) seus próprios pecados e aqueles que ele fez com que outros cometessem.

(1). Para o cristão, é claro que não se deve permitir a Satanás auxiliar Cristo a levar pecados por expiação, nem ajudar nas disposições finais dos pecados que os justos, pela fé, puseram no Cordeiro de Deus e pelos quais Ele sofreu e morreu. Cristo deve fazer uma obra completa, e Satanás não deve ter parte nela. Somente quando o sumo sacerdote tendo "*acabado* de fazer expiação pelo santuário, e pela tenda da congregação, e pelo altar", "então fará chegar o bode vivo" (Levítico 16:20).

Se os pecados colocados sobre Satanás são apenas os pecados dos justos, então esses pecados estão perdoados, são pecados apagados, pecados anulados, pecados cancelados, pecados que são tão brancos

como a neve e a lã, pecados dos quais o aguilhão foi removido, pecados que Deus esqueceu, lançou no mar e para trás de Suas costas – pecados, de fato, que não existem mais. Ora, Satanás levar tais pecados – pecados perdoados, pecados brancos, pecados cancelados, pecados inexistentes – seria uma farsa.

Se perguntarmos: Satanás é *punido* pelos pecados dos justos somente? A resposta ainda seria negativa. Não seria correto punir Satanás pelos pecados dos justos somente e não, também, pelos pecados dos ímpios. Se ele deve ser punido pelos pecados de alguém, ele deve, com justiça, ser punido pelos pecados de quem quer que seja, uma vez que ele é o instigador de todo pecado.

Mas os pecados que os justos cometem e dos quais se arrependem são carregados por Cristo. Ele é Aquele que "tomou sobre si as nossas enfermidades, e as nossas dores levou sobre si" (Isaías 53:4). Ele é Aquele que "foi ferido por causa das nossas transgressões" e "moído por causa das nossas iniquidades"; "o castigo que nos traz a paz estava sobre ele, e pelas suas pisaduras fomos sarados" (verso 5). "O Senhor fez cair sobre ele a iniquidade de nós todos"; "pela transgressão do meu povo ele foi atingido"; "foi contado com os transgressores; mas ele levou sobre si o pecado de muitos" (versos 6, 8 e 12).

Se Satanás sofre pelos pecados dos justos somente, então Cristo e Satanás suportam e sofrem pelos mesmos pecados. Em vista do fato constantemente reiterado na Bíblia de que Cristo levou os nossos pecados e sofreu por eles, estamos seguros em crer que Satanás não os carrega; e que ele ser punido pelos pecados dos justos somente, seria totalmente inadequado.

Assim, rejeitamos a primeira proposição de que Satanás sofre somente pelos pecados confessados dos justos. Esses pecados estão perdoados, apagados, dissolvidos no precioso sangue do Cordeiro. Eles já foram como escarlata, eles eram vermelhos como o carmesim, mas Cristo os fez brancos como a neve. Ora, Satanás levar *esse* tipo de pecado não seria um fardo, mas uma honra. Sustentar que tudo o que Cristo fez na cruz, tudo o que Ele tem feito desde então, em Seu ministério no santuário celestial pelos santos, não serve para a destruição e aniquilação dos pecados dos santos, mas que eles ainda existem e são finalmente destruídos somente em Satanás – tal raciocínio torna Satanás uma parte necessária da expiação pelos justos, o que é uma posição insustentável. Cristo deve Ele mesmo terminar a obra da expiação, Ele deve pisar sozinho o lagar [Isaías 63:3, Apocalipse 14:20] e não se deve permitir que Satanás o auxilie de alguma forma. Aqueles que sustentam a visão contrária, que exigem que Satanás conclua a obra para os santos que Cristo iniciou, tornam Satanás necessário. Sem ele, eles não podem eliminar os pecados dos justos, cuja eliminação é a parte mais vital da expiação.

(2). A segunda proposição também deve ser rejeitada como inconsistente, de certa forma pelas mesmas razões que a primeira. Certamente, Satanás não poderia ser responsabilizado pelos pecados dos ímpios apenas, e escapar da punição pelos pecados que levou os justos a cometer. Se considerarmos que os homens são responsáveis por sua influência e pelos pecados que levam outros a cometer, não podemos considerar Satanás inocente quando ele tenta os ímpios não mais do que quando tenta os justos. Ele é culpado em ambos os

casos. Pode, de fato, haver graus de culpa; mas sob nenhuma circunstância Satanás pode ser considerado sem culpa.

(3 e 4). Em vista do fato de que Satanás é primeiramente responsável por todo pecado, ele, portanto, carrega todos os pecados, e é punido por todo pecado? Isto, à primeira vista, parece uma conclusão razoável; ainda assim, precisa ser cuidadosamente declarada e interpretada, para que não seja mal entendida e que não haja pecados deixados para Cristo levar. Alguns erraram nisso não intencionalmente e colocaram todos os pecados em Satanás, deixando pouco espaço para a expiação de Cristo. Qualquer verdadeira teoria da redenção deve dar a Cristo não apenas o primeiro lugar na expiação, mas o único lugar, e qualquer parte que Satanás possa desempenhar deve estar inteiramente separada da obra de Cristo por Seus santos.

Como a proposição 3 está intimamente ligada à proposição 4, pode ser melhor considerá-las juntas para obter uma imagem geral de exatamente quais pecados são colocados no bode emissário e porque eles são colocados sobre ele.

Já observamos que o levar os pecados não tem o mesmo significado no caso de Satanás e no de Cristo. Se olhamos para o tipo, vemos que quando o pecado era transferido para qualquer sacrifício, isso significava a morte do animal. O animal levava o pecado com a perspectiva final do apagamento desse pecado, e em cada caso seguia-se a morte. Quando Cristo levou nossos pecados, quando nossas iniquidades foram lançadas sobre Ele, Ele os levou à cruz, Ele morreu para que nós pudéssemos viver.

Não é assim quando Satanás leva o pecado. Embora o bode emissário tenha morrido em algum momento, a Escritura é muito

cuidadosa em não mencionar esse fato, a fim de que alguns não possam tirar conclusões erradas. Quando os pecados eram colocados sobre o bode emissário, não havia morte subsequente, nem aspersão de sangue, nem queima da gordura sobre o altar, nem comer da carne, nem ministração sacerdotal de qualquer espécie. Nem mesmo um sacerdote levava o bode emissário embora, e o homem que o fazia não poderia entrar no acampamento novamente até que tivesse lavado suas roupas e banhado sua carne na água (Levítico 16:26). Tudo isso é registrado para enfatizar o fato de que o bode emissário servia a um propósito inteiramente diferente daquele do bode do Senhor. Devemos ter isso em mente quando consideramos o lugar do bode emissário na eliminação final do pecado.

Uma Ilustração

Uma ilustração pode servir para esclarecer como a culpa é dividida. Em qualquer pecado, pelo menos três indivíduos estão envolvidos: o pecador, Satanás e Cristo. Como os pecados são ordinariamente instigados por Satanás através de algum agente dele, quatro pessoas estão normalmente envolvidas.

Vamos considerar o caso da mulher anteriormente referida. Ela e o homem são os transgressores e merecem punição. O adultério no Antigo Testamento era punido com a morte, e disso eles são culpados. Compartilhando a culpa deles está Satanás. Ele tentou o homem, tentou a mulher e é culpado em ambos os pontos. Todos os três são dignos de morte. Os homens podem não saber da transgressão, mas Deus sabe.

Depois de algum tempo, a mulher se arrepende, busca a Deus sinceramente e recebe perdão. No dia do julgamento – ou, como no tipo do Dia da Expiação – seu pecado é apagado, e até mesmo o registro não existe mais. Ela está diante de Deus como se nunca tivesse pecado; ela está vestida com um manto puro e branco, ela é uma nova criatura em Cristo Jesus. Seus pecados, que eram muitos, estão lavados no sangue do Cordeiro; a velha natureza pecaminosa está enterrada nas águas batismais; ela é uma nova criatura com um novo nome; todas as coisas velhas são esquecidas e todas as coisas se tornaram novas [2 Coríntios 5:17].

O que aconteceu? A pena de morte que pairava sobre ela foi removida. Cristo morreu por ela, morreu em seu lugar. Ele tomou sobre Si a punição que lhe era devida. Ele sofreu por causa dela, e por suas pisaduras ela foi sarada. A velha vida é uma coisa do passado. Ela é uma nova criatura. Cristo levou seus pecados com Ele para a sepultura; lá Ele pagou a pena; lá Ele fez "dar fim aos pecados"; e lá, através da morte, Ele destruiu "o que tinha o império da morte, isto é, o diabo" (Daniel 9:24; Hebreus 2:14).

Parece quase incongruente perguntar o que aconteceu com o pecado dela, seu adultério. No entanto, esta questão deve ser respondida por aqueles que acreditam na existência do pecado independente da personalidade. O que *aconteceu* com o pecado dela? Ele simplesmente deixou de existir. Quando ela, pela graça de Deus, desistiu de seu pecado, quando ela recebeu perdão e a *purificação*, quando ela obedeceu à admoestação: "Vá e não peques mais", o pecado chegou ao fim; não havia mais pecado, não mais impureza, não mais transgressão. Tudo tinha desaparecido. Cristo tinha feito

uma obra completa. Na conclusão do julgamento, até mesmo o registro é apagado, e o pecado não pode mais vir à mente.

O que aconteceu nesse caso suposto acontece no caso de toda pessoa verdadeiramente convertida; Cristo assume toda a carga. Ele toma o pecado e sua punição, Ele perdoa e purifica, Ele cria um novo coração e mente, e o pecador se torna uma criatura inteiramente nova. Em tudo isso, Satanás não tem parte alguma.

Mas o que acontece com Satanás? Ele escapa da punição porque a mulher se arrependeu? De jeito nenhum. Sua culpa não é diminuída pela mudança de coração dela. Ele deve sofrer por sua parte em tentá-la e levá-la ao pecado. Ele é responsável por colocar os maus desejos no coração do homem e incitá-lo a tentar a mulher. Por isso ele deve sofrer. Ele não sofre pela parte do homem no pecado. O próprio homem sofre por isso. Ele não sofre pela parte da mulher no pecado. Ela deve sofrer por isso, a menos que se arrependa e se volte para Deus, caso em que Cristo assume seu fardo. O que Satanás sofre é *sua parte* no pecado. Sua pecaminosidade é primária; ele instigou o pecado; ele fez com que os outros pecassem e por isso ele sofre. Os outros sofrem pelo próprio pecado.

O caso, portanto, é este: Satanás sofre por seus próprios pecados, aqueles que ele cometeu pessoalmente e aqueles que ele levou outros a cometer. O pecador sofre por seus próprios pecados, por aqueles que ele cometeu pessoalmente e por aqueles que ele causou outros a cometer.

O pecador que se arrepende lança-se sobre a misericórdia de Deus. Cristo toma seus pecados, carrega-os, sofre e morre por eles, e o pecador é libertado. Cristo paga a pena devida pelos pecados e a redenção é alcançada. O pecador é restaurado total e completamente

ao amor e favor de Deus, e está diante de Deus como se nunca tivesse pecado.

É depois que essa obra de expiação está completada que o bode emissário aparece para ter pecados colocados sobre ele. Estes são os pecados que ele causou outros a cometer, os pecados nos quais ele tem responsabilidade conjunta. O pecador mesmo deve suportar seus próprios pecados e sofrer por eles, ou pode lançar seu fardo sobre o Senhor, mas em nenhum dos casos Satanás pode fugir da responsabilidade primeira. Ele é culpado em todo pecado, e o arrependimento do homem não diminui a culpa de Satanás. Por isso, "Arão porá ambas as suas mãos sobre a cabeça do bode vivo, e sobre ele confessará todas as iniquidades dos filhos de Israel, e todas as suas transgressões, e todos os seus pecados; e os porá sobre a cabeça do bode, e enviá-lo-á ao deserto, pela mão de um homem designado para isso. Assim aquele bode levará sobre si todas as iniquidades deles à terra solitária; e deixará o bode no deserto" (Levítico 16:21, 22).

Os pecados confessados já tinham sido eliminados. Arão já havia "acabado de fazer expiação pelo santuário, e pela tenda da congregação, e pelo altar" (verso 20). Ele fez uma "expiação no santuário" (santíssimo), "expiação por si mesmo, e pela sua casa, e por toda a congregação de Israel" (verso 17). Então, e não antes, o bode é utilizado. Os pecados que são colocados na cabeça do bode emissário não são os pecados expiados, os pecados brancos, cancelados, os pecados inexistentes: são a parte de Satanás em todos esses mesmos pecados, a parte pela qual nenhuma expiação foi feita e pela qual não houve provisão no bode do Senhor. Satanás carrega seus próprios pecados pessoais e também uma parte de todos os

pecados pelos quais ele é responsável. Esses incluem “todas as iniquidades dos filhos de Israel, e todas as suas transgressões, e todos os seus pecados” (verso 21).

Desta forma, há provisão para todo pecado. Cristo carrega e anula, em Seu próprio corpo, todos os pecados confessados de Seu povo; o pecador impenitente que não aceita a Cristo como seu portador do pecado carrega seu próprio pecado; Satanás carrega seus próprios pecados e, além disso, o terrível peso da culpa de todos os pecados que levou outros a cometer. Se a isto somarmos os pecados dos anjos que caíram, temos uma completa e justa eliminação de todo pecado neste mundo e no universo.

Os Dois Bodes

Na visão aqui apresentada, temos nos dois bodes prefigurados o completo extermínio do pecado. O primeiro bode representa Cristo, que não é apenas o Salvador do mundo, o divino Filho de Deus, mas também o representante do homem, o segundo Adão. Ele é um tipo de todos que serão salvos. O segundo bode representa Satanás, que não é apenas o primeiro pecador e o instigador de todo pecado, mas também o representante *do pecador*. Ele é um tipo de todos que se perderão. As pessoas podem escolher um deles como seu representante.

Se eles escolheram o bode do Senhor, identificaram-se com Cristo e através dEle receberam perdão e purificação; “Porque naquele dia se fará expiação por vós, para purificar-vos; e sereis purificados de todos os vossos pecados perante o Senhor” (Levítico 16:30). Quando a obra terminava, o santuário estava purificado, o

sacerdócio estava purificado e o povo estava purificado, de *todos* os seus pecados.

Se, por outro lado, se aliassem ao bode emissário, eles não tinham parte na expiação. Durante todo o serviço, o bode emissário ficava amarrado diante da porta do tabernáculo, aguardando sua condenação. Quando a expiação terminava, o bode emissário era levado adiante pelo sumo sacerdote, que pegava todos os pecados para os quais não havia provisão na morte sacrificial do bode do Senhor, confessava esses pecados e os colocava sobre a cabeça do bode, que era então enviado ao deserto. Ao verem o bode sendo levado embora, não numa marcha triunfante encabeçada pelo sumo sacerdote, mas numa lamentável procissão conduzida por um homem designado para isso, viram em figura o destino, não apenas de Satanás, mas de cada um que vira as costas para Deus. O bode carregado de pecado era levado à sua destruição, mais e mais longe da casa de Deus e da congregação de Israel, para perecer sozinho no deserto, longe do acampamento de Deus.

Como um criminoso é levado à forca, o bode, com uma corda em volta do pescoço, era levado à destruição. Como um criminoso assim expiava sua transgressão, da mesma forma o bode expiava – não expiação para salvação, mas expiação punitiva à morte.

Erradicação Final do Pecado

O dia do juízo final inclui não apenas a eliminação dos pecados dos justos, mas também a erradicação do pecado do universo. Ele inclui colocar sobre a cabeça de Satanás todo pecado pelo qual ele é responsável, e a “extirpação” de todos os que não afligiram suas

almas. De igual maneira, no serviço do santuário os pecados eram colocados na cabeça do bode emissário depois que a purificação do santuário tinha sido concluída. Então aqueles que não haviam se arrependido eram "extirpados" (Levítico 16:20-22; 23:29).

"Quando se completava o ministério no lugar santíssimo, e os pecados de Israel eram removidos do santuário em virtude do sangue da oferta pelo pecado, o bode emissário era então apresentado vivo perante o Senhor; e na presença da congregação o sumo sacerdote confessava sobre ele 'todas as iniquidades dos filhos de Israel, e todas as suas transgressões, segundo todos os seus pecados', pondo-os sobre a cabeça do bode. Levítico 16:21. Semelhantemente, ao completar-se a obra de expiação no santuário celestial, na presença de Deus e dos anjos do Céu e do exército dos remidos, serão então postos sobre Satanás os pecados do povo de Deus; declarar-se-á ser ele o culpado de todo o mal que os fez cometer. E assim como o bode emissário era enviado para uma terra não habitada, Satanás será banido para a Terra desolada, que se encontrará como um deserto despovoado e horrendo". – *O Grande Conflito*, página 658.

"Como o sacerdote, ao remover do santuário os pecados, confessava-os sobre a cabeça do bode emissário, semelhantemente Cristo porá todos esses pecados sobre Satanás, o originador e instigador do pecado. O bode emissário, levando os pecados de Israel, era enviado 'à terra solitária' (Levítico 16:22); de igual modo Satanás, levando a culpa de todos os pecados que induziu o povo de Deus a cometer, estará durante mil anos circunscrito à Terra, que então se achará desolada, sem moradores, e ele sofrerá finalmente a pena completa do pecado nos fogos que destruirão todos os ímpios.

Assim o grande plano da redenção atingirá seu cumprimento na extirpação final do pecado e no livramento de todos os que estiverem dispostos a renunciar ao mal". – *Ibid.*, páginas 485 e 486.

O Dia da Expiação era o grande dia em Israel. Naquele dia, as pessoas se dividiam em dois grupos. O primeiro grupo afligia sua alma. Eles já haviam confessado seus pecados; eles tinham feito restituição e trazido sua oferta. Agora eles esperavam o resultado. Quando os sinos do sumo sacerdote eram ouvidos assim que ele terminava a obra da expiação, eles sabiam que tudo estava bem. Deus os tinha aceito. Seus pecados foram apagados.

O outro grupo não tinha parte na expiação. Eles não haviam afligido suas almas. Eles não tinham confessado nem feito restituição. Agora seus pecados retornaram sobre suas próprias cabeças. Eles foram "extirpados".

Assim, o Dia da Expiação era o grande dia da divisão. Cada pessoa fez sua própria decisão, e essa decisão determinou seu destino. Quando o dia acabava, o acampamento estava purificado. Uma de duas coisas tinha acontecido: o pecado havia sido removido do pecador, ou ele próprio havia sido removido. Em ambos os casos, o acampamento estava puro.

Assim será no fim do mundo. "E será que aquele que for deixado em Sião, e ficar em Jerusalém, será chamado santo; todo aquele que estiver inscrito entre os viventes em Jerusalém" (Isaías 4:3). Deus purificará novamente Seu povo. Aqueles que permanecerem em Sião serão santos, "todo aquele que estiver inscrito entre os viventes em Jerusalém". O resto será sacudido, extirpado.

O afastamento do bode emissário deve ter sido um momento solene para todo o Israel. Nele, cada homem tinha uma ilustração vívida do que aconteceria com ele, ao falhar em seu dever para com Deus. Expulso do acampamento, para o deserto, sozinho e abandonado, presa da fome e da sede, do calor de dia e do frio à noite, rodeado de animais selvagens e outros perigos da noite, carregado de pecado e com a maldição de Deus repousando sobre ele – este era o destino do bode emissário, e este seria o destino das pessoas que se afastaram de Deus. A lição deve ter sido vívida e poderosa, e não facilmente esquecida.

15. Festas e Santas Convocações

No vigésimo terceiro capítulo de Levítico estão registradas as festas e as santas convocações que o Senhor ordenou que Seu povo observasse. São sete, ao todo. Três delas são os grandes festivais do ano – a Páscoa, o Pentecostes e a Festa dos Tabernáculos. Destes está escrito: "Três vezes no ano todo o homem entre ti aparecerá perante o Senhor teu Deus, no lugar que escolher, na festa dos pães ázimos, e na festa das semanas, e na festa dos tabernáculos; porém não aparecerá vazio perante o Senhor" (Deuteronômio 16:16). (Veja também Êxodo 23:17; 34:23).

As duas palavras usadas para denotar "festas" e "santas convocações" diferem consideravelmente em seu significado. *Hag*, que se aplica especialmente às três festas indicadas, significa "uma ocasião alegre, um festival, uma festa". *Mo'ed*, por outro lado, faz referência a tempos designados, observâncias definidas, santas convocações ou reuniões solenes. Um exemplo de *Mo'ed* seria o Dia da Expiação, que não era uma festa ou festival em qualquer sentido da palavra, mas uma santa convocação (Levítico 23:26-32).

Além da Páscoa, do Pentecostes, da Festa dos Tabernáculos e do Dia da Expiação, havia três outras: a Festa das Trombetas, que ocorria no primeiro dia do sétimo mês, a Festa dos Pães Ázimos e a Festa das Primícias (versos 24, 6 e 9-14; Êxodo 12:17; Números 28:17). As duas últimas festas citadas eram celebradas em ligação com a observância da Páscoa, mas são claramente mencionadas como distintas (Êxodo 12:12, 15, 17; Números 28:16, 17; Levítico 23:9-14). Como são mencionadas separadamente, e como têm um

significado especial, estamos colocando-as entre as sete festas do Senhor.

A Páscoa era observada no décimo quarto dia do primeiro mês, a Festa dos Pães Ázimos começava no décimo quinto dia do mesmo mês, e as primícias eram movidas no décimo sexto dia (Levítico 23:5, 6, 11). As primeiras três festas, portanto, vinham no primeiro mês do ano. As últimas três festas vinham no sétimo mês: a Festa das Trombetas no primeiro dia, o Dia da Expiação no décimo dia, e a Festa dos Tabernáculos no décimo quinto dia (versos 24, 27 e 39). A Festa de Pentecostes vinha entre esses dois grupos de festas, cinquenta dias a partir do "dia seguinte ao sábado", pelo que se entende o décimo sexto dia de Abibe, o primeiro mês. Isso traria o Pentecostes na primeira parte ou no meio do terceiro mês do ano judaico, nosso maio ou junho (versos 15 e 16).

A Páscoa

A Páscoa foi instituída como um memorial da libertação de Israel da servidão egípcia. No décimo dia do primeiro mês, um cordeiro era selecionado para cada família "conforme ao número das almas", ou, se a casa fosse pequena, duas ou mais famílias poderiam se unir em torno de um sacrifício. O cordeiro era mantido até o décimo quarto dia, quando era morto à tarde, e o sangue era aspergido nas ombreiras da porta e na verga (Êxodo 12:1-7). Na mesma noite a carne era comida, não cozida como de costume, mas assada. Somente pão ázimo poderia ser usado, e "com ervas amargosas a comerão" (verso 8). Nos anos posteriores houve algumas modificações desse ritual, mas os pontos essenciais permaneceram os mesmos.

O sacrifício da Páscoa é distinguido por ser chamado "Meu sacrifício" (Êxodo 23:18; 34:25). Conquanto provavelmente não seja melhor enfatizar tal expressão, ela é pelo menos digna de nota. A Páscoa comemorava a partida de Israel do Egito. O Novo Testamento a torna também uma ordenança prospectiva. "Cristo, nossa páscoa, foi sacrificado por nós" (1 Coríntios 5:7). Com essa representação simbólica em mente, algumas analogias são facilmente percebidas. Na crucificação, nenhum osso do corpo de Cristo foi quebrado (João 19:36). Nenhum osso do cordeiro pascal devia ser quebrado (Êxodo 12:46; Números 9:12). A Páscoa era morta no décimo quarto dia de Abibe e comido na mesma noite (Êxodo 12:6-10). Cristo morreu no tempo da Páscoa (João 19:14). O espargir do sangue significava um "passar por cima" em misericórdia, um livramento da morte (Êxodo 12:13). Igualmente, por meio de Seu sangue, houve um "passar por cima" dos pecados dantes cometidos (Romanos 3:25). O sacrifício da Páscoa era um cordeiro (Êxodo 12:3). Igualmente, Cristo era "o Cordeiro de Deus" (João 1:29). O cordeiro devia ser sem defeito (Êxodo 12:5). Igualmente, Cristo era sem defeito (1 Pedro 1:19). A carne do cordeiro devia ser comida (Êxodo 12:7). Igualmente, devemos participar de Sua carne (João 6:51).

Intimamente ligada à Páscoa, ainda que distinta dela, estava a Festa dos Pães Ázimos. As duas festas eram na realidade parte da mesma observância, de modo que os nomes são usados de forma intercambiável; entretanto, quanto ao propósito elas eram um pouco distintas. O mandamento de Deus era explícito sobre o que deveria ser feito. "Sete dias comereis pães ázimos; ao primeiro dia tirareis o fermento das vossas casas; porque qualquer que comer pão

levedado, desde o primeiro até ao sétimo dia, aquela alma será cortada de Israel" (Êxodo 12:15). O comentário de Deus sobre isso é: "Por isso façamos a festa, não com o fermento velho, nem com o fermento da maldade e da malícia, mas com os ázimos da sinceridade e da verdade" (1 Coríntios 5:8).

A Páscoa e a Festa dos Pães Ázimos são frutíferas em seus ensinamentos das verdades do evangelho. No cordeiro morto, foi feita provisão para salvar o primogênito. Mas a morte do cordeiro não era suficiente para assegurar a salvação. Era preciso pôr o sangue nos umbrais e na verga da porta. Deveria haver aplicação individual do sacrifício. A aspersão do sangue era tão importante quanto a morte do cordeiro. No entanto, isso não era suficiente. A carne devia ser comida e devia ser comida em condições adequadas. "Assim pois o comereis: Os vossos lombos cingidos, os vossos sapatos nos pés, e o vosso cajado na mão: e o comereis apressadamente: esta é a páscoa do Senhor" (Êxodo 12:11). E mesmo isso não era suficiente. Todo o fermento devia ser removido. "Qualquer que comer pão levedado, aquela alma será cortada da congregação de Israel, assim o estrangeiro como o natural da terra" (verso 19).

A Páscoa é um símbolo da morte de Cristo. Ele é a nossa Páscoa (1 Coríntios 5:7). Na cruz, Ele morreu por nós. Provisão foi feita ali para que todo aquele que cumpre as condições seja salvo. Mas a cruz em si mesma não salva ninguém. Ela apenas provê salvação. Deve haver aplicação individual do sangue oferecido. A ordem para Israel era: "tomai um molho de hissopo, e molhai-o no sangue que estiver na bacia, e passai-o na verga da porta, e em ambas as ombreiras, do sangue que estiver na bacia; porém nenhum de vós

saia da porta da sua casa até à manhã" (Êxodo 12:22). A promessa era que, se eles fizessem isso, então, quando o Senhor visse "o sangue da verga da porta, e em ambas as ombreiras, o Senhor passará aquela porta, e não deixará ao destruidor entrar em vossas casas, para vos ferir" (verso 23).

As provisões aqui mencionadas salvaram o primogênito do anjo destruidor. A morte do cordeiro proveu os meios de salvação; a aplicação do sangue tornou eficaz os meios providos. Ambos eram necessários.

Uma coisa é ser salvo da morte. Outra é ter os meios de sustentar a vida: isso foi provido positivamente no comer da carne, negativamente na abstenção do fermento. Cristo diz: "Eu sou o pão vivo que desceu do céu; se alguém comer deste pão, viverá para sempre: e o pão que Eu der é a Minha carne, que Eu darei pela vida do mundo" (João 6:51). Foi dito a Israel que assasse o cordeiro inteiro. A ordem era "assado ao fogo: a cabeça com os pés e com a fressura" (Êxodo 12:9). Cada família deveria reunir um número suficiente de pessoas para que toda a carne fosse comida (verso 4). Nada deveria ser levado para fora da casa, e nada deixado até a manhã. O que quer que restasse daquelas partes que não pudesse ser comido deveria ser queimado (versos 10 e 46). Isso prefiguraria nada mais do que uma assimilação inteira dAquele que o cordeiro representava por aqueles para quem o sangue foi derramado. Significa a inteira identificação de Cristo e do crente. Significa a aceitação da plenitude de Deus.

O fermento deveria ser inteiramente excluído. Nós não somos deixados em dúvida quanto ao significado espiritual do fermento. Significa malícia e maldade (1 Coríntios 5:8). Representa a falsa

doutrina, conforme exemplificado nos ensinamentos dos fariseus, dos saduceus e dos herodianos (Mateus 16:6; Marcos 8:15). O fermento dos fariseus é a ganância e a injustiça (Mateus 23:14), o espírito de quem não faz o que é direito e não deixa os outros fazerem (verso 13), falso zelo (verso 15), estimativas erradas de valores espirituais (versos 16 a 22), omissão de juízo, misericórdia e fé (verso 23), vãos escrúpulos (verso 24), hipocrisia (versos 25 a 28), intolerância (versos 29 a 33), crueldade (versos 34 a 36). O fermento dos saduceus é o ceticismo (Mateus 22:23), a falta de conhecimento das Escrituras e do poder de Deus (verso 29). O fermento dos herodianos é a bajulação, o mundanismo e hipocrisia (versos 16 a 21) e tramar o mal contra o servo de Deus (Marcos 3:6).

O equivalente da páscoa no Novo Testamento é encontrado na ceia do Senhor, o serviço da comunhão. Depois que Cristo veio, não haveria mais virtude em matar o cordeiro pascal, prefigurando Sua vinda. Mas haveria virtude em comemorar o sacrifício do Calvário e seu poder mantenedor. Por essa razão, o Senhor instituiu a refeição sacrificial da comunhão para recordar os fatos de nossa salvação e as provisões feitas na cruz. Como seu protótipo, ela aponta ao mesmo tempo para trás e para frente. Devemos lembrar o Calvário "até que Ele venha" (1 Coríntios 11:26, KJV).

"Aqueles símbolos se cumpriram, não somente quanto ao acontecimento mas também quanto ao tempo. No dia catorze do primeiro mês judaico, no mesmo dia e mês em que, durante quinze longos séculos, o cordeiro pascal havia sido morto, Cristo, tendo comido a Páscoa com os discípulos, instituiu a solenidade que deveria comemorar Sua própria morte como o 'Cordeiro de Deus

que tira o pecado do mundo.' Naquela mesma noite Ele foi tomado por mãos ímpias, para ser crucificado e morto. E, como o antítipo dos molhos que eram agitados, nosso Senhor ressurgiu dentre os mortos ao terceiro dia, como — 'as primícias dos que dormem' (1 Coríntios 15:20), exemplo de todos os ressuscitados justos, cujo 'corpo abatido' será transformado, 'para ser conforme o Seu corpo glorioso.' Filipenses 3:21." – *O Grande Conflito*, página 399.

A apresentação das primícias era uma parte da celebração dos dias dos pães ázimos. A apresentação acontecia no "dia seguinte ao sábado", o décimo sexto dia de Abibe (Levítico 23:11). Esse dia não era um dia de santa convocação, nem era um sábado; não obstante, uma obra importante era feita nesse dia. No décimo quarto dia de Abibe, uma certa porção de um campo de cevada era marcada para ser cortada em preparação para a apresentação no décimo sexto dia. Três homens selecionados cortavam a cevada na presença de testemunhas, havendo já atado os feixes antes de os cortar. Uma vez cortados, os feixes eram todos juntos em um molho e apresentados perante o Senhor, como um "molho das primícias". "Ele moverá o molho perante o Senhor, para que sejais aceitos; no dia seguinte ao sábado o sacerdote o moverá" (Levítico 23:11). Além disso, "um cordeiro sem defeito", e uma oferta de alimentos misturada com óleo, e uma oferta de libação eram oferecidas a Deus (versos 12 e 13). Até que isso fosse feito, Israel não podia começar a usar qualquer um dos frutos do campo.

Esta oferta era uma oferta de aceitação. Era uma apresentação das primícias; sem dúvida, ela faz referência, em primeiro lugar, a "Cristo as primícias, depois os que são de Cristo, na Sua vinda" (1 Coríntios 15:23).

Se resumirmos os ensinamentos da observância da Páscoa, temos as seguintes reflexões: A Páscoa é um símbolo da morte de Cristo. Como o cordeiro pascal morria, assim Cristo morreu. O sangue do cordeiro livrou o antigo Israel do anjo destruidor. O sangue de Cristo agora reconcilia.

A Páscoa é um símbolo da ressurreição, como tipificado no molho movido. O tipo é perfeito até em relação ao tempo. O cordeiro morria na tarde do décimo quarto dia de Abibe. No décimo sexto dia, no "dia seguinte ao sábado", as primícias, que haviam sido cortadas anteriormente, eram apresentadas perante o Senhor. Cristo morreu sexta à tarde. Ele descansou na sepultura durante o sábado. No "dia seguinte ao sábado", "Cristo, as primícias", foi ressuscitado dos mortos e Se apresentou perante o Senhor para aceitação. O "dia seguinte ao sábado" não era "uma santa convocação" ou um sábado, seja em tipo ou antítipo, mas nele uma obra importante era feita, a qual talvez precise de amplificação.

Quando Cristo se levantou no primeiro dia da semana, era necessário que Ele ascendesse ao Pai para ouvir as palavras da aceitação de Deus do sacrifício. Na cruz, Sua alma esteve em trevas. O Pai escondeu o rosto dele. Em desespero e agonia, Ele clamou: "Deus meu, Deus meu, por que me desamparaste?" (Mateus 27:46).

Agora, tivera lugar à ressurreição. A primeira coisa que Cristo deveria fazer era aparecer na presença do Pai e ouvir dEle as abençoadas palavras de que Sua morte não fora em vão, mas que o sacrifício fora aceito como amplamente suficiente. Portanto, ele deveria ascender aos céus, acima, e ouvir do próprio Pai as palavras de segurança; então Ele devia voltar à terra novamente para aqueles

que ainda estavam tristes por Sua morte, não sabendo que Ele havia sido ressuscitado, e mostrar-Se abertamente. Assim Ele fez.

A Páscoa é típica da comunhão. O comer do cordeiro pascal reunia famílias e vizinhos. Era uma refeição comunal que tipificava a libertação. Uma troca tinha sido efetuada; seu primogênito foi poupado porque o cordeiro morreu. Tal libertação exigia a consagração. Todo pecado devia ser posto de lado. Não deveria haver fermento em nenhum lugar. Cada canto devia ser examinado, em cada recanto buscados os vestígios dele. "Santidade ao Senhor". Nada menos seria aceito.

Tudo isso e mais a Páscoa significava para Israel do passado. Como a ceia do Senhor é o substituto do Novo Testamento para "a Páscoa do Senhor", ela não deveria significar menos para nós do que significava para eles. Há um grave perigo de esquecermos ou deixarmos de apreciar as maravilhosas bênçãos que Deus reservou para aqueles que "dignamente" participam das ordenanças da casa do Senhor [1 Coríntios 11:27-29]. Faríamos bem em estudar a Páscoa como dada a Israel, para que possamos apreciar mais o Cristo que é nosso verdadeiro Cordeiro Pascal, e cuja morte é comemorada no serviço da comunhão.

Pentecostes

O Pentecostes acontecia cinquenta dias depois da apresentação do molho movido no décimo sexto dia de Abibe. A partir desse dia, "contareis cinquenta dias: então oferecereis nova oferta de alimentos ao Senhor. Das vossas habitações trareis dois pães de movimento;

de duas dízimas de farinha serão, levedados se cozerão; primícias são ao Senhor" (Levítico 23:16 e 17).

Enquanto o molho movido era apresentado no início da colheita, antes que coisa alguma da nova produção fosse usada, o Pentecostes vinha no final da colheita de todos os grãos, não apenas de cevada, como no caso do molho movido, e representava o alegre reconhecimento da dependência de Israel a Deus como o doador de todas as boas dádivas [Tiago 1:17]. Desta vez, não era um molho que se apresentava, mas dois pães de farinha movidos, cozidos com fermento, juntamente com "sete cordeiros sem defeito, de um ano, e um novilho, e dois carneiros" (verso 17 e 18). Isso era acompanhado por um bode para oferta pelo pecado e dois cordeiros por oferta pacífica (verso 19).

Na celebração da Páscoa, era particularmente ordenado que nenhum fermento fosse comido ou encontrado. No Pentecostes deviam ser apresentados dois pães que "levedados se cozerão" (verso 17). O molho movido é "Cristo, as primícias". Ele era sem pecado. O pão não é a criação imediata de Deus. É parcialmente trabalho do homem. É imperfeito; é misturado com fermento. Mas é aceito. Era movido "perante o Senhor, com os dois cordeiros; santos serão ao Senhor para uso do sacerdote" (verso 20).

O Pentecostes é um símbolo do derramamento do Espírito Santo. Assim como os pães se ofereciam cinquenta dias depois que o molho movido era apresentado, assim passaram-se exatos cinquenta dias entre a ressurreição de Cristo e o derramamento do Espírito no Pentecostes (Atos 2:1-4). Quarenta desses dias Cristo passou na Terra instruindo e ajudando Seus discípulos (Atos 1:3). Então Ele subiu, e por dez dias os onze discípulos continuaram em oração e

súplica até “cumprir-se o dia de Pentecostes”. Com o Pentecostes veio a plenitude do Espírito.

Esses dez dias foram importantes para a igreja na terra. Eles também foram importantes no céu. Quando Cristo subiu “ao alto, levou cativo o cativeiro, e deu dons aos homens” (Efésios 4:8). Aqueles que haviam ressuscitado na morte de Cristo “saindo dos sepulcros, depois da ressurreição dEle” subiram com Ele ao céu e foram então apresentados diante do Pai como uma espécie de primícias da ressurreição (Mateus 27:52, 53).

Festa das Trombetas

A Festa das Trombetas acontecia no primeiro dia do sétimo mês, e era preparatória para o Dia da Expiação, que vinha no décimo dia do mês. Era um chamado solene a todo o Israel para que se preparasse para encontrar seu Deus. Ela anunciava que o dia do juízo estava chegando e que eles deveriam se preparar para isso. Era um lembrete misericordioso para eles da necessidade de confissão e consagração. Como já discutimos em outro lugar a questão da expiação, pode não ser necessário enfatizar a Festa das Trombetas ou o Dia da Expiação.

Festa dos Tabernáculos

Essa era a última festa do ano e ocorria normalmente entre o início ou a metade do nosso outubro, depois que a colheita terminava e se reuniam os frutos. Era uma ocasião alegre para todos. O Dia da Expiação havia passado; todos os mal-entendidos foram esclarecidos, todos os pecados confessados e postos de lado. Israel

estava feliz e sua felicidade encontrava expressão na Festa dos Tabernáculos.

A festa começava com um dia de santa convocação (Levítico 23:35). O povo devia tomar "ramos de formosas árvores, ramos de palmeiras, ramos de árvores frondosas, e salgueiros de ribeiras; e vos alegrareis perante o Senhor vosso Deus por sete dias" (verso 40). Esses ramos eram para fazer cabanas, e nelas deviam morar durante a festa. No Dia da Expiação, eles deviam afligir suas almas. Na Festa dos Tabernáculos, deviam alegrar-se "perante o Senhor vosso Deus por sete dias". Era, no geral, a ocasião mais feliz do ano, quando amigos e vizinhos renovavam a comunhão e habitavam juntos em amor e harmonia. A esse respeito, ela era profética do tempo em que terá lugar a grande reunião de todo o povo de Deus, e eles "virão do oriente e do ocidente, e assentar-se-ão à mesa com Abraão, e Isaac, e Jacó, no reino dos céus" (Mateus 8:11).

A Festa dos Tabernáculos comemorava o tempo em que Israel viveu em tendas no deserto durante seus quarenta anos de peregrinação. "E lembrar-te-ás de que foste servo no Egito; e guardarás estes estatutos, e os cumprirás. A festa dos tabernáculos celebrarás sete dias, quando tiveres colhido da tua eira e do teu lagar. E, na tua festa, alegrar-te-ás, tu, e teu filho, e tua filha, e o teu servo, e a tua serva, e o levita, e o estrangeiro, e o órfão, e a viúva, que estão dentro das tuas portas. Sete dias celebrarás a festa ao Senhor teu Deus, no lugar que o Senhor escolher; porque o Senhor teu Deus te há de abençoar em toda a tua colheita, e em todo o trabalho das tuas mãos; por isso certamente te alegrarás" (Deuteronômio 16:12-15).

É bom lembrar como Deus nos guiou no passado. É bom trazer à mente Suas providências. Nós, por vezes, somos inclinados a

reclamar. Não seria bom pensar nas muitas bênçãos que Deus nos concedeu e na maneira maravilhosa como Ele nos guiou? Isso nos faria mais apreciativos e gratos. E isso é uma parte vital da religião.

16. O Santuário no Céu

Quando Moises foi ordenado por Deus a construir-Lhe um santuário, foi dito a ele que fizesse “tudo conforme o modelo que no monte se te mostrou” (Hebreus 8:5). E isso Moisés fez. Quando a obra foi concluída, “viu, pois, Moisés toda a obra, e eis que a tinham feito; como o Senhor ordenara, assim a fizeram; então Moisés os abençoou” (Êxodo 39:43).

Deus não apenas deu instruções para a construção do santuário, mas também selecionou os sacerdotes para servir nele e dirigiu a preparação deles para o santo ofício que deviam ocupar. Ele deu instruções para a unção do santuário, a purificação do tabernáculo e todos os seus móveis e vasos com sangue, e através de Moisés supervisionou todos os detalhes do serviço dedicatório. Isso nós já discutimos.

A unção do tabernáculo e sua aspersão com sangue purificaram e purgaram o santuário, seus móveis e seus vasos (Hebreus 9:22; Êxodo 30:26-29; Levítico 8:15). Nesse aspecto, as cerimônias dedicatórias eram como aquelas no Dia da Expiação, que também efetuavam a purificação (Levítico 16:19). Antes do tempo da dedicação do santuário não houve, é claro, nenhum serviço pelo qual o tabernáculo ou qualquer um dos vasos tivesse sido contaminado. Ninguém havia trazido qualquer oferta pelo pecado ou qualquer outro tipo de oferta. Nenhum homem, exceto Moisés, entrara nos aposentos sagrados. No entanto, o tabernáculo foi aspergido com sangue e ungido com óleo para o propósito de purificação. Isso fazia parte das cerimônias de dedicação, e através

delas o "tabernáculo e tudo o que havia nele" tornou-se "santificado" (Levítico 8:10, KJV). Do altar é especificamente mencionado que Moisés "purificou o altar... e o santificou, para fazer reconciliação sobre ele" (verso 15, KJV).

O Santuário Celestial

Nós agora perguntamos se houve uma dedicação do santuário celeste correspondente aos serviços dedicatórios do terrestre. Assim como Arão foi introduzido no ofício sagrado, assim como ele foi investido com poderes mediadores para o ministério da reconciliação, assim como uma posse pública precedeu o assumir Arão deveres sacerdotais, houve uma tal investidura e emposse do nosso grande Sumo Sacerdote no céu? Existe algo que sugira uma dedicação do santuário celestial, de uma purificação das coisas celestiais preparatória para seu uso na obra da real expiação? Sabemos que houve tal dedicação e empossamento na terra. Quais são os fatos quanto ao céu?

A princípio, a mente pode se revoltar com o pensamento de que haveria algo no céu que pudesse precisar de purificação. Observe, no entanto, a declaração do apóstolo: "Era bem necessário que as figuras das coisas que estão no céu assim se purificassem; mas as próprias coisas celestiais com sacrifícios melhores do que estes" (Hebreus 9:23). Não discutimos neste momento as razões para a purificação celestial, mas apenas afirmamos que, de acordo com a citação acima do livro de Hebreus, tal purificação era "necessária".

No momento da dedicação do santuário terrestre, o tabernáculo inteiro, incluindo a arca, a mesa, o candelabro, o altar do incenso, o

altar do holocausto, a pia e todos os vasos, foram purificados e santificados, tornados santos, dedicados a Deus (Êxodo 30:26-29). Ele foi feito não apenas santo, mas "santíssimo" e pronto para uso (verso 29). Mas depois que o serviço no tabernáculo começou – a ministração que tinha a ver com o pecado e o sangue – tornou-se necessário purificar o santuário anualmente "por causa das imundícias dos filhos de Israel e das suas transgressões, e de todos os seus pecados" (Levítico 16:16). Isso acontecia no Dia da Expiação. Essas duas cerimônias de purificação são registradas como eventos separados. Uma santificava, purificava e dedicava o santuário como condição necessária para o ministério da reconciliação; a outra providenciava uma purificação anual e recorrente do santuário depois dele ter sido contaminado com o pecado do povo. Ambas eram necessárias, e acreditamos que ambas encontram sua contraparte no santuário acima. Embora separadas no tempo e no propósito, ambas têm a ver com purificação.

A Encarnação

Assim como era "necessário" que as *coisas* no céu fossem purificadas e dedicadas, também era necessário que Aquele que oficiaria como Sumo Sacerdote estivesse preparado e dedicado ao Seu ministério. Desta preparação e dedicação, a Bíblia fala em termos definidos.

Cristo existiu na forma de Deus; Ele era igual a Deus (Filipenses 2:6). No entanto, Ele não considerou isso coisa a que se devia aferrar, mas voluntariamente tomou sobre Si a forma de um servo e veio a este mundo na semelhança do homem (versos 6 e 7). Achado na forma de um homem, Ele Se humilhou ainda mais e tornou-se

obediente até a morte (verso 8). Por causa da disposição de Cristo de humilhar-Se, sofrer e morrer para que o homem pudesse ser salvo, Deus O exaltou soberanamente e Lhe deu um nome acima de todo nome, para que a Ele todo joelho se dobre, e toda língua confesse que Jesus Cristo é Senhor (versos 9 a 11).

"Por isso convinha que em tudo fosse semelhante aos irmãos" (Hebreus 2:17). A palavra *convinha* tem um significado profundo nesta conexão. Ela é usada em Mateus 18:28, quando o servo toma seu conservo "lançando mão dele, sufocava-o, dizendo: Paga-me o que me *deves*". Paulo a utiliza em Romanos 13:7: "Portanto, dai a cada um o que *deveis*" Em Lucas 17:10 os servos dizem: "Somos servos inúteis, porque fizemos somente o que *devíamos* fazer". Desses usos da palavra fica claro que ela denota uma obrigação incorrida, uma dívida a ser paga, um dever a ser cumprido.

Cristo veio a este mundo voluntariamente. Ele não precisava ter vindo. Ele poderia ter permanecido no céu. Mas o Seu amor pelo homem levou-O a decidir pagar o custo, a suportar tudo o que fosse necessário para salvar o homem. Tendo uma vez decidido o Seu curso de ação, Ele achou necessário fazer certas coisas. Ele não poderia Se tornar o Salvador dos homens ou ser um misericordioso e fiel sumo sacerdote, nem poderia Ele fazer reconciliação pelo povo [Hebreus 2:17], a menos que estivesse disposto a Se rebaixar, tomar o lugar do homem em todos os aspectos, ser tentado, sofrer, e finalmente morrer. Essas eram as condições sobre as quais dependia Sua adequação para a obra que Ele se propôs a fazer.

Assim como Arão foi lavado, também Cristo devia descer à água com João no batismo (Mateus 3:13-17). Assim como Moisés colocou as gloriosas vestes em Arão, também Deus "me vestiu de

roupas de salvação, cobriu-me com o manto de justiça" (Isaías 61:10). Assim como Arão foi ungido, também "o SENHOR me ungiu, para pregar boas novas aos mansos; enviou-me a restaurar os contritos de coração, a proclamar liberdade aos cativos, e a abertura de prisão aos presos" (verso 1). Assim como Arão foi coroado com "SANTIDADE AO SENHOR" e, ao mesmo tempo, levou "a iniquidade das coisas santas" [Êxodo 28:38], também Jesus foi "coroado de glória e de honra", ao passo que Deus "fez cair sobre ele a iniquidade de nós todos" (Hebreus 2:9; Isaías 53:6). Passo a passo, Cristo estava preparado para o Seu trabalho como sacerdote e, finalmente, quando tudo estava pronto e Ele tinha terminado a Sua obra na terra, Ele ofereceu a Si mesmo, um sacrifício aprazível a Deus.

Porque Cristo foi tentado em todos os pontos como nós somos e ainda assim não pecou, Ele é capaz de socorrer aos que são tentados (Hebreus 4:15; 2:18). Por ter aprendido obediência pelas coisas que padeceu, pode compadecer-se dos ignorantes e dos errados (Hebreus 5:8, 2). Ele conhece por experiência as tentações às quais os homens estão sujeitos, e a terrível luta que eles têm com o pecado, e por causa disso Ele pode compadecer-se deles. Porque estas experiências O adequaram para Sua obra, Deus exaltou-Lhe soberanamente e nomeou-O "sumo sacerdote, segundo a ordem de Melquisedeque" (Hebreus 5:10). Ele ganhou o direito de ser intercessor. Ele cumpriu as condições. E Deus aprovou a obra feita e nomeou-O sumo sacerdote.

Nosso Sumo Sacerdote no Céu

"E outra vez, quando introduz no mundo o primogênito, diz: E todos os anjos de Deus o adorem" (Hebreus 1:6). No céu, Cristo era adorado. Anjos se curvavam em adoração diante dEle. Por que, então, é dada a ordem para os anjos adorá-Lo? Por que surgiria qualquer questão?

Cristo se tornou homem, assumiu a humanidade. Era apropriado adorá-Lo depois dEle ter Se humilhado? Como um bebê na manjedoura, Ele ainda era Deus? Deus proveu a resposta: "todos os anjos de Deus o adorem".

Essa mesma questão surgiu no tempo da ressurreição e ascensão de Cristo. Cristo tinha morrido. Quando Ele ressuscitou dos mortos, Ele era Deus ou homem? Poderiam anjos, daí em diante, adorá-Lo? Poderia o homem adorá-Lo? Quando Maria tentou fazer isso, foi dito prontamente a ela: "Não me detenhas, porque ainda não subi para meu Pai" (João 20:17).

O Sacrifício de Cristo Aceito

Por que Cristo recusou a adoração de Maria? E o que trazia a sua resposta, "ainda não subi para meu Pai", sobre a questão da adoração? Estamos autorizados a acreditar que Ele não queria ser adorado até que Ele tivesse consultado Seu Pai? Havia alguma questão a ser decidida antes que Cristo Se sentisse livre para receber adoração? Em todo caso, Cristo recusou a adoração e deu como razão que Ele ainda não havia subido ao Pai.

Em vista de Sua recusa em receber adoração na manhã do dia da ressurreição, como explicar o fato de que na noite do mesmo dia

"elas, chegando, abraçaram os seus pés, e o adoraram"? (Mateus 28:9). Se Cristo não permitiu que Maria o adorasse, dando como razão que Ele ainda não havia ascendido ao Pai, por que Ele, na mesma noite, permitiu que outros o adorassem? A única conclusão possível é que entre os dois eventos Cristo subiu ao Pai e recebeu alguma palavra ou garantia de Deus que justificava Sua aceitação da adoração.

Não é difícil encontrar uma razão para o desejo de Cristo de subir ao Pai. No Jardim do Getsêmani e na cruz Cristo passara na profundeza das águas [Salmo 69:2 e 14]. Ele tomou o lugar do homem e pagou a pena pela transgressão do homem. Ele devia passar pela agonia da alma daquele que é desamparado por Deus e abandonado pelo homem. Essa experiência Cristo provou ao máximo. Enquanto a escuridão cobria a terra, o desespero encheu o coração do Filho de Deus. Em agonia, Ele clamou: "Deus meu, Deus meu, por que me desamparaste?" e "clamando outra vez com grande voz, rendeu o espírito" (Mateus 27:46, 50).

Foi sob circunstâncias tais que Cristo morreu. É de se admirar que, após a ressurreição, Ele quisesse antes de tudo consultar Seu Pai? Ele tinha morrido com a ira de Deus dirigida contra Ele por causa dos pecados dos homens, que Ele carregou. Seu sacrifício foi aceitável? Cristo deveria saber com certeza. Ele deveria ouvir as palavras do próprio Pai. Ele deveria certificar-se não só de que Ele seria recebido por Deus, mas também que Seu sacrifício seria aceito. Até que isso fosse resolvido, Cristo não aceitaria adoração.

Jesus, portanto, subiu ao Pai e retornou no mesmo dia. Ele ouviu dos próprios lábios do Pai que o sacrifício tinha sido aceito, que Ele havia feito bem todas as coisas. Ele então recebeu poder, retornou à

terra e aceitou a adoração dos discípulos. Tudo isso está em completo acordo com o registro bíblico.

Esse primeiro encontro do Pai e do Filho após a ressurreição teve a natureza de uma entrevista privada. Senão depois de quarenta dias é que a cerimônia oficial aconteceu. Então Cristo ascendeu ao céu em plena vista dos discípulos, levando consigo uma multidão de cativos que haviam sido ressuscitados no momento em que "abriram-se os sepulcros" com a morte de Cristo. Naquele tempo "muitos corpos de santos que dormiam foram ressuscitados; e, saindo dos sepulcros, depois da ressurreição dele, entraram na cidade santa, e apareceram a muitos" (Mateus 27:52, 53). Esses são os mencionados pelo apóstolo, que diz que "subindo ao alto, levou cativo o cativeiro, e deu dons aos homens" (Efésios 4:8).

Esse regresso ao lar de Cristo para a glória com as primícias da terra deve ter sido uma ocasião gloriosa. Cristo retornou em triunfo, trazendo Seus feixes com Ele.

"Todo o Céu estava esperando para saudar o Salvador à Sua chegada às cortes celestiais. Ao ascender, abriu Ele o caminho, e a multidão de cativos libertos à Sua ressurreição O seguiu. A hoste celestial, com brados de alegria e aclamações de louvor e cântico celestial, tomava parte na jubilosa comitiva... todos ali estão para dar as boas-vindas ao Redentor. Estão ansiosos por celebrar-Lhe o triunfo e glorificar seu Rei.

Mas Ele os detém com um gesto. Ainda não. Não pode receber a coroa de glória e as vestes reais. Entra à presença do Pai. Mostra a fronte ferida, o atingido flanco, os dilacerados pés; ergue as mãos que apresentam os vestígios dos cravos. Aponta para os sinais de Seu triunfo; apresenta a Deus o molho movido, aqueles

ressuscitados com Ele como representantes da grande multidão que há de sair do sepulcro por ocasião de Sua segunda vinda. Aproxima-Se do Pai, em quem há alegria a cada pecador que se arrepende; que sobre ele Se regozija com júbilo. Antes que os fundamentos da Terra fossem lançados, o Pai e o Filho Se haviam unido num concerto para redimir o homem, se ele fosse vencido por Satanás. Haviam-Se dado as mãos, num solene compromisso de que Cristo Se tornaria o fiador da raça humana. Esse compromisso cumprira Cristo. Quando, sobre a cruz soltara o brado: 'Está consumado' (João 19:30), dirigira-Se ao Pai. O pacto fora plenamente satisfeito. Agora Ele declara: 'Pai, está consumado. Fiz, ó Meu Deus, a Tua vontade. Concluí a obra da redenção. Se a Tua justiça está satisfeita, 'quero que, onde Eu estiver, também eles estejam comigo'. João 17:24.

Ouve-se a voz de Deus proclamando que a justiça está satisfeita. Está vencido Satanás. Os filhos de Cristo, que lutam e se afadigam na Terra, são 'agradáveis [...] no Amado'. Efésios 1:6. Perante os anjos celestiais e os representantes dos mundos não caídos, são declarados justificados. Onde Ele está, ali estará a Sua igreja. 'A misericórdia e a verdade se encontraram; a justiça e a paz se beijaram'. Salmos 85:10. Os braços do Pai circundam o Filho, e é dada a ordem: 'E todos os anjos de Deus O adorem'. Hebreus 1:6" – *O Desejado de Todas as Nações*, páginas 590-591.

Essas foram as boas-vindas oficiais. Antes de receber a coroa de glória e o manto real, Cristo deveria ter a garantia do Pai de que não apenas Ele, mas a humanidade nEle tinha sido aceita. Essa certeza Ele recebeu no comando: que "todos os anjos de Deus o adorem".

"Ao transpor as portas celestiais, foi Jesus entronizado em meio à adoração dos anjos. Tão logo foi essa cerimônia concluída, o Espírito Santo desceu em ricas torrentes sobre os discípulos, e Cristo foi, de fato, glorificado com aquela glória que tinha com o Pai desde toda a eternidade. O derramamento pentecostal foi uma comunicação do Céu de que a confirmação do Redentor havia sido feita. De conformidade com Sua promessa, Jesus enviou do Céu o Espírito Santo sobre Seus seguidores, em sinal de que Ele, como Sacerdote e Rei, recebera todo o poder no Céu e na Terra, tornando-Se o Ungido sobre Seu povo". – *Atos Apóstolos*, página 21.

Neste momento a investidura do Redentor estava concluída, e Ele foi oficialmente empossado como sacerdote e rei. Este é o paralelo celestial à consagração e investimento cerimonial do sumo sacerdote na terra. Assim como sobre a cabeça de Arão foi colocada a "lâmina de ouro, a coroa de santidade", assim Cristo foi coroado rei (Êxodo 39:30; Levítico 8:9). Assim como Arão foi investido e colocado no ofício sagrado, também Cristo foi "chamado por Deus sumo sacerdote, segundo a ordem de Melquisedeque" (Hebreus 5:10). Assim como Arão foi chamado chefe do sacerdócio real, também Cristo foi coroado rei e sacerdote; assim como Arão recebeu autoridade, também Cristo recebeu autoridade.

Cristo "Assenta-Se"

Foi nessa ocasião que Cristo oficialmente assentou-se à direita de Deus. Cristo, "havendo feito por si mesmo a purificação dos nossos pecados, assentou-se à destra da majestade nas alturas" (Hebreus 1:3). A palavra grega usada aqui para "assentar-se" não significa o ato de sentar, mas sim, "tomar seu assento" Cristo retomou Seu

assento e a glória que Ele tinha com o Pai desde a eternidade. M. R. Vincent, discutindo a palavra grega para "assentar-se" em seus *Estudos da Palavra no Novo Testamento*, diz: "O verbo denota um ato *solene* e *formal*; a assunção de dignidade e autoridade. A referência é à ascensão de Cristo. Em Seu exaltado estado, Ele continuará tendo a Seu cargo todas as coisas até sua consumação, ainda lidando com o pecado como o grande sumo sacerdote no santuário celestial" – *Word Studies in the New Testament*, Volume 4, páginas 384 e 385. Em seu comentário sobre este mesmo texto, Lange diz: "Esse assentar do Cristo exaltado à destra da Majestade, que deve continuar sem interrupção até a Sua Segunda Vinda, deve ser concebido, portanto, não como um estado de *repouso*, ou de mera segurança, como de alguém resgatado de seus inimigos, mas da atividade messiânica na realização da redenção".

O assento de delegados em uma convenção é uma boa ilustração do significado da palavra. Um delegado pode estar oficialmente assentado, mas isso não significa que ele permaneça sentado. Ele pode andar pelo corredor, pode estar de pé ou deitado, pode até estar ausente por um tempo; ainda assim, ele está assentado dentro do significado da palavra. Igualmente com Cristo.

Aqueles que pensam que Cristo apenas "sentou-se" e continua sentado, falham completamente em entender o significado da palavra. A palavra grega *ekathisen* indica um empossamento oficial no oficio, uma investidura com autoridade. Significa que Deus aceita a Cristo em Sua nova posição oficial como Rei e sacerdote, e O saúda ou Se dirige a Ele como sumo sacerdote segundo a ordem de Melquisedeque (Hebreus 5:10). É o começo do Seu ministério oficial, não o fim.

Será lembrado que na investidura de Arão como sumo sacerdote "tomou Moisés também do azeite da unção, e do sangue que estava sobre o altar, e o espargiu sobre Arão e sobre as suas vestes, e sobre os seus filhos, e sobre as vestes de seus filhos com ele; e santificou a Arão e as suas vestes, e seus filhos, e as vestes de seus filhos com ele" (Levítico 8:30). A este respeito, pondere a seguinte declaração: "Ainda levando a humanidade, Ele subiu ao céu, triunfante e vitorioso. Ele levou o sangue da expiação ao santíssimo, espargiu-o sobre o propiciatório e em Suas próprias vestes e abençoou o povo. Logo Ele aparecerá pela segunda vez para declarar que não há mais sacrifício pelo pecado". – Ellen G. White em *Signs of the Times,* 19 de abril de 1905.

Assim como as vestes de Arão foram aspergidas no momento da dedicação do santuário, assim também Cristo aspergiu Suas próprias vestes e o propiciatório. Ele dedicou a Si mesmo e o santuário à obra da redenção. Ele tinha sido oficialmente empossado no oficio. Ele tinha Se assentado à destra de Deus e sido investido de todo o poder. Seu sangue havia sido derramado, mas ainda não ministrado. Seu primeiro ato oficial como sumo sacerdote foi aspergir o sangue em Suas próprias vestes e no propiciatório, dedicando-se a si mesmo e ao santuário celestial. Assim como Arão, depois de ser aspergido com sangue, começou seu trabalho no primeiro compartimento do santuário (Levítico 9:23), também foi com Cristo.

A partir deste estudo, fica claro que, na ascensão de Cristo ao céu, houve uma investidura. O Pai fixou Seu selo de aprovação na obra de Cristo – empossou-O como sumo sacerdote e assentou-O à sua destra. É evidente que "se ele estivesse na terra, nem tampouco sacerdote seria", pois Ele não era da tribo de Levi, "mas agora

alcançou ele ministério tanto mais excelente", e Se tornou "sacerdote eternamente, segundo a ordem de Melquisedeque" (Hebreus 8:4, 6; 7:21). Os sacerdotes foram ordenados por Deus "para oferecer dons e sacrifícios" e por isso "era necessário que este também tivesse alguma coisa que oferecer" (Hebreus 8:3). Mas, como não é possível "que o sangue dos touros e dos bodes tire os pecados", e como o propósito de Cristo é "aniquilar o pecado pelo sacrifício de si mesmo" Ele não entrou "por sangue de bodes e bezerros, mas por seu próprio sangue" "no mesmo céu, para agora comparecer por nós perante a face de Deus" (Hebreus 10:4; 9:26, 12, 24). O apóstolo resume a questão assim: "Nós temos um tal sumo sacerdote, que se assentou à destra do trono da Majestade nos céus, um ministro do santuário, e do verdadeiro tabernáculo, o qual o Senhor montou, não o homem" (Hebreus 8: 1, 2, ARV).

O Ministério de Cristo

O templo no céu não é, como alguns nos querem fazer crer, obscuro, irreal ou meramente uma concepção mental. Não é o templo no céu que é uma "sombra". É o tabernáculo que Moisés construiu que é a "*sombra* das coisas celestiais" [Hebreus 8:5]. Ninguém argumentará que o santuário mosaico original ou o posterior templo de Salomão não eram uma estrutura real. No entanto, eles são chamados de sombras, cuja realidade está no céu. O santuário celestial é o *verdadeiro* templo, tão real que Moisés recebeu um modelo dele e lhe foi dito: "Olha, faze tudo conforme o modelo que no monte se te mostrou" (Hebreus 8:5).

Não só o santuário terrestre era uma sombra do celestial, mas seus serviços também eram uma sombra. Isso é verdade mesmo para a

purificação do santuário, que era uma sombra da purificação do santuário celestial. Já observamos antes que era "necessário" que o santuário terrestre fosse "purificado" ou "purgado com sangue" de animais, porém "as próprias coisas celestiais" deveriam ser purificadas "com sacrifícios melhores do que estes" (Hebreus 9:22, 23). Isso afirma definitivamente que era *necessário* que as coisas celestiais fossem purificadas com sacrifícios melhores do que o sangue de bezerros e bodes. O único sangue que pode fazer isso é o sangue de Jesus Cristo, nosso Senhor. Por esta razão Cristo, em virtude de seu próprio sangue, entrou nos lugares celestiais, para comparecer por nós perante a face de Deus (Hebreus 9:24).

Observamos acima que, antes do início do serviço no tabernáculo terrestre, Moisés ungiu a "tenda do encontro, e *a arca do testemunho*" (Êxodo 30:26, ARV), bem como os outros móveis do santuário, e que ele também tomou "do azeite da unção, e do sangue que estava sobre o altar, e o espargiu sobre Arão e sobre as suas vestes, e sobre os seus filhos, e sobre as vestes de seus filhos com ele; e santificou a Arão e as suas vestes, e seus filhos, e as vestes de seus filhos com ele" (Levítico 8:30). De igual modo, é dito de Cristo que "Deus, o teu Deus, te ungiu Com óleo de alegria mais do que a teus companheiros" (Hebreus 1:9). Não apenas foi Cristo assim ungido, mas Ele levou o sangue da expiação ao mais santíssimo e o aspergiu sobre o propiciatório e em Suas próprias vestes. Assim como Cristo "se ofereceu a si mesmo", igualmente Cristo Se dedicou (Hebreus 9:14). Essa dedicação de Si mesmo ao serviço do santuário era parte da investidura e precedeu Seu ministério real.

A Purificação do Santuário Celestial

Chegamos agora à consideração da afirmação de que "era bem necessário que as figuras das coisas que estão no céu assim se purificassem; mas as próprias coisas celestiais com sacrifícios melhores do que estes" (verso 23). Isso faz referência apenas às cerimônias de investidura, antes de Cristo começar Seu ministério oficial, ou, como alguns afirmam, se refere também à purificação anual do santuário no Dia da Expiação, ou ambos?

Já observamos que houve uma purificação em conexão com a dedicação dos santuários terrestre e celeste. A questão, portanto, realmente trata disto: há uma purificação do santuário no céu correspondente à purificação do santuário terrestre no Dia da Expiação, conforme registrado em Levítico 16? Respondemos sem reservas na afirmativa.

Vamos no início notar as declarações referentes a isso no livro de Hebreus. "De sorte que era bem necessário que as figuras das coisas que estão no céu assim se purificassem; mas as próprias coisas celestiais com sacrifícios melhores do que estes. Porque Cristo não entrou num santuário feito por mãos, figura do verdadeiro, porém no mesmo céu, para agora comparecer por nós perante a face de Deus; nem também para a si mesmo se oferecer muitas vezes, como o sumo sacerdote cada ano entra no santuário com sangue alheio; de outra maneira, necessário lhe fora padecer muitas vezes desde a fundação do mundo. Mas agora na consumação dos séculos uma vez se manifestou, para aniquilar o pecado pelo sacrifício de si mesmo" (Hebreus 9:23-26).

O assunto aqui tratado é a purificação das "próprias coisas celestiais". Tão "necessária" quanto era a purificação das coisas

terrenas, é necessária a purificação das celestiais. Essa purificação era realizada na terra conforme "o sumo sacerdote cada ano entra no santuário com sangue alheio" (verso 25). Em contraste com isso, Cristo não entra a cada ano "no santuário... Mas agora na consumação dos séculos uma vez se manifestou, para aniquilar o pecado pelo sacrifício de si mesmo" (versos 25 e 26).

O contraste aqui é entre o sumo sacerdote, que entra "a cada ano", e Cristo, que entra, "*uma vez*" apenas. O único serviço que era feito "a cada ano" para a purificação era o serviço no Dia da Expiação. É sobre isso, portanto, que Hebreus fala. "A todo o tempo entravam os sacerdotes no primeiro tabernáculo, cumprindo os serviços; mas, no segundo, só o sumo sacerdote, uma vez no ano, não sem sangue" (versos 6 e 7).

Embora fosse "necessário" que as coisas celestiais fossem purificadas, não era necessário que isso fosse feito a cada ano, como na terra. Cristo precisou fazer isso apenas uma vez, no final de Sua obra no primeiro compartimento do santuário celestial. Seguindo o ministério no lugar santo, em harmonia com o tipo na terra, Ele entraria no santíssimo e ali executaria uma obra correspondente àquela que o sumo sacerdote fazia na terra. É a isso que o anjo se refere quando diz a Daniel: "Até duas mil e trezentas tardes e manhãs; e o santuário será purificado" (Daniel 8:14).

As considerações deixam claro, não apenas que existe um santuário no céu, mas que há nele uma obra em andamento da qual os serviços na terra eram um tipo. Embora esses serviços fossem semelhantes em muitos aspectos, em outros eles eram diferentes. O santuário terrestre era purificado todos os anos; o celestial apenas uma vez. No santuário terrestre eram usados o sangue de touros, bodes e

bezerros; no celestial, apenas o sangue de Jesus foi suficiente. No terrestre, um homem pecador que precisava de expiação para si mesmo oficiava. No céu, nosso Sumo Sacerdote não precisa oferecer primeiro para Si mesmo e depois para o povo. Na terra, o sumo sacerdote entrava com o sangue de um animal morto. No céu, Cristo entrou pela virtude de Seu próprio sangue, por um novo e vivo caminho que Ele nos consagrou, "para aniquilar o pecado pelo sacrifício de si mesmo" (Hebreus 10:19, 20; 9:26).

17. Oração

Todo sacrifício oferecido era, na realidade, uma oração a Deus por ajuda. Poderia ser, como no caso de ofertas pelo pecado e pela transgressão, uma oração por perdão. Ou poderia ser uma oração de agradecimento e louvor, como na oferta pacífica. Outra vez, poderia ser uma oração de consagração e dedicação, como no holocausto; ou de comunhão, como na oferta de alimentos. Poderia ser uma oração de agradecimento por um livramento especial ou uma oração por algo muito desejado, como no voto e na oferta voluntária. Ou poderia ser que Deus tivesse curado de uma doença, uma mulher tivesse sido trazida em segurança de um parto ou alguma grande libertação tivesse sido realizada. Todas essas ocasiões pediam agradecimentos e louvores especiais e uma oferta apropriada.

Em seu mais alto exercício, a oração é comunhão. Isso precisa ser enfatizado, pois para muitos cristãos a oração é apenas um meio de obter algo de Deus. Eles sentem falta em certos aspectos. Que maneira mais fácil existe do que pedir a Deus o que eles precisam? Deus não prometeu suprir nossa falta? Como resultado desse modo de pensar, muitas orações consistem principalmente em pedir coisas – algumas delas boas, algumas não tão boas, outras certamente prejudiciais, outras impossíveis de realizar. Para tais pessoas, Deus é a fonte de suprimento, o grande doador, a fonte inesgotável de coisas boas. Tudo o que eles precisam fazer é pedir, e Deus fará o resto. Eles medem seu cristianismo pelas respostas favoráveis que recebem e não ficam satisfeitos quando seu pedido é negado. Eles estão continuamente pedindo por algo, e acreditam que Deus deve sempre atender ao seu pedido. Alguns pensam até que é falta de fé

acrescentar à sua oração: “Se for da Tua vontade”. Como o filho pródigo, eles oram: “Pai, dá-me” (Lucas 15:12).

Seja Feita a Tua Vontade

Não se pode negar que as orações de petição são uma forma legítima de oração. Sempre precisaremos pedir a Deus pelas coisas que desejamos. Mas deve-se enfatizar que as orações de petição não devem ser a forma prevalecente de oração. Orações de louvor, agradecimento e adoração devem sempre ter a preeminência. Submissão à vontade de Deus, completa dedicação a Ele e completa consagração indicam a forma que as orações deveriam tomar. Quando nossas orações são mudadas de um esforço para fazer com que Deus faça o que *nós* queremos em um intenso desejo de descobrir o que *Deus* quer, nossas orações não irão habitualmente tomar a forma de pedir meramente por coisas, e exigir que Deus responda imediatamente às nossas orações da maneira específica que desejamos.

Seria certamente melhor para a maioria de nós deixar de pedir por coisas durante um tempo e concentrar todos os nossos esforços naquilo que Deus quer que tenhamos ou que sejamos. Quando descobrimos isso, estaremos em terreno seguro. Então poderemos pedir a Deus, confiantes de que Sua vontade deve ser feita. O grande problema que enfrentamos é descobrir a vontade de Deus, e então sondar nossos corações para ter certeza de que realmente queremos que a vontade de Deus seja nossa.

Alguém disse que as orações são um esforço da parte do peticionário para que Deus mude de ideia. Muitos não estão fazendo

nenhum esforço para descobrir o que *Deus* quer, apesar de terem muita clareza sobre o que *eles* querem. Eles estão lutando com Deus. Eles estão agonizando em oração. Eles estão exigindo de Deus o que eles acreditam que deve ser feito. Não lhes ocorre que a primeira coisa a descobrir é: Deus realmente quer que eu tenha o que tanto desejo? Isso é para o meu bem? É a vontade de Deus? Chegou a hora de fazer isso? Há algo que devo fazer primeiro? Estou realmente disposto a submeter tudo a Deus, de modo que, se Ele não me der o que desejo, ficarei satisfeito e agradecerei a Ele pelo que Ele dá; ou estou realmente mais empenhado em conseguir o que quero do que em averiguar a vontade de Deus?

Pode ser bom enumerar algumas coisas que a oração *não* é. Não é um substituto para o trabalho. Um cristão confrontado com um problema difícil tem o direito de pedir a ajuda de Deus e esperar que Ele responda. Mas isso não o isenta do trabalho árduo e desgastante. Deus fortalecerá o intelecto; Ele revigorará a mente; mas Ele não aceitará a oração como um substituto para o esforço mental ou dará àqueles que são apenas preguiçosos. Os que são capazes de aprender a tabuada de multiplicação e têm a oportunidade de fazê-lo, não devem esquivar-se do esforço necessário para tornarem-se proficientes nos números, confiando que Deus, por meio da oração, fará por eles aquilo que tornará desnecessário qualquer esforço mental. Na maioria dos casos, o trabalho e a oração andam juntos. Nenhum é suficiente em si mesmo.

Seja enfatizado que o objetivo da oração não é fazer com que Deus faça algo que queremos. Alguns aplicam métodos mundanos e têm uma filosofia mundana em sua abordagem à oração. Eles aprenderam que, no que diz respeito ao mundo, para conseguir

qualquer coisa, devem "ir atrás dela", e assim tomam como certo que, para obter alguma coisa de Deus, devem "ir atrás dela". Eles agem como se Deus não estivesse disposto a conceder sua petição sem uma grande dose de persuasão, e parecem acreditar que, pela persistência e adulação, podem tirar de Deus aquilo que Ele de outra forma não lhes daria. Eles tomam a viúva importuna como seu exemplo, parecendo não perceber que essa parábola é dada para mostrar o que Deus *não* é [Lucas 18:1-8]. Ninguém pode obter de Deus o que deseja simplesmente por continuamente incomodá-lo. Deus não é como o juiz injusto. Ele é um pai, mais disposto a dar boas dádivas a Seus filhos do que estes estão a recebê-las. Adular, persuadir, lisonjear, importunar, incomodar – mera persistência – não funciona com Deus.

Oração Prevalecente

Não deve, entretanto, predominar a ideia de que não haja o que se chama lutar em oração, ou que só precisamos mencionar a Deus de uma vez por todas aquilo que queremos, vindo imediatamente a resposta. Orar não é tão simples assim. Há necessidade de oração agonizante e prevalecente – oração que vai ao coração do assunto e não se satisfaz até que vidas e coisas sejam mudadas. Jesus orou a noite toda; Jacó lutou com o anjo; Daniel buscou o Senhor com oração e jejum; Paulo suplicou ao Senhor repetidamente. Não precisamos de menos orações, senão mais. E precisamos aprender a orar com fé. Este é um ponto vital.

A oração não é monólogo. Pode ser audível ou pode ser o desejo não expresso da alma. Em ambos os casos, a oração ideal é comunhão. Algumas pessoas parecem considerar a oração como

apenas um meio de informar a Deus sobre certas coisas que precisam de correção e das quais Ele aparentemente não está ciente. Eles acreditam que Deus está em perigo de esquecer certas coisas, e suas orações tomam a forma de lembrar a Deus o que Ele deveria fazer. Tendo chamado a atenção de Deus para a necessidade que eles veem, eles sentem que cumpriram seu dever. Eles "disseram suas orações" e, com um "Amém", sua "conversa" termina. Foi inteiramente um monólogo. Eles esperam que Deus use judiciosamente a informação que eles transmitiram a Ele, e que Ele fará algo acerca dos assuntos sobre os quais eles oraram.

Tais consideram a oração uma comunicação de mão única, o homem falando a Deus. No entanto, essa não é a forma mais elevada de oração. Na verdadeira oração, Deus fala à alma tanto quanto a alma a Deus. A verdadeira amizade não durará muito tempo se alguém, habitualmente, é o único a falar. Em nossas orações, muitas vezes fazemos isso e esperamos que Deus escute. E, no entanto, não pode ser possível que Deus queira Se comunicar conosco tanto quanto nós com Ele? Isso Ele frequentemente faz trazendo certas escrituras à nossa lembrança. É demasiado acreditar que depois de termos oferecido uma oração fervorosa, que acreditamos que Deus ouviu no céu, Ele possa querer dizer uma palavra a nós? É possível que depois de termos dito "Amém", Deus esteja pronto para se comunicar conosco, mas nos levantamos dos joelhos e não damos a Deus uma chance de falar? Nós desligamos o receptor, por assim dizer. Nós encerramos. O verdadeiro cristão sempre fala com Deus e Deus não tem uma mensagem para ele? Deve ser penoso para Deus ser deixado de fora justo no momento em que Ele está pronto para se comunicar conosco. Parece que, depois que isso acontece várias

vezes, Deus não pode chegar a outra conclusão senão a de que não estamos realmente ansiosos para ter comunhão com Ele. Nós meramente "dizemos" nossas orações, e quando terminamos, nós nos afastamos. Tais orações certamente não podem ser tudo o que Deus quer dizer por "comunhão".

Vamos repetir, a oração é comunhão. É mais do que conversa; é uma comunhão íntima. É uma troca de visões e ideias. Pressupõe simpática compreensão e confiança. Nem sempre precisa ser acompanhada por palavras. O silêncio pode ser mais eloquente que as torrentes de oratória. É um tipo de amizade baseada em confiança e segurança tranquilas, sem a presença de demonstrações ou irrupções espetaculares.

Meditação

A meditação é um ingrediente vital da oração. Pode-se dizer que é a melhor parte. E, no entanto, ela é geralmente negligenciada. Nós nos apresentamos diante de Deus, apresentamos nossa petição e partimos. Na vez seguinte nós fazemos o mesmo. Mantemos Deus informado em relação a nossa situação, dizemos a Ele coisas que precisam de atenção e, tendo assim entregue nossas almas, fechamos a entrevista. Isso nós repetimos dia após dia. Não há nada melhor?

Os salmos, especialmente os de Davi, tocam as profundezas do sentimento cristão. Davi passou por algumas experiências angustiantes. Uma vez ele estava fugindo de Saul para o deserto. Lá, ele escreveu o sexagésimo terceiro salmo: o grito de uma alma que anela a Deus, por um mais profundo conhecimento dEle e familiaridade com Ele. Davi evidentemente não estava satisfeito

com sua vida de oração. Deus parecia distante. Ele não respondia. Davi experimentou a sensação de parecer não estar se dirigindo a ninguém, em um quarto vazio. Todavia, ele ansiava por Deus. Sua alma tinha sede do Deus vivo. Não havia nenhuma maneira pela qual ele poderia entrar em comunhão real com Ele?

Então Davi encontrou a maneira. Ele encontrou satisfação. Ele aprendeu o significado e o método reais de oração. Disso ele fala em Salmos 63:5, 6: "A minha alma se fartará, como de tutano e de gordura; e a minha boca Te louvará com alegres lábios, quando me lembrar de Ti na minha cama, e meditar em Ti nas vigílias da noite". Observe a frase: "Minha se fartará... quando me lembrar de Ti na minha cama, e meditar em Ti". Davi havia orado antes. Agora, à oração ele acrescenta meditação e diz que quando ele faz isso sua alma está satisfeita. Para ele isso era como "tutano e gordura", e ele louva a Deus "com alegres lábios".

Este registro é de grande valor. Muitas almas, como Davi, clamam pelo Deus vivo. Elas não estão satisfeitas. Elas acreditam que deve haver algo melhor do que elas estão experimentando. Elas oram, oram e oram, e Deus ainda parece distante. Ele não Se revela. De vez em quando elas têm um rápido vislumbre dEle, e então Ele desaparece. Existe algo melhor guardado, ou isso é tudo o que o cristianismo e a oração reservam para eles? Deve haver algo melhor. Davi encontrou isso.

"Minha alma se fartará". Quão maravilhoso é ter a fome da alma satisfeita! E essa possibilidade pode tornar-se uma realidade! Davi aponta o caminho quando ele diz que isso pode ser obtido através da lembrança de Deus e através da meditação. A maioria dos cristãos se lembra de Deus. Eles oram. De fato, pode-se dizer, e com razão,

que ninguém pode ser filho de Deus e não orar. Mas não muitos são experientes na arte da meditação. Eles oram, mas não meditam. Contudo, uma é tão importante quanto a outra. Foi quando Davi acrescentou meditação à oração que ele finalmente pode dizer que sua alma estava satisfeita.

Poucos cristãos meditam. Eles estão muito ocupados. Seu trabalho lhes exige muito. Eles correm de uma coisa para outra e têm pouco tempo para se aconselhar com suas próprias almas ou com Deus. Há muito a ser feito. Eles têm certeza de que, a menos que tencionem todos os nervos e estejam ocupados a todo momento, almas se perderão. Eles não têm tempo para se sentar aos pés do Mestre enquanto o mundo está perecendo. Precisam estar de pé e agindo. Atividade é seu lema. De todo modo, são honestos e conscienciosos.

O Silencio da Alma

Entretanto, quanto se perde para eles próprios e para o mundo por falta de meditação! Alma alguma pode ir precipitadamente à presença de Deus e dela se retirar, e esperar entreter comunhão com Ele. A paz que excede o entendimento [Filipenses 4:7] não habita em um coração inquieto. “Tempo de ser santo” [título e primeira frase de um hino], é mais do que um mero sentimento. Leva tempo para comungar com Deus, tempo para ser santo. “Perturbai-vos e não pequeis; falai com o vosso coração sobre a vossa cama, e calai-vos” (Salmos 4:4). A última declaração precisa de ênfase especial. “Calai-vos”. Estamos muito inquietos. Precisamos aprender a quietude com Deus. Nós precisamos ficar quietos.

"Minha alma, esperes *em silêncio* por Deus somente" (Salmos 62:5, ARV). Que essas palavras penetrem profundamente na consciência. "Minha alma". Isso é endereçado a todo cristão. "Esperes em silêncio por Deus". Isso é uma ordem e também uma promessa. Espere em *silêncio*. Espere em silêncio por *Deus.* Esperes (*tu*) em silêncio por Deus. Esperes em silêncio por Deus *somente*. E aquele que espera em silêncio por Deus somente, em Seu convite, não será decepcionado. Ele ficará satisfeito.

Que maravilhoso convite é esta declaração! Você orou, você derramou sua alma apenas Àquele que entende. Não diga "Amém" e se retire. Dê a Deus uma oportunidade. Espere por Ele. Espere em silêncio. Espere por Ele *somente*. E no silêncio da alma Deus pode falar. Ele convidou você a esperar. Que toda a sua alma atente para Ele. Espere por Ele *somente*. Pode ser que Deus, através de uma voz mansa e delicada [1 Reis 19:12], se faça conhecido. Espere em silêncio por Deus.

Para alguns cristãos, isso não é uma doutrina nova. Eles sabem o que é comungar com Deus. Eles tiveram preciosas sessões a sós com Ele. Eles aprenderam a esperar *em silêncio.* E preciosas têm sido as revelações que chegam a eles.

Para outros, não obstante, isso pode ser uma nova experiência. Eles aprenderam a orar, mas não aprenderam a esperar em silêncio em Deus. A meditação como uma parte da oração não tem sido importante para eles. Eles conceberam a oração como uma certa forma de palavras reverentemente dirigidas ao Pai no céu. Com o seu "Amém" a comunhão chega ao fim. E assim, de fato, pode ser, embora Deus não pretenda que seja assim. Amém pode significar o fim do falar do homem, porém não deve ser o fim da conversa. Deus

nos convida a esperar em silêncio. Ele pode querer falar, ou não. De qualquer forma, devemos esperar.

Muitos são inclinados a falar demais. Todos nós já tivemos experiência com pessoas que vêm aparentemente para buscar conselho, mas que na realidade vêm apenas para apresentar seus próprios pontos de vista. Eles parecem ansiosos pela conversa; no entanto, dificilmente é oferecida uma oportunidade para qualquer conselho, pois eles mesmos ocupam o tempo e parecem satisfeitos quando apresentam sua história. Quando alguma medida de concordância com sua visão é expressa, eles ficam contentes. A impressão é clara de que eles não vieram para se aconselhar, mas para transmitir informações.

O mesmo se dá, com frequência, quanto à oração. Mas a parte mais importante não é falarmos nós a Deus, senão que Ele fale a nós. É verdade que Deus gosta que oremos. Nossas orações são música para ele. Nós não O cansamos. E, contudo, não seria bom dar a Deus uma oportunidade de Se comunicar conosco? Não seria bom para nós fazer exatamente o que somos aconselhados a fazer – *esperar em silêncio por Deus somente*? Certamente, Deus não nos deixará esperar em vão. Quem não sentiu o tremendo poder dos poucos momentos de silêncio após a bênção? Quem não sentiu a presença de Deus na quietude do santuário? Seria bom para nós explorarmos o poder do reino do silêncio. Deus está nele.

Indo a Extremos

Sempre há perigo de ir a extremos. Há aqueles que rejeitam ou pensam levianamente na instrução dada na Bíblia e dependem quase

totalmente de impressões. Tais estão em grande perigo. Nós acreditamos que Deus guiará aqueles que estão dispostos a ser guiados, mas também acreditamos que tal guia estará sempre em harmonia com a vontade revelada de Deus e não contradirá de modo algum a Palavra escrita. Maravilhoso como seja o privilégio de comunicar-se com Deus, e maravilhoso como seja o privilégio da meditação, há perigo de os empregar mal. Especialmente os cristãos mais jovens devem estar em guarda. Somente uma longa experiência nas coisas do Senhor, apoiada por uma vida de obediência à vontade de Deus, capacita uma pessoa a julgar os processos da mente. Satanás está sempre pronto para sugerir seus próprios pensamentos, e o discernimento espiritual é necessário para conhecer a voz que fala. Isso, no entanto, não deve fazer com que até mesmo jovens cristãos omitam a meditação. Longe disso. Deus está sempre perto para ajudar e guiar, e podemos acreditar que a hora tranquila passada com Deus trará grandes resultados para o reino. Nós estamos apenas emitindo uma advertência para aqueles que poderiam ser guiados por uma voz falando à alma e negligenciariam a voz falando através da Palavra.

No santuário antigo, o sacrifício e a oração eram combinados. O sacrifício representava arrependimento, confissão, restituição, dedicação. Quando o cordeiro era colocado no altar, o pecador arrependido, em tipo, colocava a si mesmo e completamente no altar. Isso significava sua aceitação da justiça da lei que exigia uma vida; significava sua consagração a Deus. Sem essa atitude, o sacrifício de um cordeiro era apenas uma zombaria. Portanto, nossas orações podem ser apenas uma zombaria, a menos que, de um coração sincero, nos abstenhamos do pecado e nos dediquemos

inteiramente a Deus. A oração deve ter sinceridade como base e pano de fundo. Deve estar fundamentada em arrependimento e piedosa tristeza pelo pecado. Deve ser evidenciada por confissão e restituição. Uma oração assim condicionada não ficará sem resposta. Deus é fiel à Sua palavra.

18. A Lei

Todos os serviços do santuário eram executados com referência à lei de Deus, guardada na arca no mais interno dos compartimentos do tabernáculo. Quando essa lei era quebrada, os sacrifícios deviam ser trazidos. “Quando uma alma pecar, por ignorância, contra alguns dos mandamentos do Senhor, acerca do que não se deve fazer, e proceder contra algum deles; se o sacerdote ungido pecar para escândalo do povo, oferecerá ao Senhor, pelo seu pecado, que cometeu, um novilho sem defeito, por expiação do pecado” (Levítico 4:2, 3).

Foi a transgressão “dos mandamentos do Senhor” que pôs em marcha todo o ritual do templo. O pecado era a causa do sacrifício da manhã e da tarde, dos serviços do Dia da Expiação, da oferta de incenso e dos sacrifícios individuais por pecados pessoais. E pecado é a transgressão da lei [1 João 3:4, KJV].

João, o amado, teve uma visão do tabernáculo de Deus no céu. Nele, viu a lei de Deus, “a arca do Seu testamento” (Apocalipse 11:19, KJV). Assim como a lei era central no santuário na terra, também é central no céu. Por esta razão, o santuário no céu é chamado “o templo do tabernáculo do testemunho”; não de templo do incenso, ou do sangue, ou mesmo do propiciatório, mas “do tabernáculo do testemunho”, o repositório da lei de Deus (Apocalipse 15:5).

A cidade mais sagrada nos tempos do Antigo Testamento era a cidade que Deus escolheu para fazer sua morada. O lugar mais sagrado daquela cidade era o templo. O lugar mais sagrado do templo era o lugar santíssimo. O objeto mais sagrado no santíssimo

era a arca, dentro da qual estavam entesouradas as tábuas de pedra sobre as quais Deus havia escrito os Dez Mandamentos, a lei da vida, os oráculos de Deus. Essa lei era o centro em torno do qual todo o serviço girava, a base e a razão de todo ritual. Sem a lei, os serviços do templo não tinham sentido.

A lei é uma expressão de caráter, uma revelação da mente. Por essa razão, a lei de Deus é importante. É uma parte de Deus, por assim dizer, e O revela. É uma transcrição do Seu caráter, uma expressão finita do infinito. Nela nos é dado um vislumbre da mente de Deus; uma visão do que constitui o fundamento de Seu governo. Como Deus é perfeito, igualmente Sua lei é perfeita. Como Deus é eterno, os princípios dos Dez Mandamentos igualmente são eternos. Como Deus é imutável, igualmente sua lei é imutável. Isso deve necessariamente ser assim. A lei, sendo uma transcrição do caráter de Deus, não pode ser mudada a menos que uma mudança correspondente ocorra em Deus. Mas Deus não muda. "Eu, o Senhor, não mudo" (Malaquias 3:6). Em Deus "não há mudança nem sombra de variação" (Tiago 1:17). Ele é "o mesmo ontem, e hoje, e eternamente" (Hebreus 13:8).

Os Dez Mandamentos

A lei de Deus, como contida nos Dez Mandamentos, tem sempre sido um campo de estudo proveitoso para os filhos de Deus. Numerosas são as referências na Bíblia para o deleite que os santos de Deus encontraram ao investigarem a perfeita lei da liberdade. Longe de considerar isso uma tarefa, eles consideraram um prazer contemplar as coisas profundas de Deus. Ouça o salmista: "Amo os Teus mandamentos mais do que o ouro, e ainda mais do que o ouro

fino". "Maravilhosos são os Teus testemunhos". "Tu, pelos Teus mandamentos, me fazes mais sábio do que os meus inimigos; pois estão sempre comigo". "Tenho mais entendimento do que todos os meus mestres, porque os Teus testemunhos são a minha meditação". "Tenho visto fim a toda a perfeição, mas o teu mandamento é amplíssimo. Salmos" (Salmos 119:127, 129, 98, 99 e 96).

Os Dez Mandamentos foram proclamados pela primeira vez por Deus no Monte Sinai, e depois Ele os escreveu em duas tábuas de pedra (Êxodo 20; 24:12; 31:18). Essas tábuas foram colocadas na arca no lugar santíssimo do santuário, diretamente sob o propiciatório e coberto por ele (Êxodo 25:16, 21). O que nelas estava escrito, segundo a versão Almeida Corrigida e Fiel da Bíblia em português, é o seguinte:

"Eu sou o Senhor teu Deus, que te tirei da terra do Egito, da casa da servidão
[1] Não terás outros deuses diante de mim.
[2] Não farás para ti imagem de escultura, nem alguma semelhança do que há em cima nos céus, nem em baixo na terra, nem nas águas debaixo da terra. Não te encurvarás a elas nem as servirás; porque eu, o Senhor teu Deus, sou Deus zeloso, que visito a iniquidade dos pais nos filhos, até a terceira e quarta geração daqueles que me odeiam. E faço misericórdia a milhares dos que me amam e aos que guardam os meus mandamentos.
[3] Não tomarás o nome do Senhor teu Deus em vão; porque o Senhor não terá por inocente o que tomar o seu nome em vão.
[4] Lembra-te do dia do sábado, para o santificar. Seis dias trabalharás, e farás toda a tua obra. Mas o sétimo dia é o sábado do Senhor teu Deus; não farás nenhuma obra, nem tu, nem teu filho,

nem tua filha, nem o teu servo, nem a tua serva, nem o teu animal, nem o teu estrangeiro, que está dentro das tuas portas. Porque em seis dias fez o Senhor os céus e a terra, o mar e tudo que neles há, e ao sétimo dia descansou; portanto abençoou o Senhor o dia do sábado, e o santificou.
[5] Honra a teu pai e a tua mãe, para que se prolonguem os teus dias na terra que o Senhor teu Deus te dá.
[6] Não matarás.
[7] Não adulterarás.
[8] Não furtarás.
[9] Não dirás falso testemunho contra o teu próximo.
[10] Não cobiçarás a casa do teu próximo, não cobiçarás a mulher do teu próximo, nem o seu servo, nem a sua serva, nem o seu boi, nem o seu jumento, nem coisa alguma do teu próximo". (Êxodo 20:2-17)

Esses dez mandamentos não são decretos arbitrários impostos por um Deus Todo-Poderoso a súditos relutantes. São a lei da vida, sem a qual a existência nacional, a segurança pessoal, a liberdade humana ou mesmo a civilização são impossíveis. Isso se tornará mais evidente à medida que prosseguirmos.

Os mandamentos estão divididos em duas seções, a primeira seção – os primeiros quatro mandamentos – definindo o dever do homem para com Deus, e a outra seção – os últimos seis mandamentos – definindo o dever do homem para com seus semelhantes.

Cristo reconheceu essa dupla divisão quando afirmou que os dois grandes princípios da lei são amor a Deus e amor ao homem. "Amarás o Senhor teu Deus de todo o teu coração, e de toda a tua alma, e de todo o teu pensamento. Este é o primeiro e grande

mandamento. E o segundo, semelhante a este, é: Amarás o teu próximo como a ti mesmo. Destes dois mandamentos dependem toda a lei e os profetas" (Mateus 22:37-40).

A ocasião para a proclamação por parte de Deus da Sua lei no Sinai foi Sua entrada em uma relação de aliança com Israel. Deus tinha selecionado Israel para ser o Seu povo. Ele os tirara do Egito e estava prestes a levá-los para a Terra Prometida. Ele havia prometido abençoá-los e torná-los uma nação santa e um sacerdócio real. Essas promessas, no entanto, estavam sujeitas à aceitação e cooperação deles. Deus tinha prometido fazer muito por eles. Eles, de sua parte, amariam e obedeceriam a Deus? Eles observariam fielmente as provisões da aliança? Eles estavam, de um modo geral, familiarizados com a lei de Deus. Mas agora Deus a proclamou para eles do céu, para que não houvesse dúvida quanto ao que era esperado deles. A santidade não deveria ser deixada para interpretação particular. Deus deu a eles um padrão de justiça, um padrão perfeito. "A lei é santa, e o mandamento santo, justo e bom" (Romanos 7:12). É uma expressão da vontade de Deus em relação ao homem. É a norma perfeita de Deus, contendo todo o dever do homem em todas as situações possíveis (Eclesiastes 12:13, KJV).

Uma Lei Fundamental

Causa certa perplexidade descobrir que alguns cristãos se opõem à lei de Deus. Que objeção possível eles podem ter a uma lei que ordena o amor a Deus e ao homem, que desaprova o mal e encoraja o bem? Que objeção possível eles podem ter a uma lei cujo autor é Jeová, lei cujo fim é santidade? Pode-se esperar que os pecadores se oponham a ela; pois ela expõe e condena o pecado. Mas os cristãos

estão em um nível mais alto. Com o salmista, clamarão: “Oh! Quanto amo a Tua lei! É a minha meditação em todo o dia” (Salmos 119:97).

Assim como a lei em geral é a base do governo, assim também a lei de Deus é o fundamento do governo de Deus. Dez declarações curtas e claras proclamam o inteiro dever do homem. Na qualidade de lei fundamental de Deus, definindo o dever do homem para com Deus e para com seus semelhantes, ela é uma constituição completa, concisa, perfeita. Nada se lhe pode acrescentar ou retirar.

A lei é emblema da segurança, estabilidade, fidelidade, uniformidade, igualdade. Ausência de lei significa caos, com os males que o acompanham. O mundo é construído sob leis; o universo é obediente a elas. A Infração da lei universal significaria a aniquilação da criação de Deus. Cada parte da criação está relacionada a todas as outras partes, e o que acontece em um lugar reverbera até os confins do universo. Isso faz com que a lei universal seja necessária. Uma lei deve controlar a criação em todos os lugares. Duas leis conflitantes trariam desastre.

A lei de Deus é a lei moral fundamental do universo, incorporada desde a eternidade nos dois grandes princípios de amor a Deus e amor ao homem. Esses princípios foram amplificados e adequados à condição do homem, e os Dez Mandamentos foram proclamados pelo próprio Deus no Monte Sinai. Eles constituem a lei básica da vida e da existência. Como dito acima, eles não são exigências arbitrárias impostas por uma questão de autoridade. Eles são tais como Deus, em Sua sábia presciência, viu serem necessários para que os homens vivessem juntos em harmonia, e a sociedade humana se tornasse possível. E as experiências dos homens confirmaram a

sabedoria de Deus. O mundo demonstrou que a obediência à lei de Deus é necessária à existência, à segurança, à vida. As recentes guerras mundiais são uma demonstração desse fato. Os homens estão aprendendo que não há proveito em matar e destruir uns aos outros. Eles estão se convencendo de que não somente a segurança nacional, mas a prosperidade do mundo, depende de nossa estreita adesão à regra de ouro. Eles estão começando a acreditar que os Dez Mandamentos não podem ser remetidos ao limbo, e homens e nações sobreviverem. Eles estão descobrindo que a lei de Deus não é apenas um ingrediente vital na religião, mas é necessária para a própria existência.

Essa lição está sendo cada vez mais impressa na consciência dos homens à medida que eles tentam lidar com as condições sociais de hoje. O crime é desenfreado, agressivo, desafiador. Embora o pecado e a maldade tenham existido desde a queda, eles nunca foram tão praticados como são agora. O crime e a ilegalidade são organizados, em alguns casos realizando o que equivale a uma guerra contra a sociedade. Frequentemente, os criminosos estão mais bem armados e organizados do que as forças da lei e da ordem. Há bem pouco os governos despertaram para o fato de estarem frente a frente com agências de desintegração que estão empenhadas em derrubar o governo e a civilização. Eles estão agora fazendo todos os esforços para eliminar o mal, mas não lhes é uma tarefa fácil. É dispendiosa e exaustiva e, por vezes, desanimadora; mas deve ser efetuada até o problema ser resolvido com sucesso, ou o resultado será o desastre. A tentativa dos governos de reduzir a corrupção, erradicar o vício, deter a extorsão, defender a sacralidade das relações familiares, impor a honestidade nas relações públicas e

proteger a propriedade, é admissão da sua parte de que Deus está certo, e de que os homens não devem mentir, roubar ou cometer adultério. A transgressão desses mandamentos conduz ao desastre e à perturbação, e que o governo está justificado em aplicar medidas severas para melhorar as condições e proteger a sociedade.

O movimento para acabar com o crime constitui um poderoso testemunho da integridade e do valor duradouro dos mandamentos de Deus. Homens e governos estão aprendendo que o crime não compensa, que é custoso e que arruína e destrói. Esta é a lição que Deus quer que os homens aprendam. E eles estão descobrindo, à sua maneira, o valor da obediência à lei. Nunca antes o mundo havia tido uma tal lição prática sobre o custo do crime, da transgressão. Uma fase interessante é essa em que a sociedade não apenas fornece o material para a demonstração, mas paga o custo. Isso deve tornar a lição mais eficaz.

A Natureza da Lei

A lei é uma expressão da vontade, natureza e caráter do poder governante. Qualquer lei que não seja tal expressão logo deixa de funcionar e se torna obsoleta. A lei humana é geralmente o resultado da experiência, mas também pode ser motivada pelo desejo de impor a vontade de um superior aos súditos. Em ambos os casos, a lei tem a vontade como um fator básico, e é uma expressão da vontade, da natureza e do caráter do legislador. A lei, portanto, deriva da personalidade, e define e revela essa personalidade.

A expressão *lei da natureza*, como comumente empregada, é enganosa, e deve ser usada apenas em um sentido acomodado.

Falando propriamente, não há lei da natureza enquanto tal; pois a natureza não tem vontade ou pensamento próprios. O que geralmente se quer dizer por *lei da natureza* é o processo ordenado observável na natureza, um modo definido de sequência que geralmente é previsível. O cristão acredita que as chamadas leis da natureza são as leis de Deus, uma expressão da vontade pessoal, e não confere à natureza atributos que pertencem apenas à personalidade, a Deus.

A. H. Strong usa uma ilustração que aponta uma lição importante. Quando um cristão vê um eixo girando uma grande e complicada peça de maquinaria, e em suas tentativas de descobrir o que faz girar esse eixo, chega a uma parede de tijolos da qual o eixo sai, para além da qual ele não pode ir e nem ver, não tira a conclusão de que o eixo gira por si mesmo. Ele não pode ver, ele não pode provar a existência do motor atrás da parede de tijolos que comunica força ao eixo. Mas ele *sabe* que o motor está ali. O bom senso lhe diz isso. O mero racionalismo vê o eixo e se maravilha com seu poder inerente. O cristão também vê o eixo. Mas ele vê além disso. Ele vê o invisível e sabe que existe um poder escondido por trás do eixo. Para ele é simples, claro, nada misterioso. Só se pergunta por que todos não conseguem ver o que lhe parece tão evidente. Assim também através da natureza ele vê o Deus da natureza, e as leis da natureza são para ele simplesmente as leis de Deus.

A lei de Deus é uma transcrição da natureza divina e, como tal, não é “feita” como as leis humanas são feitas, como tampouco Deus é “feito”. Não se pode dizer que a lei haja tido um princípio, como tampouco se pode dizer que Deus teve um começo. Sendo uma revelação do que Ele é, sua existência é contemporânea com a de

Deus. Ela não pode ser mudada, a menos que Deus mude. Não é temporária, porque Deus não é temporário. Não é uma expressão da vontade arbitrária, mas uma revelação do ser. Não é local ou está confinada apenas a situações específicas, pois Deus não é local. É incapaz de modificação, representando a natureza imutável de Deus. É imutável, santa e boa, porque Deus é imutável, santo e bom. É espiritual; é justa; é universal. Tudo isso a lei é e deve ser, sendo uma transcrição da natureza essencial de Deus.

Lei Elementar

Em sua criação, Adão e Eva tinham um conhecimento intuitivo de Deus e da Sua vontade. Assim como na conversão o novo homem "segundo Deus é criado em justiça e verdadeira santidade" (Efésios 4:24, KJV), também Deus no princípio dotou Suas criaturas de justiça e verdadeira santidade. Sendo criados à imagem de Deus, eles possuíam características que influenciavam grandemente sua conduta e inclinavam suas vidas à conformidade com o ideal de Deus. Esse é o sentido evidente do texto citado de Paulo, e ele confirma isso, ademais, afirmando que o novo homem "se renova para o conhecimento, *segundo a imagem* daquele que o criou" (Colossenses 3:10). Colocando as duas declarações juntas, estamos seguros ao concluir que o homem no princípio tinha um conhecimento intuitivo de Deus e possuía justiça e verdadeira santidade, e que essas características são abarcadas no conceito "imagem de Deus".

Da extensão exata do conhecimento de Adão na criação nós não somos informados, mas o fato de que ele foi capaz de no primeiro dia de sua vida avaliar corretamente os animais que passaram diante

dele, e os nomear em harmonia com as disposições peculiares deles, sugere um discernimento mais profundo do que aquele que o homem possui hoje. Deve ser observado que conquanto Adão "segundo Deus" foi "criado justiça e verdadeira santidade", esses eram dons concedidos a ele que precisavam de confirmação e apropriação consciente de sua parte antes deles se tornarem seus absolutamente, e que, portanto, no devido tempo ele deveria ser testado.

Como Deus é amor, e como Adão foi criado à imagem de Deus, o princípio orientador em Suas criaturas também seria o amor. Quando Adão e Eva se encontraram pela primeira vez, não houve necessidade de dizer a Adão que ele não deveria fazer qualquer mal a Eva; nem Eva precisou ser admoestada a não ter medo de Adão. O amor que Deus implantou em seus corações resolvia tais problemas. O amor não faz mal ao próximo e o perfeito amor lança fora o temor [Romanos 13:10; 1 João 4:18]. Não era um esforço para Adão e Eva o se amarem. Era um resultado natural de serem criados à imagem de Deus.

O amor que assim possuíam seus corações os faria amar a Deus, assim como um ao outro. Não havendo medo no amor, eles se aproximariam com confiança de Deus, e à medida que seu conhecimento sobre Ele aumentasse, também o amor deles aumentaria. Ao homem não havia necessidade de se ensinar esse amor. Era dele em virtude de ter sido criado à imagem de Deus, e constituía um alicerce seguro sobre o qual Deus poderia edificar a felicidade do homem e sobre o qual Ele poderia colocar toda a lei e os profetas.

O advento do pecado obscureceu a concepção de Deus e alterou sua relação com seus semelhantes. Mas um conhecimento de Deus e da responsabilidade do homem para com seus semelhantes nunca foi totalmente eliminado de sua consciência, como evidenciado pelo tatear a procura de Deus, mesmo entre as menores das tribos incivilizadas, e seus esforços para estabelecer algum tipo de governo rústico baseado em direitos individuais ou comunitários. Disso há uma ilustração mais clara entre as nações civilizadas, onde as leis para a proteção da vida e da propriedade têm uma semelhança indubitável com a lei de Deus para os homens. A universalidade desse conceito confirma a alegação de que no fundo da consciência do homem está implantado um conhecimento do certo e do errado, e embora esse conhecimento seja em muitos casos muito limitado e imperfeito, permanece, todavia, um resíduo que é suficiente para estabelecer a responsabilidade moral, e pelo qual os homens podem ser responsabilizados.

Isso Paulo argumenta nos primeiros capítulos de Romanos, onde ele diz que "os gentios, que não têm a lei [na forma escrita], fazem *por natureza* as coisas contidas na lei" (Romanos 2:14, KJV). O argumento de Paulo é baseado no fato de que há algo no homem, não obstante degradado, que corresponde à lei de Deus e a aprova, e que embora esse conhecimento seja incompleto e escasso, resta o suficiente para que "seus pensamentos [estejam], quer acusando-os, quer defendendo-os". Isso mostra, ele argumenta mais adiante, "a obra da lei escrita em seus corações, testemunhando também a sua consciência" (verso 15, KJV). Paulo, de fato, não diz que os gentios têm a lei escrita nos corações, mas a obra da lei. Mesmo isso não deve ser entendido como significando que todos têm toda a lei

escrita ali, mas há o suficiente no coração de todo homem para torná-lo moralmente responsável; e a isso deve ser acrescentado o fato adicional de sua consciência também dar testemunho.

Nesse argumento, Paulo repudia completamente a suposição da teoria da evolução de que o homem descende de uma ascendência bruta. Pelo contrário, ele argumenta que todos os homens têm "por natureza" um conhecimento das obras da lei "escrito em seus corações"; que algum judiciário moral na alma os leva a acusar ou defender um ao outro; que nesse processo de autojulgamento a consciência também testemunha, e que eles, ainda que "não tendo a lei, são uma lei para si mesmos" (verso 14, KJV). Tal testemunho interno como Paulo aqui apresenta pode ter sua origem somente em Deus. Limo, lodo e sujeira não constituem razão suficiente para os homens "por natureza" terem "a obra da lei escrita em seus corações", ou para os homens terem "pensamentos, quer acusando-os, quer defendendo-os". Tais processos defendem uma origem divina; e quando Paulo afirma que os homens fazem *"por natureza* as coisas contidas na lei", ele ignora todos os hábitos adquiridos, e volve à natureza que o homem tinha quando originalmente criado por Deus.

O conhecimento intuitivo que todos os homens têm de certo e errado – em graus muito variados – constitui sua responsabilidade moral, e é a medida usada no julgamento. Por isso, "todos os que pecaram sem lei, também perecerão sem lei; e todos os que pecaram na lei, serão julgados pela lei" (verso 12, KJV).

Isto afirma que é possível para os homens pecar sem lei – isto é, sem o conhecimento da lei escrita de Deus. Em que, então, o seu pecado consiste? Eles, "não tendo a lei, são uma lei para si mesmos" (verso

14, KJV). Tal conhecimento como eles têm, por mais imperfeito que seja, é o critério que determina sua culpa "no dia em que Deus há de julgar os segredos dos homens, por Jesus Cristo, segundo o meu evangelho" (verso 16). Se for argumentado que as Escrituras não dizem que tais serão *julgados* sem lei, nós respondemos que a razão pela qual eles perecem é que eles pecaram; e para executar julgamento sobre eles sem primeiro julgá-los seria contrário a Deus. O fato de que eles são considerados como tendo pecado pressupõe investigação e julgamento. Eles "são uma lei para si mesmos", e por isso são julgados.

Se for reconhecido que os homens são constituídos de tal forma que "por natureza" têm um senso de obrigação moral independente de qualquer revelação externa, podemos perguntar: esse senso de obrigação diz respeito apenas à segunda tábua da lei – a relação do homem com o homem – ou se estende à primeira tábua também, a relação do homem com Deus? São os homens assim constituídos pela natureza que eles têm, ou podem alcançar, um conhecimento de Deus sem uma revelação escrita?

Essa questão Paulo discute no primeiro capítulo de Romanos. Lá ele afirma sem hesitar que Deus revelou-Se de tal maneira na natureza que Ele pode ser conhecido "pelas coisas que estão criadas", e que "as coisas invisíveis dEle" – as quais são definidas para incluir "mesmo seu eterno poder e Divindade" – podem ser "claramente vistas, sendo entendidas pelas coisas que estão criadas" (Romanos 1:20, KJV). Essas declarações são evidentemente um comentário inspirado nas palavras do salmista: "Os céus declaram a glória de Deus e o firmamento anuncia a obra das suas mãos" (Salmos 19:1). Mas Paulo vai um passo além quando afirma que "Deus mostrou

isso a eles" (Romanos 1:19, KJV). Essa redação sugere que Deus não apenas revelou-Se nas coisas que Ele fez para que os homens pudessem estudá-las se eles se sentissem inclinados a tal, mas que de algum modo Deus entrou na vida dos indivíduos e "mostrou isso a eles", "para que eles sejam inescusáveis" (verso 20, KJV).

Se bem que esse argumento deixe os homens inescusáveis, ele não deve ser levado a ponto de fazer a revelação escrita desnecessária. Ele apenas prova que aos homens é possível e eles podem encontrar Deus ao contemplar as coisas que Ele fez, mas também deve ser admitido que isso não é uma revelação perfeita ou completa. No que diz respeito ao Decálogo, há uma exceção notável para a qual chamaremos atenção. Isso é encontrado no quarto mandamento.

A natureza em nenhum lugar indica um sétimo dia definido como dia de descanso para o homem ou para Deus. Nenhuma busca no céu ou na terra, nenhum estudo dos majestosos corpos celestes ou da vida microscópica na terra revela qualquer dia específico de descanso. Esta é uma questão apenas de revelação.

Não ousaríamos negar que há indicações de repouso na natureza, ou que a estrutura humana não precisa de descanso periódico além daquele obtido no sono, ou pelo menos uma mudança de ocupação. Pelo contrário, sustentamos que um estudo das funções do corpo revela a necessidade de tal descanso e mudança, e que, por natureza, os homens são inclinados a buscar tal descanso. Duvidamos, contudo, que necessariamente, pela mera razão ou estudo, o homem chegaria à conclusão de que todo sétimo dia, em vez de todo quinto ou décimo dia, deveria ser separado para descanso. Mas mesmo que admitamos tal possibilidade, estamos absolutamente certos de que nenhum montante de raciocínio ou pesquisa poderia jamais revelar a

identidade do verdadeiro sétimo dia. *Essa* é uma questão de pura revelação.

Portanto, colocamos o mandamento do sábado com os outros nove como um mandamento distintamente moral, todos eles encontrando um reflexo na consciência humana. Sustentamos com Paulo que os homens, por natureza, têm algum conhecimento dos preceitos que constituem a segunda tábua da lei, e também concordamos com ele que Deus Se revelou na natureza para que, à medida que os homens estudam as coisas que estão criadas, possam entender o que pode ser conhecido de Deus; de modo que, mesmo no que diz respeito à primeira tábua da lei, eles são inescusáveis.

19. O Sábado

"Lembra-te do dia do sábado, para o santificar. Seis dias trabalharás, e farás toda a tua obra. Mas o sétimo dia é o sábado do Senhor teu Deus; não farás nenhuma obra, nem tu, nem teu filho, nem tua filha, nem o teu servo, nem a tua serva, nem o teu animal, nem o teu estrangeiro, que está dentro das tuas portas. Porque em seis dias fez o Senhor os céus e a terra, o mar e tudo que neles há, e ao sétimo dia descansou; portanto abençoou o Senhor o dia do sábado, e o santificou" (Êxodo 20:8-11).

Se uma pessoa que antes não soubesse da existência dos Dez Mandamentos ficasse de repente cara a cara com eles, ela imediatamente ficaria impressionada com sua razoabilidade e bom senso. Ao ler o mandamento "Não furtarás", ela concordaria que é um bom mandamento. Igualmente com os mandamentos "Não matarás" e "Não adulterarás". Ela teria, sem dúvida, observado que a maioria das nações tinham leis semelhantes e as consideraram necessárias e boas. Ela seria incapaz de encontrar qualquer falha na lei de Deus.

Uma coisa, no entanto, pode ser intrigante para ela. Por que o sétimo dia deveria ser considerado santo? Ela seria capaz de ver uma razão para cada um dos outros mandamentos; ela seria capaz até mesmo de ver a necessidade de descanso periódico; mas o sétimo dia definido pareceria arbitrário. De um mero ponto de vista da saúde, cada quinto ou sexto dia, ou oitavo, ou décimo dia, também serviria. E, de qualquer modo, por que selecionar *o* sétimo dia da semana em vez de apenas uma sétima parte do tempo? Os outros mandamentos

estão de acordo com a razão do homem, mas o sábado do sétimo dia parece ser um decreto arbitrário. Ela argumentaria que o espírito do mandamento seria cumprido pela observância de um dia ocasional, conforme lhe fosse conveniente. Exigir que um dia em particular seja observado é estranho ao procedimento geral de Deus em relação à liberdade humana.

O autor uma vez teve uma conversa com uma pessoa em que foram apresentados os argumentos mencionados. A pessoa em questão era culta. A conversa se voltou para a lei de Deus, especialmente para o mandamento do sábado. O argumento apresentado foi mais ou menos o seguinte:

"Eu aprecio a contribuição que sua denominação está fazendo à lei e à ordem. Em uma época como essa, na qual o crime e a ilegalidade prevalecem, devemos depender das igrejas para permanecermos firmes pela justiça. Lamento notar que algumas das igrejas não estão fazendo isso. Eles têm considerado levianamente a lei de Deus, e isso só pode ter reações em assuntos civis. Se a lei de Deus pode ser ignorada com impunidade, é fácil tomar uma atitude semelhante em relação à lei civil. Eu estou feliz, portanto, que você esteja pregando a lei assim como o evangelho. Ambos são necessários".

"Há uma coisa, no entanto, sobre a qual eu acredito que você esteja enganado. Você está guardando o sétimo dia e acredita que Deus exige que você faça isso. Embora eu honre sua crença e pense que você é honesto, também acho que está enganado. Dediquei um pouco de estudo à questão, e acredito que a vontade e a intenção de Deus podem ser servidas tão bem quanto se você guardasse o primeiro dia da semana como se guardasse o último; e isso seria muito mais fácil para você, e sua influência seria aumentada.

Conquanto eu pessoalmente acredite que é indiferente se eu guardo um dia ou outro, ou nenhum dia, honro aqueles que o fazem. Mas eu acho que você está enganado em acreditar que você deve manter o sétimo dia. Deus não exige isso de você. O máximo que Ele poderia esperar seria que você guardasse um dia em sete".

"O mandamento do sábado é de uma natureza diferente da dos outros mandamentos. Se um grupo de homens que nunca tivesse ouvido falar dos Dez Mandamentos fosse viver juntos, eles logo desenvolveriam uma série de leis para sua própria orientação. Nações pagãs e tribos selvagens têm regras contra roubar, matar e adulterar. Acredito que tais povos primitivos construiriam, depois de algum tempo, um código de leis em conformidade com os Dez Mandamentos, mas não vejo como eles poderiam jamais evoluir para a lei do sábado do sétimo dia. Não há nada na natureza que possa guiá-los a tal realização. Eu considero os outros mandamentos obrigatórios, mas não o sábado do sétimo dia".

Para isso, a resposta foi dada na seguinte linha: "Sem admitir a verdade de todas as suas alegações, vamos consentir que o mandamento do sábado é em alguns aspectos diferente dos outros mandamentos, e que o homem sem a ajuda da revelação nunca poderia chegar a uma crença no sábado do sétimo dia".

"Que o mandamento do sábado ocupa um lugar único na lei de Deus é, creio eu, reconhecido pela maioria dos estudantes. É o único mandamento que lida com o tempo e tem a distinção de declarar certas coisas pecado se feitas em um tempo determinado. Nisso ele difere dos outros mandamentos".

"Foi esse mandamento que Deus escolheu nos tempos antigos para ser o mandamento de teste. Antes que a lei fosse proclamada

publicamente no Sinai, 'Israel murmurou contra Moisés e contra Arão no deserto. E os filhos de Israel disseram-lhes: Quem dera tivéssemos morrido por mão do Senhor na terra do Egito, quando estávamos sentados junto às panelas de carne, quando comíamos pão até fartar! Porque nos tendes trazido a este deserto, para matardes de fome a toda esta multidão' (Êxodo 16:2, 3). A situação era crítica. Alguma coisa tinha que ser feita. 'Então disse o Senhor a Moisés: Eis que vos farei chover pão dos céus, e o povo sairá, e colherá diariamente a porção para cada dia, para que eu o prove se anda em minha lei ou não" (verso 4).

"A coleta e a preparação do pão que o Senhor enviou do céu constituíram o teste para Israel, 'para que eu o prove se anda em minha lei ou não'. Todos os dias eles deviam reunir o suficiente para a necessidade do dia, mas no sexto dia deviam reunir duas vezes mais, de maneira que tivessem o suficiente para durar ao longo do sábado. Embora o maná normalmente não se mantivesse fresco por mais de um dia, no sexto dia Deus milagrosamente preservava o maná da corrupção. 'Ao sexto dia colheram pão em dobro' (verso 22). 'E ele disse-lhes: Isto é o que o Senhor tem dito: Amanhã é repouso, o santo sábado do Senhor; o que quiserdes cozer no forno, cozei-o, e o que quiserdes cozer em água, cozei-o em água; e tudo o que sobejar, guardai para vós até amanhã. E guardaram-no até o dia seguinte, como Moisés tinha ordenado; e não cheirou mal nem nele houve algum bicho. Então disse Moisés: Comei-o hoje, porquanto hoje é o sábado do Senhor; hoje não o achareis no campo. Seis dias o colhereis, mas o sétimo dia é o sábado; nele não haverá" (Êxodo 16:23-26).

"Alguns do povo não ficaram satisfeitos, porém. 'E aconteceu ao sétimo dia, que alguns do povo saíram para colher, mas não o acharam. Então disse o Senhor a Moisés: Até quando recusareis guardar os meus mandamentos e as minhas leis? Vede, porquanto o Senhor vos deu o sábado, portanto ele no sexto dia vos dá pão para dois dias; cada um fique no seu lugar, ninguém saia do seu lugar no sétimo dia. Assim repousou o povo no sétimo dia'." (versos 27 a 30).

"De todos os mandamentos, Deus escolheu o quarto como mandamento de teste. Quando Ele quis provar o povo, 'se anda em minha lei ou não', disse a eles para coletarem maná a cada dia o suficiente para sua necessidade, duas vezes mais no sexto dia, e nada no sétimo. Esse foi o teste. Quando eles desobedeceram, não foi apenas o sábado que eles quebraram; foi toda a lei. Deus não disse 'até quando recusareis a guardar o meu sábado?', mas, 'Até quando recusareis guardar os meus mandamentos e as minhas leis'. Era mais do que a questão de um dia. Quando eles se recusaram a observar o sábado, eles quebraram toda a lei. O sábado foi o teste, um sinal de obediência. Se guardassem o sábado, eram considerados obedientes. Se eles o quebrassem, eles eram culpados de toda a lei".

"É a esta e a experiências posteriores que Ezequiel faz referência quando cita Deus dizendo no deserto: 'E também lhes dei os meus sábados, para que servissem de sinal entre mim e eles; para que soubessem que eu sou o Senhor que os santifica" (Ezequiel 20:12). A declaração aqui feita é que os sábados de Deus são um sinal de santificação. No verso 20, os sábados do Senhor são chamados de um 'sinal entre mim e vós, para que saibais que eu sou o Senhor vosso Deus'. No primeiro verso citado, os sábados são chamados de

sinal de santificação, no segundo, um sinal de que ‘eu sou o Senhor vosso Deus’. Em ambos eles são chamados de sinais”.

“É interessante notar as condições sob as quais essas declarações foram feitas. Os anciãos de Israel vieram consultar o Senhor; mas o Senhor declarou enfaticamente que Ele não seria consultado por eles (verso 3). Ele falara com eles muitas vezes, e eles não haviam escutado. Por que Ele deveria Se comunicar mais com eles quando eles se recusavam a fazer o que Ele lhes ordenara? Eles eram como seus pais. Os pais tinham sido desobedientes e não demonstraram qualquer inclinação para ouvir. Quando Ezequiel pensou em pleitear por eles, o Senhor ordenou-lhe que dissesse claramente ao povo onde haviam falhado. ‘Notifica-lhes as abominações de seus pais; (Ezequiel 20:4). Isso Ezequiel fez ao recontar-lhes a dificuldade que o Senhor teve em trazer Israel do Egito para a Terra Prometida, e em fazê-los guardar Seus mandamentos, especialmente o quarto.

Enquanto eles ainda estavam no Egito, Deus ordenou que eles deixassem de lado todos os ídolos. Isso eles não tinham feito. No entanto, Deus os tirou do Egito para o deserto e proclamou-os Sua lei. Nessa lei, Ele aponta o sábado, dizendo que isso é Seu sinal de santificação e que Ele quer que eles o santifiquem. ‘Mas a casa de Israel se rebelou... profanaram grandemente os meus sábados; e eu disse que derramaria sobre eles o meu furor no deserto, para os consumir (verso 13). Deus, no entanto, decide não os consumir. Por outro lado, Ele sente que não poderia trazê-los para “a terra que lhes tinha dado... porque... profanaram os meus sábados’.” (versos 15 e 16).

“Deus suplica-lhes: ‘Não andeis nos estatutos de vossos pais, nem guardeis os seus juízos, nem vos contamineis com os seus ídolos. Eu

sou o Senhor vosso Deus; andai nos meus estatutos, e guardai os meus juízos, e executai-os. E santificai os meus sábados, e servirão de sinal entre mim e vós, para que saibais que eu sou o Senhor vosso Deus' (versos 18 a 20). 'Mas também os filhos se rebelaram... eles profanaram os meus sábados; por isso eu disse que derramaria sobre eles o meu furor, para cumprir contra eles a minha ira no deserto' (verso 21). Deus decide que Ele iria 'os espalhar entre os gentios, e os derramar pelas terras, porque não executaram os meus juízos, e rejeitaram os meus estatutos, e profanaram os meus sábados, e os seus olhos iam após os ídolos de seus pais'." (versos 23 e 24).

"Duas vezes a declaração feita é de que os filhos de Israel se 'rebelaram...profanaram os Meus sábados'. Deus por fim decide: 'separarei dentre vós os rebeldes, e os que transgrediram contra mim', esses, 'à terra de Israel não voltarão' (verso 38).

"Ninguém pode reverentemente ler este capítulo sem chegar à conclusão de que Deus dá muita importância ao sábado, que este é um teste, um sinal, que é escolhido sobre os outros mandamentos como prova de obediência. Eu os provarei, diz Deus, 'se anda em minha lei ou não'. A guarda do sábado é uma prova de obediência. É o sinal da santificação. É o sinal de que 'eu sou o Senhor vosso Deus'."

"Por que Deus escolheu o mandamento do sábado como um teste em vez de um dos outros mandamentos? Admitindo a alegação de que o sábado do sétimo dia repousa sobre um 'Assim diz o Senhor' apenas, por esse mesmo fato proeminência e significado especiais são dados a ele. Um mandamento é destacado do resto, para ficar como um teste, um sinal, de que se alguém obedece *a ele*, está em harmonia com a lei inteira".

"É como se Deus arrazoasse assim acerca dos outros nove mandamentos:

'Eu lhes dei a Minha lei. Eu a escrevi em seus corações; ela está traçada em cada fibra do seu ser. Eles sabem por natureza o que é certo e o que não é. Sua própria consciência testemunha a veracidade da Minha lei. A lei é tão clara, é tão evidente para todos que esses mandamentos básicos são necessários à existência que os homens podem falhar em aceitá-los como de origem divina. Alguns argumentarão que os mandamentos são tão vitais para a vida e a existência, tão evidentemente necessários, que, sem a ajuda de qualquer direção divina, as pessoas seriam capazes, por si mesmas, de fazerem uma lei comparável à Minha. Eles se vangloriarão de que, com o passar das eras, os homens, através da experiência, chegaram à conclusão de que não é bom roubar, mentir ou matar, e desenvolveram leis apropriadas sobre tais assuntos, e que essas leis não são de origem divina, mas são o resultado da experiência humana e estão definitivamente arraigadas na raça. Eles apontarão com segurança para tribos e povos que durante séculos estiveram fora de contato com a civilização e ainda assim têm regras cobrindo muitos pontos da lei. Eles alegarão que isso comprova que a lei não é de origem divina, que os homens estão simplesmente seguindo uma lei que sua própria experiência os ensina ser para o bem da humanidade'."

"Deus continua: 'Eu farei uma provisão em Minha lei que não tem qualquer correspondência na natureza; essa será uma ordem positiva, e para a qual eles serão incapazes de encontrar qualquer razão além da Minha Palavra. Para os outros mandamentos o homem pode ver uma razão. Eles apelam ao seu bom senso. Mas,

para esse mandamento, não haverá nenhuma outra razão além do Meu mandamento. Se eles o obedecem, eles Me obedecem. Se eles o rejeitam, eles Me rejeitam. Eu vou fazer desse mandamento um teste, um sinal. Eu o farei um teste para saber se eles vão manter a Minha lei, ou não. Eu o farei um sinal de que Eu sou o Senhor'.

'Eu farei o sétimo dia ser o sábado e pedirei a eles que o observem. Não há nada na natureza que indique que esse dia é o sábado. Se eles o guardarem, será porque eu o ordenei. Eu o farei um teste, e lhes direi isso. Assim, poderei provar se eles andarão em Minha lei ou não. O sábado será Meu sinal, Meu teste de obediência. O sétimo dia, não um dia em sete. Qualquer que o obedeça, Me obedece. Qualquer que o rejeite, rejeita não apenas o sábado, mas toda a lei. Mais do que isso, quando eles rejeitam o sétimo dia, eles Me rejeitam. A guarda do sábado do sétimo dia é o sinal de que eles Me aceitam como seu Deus'.

'Com o passar do tempo, surgirão homens que se declararão religiosos, mas que, na realidade, confiam no seu próprio entendimento. Muitos deles rejeitarão a história e o Deus da criação, substituindo-os por suas próprias teorias sobre como as coisas vieram à existência. Embora eles não estivessem presentes quando Eu falei e as coisas vieram a existência, eles vão se pronunciar de forma culta sobre como isso foi feito, rejeitando o Meu testemunho sobre o evento. Alguns deles definitivamente Me rejeitarão. Outros alegarão acreditar em Mim e, contudo, quando se trata de um conflito entre a Minha palavra e as suas conclusões, eles Me rejeitarão e aceitarão suas próprias teorias. Rejeitando a história da criação, eles naturalmente rejeitarão o memorial da criação, o sábado. Eles não aceitarão aquilo que não podem compreender. Sua

própria mente é sua fonte final de autoridade. Eu lhes darei um teste que mostrará se eles realmente andarão em Minha lei ou não. Se eles aceitam Meu sinal, Meu teste, Meu sábado, eles reconhecem nisso uma mente mais alta do que a deles. Se eles rejeitam o Meu sábado, rejeitam a Mim, Minha palavra, Minha lei. Eu farei do sábado o teste'.

'Os homens entenderão o desafio. Eles não serão capazes de fugir da questão. Verão claramente que, na aceitação do sábado, eles devem aceitar e aceitam a Minha Palavra pela fé, em vez de pelo seu próprio raciocínio. A guarda do sábado repousa na fé somente. Os homens não podem racionalizá-lo com base na experiência ou pesquisa humana. Se eles aceitam o sábado, eles o aceitam por sua fé em mim'.

'O maligno vai fazer todos os esforços para destruir a fé do Meu povo. Ele tentará contrafazer Minha obra. Ele defenderá um falso dia de descanso e o tornará mais conveniente e popular do que o dia que escolhi na criação. E ele terá sucesso com um grande número de pessoas, que o aceitarão de preferência a Mim. Ele vai desafiar o Meu dia de descanso e reunir as pessoas sob sua bandeira. As pessoas terão uma questão clara diante delas. Será uma questão do Meu sábado de um lado, e do sábado espúrio do Meu adversário do outro lado. Eu tenho o Meu sinal. Ele tem o dele. Todos deverão escolher sob qual bandeira ficarão'.

'Conhecendo o fim desde o começo, escolhi deliberadamente o sábado como o teste, para provar se os homens andarão em Minha lei, ou não. É por isso que eu o coloquei no seio da lei. Ele permanece absolutamente só e repousa inteiramente na Minha palavra. Eu o fiz o mandamento de teste. Ele é o Meu sinal'."

Não é, evidentemente, nossa alegação a de que Deus passou por tal processo de pensamento como aqui é sugerido. Ele conhece o fim desde o começo e age de acordo. Por razões boas e suficientes Ele deu o sábado como um sinal, um teste. Acreditamos que podemos ver algumas razões para isso. Convém nos colocarmos de todo o coração ao lado de Deus nesta importante questão.

O mandamento do sábado tem um peso vital na expiação. Era em referência à transgressão da lei que o sangue era ministrado no serviço do santuário. Era quando alguém fazia "contra algum dos mandamentos do Senhor, aquilo que se não deve fazer", que ele precisava da expiação (Levítico 4:27). Constitui a transgressão do mandamento do sábado "aquilo que se não deve fazer" contra um dos mandamentos? Números 15 contém uma lição sobre o ponto.

O Senhor, falando a Israel, diz: "E, quando vierdes a errar, e não cumprirdes todos estes mandamentos, que o Senhor falou a Moisés...Será, pois, perdoado a toda a congregação dos filhos de Israel, e mais ao estrangeiro que peregrina no meio deles, porquanto por ignorância sobreveio a todo o povo" (Números 15:22-26).

Qualquer pecado que Israel ou o estrangeiro fizessem ignorantemente poderia ser perdoado. "Para o natural dos filhos de Israel, e para o estrangeiro que no meio deles peregrina, uma mesma lei vos será, para aquele que pecar por ignorância" (verso 29).

Mas se um homem pecasse intencionalmente, ele era tratado de forma diferente. "Mas a pessoa que fizer alguma coisa temerariamente, quer seja dos naturais quer dos estrangeiros, injuria ao Senhor; tal pessoa será extirpada do meio do seu povo. Pois desprezou a palavra do Senhor, e anulou o seu mandamento;

totalmente será extirpada aquela pessoa, a sua iniquidade será sobre ela" (versos 30 e 31).

Segue-se uma ilustração sobre o que significa pecar temerariamente. Um homem foi encontrado apanhando lenha no dia de sábado. Os líderes não tinham certeza do que deveria ser feito, de modo que "o puseram em guarda; porquanto ainda não estava declarado o que se lhe devia fazer" (verso 34). O Senhor não os manteve por muito tempo em suspense. "Disse, pois, o Senhor a Moisés: Certamente morrerá aquele homem; toda a congregação o apedrejará fora do arraial. Então toda a congregação o tirou para fora do arraial, e o apedrejaram, e morreu, como o Senhor ordenara a Moisés" (versos 35 e 36).

Deus havia proclamado a Israel Seus mandamentos. Ele lhes havia dito para lembrarem do dia de sábado. Ele havia anunciado que isso era Seu teste para mostrar se andariam em Sua lei ou não. Não havia desculpa. Quando o homem saiu apanhando lenha no sábado, ele não estava em ignorância. Ele era rebelde. Ele "desprezou a palavra do Senhor". Ele quebrou os mandamentos. Havia apenas uma lei para ele. Ele havia pecado temerariamente.

Uma coisa é os homens na terra pensarem levianamente em mudar o dia do sábado. Outra coisa é tocar a lei eterna de Deus, que é o fundamento do Seu trono no céu acima. Os mandamentos constituem a razão e o fundamento da expiação. Uma cópia desta lei foi guardada na arca sagrada no lugar santíssimo do santuário terrestre, um lugar em que só o sumo sacerdote poderia entrar. Sua sacralidade era tal que, quando em certa ocasião um homem tocou a arca, ele foi imediatamente ferido (1 Crônicas 13:9, 10). O que teria acontecido se ele colocasse a mão na arca e tentasse mudar a escrita

de Deus nas tabuas! Ainda assim, os homens impiamente consideraram uma tal possibilidade! Esquecem-se da santidade de Deus e da sacralidade da lei, sem mencionar a impossibilidade de mudar o que está gravada na pedra pelo próprio dedo de Deus!

Teria a lei que é o fundamento da expiação e que exigiu a morte do Senhor sido mudada? Se o mandamento do sábado foi mudado, outros também foram mudados? Se a lei foi mudada, o fundamento para a expiação também foi mudado, e se assim foi, Cristo morreu por uma coisa no Antigo Testamento e por outra no Novo? Deus exigiu a pena de morte por transgressão intencional do mandamento do sábado no dia anterior à morte de Cristo na cruz, e não no dia seguinte? Ou havia uma zona neutra quanto à pena de morte? Podem haver diferenças entre os cristãos quanto a muitas coisas. Pode, porém, haver qualquer diferença de opinião quanto à necessidade e ao fundamento da expiação? Cristo ainda é nosso Sumo Sacerdote? A lei ainda está debaixo do propiciatório na arca? Tire a lei, e não há mais necessidade de expiação. Ao contrário: se ainda há expiação, ainda há lei.

Sem a lei, a expiação torna-se uma farsa, a encarnação de Cristo é uma fábula piedosa, Sua morte, um erro judicial, o Getsêmani, uma tragédia. Se a lei – ou qualquer um dos mandamentos – pode ser transgredida impunemente; se a lei foi revogada ou seus preceitos alterados; se a lei, dada pelo próprio Deus, deixou de ser o padrão no julgamento, então a morte de Cristo se torna desnecessária, o Pai mesmo deixa de ser a personificação da justiça e bondade, e Cristo não pode escapar da acusação de ser parte de um engano. Que todos os cristãos clamem contra tal doutrina! Se a lei é destruída, a expiação não é necessária, nem Cristo. Que os fatos permaneçam

sempre claros em todas as mentes: Cristo viveu, sofreu, morreu e ressuscitou por nós. Nós pecamos, transgredimos a lei e fomos condenados à morte. Cristo nos salvou, não eliminando a lei – pois desse modo Ele não precisaria morrer – mas morrendo por nós, estabelecendo assim para sempre as reivindicações da lei. Ele agora ministra Seu sangue precioso por nós no santuário acima. Ele é nosso advogado, nossa garantia, nosso sumo sacerdote. Ele é o mesmo ontem, hoje e sempre. Pela graça somos salvos.

20. O Último Conflito

Em Daniel 8:14 ocorre uma afirmação que agora reclama nossa atenção. Diz: “Até duas mil e trezentas tardes e manhãs; e o santuário será purificado”. Qualquer declaração concernente ao santuário é importante. O texto citado acima é particularmente importante. Ele afirma que, em certo momento, o santuário será purificado. Isso é bastante incomum, pois o santuário terrestre era purificado a cada ano, no Dia da Expiação. Por que, então, deveria um certo tempo, duas mil e trezentas tardes e manhãs, transcorrer antes que essa purificação particular ocorresse?

O oitavo capítulo de Daniel contém uma importante profecia. Ele descreve uma visão que Daniel teve a respeito de um carneiro e de um bode.

“No ano terceiro do reinado do rei Belsazar apareceu-me uma visão, a mim, Daniel, depois daquela que me apareceu no princípio. E vi na visão; e sucedeu que, quando vi, eu estava na cidadela de Susã, na província de Elão; vi, pois, na visão, que eu estava junto ao rio Ulai. E levantei os meus olhos, e vi, e eis que um carneiro estava diante do rio, o qual tinha dois chifres; e os dois chifres eram altos, mas um era mais alto do que o outro; e o mais alto subiu por último. Vi que o carneiro dava marradas para o ocidente, e para o norte e para o sul; e nenhum dos animais lhe podia resistir; nem havia quem pudesse livrar-se da sua mão; e ele fazia conforme a sua vontade, e se engrandecia. E, estando eu considerando, eis que um bode vinha do ocidente sobre toda a terra, mas sem tocar no chão; e aquele bode tinha um chifre insigne entre os olhos. E dirigiu-se ao carneiro que

tinha os dois chifres, ao qual eu tinha visto em pé diante do rio, e correu contra ele no ímpeto da sua força. E vi-o chegar perto do carneiro, enfurecido contra ele, e ferindo-o quebrou-lhe os dois chifres, pois não havia força no carneiro para lhe resistir, e o bode o lançou por terra, e o pisou aos pés; não houve quem pudesse livrar o carneiro da sua mão. E o bode se engrandeceu sobremaneira; mas, estando na sua maior força, aquele grande chifre foi quebrado; e no seu lugar subiram outros quatro também insignes, para os quatro ventos do céu" (Daniel 8:1-8).

A interpretação é dada nos versos 20 e 21: "aquele carneiro que viste com dois chifres são os reis da Média e da Pérsia, mas o bode peludo é o rei da Grécia; e o grande chifre que tinha entre os olhos é o primeiro rei".

Entre os comentadores, há unanimidade de que o "grande chifre" é Alexandre, o Grande. Enquanto ele ainda estava "na sua maior força, aquele grande chifre foi quebrado (verso 8). Em seu lugar surgiram outros quatro, denotando as quatro divisões do Império Grego com a morte de Alexandre (verso 22).

O Chifre Pequeno

A parte da profecia em que estamos especialmente interessados começa com o verso nove. "E de um deles saiu um chifre pequeno, o qual tornou-se extremamente grande para o sul, e para leste, e para a terra agradável. E se engrandeceu até ao exército das estrelas; e lançou por terra alguns do exército das estrelas, e os pisou. Sim, magnificou-se até o príncipe do exército, e por ele o sacrifício diário foi tirado, e o lugar do seu santuário foi lançado por terra. E um

exército foi dado a ele contra o sacrifício diário, por causa da transgressão, e lançou a verdade por terra; e o fez, e prosperou. Então eu ouvi um santo falando, e outro santo disse àquele que falava: Por quanto tempo será a visão do sacrifício diário, e da transgressão da desolação, para dar o santuário e o exército para serem pisados a pés? E ele disse a mim: Até dois mil e trezentos dias; então o santuário será purificado" (versos 9 a 14, KJV).

É evidente que a profecia gira em torno do "chifre pequeno" que "tornou-se extremamente grande". Alexandre é o "grande chifre" (Daniel 8:21). O poder simbolizado pelo chifre pequeno começou de maneira imperceptível, mas "tornou-se extremamente grande". É digno de nota o que faz esse chifre. Ele "destruirá maravilhosamente" o povo de Deus (verso 24, KJV). Isso é feito não tanto por guerra quanto "por paz" (verso 25, KJV). Ele tem entendimento, é astuto e tem uma "política" definida (verso 25, KJV). É poderoso, "mas não por seu próprio poder", e prosperará e praticará (versos 24 e 12, KJV). É um poder orgulhoso, pois "no seu coração se engrandecerá", "e se engrandeceu até contra o príncipe do exército", (versos 25 e 11). É um poder perseguidor, pois destrói "os poderosos e o povo santo", e todo um "exército" lhe é entregue "a fim de ser pisado" (versos 24, 10 e 13). Ele ensina falsas doutrinas e "lançou a verdade por terra" (verso 12). Ele guerreia contra a verdade; o santuário é "lançado por terra" e "pisado", e isto "por causa da transgressão" (versos 11 a 13). O clímax é alcançado quando ele se levanta "contra o Príncipe dos príncipes". Ele é, então, quebrado "sem mão" (verso 25). Quando Daniel viu tudo isso em visão, isso o afetou tanto que disse: "enfraqueci, e estive

enfermo alguns dias". E: "espantei-me acerca da visão, e não havia quem a entendesse" (verso 27).

Estamos especialmente interessados no tempo mencionado no verso catorze. A conversa entre os dois anjos foi evidentemente para o benefício de Daniel. A visão do carneiro e do bode parece estar relatada apenas para levar à história do chifre pequeno que se tornou "extremamente grande". Quando Daniel viu as perseguições perpetradas por esse poder, e como ele prosperaria com métodos astuciosos, se engrandecia e destruía "maravilhosamente", ele naturalmente se perguntou quanto tempo isso iria continuar. Na conversa dos anjos, ele é informado de que deveria haver um período de dois mil e trezentos dias, durante os quais "o santuário e o exército" seriam "pisados", e esse poder maligno prosperará e até mesmo afrontará "o príncipe do exército".

Como esse poder consegue ser forte, "mas não pela sua própria força"? Isso parece uma contradição em termos. Como pode ele lançar por terra a "alguns do exército, e das estrelas" e os pisar? Como pode lançar por terra o santuário e pisá-lo? Como poderia lançar "a verdade por terra" e prosperar assim fazendo? Entretanto, tudo isso é o que ele havia de fazer (versos 24, 10 a 12 e 25). Daniel ficou espantado e não entendeu a visão.

Mas ele estava mais do que espantado. Quando ele viu o que este poder faria ao santuário, à religião, ao povo de Deus e à verdade ele ficou "enfermo alguns dias" (verso 27). Aqui estava um poder blasfemo que perseguiria o povo de Deus, tentaria destruir a verdade e prosperaria o fazendo. Até mesmo o santuário seria lançado por terra e pisado. O único raio de esperança em toda a visão dizia respeito ao tempo. O santuário e a verdade não seriam sempre

pisados. A verdade retornaria ao seu lugar próprio. Ela seria vindicada. No final dos dois mil e trezentos dias o santuário seria purificado. O povo de Deus deveria olhar para esse tempo.

Daniel Ora

Esse tempo em si, no entanto, não poderia ser de grande conforto para Daniel. O que os dois mil e trezentos dias significavam? Quando eles começavam? Quando eles terminavam? Ele não entendia. Ele começou a estudar mais seriamente do que nunca. Seu estudo o levou a entender "pelos livros que o número dos anos, de que falara o Senhor ao profeta Jeremias, em que haviam de cumprir-se as desolações de Jerusalém, era de setenta anos" (Daniel 9:2). Mas ele ainda não tinha luz sobre os dois mil e trezentos dias. Teriam eles alguma coisa a ver com o final dos setenta anos? Talvez eles começassem quando esse período termina. Ele não sabia. Assim, ele recorreu à oração. Ele precisava ter luz sobre a questão.

Alguns comentadores sustentam que o chifre pequeno que se tornou extremamente grande representa o reino Selêucida, especialmente sob reis como Antíoco Epifânio e Antíoco o Grande. Essa visão está aberta a sérias objeções. Esses reis perseguiram. Eles eram astutos, ímpios, orgulhosos. Dificilmente se pode dizer, entretanto, que eles o eram mais do que muitos outros, antes e depois. Não se pode afirmar que eles eram maiores que Alexandre, o Grande. No entanto, a visão exige isso. Antíoco Epifânio, a quem muitos acreditam estar ela especialmente se referindo, era um perseguidor; ele interferiu no serviço do santuário; mas ele não era tão notável a ponto de merecer a atenção dada ao chifre pequeno na visão. Ele teve sua pequena parte no drama por uns poucos anos e passou, não

deixando nenhuma marca como a de Alexandre, e teria há muito tomado lugar entre os reis menores do período, não fossem os persistentes esforços de comentadores para lhe dar indevida proeminência.

A visão no oitavo capítulo de Daniel não é uma visão isolada. A Medo-Pérsia e a Grécia não são aqui mencionadas pela primeira vez. O sétimo capítulo lida com um assunto relacionado e menciona os animais que representam a Medo-Pérsia e a Grécia, e também se refere a um "chifre pequeno". O profeta diz: "Estando eu a considerar os chifres, eis que, entre eles subiu outro chifre pequeno, diante do qual três dos primeiros chifres foram arrancados; e eis que neste chifre havia olhos, como os de homem, e uma boca que falava grandes coisas" (Daniel 7:8). Este chifre pequeno intrigou Daniel. Ele quis saber mais "daquele que tinha olhos, e uma boca que falava grandes coisas, e cujo parecer era mais robusto do que o dos seus companheiros" (verso 20). Ele tinha visto que "este chifre fazia guerra contra os santos, e prevaleceu contra eles" (verso 21). Viu, também, que o chifre "proferirá palavras contra o Altíssimo, e destruirá os santos do Altíssimo, e cuidará em mudar os tempos e a lei; e eles serão entregues na sua mão, por um tempo, e tempos, e a metade de um tempo" (verso 25). Finalmente, porém, "o juízo será estabelecido, e eles tirarão o seu domínio, para o destruir e para o desfazer até ao fim" (verso 26). O capítulo assim termina: "Até agora é o fim do assunto. Quanto a mim, Daniel, os meus pensamentos muito me perturbaram, e mudou-se em mim o meu semblante; mas guardei o assunto no meu coração" (verso 28, KJV). É fácil ver que essa profecia trata, de uma maneira geral, dos mesmos eventos do capítulo 8.

Daniel estava preocupado com o que ele tinha visto. Ele havia – no sétimo capítulo – sido trazido face a face com um poder de perseguição que destruía os santos do Altíssimo, falava grandes palavras contra Deus, cuidaria em mudar tempos e leis, que era diferente de outros reis (verso 24), e que seria afinal destruído. Esse poder era o "chifre pequeno" que tinha olhos como os de homem, e uma boca que falava grandes coisas. Quem poderia ser esse poder? Daniel pensara muito e estava perplexo. "Meus pensamentos muito me perturbaram", confessou ele (verso 28). Mas ele guardou o assunto em seu coração. Ele tinha certeza de que Deus tinha uma luz maior. "Até agora é o fim do assunto", disse ele. A expressão *até agora* é significativa. Daniel não diz: "Esse é o fim do assunto", mas "até agora é o fim". Isto é, "esse é o fim *até então*. Há mais por vir. Paramos agora, porém mais está vindo". Esse é o significado de "até agora". E veio mais. O oitavo capítulo trata novamente desse poder, e o nono capítulo tem mais explicações.

O Papado

É impossível conceber que o chifre pequeno de Daniel 7 seja Antíoco Epifânio ou qualquer outro Antíoco. Praticamente todos os comentadores protestantes da escola antiga concordam que ele se refere ao papado, no qual é visto encontrar um cumprimento completo. Como poderia ser verdade sobre qualquer Antíoco que ele "fazia guerra contra os santos, e prevaleceu contra eles. Até que veio o ancião de dias, e fez justiça aos santos do Altíssimo; e chegou o tempo em que os santos possuíram o reino"? (versos 21 e 22). Antíoco está há muito tempo morto. Ele governou, mas por um curto tempo. De que outro poder além do papado é verdade que fez

guerra contra os santos do Altíssimo, ou tentou mudar tempos e leis? Não são a sagacidade, a sabedoria, a política de longo alcance do papado expressivamente sugeridas pelo chifre que tinha "olhos, como os de homem, e uma boca que falava grandes coisas"? (verso 8). Cremos que estamos em sólido terreno exegético quando afirmamos que o chifre pequeno de Daniel 8 é Roma, primeiro pagã, depois papal, e o chifre pequeno de Daniel 7 é o papado.

Essas considerações nos ajudarão em nossa tentativa de estabelecer o significado das duas mil e trezentas tardes e manhãs (Daniel 8:14). Elas ocorrem no meio de uma profecia que lida com um poder que existiu por mais tempo do que qualquer outro poder na terra. Uma vez que esse período é parte de uma profecia, sem dúvida tempo profético é mencionado aqui. Se é assim, os dois mil e trezentos dias correspondem a dois mil e trezentos anos, de acordo com uma interpretação profética bem estabelecida. "Um dia te dei para cada ano" (Ezequiel 4:6).

Se aceitamos a visão de que o chifre pequeno de Daniel 8 se refere à Roma imperial e à Igreja Católica Romana, torna-se nosso dever descobrir qualquer conexão possível entre ela e o santuário, conforme mencionado em Daniel 8:14. A esse estudo iremos agora nos dirigir.

A Igreja Católica Romana é uma tentativa de restabelecer a antiga teocracia de Israel com o serviço do santuário que o acompanha. A Igreja Católica assumiu o ritual essencial do judaísmo, com certas cerimônias do paganismo. Ela possui um serviço do santuário estabelecido com seus sacerdotes, sumo sacerdote, levitas, cantores e professores. Possui um serviço sacrificial culminando na missa, com o ritual e a oferta de incenso que a acompanham. Possui seus

dias de festas modelados segundo o costume israelita. Tem suas velas, seu altar do incenso, sua mesa com o pão e seu altar-mor. A pia com a água benta está em evidência; a missa diária é observada. O paralelo entre a antiga religião israelita e a religião Católica Romana é quase completo.

Tudo isso não seria muito importante se não fosse o fato que isso constitui uma tentativa de obscurecer a real obra de Cristo no santuário acima. Quando o período do Antigo Testamento se encerrou, quando Cristo iniciou Sua obra no santuário celestial, era propósito de Deus que os serviços do santuário na terra cessassem. O véu do templo foi rasgado ao meio – e mais tarde o templo foi inteiramente destruído – significando a cessação do serviço na terra e a inauguração do serviço no céu. Cristo entrou em um templo não feito por mãos. Ele entrou no próprio céu para ministrar em nosso favor [Hebreus 9:24]. Os homens são convidados a vir a Ele com seus pecados e receber perdão.

O serviço no tabernáculo terrestre preparou os homens para olharem para o santuário verdadeiro no céu. Havia chegado a hora da transferência ser feita.

Uma Instituição Rival

A Igreja Católica ignora completamente o trabalho de nosso Sumo Sacerdote no céu acima e tenta, em vez disso, instituir um serviço rival na Terra. Ela restabeleceu as velhas cerimônias e crenças, e tentou trazer os homens de volta a um ritual descartado. Em grande medida, ela conseguiu fazê-lo. “Toda a terra se maravilhou após a besta” (Apocalipse 13:3).

Isso, como foi observado acima, tende a obscurecer a obra de Cristo. Os homens perderam o conhecimento do santuário no céu e da obra de Cristo ali. Sua atenção foi chamada à obra rival de Seu pretenso vigário na terra. Enquanto Cristo no céu perdoa o pecado, o sacerdote na terra afirma fazer o mesmo. Enquanto Cristo intercede pelo pecador, o mesmo faz o sacerdote. E as condições do sacerdote para o perdão dos pecados são mais facilmente satisfeitas do que as condições de Cristo. Os homens esqueceram que há um santuário no céu. Essa verdade foi lançada por terra. Século após século, a igreja manteve os homens em completa ignorância sobre a importantíssima obra que se passava no céu acima, enquanto ela exaltava suas próprias mercadorias e fazia comércio de tudo que é mais sagrado.

O papado, portanto, em um sentido real, tornou-se um concorrente, um rival de Cristo. Ele tentou substituí-Lo nas mentes dos homens, e conseguiu fazê-lo em um grau notável. É trabalho da igreja, designado por Deus, chamar a atenção para Cristo e a verdade. Ela é a única agência que Deus tem para instruir os homens. Quando Cristo subiu ao alto para começar Seu ministério no santuário acima, era o dever e o privilégio da igreja proclamar essa notícia aos confins do mundo. Aquilo pertencia à antiga dispensação. O sacerdócio levítico havia cessado. O véu foi rasgado e um novo e vivo caminho se abriu para o homem [Hebreus 10:20]. Os homens tinham livre acesso a Deus e podiam aparecer com confiança diante do trono da graça sem qualquer intercessor humano [Hebreus 4:16]. Todo o povo de Deus havia se tornado um sacerdócio real e, daí em diante, nenhum homem deveria se colocar entre uma alma e seu Criador. O caminho do acesso estava aberto a todos.

O Verdadeiro Santuário

Que o papado se tornou um rival, um concorrente de Cristo, não é uma mera figura de linguagem. Considere a situação. Cristo é nosso sumo sacerdote. No Calvário, Ele morreu como o Cordeiro de Deus. Ele derramou Seu sangue em nosso favor. Os sacrifícios mosaicos tinham profetizado isso por séculos. Agora havia chegado a realidade da qual aqueles tinham sido sombras [Hebreus 8:5]. Assim como no Antigo Testamento a morte do cordeiro não era suficiente, mas deveria ser suplementada pelo ministério do sacerdote, que aspergia o sangue no altar ou no lugar santo, assim também com a morte e o sangue de Cristo. Tendo o sangue sido provido, Cristo se tornou "Ministro do santuário, e do verdadeiro tabernáculo, o qual o Senhor fundou, e não o homem" (Hebreus 8:2). Assim, "vindo Cristo, o sumo sacerdote dos bens futuros, por um maior e mais perfeito tabernáculo, não feito por mãos, isto é, não desta criação, nem por sangue de bodes e bezerros, mas por seu próprio sangue, entrou uma vez no santuário, havendo efetuado uma eterna redenção" por nós (Hebreus 9:11, 12).

O santuário aqui mencionado não tem referência ao tabernáculo na terra. "Porque Cristo não entrou num santuário feito por mãos, figura do verdadeiro, porém no mesmo céu, para agora comparecer por nós perante a face de Deus" (verso 24). Perante a face de Deus, Cristo pleiteia e ministra Seu sangue, que não apenas santifica "quanto à purificação da carne", como se dava com o sangue de bodes e bezerros antigamente, mas é capaz de purificar "as vossas consciências das obras mortas, para servirdes ao Deus vivo" (verso 14). Qualquer um que deseje ter sua consciência purificada pode, portanto, com "ousadia... entrar no santuário, pelo sangue de Jesus,

pelo novo e vivo caminho que ele nos consagrou, pelo véu, isto é, pela sua carne, e tendo um grande sacerdote sobre a casa de Deus, cheguemo-nos com verdadeiro coração, em inteira certeza de fé, tendo os corações purificados da má consciência, e o corpo lavado com água limpa" (Hebreus 10:19-22). No Antigo Testamento, ninguém senão um sacerdote podia entrar no santuário. Hoje todos o podem. E um "novo e vivo caminho que Ele nos consagrou".

Esse abençoado novo e vivo caminho é um privilégio e dever da igreja proclamar. Todos podem vir a Cristo diretamente. Não precisam, como no santuário da terra, da intervenção de um sacerdote. Isso foi eliminado. Todo homem pode apresentar-se a seu Criador diretamente sem interferência humana. Ele pode ousadamente entrar pelo véu.

Mas o papado pensou e ensinou o contrário. Ele tentou restabelecer o ritual do Antigo Testamento e a crença de que o homem pode aproximar-se de seu Criador apenas por meio de representantes especiais, tais como os sacerdotes. Os homens foram colocados mais longe de Deus do que nunca. A igreja fechou o caminho novo e vivo aberto por Cristo, e os homens se aproximaram de Deus através do sacerdócio, que teve que apelar para algum santo padroeiro que tinha influência sobre Maria, que tinha influência sobre Cristo, que tinha influência sobre Deus. O sistema inteiro era uma tentativa de reencarnação das ordenanças mosaicas, que definitivamente haviam sido abolidas, e que não deveriam ser comparadas ao novo e vivo caminho do Novo Testamento.

Um Falso Sistema de Mediação

Qual foi o resultado? Os homens afluíram à Igreja de Roma e se esqueceram do santuário e do Ministro do santuário no céu. A igreja romana tem efetivamente obscurecido o ministério de Cristo, tanto que poucos cristãos sequer sabem que existe um templo no céu, muito menos que há um serviço acontecendo lá. Dia após dia, Cristo permanece aguardando ministrar Seu sangue, esperando que os homens encontrem o novo caminho. Mas poucos vêm. Por outro lado, milhões afluem à igreja romana, para lá receberem indulgência e perdão do pecado sob condições aceitáveis. O papado quase conseguiu tornar de nenhum efeito o ministério de Cristo. Ele inaugurou outro ministério, estabelecido não nas promessas do evangelho, não na base da nova aliança, não em Cristo como sumo sacerdote, mas sim nas vãs promessas de um sacerdócio terrestre que carece, ele mesmo, do perdão e do poder do sangue expiador de Cristo.

Ao dizer que o papado tentou substituir a verdadeira obra mediatória de Cristo por um falso sistema de mediação, estamos bem cientes do fato de que a Igreja Católica Romana crê no sacrifício de Cristo na cruz, que Ele é o advogado e intercessor do homem e que por meio dEle somos salvos. Sobre isso, as declarações seguintes são diretas:

“Coisa alguma existe da qual deve o fiel derivar maior gozo do que da reflexão de que Jesus Cristo Se constituiu nosso advogado e intercessor perante o Pai, junto a Quem são supremas Sua influência e autoridade”. “Certo, existe um só mediador, Cristo o Senhor, que, unicamente, nos reconciliou por Seu sangue (1 Tim. 2:5), e que, tendo efetuado nossa redenção e uma vez entrado no santo dos santos, não cessa de interceder por nós. Heb. 9:12; 7:25”. –

Catechism of the Council of Trent (tradução para o inglês do Rev. J. Donovan, edição de 1829) páginas 59 e 247.

"Podemos ir a Deus com toda a confiança, diz S. Arnoldo, pois que o Filho é nosso mediador junto do Pai eterno, e a mãe é nossa mediadora junto a seu Filho". – *Glories of Mary*, de Alphonsus Liguori, doutor da igreja, página 224, edição revisada.

É na *ministração* do sangue, na relação existente entre *o homem e Cristo*, que o papado tentou erigir um falso sistema. Aqui os santos, e especialmente Maria, foram interpostos entre a alma e Deus. Isso nós acreditamos ser uma perversão muito séria da verdade, na medida em que interpõe pessoas mediadoras extras como necessárias para se aproximar de Deus, quando as Escrituras ensinam que "há um só Deus, e um só Mediador entre Deus e os homens, Jesus Cristo homem" (1 Timóteo 2:5). A Bíblia não reconhece outro como mediador, e se a igreja ensina de outra maneira ela faz com que seja de nenhum efeito a verdade de Deus.

Existem, pois, duas ministrações que prometem aos homens perdão e o apagar dos pecados: a de Cristo, no céu, e a do papado, na terra. Cada uma tem um sacerdócio e um serviço que a acompanha. Cada uma delas reivindica poder total de perdão. O papado se vangloria de ter as chaves do céu. Ele pode abrir ou fechar. Tem um tesouro de méritos sem o qual poucos podem ser salvos. Está de posse da "hóstia", o santo mistério de Deus. Possui uma cabeça infalível. Tem poder sobre o purgatório. Pode remeter punição. Reivindica autoridade sobre os reis da terra. Não reconhece superior. É supremo.

Todas essas alegações cairiam por terra se os homens estivessem cientes do verdadeiro ministério de Cristo. Um conhecimento da

verdade do santuário é o único antídoto para as falsas alegações da hierarquia de Roma. Por essa razão, Deus fez de Seu povo os depositários da Sua verdade sobre o santuário.

E o Santuário Será Purificado

Não precisamos entrar em detalhes sobre os problemas matemáticos dos dois mil e trezentos dias. Remetemos o leitor para *O Grande Conflito*, de Ellen G. White, e outras obras adventistas de referência. É suficiente dizer que esses dias – ou melhor, os anos –começaram em 457 a.C. e terminaram em 1844 d.C. Nessa última data, o santuário deveria ser purificado.

É evidente que essa purificação não pode referir-se ao santuário na terra. Este foi há muito tempo destruído e seu serviço foi interrompido. Deve, portanto, referir-se ao santuário no céu, que, de fato, é mencionado como sendo purificado "com sacrifícios melhores" do que os do Antigo Testamento (Hebreus 9:23).

Já discutimos em detalhes o assunto da purificação do santuário na terra. Essa purificação era um tipo da purificação do santuário no céu. Assim como os sacerdotes serviam no primeiro compartimento do tabernáculo todos os dias do ano até o grande Dia da Expiação, também Cristo ministrou no primeiro compartimento do santuário celestial até o tempo de sua purificação. Esse tempo foi 1844. Então, Cristo entrou na fase final de Seu ministério. Nesse tempo, Ele entrou no santíssimo. Então, a hora do juízo começou [Apocalipse 14:7], também chamado de juízo investigativo. Quando essa obra estiver terminada, o tempo de graça cessa e Cristo vem.

Desejamos ainda chamar a atenção para a palavra *purificado*, empregada em Daniel 8:14. Em hebraico ela é *tsadaq*, e é traduzida como "justificado", tornar-se ou ser considerado justo. Alguns traduzem: "Então o santuário será justificado". Outros, "Então o santuário será vindicado". Ainda outros, "Então o santuário voltará ao seu estado original". A palavra contém a ideia de restauração assim como de purificação.

Esses significados de *purificado* são importantes em vista do fato de que o assunto do santuário tem sido pisado e a verdade lançada por terra. Chegará o tempo em que ao assunto do santuário será novamente dado seu lugar de direito, quando Deus vindicará Sua verdade, e o erro e maquinação secreta serão descobertos? Sim, responde a profecia, o tempo chegará. Um poder maligno surgirá e perseguirá o povo de Deus, obscurecerá a questão do santuário, lançará a verdade por terra e prosperará ao fazê-lo; estabelecerá seu próprio sistema em competição com Deus, tentará mudar a lei e, por sua política astuta, enganará a muitos; mas será desmascarado. No fim dos dois mil e trezentos dias, se levantará um povo que terá luz sobre a questão do santuário, que seguirá Cristo pela fé até o santíssimo, que terá a solução para quebrar o poder do mistério da iniquidade, e que sairá para batalhar pela verdade de Deus. Tal povo é invencível. Ele proclamará a verdade destemidamente. Ele fará a contribuição suprema à religião em sua defesa da verdade do santuário. Ele edificará "as antigas ruínas"; levantará "os fundamentos de geração em geração"; será chamado "reparador das roturas, e restaurador de veredas para morar" (Isaías 58:12).

As controvérsias finais serão claras. Todos entenderão as questões e as consequências. O ponto principal será a adoração da besta ou a

adoração de Deus. Nessa controvérsia, o templo de Deus será aberto no céu, e os homens verão “a arca da sua aliança... no seu templo” (Apocalipse 11:19). O povo de Deus na terra terá uma parte em mostrar aos homens o templo aberto. Por outro lado, a igreja apóstata abrirá a boca “em blasfêmias contra Deus, para blasfemar do seu nome, e do seu tabernáculo, e dos que habitam no céu” (Apocalipse 13:6).

É um privilégio especial ter permissão para participar de uma obra como essa. Mas se quisermos vencer, devemos saber onde estamos e por quê. Que Deus nos dê graça para sermos fiéis.

21. A Última Geração

A demonstração final do que o evangelho pode fazer na e para a humanidade está ainda no futuro. Cristo mostrou o caminho. Ele tomou um corpo humano e nesse corpo demonstrou o poder de Deus. Os homens devem seguir Seu exemplo e provar que o que Deus fez em Cristo pode fazer em cada ser humano que se submete a Ele. O mundo está esperando essa demonstração (Romanos 8:19). Quando ela tiver sido feita, o fim virá. Deus terá cumprido Seu plano. Ele terá mostrado a Si mesmo como verdadeiro e a Satanás como um mentiroso. Seu governo estará vindicado.

Há muita doutrina espúria sobre a santidade ensinada no mundo hoje. De um lado estão aqueles que negam o poder de Deus para salvar do pecado. Do outro lado, estão aqueles que ostentam sua santidade diante dos homens e querem que acreditemos que eles estão sem pecado. Entre a primeira classe não estão apenas incrédulos e céticos, senão membros da igreja cuja visão não inclui a vitória sobre o pecado, mas aceitam um tipo de compromisso com o pecado. Na outra classe estão aqueles que não têm uma concepção justa do pecado ou da santidade de Deus, cuja visão espiritual está tão prejudicada que eles não conseguem ver suas próprias deficiências e, portanto, creem-se perfeitos, e cuja concepção de religião é tal que seu próprio entendimento de verdade e justiça é superior àquele revelado na Palavra. Não é fácil decidir qual é o erro maior.

Que a Bíblia inculca santidade é indiscutível. “E o mesmo Deus de paz vos santifique em tudo; e todo o vosso espírito, e alma, e corpo,

sejam plenamente conservados irrepreensíveis para a vinda de nosso Senhor Jesus Cristo" (1 Tessalonicenses 5:23). "Segui a paz com todos, e a santificação, sem a qual ninguém verá o Senhor" (Hebreus 12:14). "Porque esta é a vontade de Deus, a vossa santificação" (1 Tessalonicenses 4:3). A palavra grega *hagios*, em suas diversas formas, é traduzida por "santificar", "santo", "santidade", "santificado", "santificação". É a mesma palavra que é usada para os dois compartimentos do santuário, e significa aquilo que é separado para Deus. Uma pessoa santificada é aquela que está separada para Deus, cuja vida, por completo, é dedicada a Ele.

Perdão e Purificação

O plano da salvação deve necessariamente incluir não apenas o perdão do pecado, mas a restauração completa. Salvação *do* pecado é mais do que perdão *pelo* pecado. O perdão pressupõe o pecado e está condicionado à ruptura com ele; a santificação é separação do pecado e indica libertação do seu poder e vitória sobre ele. O primeiro é um meio para neutralizar o efeito do pecado; a segunda é uma restauração do poder para a vitória completa.

O pecado, como algumas doenças, deixa o homem em uma condição deplorável – fraco, desanimado, desalentado. Ele tem pouco controle de sua mente, sua vontade falha, e com a melhor das intenções ele é incapaz de fazer o que ele sabe ser certo. Ele sente que não há esperança. Ele sabe que tem de que se culpar, e o remorso enche sua alma. Às enfermidades do seu corpo é adicionada a tortura da consciência. Ele sabe que pecou e é culpado. Ninguém terá piedade dele?

Então vem o evangelho. As boas novas são pregadas a ele. Ainda que os pecados dele sejam como a escarlata, eles se tornarão brancos como a neve; ainda que sejam vermelhos como o carmesim, se tornarão como a branca lã [Isaías 1:18]. Tudo está perdoado. Ele está "salvo". Que maravilhosa libertação é essa! Sua mente está em repouso. Sua consciência não mais o atormenta. Ele foi perdoado. Seus pecados são lançados nas profundezas do mar [Miqueias 7:19]. Seu coração se enche de louvor a Deus por Sua misericórdia e bondade para com ele.

Assim como um navio com avarias rebocado ao porto está a salvo, mas não está são, também o homem está "salvo", mas não está são. Reparos precisam ser feitos no navio antes dele ser declarado em condições de navegar, e o homem precisa de reconstrução antes de estar totalmente restaurado. Esse processo de restauração é chamado de santificação e inclui em seu produto final corpo, alma e espírito. Quando a obra termina, o homem está "santo", completamente santificado, e restaurado à imagem de Deus. É dessa demonstração do que o evangelho pode fazer por um homem que o mundo está em busca.

Na Bíblia, tanto o processo como a obra terminada são chamados de santificação. Por essa razão, os "irmãos" são chamados de santos e santificados, embora não tenham atingido a perfeição (1 Coríntios 1:2; 2 Coríntios 1:1; Hebreus 3:1). Uma olhada nas Epístolas aos Coríntios logo convencerá alguém de que os santos ali mencionados tinham suas falhas. Apesar disso, é dito que eles são "santificados" e chamados para serem "santos". A razão é que a santificação completa não é obra de um dia ou de um ano, mas de uma vida inteira. Inicia-se no momento em que uma pessoa é convertida e

continua ao longo da vida. Cada vitória acelera o processo. Há poucos cristãos que não adquiriram o domínio sobre algum pecado que anteriormente os aborrecia grandemente e os vencia. Muitos homens que foram escravos do tabaco ganharam a vitória sobre o hábito de fumar e se alegram com sua vitória. O tabaco deixou de ser uma tentação. Não os atrai mais. Eles têm a vitória. Nesse ponto ele está santificado. Assim como ele foi vitorioso sobre uma tentação, de igual modo ele deve se tornar vitorioso sobre todo pecado. Quando a obra está completa, quando ele ganhou a vitória sobre o orgulho, a ambição, o amor do mundo – sobre todo o mal – ele está pronto para a transladação. Ele foi tentado em todos os pontos. O maligno veio até ele e não encontrou nada. Satanás não tem mais tentações para ele. Ele superou todas elas. Ele está sem culpa diante do trono de Deus. Cristo coloca Seu selo sobre ele. Ele está salvo e são. Deus terminou sua obra nele. A demonstração do que Deus pode fazer com a humanidade está completa.

Assim será com a última geração de homens vivendo na terra. Através deles a demonstração final de Deus do que Ele pode fazer com a humanidade será dada. Ele tomará os mais fracos dos fracos, aqueles que carregam os pecados de seus antepassados, e neles mostrará o poder de Deus. Eles estarão sujeitos a todas as tentações, mas não cederão. Eles demonstrarão que é possível viver sem pecado – a demonstração mesma pela qual o mundo tem buscado e que Deus tem preparado. Ficará evidente para todos que o evangelho realmente pode salvar perfeitamente [Hebreus 7:25]. Deus prova-se verdadeiro em Suas declarações.

O último ano do conflito traz o teste final; mas ele apenas prova para os anjos e para o mundo que nada que o maligno possa fazer

abalará os escolhidos de Deus. As pragas caem, a destruição está em toda parte, a morte os encara no rosto, mas, como Jó, manter-se-ão firmes em sua integridade. Nada os pode fazer pecar. Guardarão "os mandamentos de Deus, e a fé de Jesus" (Apocalipse 14:12, KJV).

Ao longo da história do mundo, Deus teve Seus fiéis. Eles suportaram aflição e grande tribulação. Mas mesmo em meio aos golpes de Satanás, eles, como diz o apóstolo Paulo, pela fé "praticaram a justiça". "Foram apedrejados, serrados, tentados, mortos ao fio da espada; andaram vestidos de peles de ovelhas e de cabras, desamparados, aflitos e maltratados (dos quais o mundo não era digno), errantes pelos desertos, e montes, e pelas covas e cavernas da terra" (Hebreus 11:37, 38).

E além dessa galáxia de testemunhas fiéis, muitos dos quais foram mártires por sua fé, Deus terá nos últimos dias um remanescente, um "pequeno rebanho" [Lucas 12:32], em quem e através de quem Ele dará ao universo uma demonstração de Seu amor, Seu poder e Sua justiça, que, com exceção da vida piedosa de Cristo na terra e Seu supremo sacrifício no Calvário, será a demonstração mais abrangente e conclusiva de todas as eras do que Deus pode fazer nos homens.

É na última geração de homens vivendo na terra que o poder de Deus para a santificação será plenamente revelado. A demonstração desse poder é a vindicação de Deus. Ela O inocenta de todas e quaisquer acusações que Satanás colocou contra Ele. Na última geração, Deus é vindicado e Satanás é derrotado. Isso pode precisar de alguma amplificação adicional.

Rebelião no Céu

A rebelião que ocorreu no céu e introduziu o pecado no universo de Deus deve ter sido uma experiência terrível para Deus e para os anjos. Até esse momento, tudo havia sido paz e harmonia. A discórdia era desconhecida; apenas o amor prevalecia. Então, ambições profanas agitaram o coração de Lúcifer. Ele decidiu que queria ser semelhante ao Altíssimo. Ele exaltaria seu trono acima das estrelas de Deus; ele se assentaria "no monte da congregação", "aos lados do norte" (Isaías 14:12-14). Essa declaração de intenção era equivalente a uma tentativa de depor Deus e usurpar Seu lugar. Era uma declaração de guerra. Onde Deus estava sentado, Satanás se sentaria. Deus aceitou o desafio.

Não temos nenhuma declaração bíblica direta sobre os meios usados por Satanás para conquistar ao seu lado uma multidão de anjos. Que ele mentiu é claro. Que ele foi um homicida desde o princípio é igualmente indiscutível (João 8:44). Como o homicídio tem seu início no ódio, e como esse ódio encontrou sua realização na morte do Filho de Deus no Calvário, podemos crer que o ódio de Satanás era dirigido não apenas contra Deus, o Pai, mas também – e talvez especialmente – contra Deus, o Filho. Em sua rebelião, Satanás foi além de uma mera ameaça. Ele realmente estabeleceu seu trono, dizendo orgulhosamente: "Eu sou Deus, sobre a cadeira de Deus me assento" (Ezequiel 28:2).

Quando Satanás assim estabeleceu seu governo no céu, a questão era clara. Os anjos entenderam claramente o problema. Todos deviam tomar sua posição a favor ou contra Satanás.

Nos casos de rebelião há sempre algum agravo, real ou imaginado, dado como a causa. Alguns ficam insatisfeitos e, falhando em ter os

problemas remediados, recorrem à rebelião. Aqueles que simpatizam com a causa rebelde se juntam a ela. Os outros permanecem leais ao governo, e devem, é claro, arriscar-se na sobrevivência dele.

Aparentemente, chegou-se no céu justo a essa situação. O resultado foi a guerra. "E houve batalha no céu; Miguel e os seus anjos batalhavam contra o dragão, e batalhavam o dragão e os seus anjos" (Apocalipse 12:7). O resultado poderia ter sido previsto. Satanás e seus anjos "não prevaleceram, nem mais o seu lugar se achou nos céus. E foi precipitado o grande dragão, a antiga serpente, chamada o Diabo, e Satanás, que engana todo o mundo; ele foi precipitado na terra, e os seus anjos foram lançados com ele" (versos 8 e 9).

Embora Satanás tenha sido derrotado, ele não foi destruído. Por seu ato de revolta, ele havia declarado o governo de Deus como culpado, e pelo estabelecimento de seu próprio trono ele reivindicara maior sabedoria ou justiça do que Deus. Essas reivindicações são inerentes à rebelião e ao estabelecimento de outro governo. Deus dificilmente poderia não dar a Satanás a oportunidade de demonstrar suas teorias. Para remover todas as dúvidas nas mentes dos anjos – e mais tarde do homem – Deus deveria deixar Satanás continuar com sua obra. E, assim, foi permitido a Satanás viver e estabelecer seu governo. Durante os últimos seis mil anos ele tem dado ao universo uma demonstração do que fará se tiver a oportunidade.

Demonstração de Satanás

Essa demonstração foi permitida continuar até agora. E que demonstração tem sido! Desde o tempo em que Caim matou Abel tem havido ódio, derramamento de sangue, crueldade e opressão na terra. A virtude, a bondade e a justiça têm sofrido; o vício, a vileza e a corrupção têm triunfado. O homem justo tem sido feito de presa; os mensageiros de Deus têm sido torturados e mortos; a lei de Deus tem sido pisada no pó. Quando Deus enviou Seu Filho, em vez de honrá-Lo, os homens maus, instigados por Satanás, O penduraram no madeiro.

Mesmo então, Deus não destruiu Satanás. A demonstração deveria ser concluída. Somente quando se realizarem os últimos eventos, e os homens estiverem a ponto de exterminarem-se uns aos outros, Deus irá interferir para salvar os Seus. Não restará, então, nenhuma dúvida na mente de qualquer um que, tivesse ele o poder, Satanás destruiria todo vestígio de bondade, arrojaria Deus do trono, mataria o Filho de Deus e estabeleceria um reino de violência fundado em egoísmo e ambição cruel.

O que Satanás tem demonstrado é realmente o seu caráter e até onde a ambição egoísta levará. No princípio ele queria ser como Deus. Ele estava insatisfeito com sua posição como o mais elevado dos seres criados. Ele queria ser Deus. E a demonstração mostrou que quando ele fixou sua mente nesse objetivo, ele não pararia por nada para alcançá-lo. Quem quer que esteja no caminho deve ser colocado fora do caminho. Se for o próprio Deus, Ele deve ser removido.

A demonstração revela que a *alta* posição não é satisfatória para o indivíduo ambicioso. Ele pode ter a *mais alta*, e mesmo assim não

está satisfeito. Frequentemente, uma pessoa em uma posição baixa é tentada a crer que ficaria satisfeita se sua posição fosse melhorada. Ele no mínimo tem certeza de que ficaria satisfeito se tivesse a posição mais alta possível. Mas ele ficaria mesmo? Lúcifer não ficou. Ele tinha a posição mais alta possível. Mas ele não estava satisfeito. Ele queria uma ainda maior. Ele queria ser o próprio Deus.

Nesse aspecto, o contraste entre Cristo e Satanás é pronunciado. Satanás queria ser Deus. Ele queria tanto isso que estava disposto a fazer qualquer coisa para alcançar seu objetivo. Cristo, por outro lado, não considerou o ser igual a Deus coisa a que se devia aferrar. Ele voluntariamente humilhou-Se e tornou-Se obediente até a morte, e morte de cruz [Filipenses 2:6-8, *English Standard Version; Almeida Atualizada*]. Ele era Deus, e tornou-Se homem. E que isso não foi um arranjo temporário, apenas com o propósito de mostrar Sua boa vontade, é evidenciado pelo fato de que Ele sempre permanecerá homem. Satanás exaltou-se; Cristo humilhou-Se. Satanás queria se tornar Deus; Cristo se tornou homem. Satanás queria se sentar como Deus em um trono; Cristo, como servo, ajoelhou-Se para lavar os pés dos discípulos. O contraste é total.

Lúcifer

No céu, Lúcifer tinha sido um dos querubins cobridores (Ezequiel 28:14). Isso se refere aos dois anjos que no compartimento santíssimo do santuário estavam na arca, cobrindo o propiciatório. Esse era, sem dúvida, o cargo mais elevado que um anjo poderia ocupar, pois a arca e o propiciatório estavam na presença imediata

de Deus. Esses anjos eram os guardiões especiais da lei. Eles a vigiavam, por assim dizer. Lúcifer era um deles.

Ezequiel 28:12 contém uma declaração interessante a respeito de Lúcifer: "Tu eras o selo da medida, cheio de sabedoria e perfeito em formosura". O significado da expressão "tu eras o selo da medida" não é inteiramente claro. A leitura é passível de interpretações variadas. Parece evidente, entretanto, que a intenção é mostrar a alta posição e o privilégio exaltado que eram de Satanás antes que ele caísse. Ele era uma espécie de primeiro-ministro, um guarda do selo.

Como em um governo terrestre um documento ou lei deve ter o selo aplicado a ele para ser válido, de igual maneira no governo de Deus um selo é usado. Deus parece ter distribuído aos anjos o trabalho deles, assim como deu ao homem seu trabalho. Um anjo está encarregado do fogo (Apocalipse 14:18). Outro anjo é responsável pelas águas (Apocalipse 16:5). Outro tem a seu cargo "o selo do Deus vivo" (Apocalipse 7:2). Apesar de, como dito acima, a leitura de Ezequiel 28:12 não ser totalmente clara, alguns se sentem justificados em traduzi-la como: "Tu aplicavas o selo à ordenança". Se essa posição é defensável, se Lúcifer era primeiro-ministro e guarda do selo, isso dá uma razão adicional sobre por que ele desejou colocar sua própria marca em lugar do selo de Deus, quando abandonou sua primeira morada.

Que Satanás tem sido muito ativo contra a lei é evidente. Se a lei de Deus é uma transcrição de Seu caráter, e se esse caráter é o exato oposto do de Satanás, Satanás é condenado por ela. Cristo e a lei são um. Cristo é a lei viva, a lei feita carne. Por essa razão, Sua vida constitui uma condenação. Quando Satanás guerreou contra Cristo,

ele também guerreou contra a lei. Quando ele odiou a lei, ele também odiou a Cristo. Cristo e a lei são inseparáveis.

Uma declaração interessante é encontrada no quadragésimo salmo. Disse Cristo: “Deleito-me em fazer a tua vontade, ó Deus meu; sim, a tua lei está dentro do meu coração” (verso 8). Embora essa seja, sem dúvida, uma expressão poética e não deva ser levada longe demais, ela é interessante, todavia, como uma indicação da posição exaltada da lei. “A tua lei está dentro do meu coração”. Uma punhalada na lei é uma punhalada no coração de Cristo. Uma punhalada no coração de Cristo é uma punhalada na lei. Na cruz, Satanás intentou isso. Mas Deus fez o resultado ser diferente. A morte de Cristo foi um tributo à lei. Ela imensuravelmente magnificou a lei e a tornou honrosa. Ela deu aos homens uma nova visão de sua sacralidade e valor. Se Deus deixou Seu Filho morrer; se Cristo voluntariamente entregou-Se ao invés de ab-rogar a lei; se é mais fácil o céu e a terra passarem do que passar um jota ou um til da lei [Mateus 5:17-18], quão sagrada e honrada deve ser!

Quando Cristo morreu na cruz Ele demonstrou em Sua vida a possibilidade de guardar a lei. Satanás não conseguiu levar Cristo a pecar. Possivelmente ele não esperava poder fazer isso. Mas se ele pudesse ter induzido Cristo a usar seu poder divino para salvar a Si mesmo, Ele teria realizado muito. Se Cristo tivesse agido assim, Satanás poderia ter alegado que isso invalidava a demonstração que Deus pretendia fazer, a saber, que era possível para os homens guardarem a lei. Como sucedeu, Satanás foi derrotado. Mas até o último momento ele continuou com as mesmas táticas. Judas esperava que Cristo Se libertasse, usando assim Seu poder divino para salvar a Si mesmo. Na cruz, Cristo foi insultado: “Salvou os

outros, e a Si mesmo não pode salvar-Se" [Mateus 27:42]. Mas Cristo não vacilou. Ele poderia ter Se salvado, mas não o fez. Satanás estava perplexo. Ele não conseguia entender. Mas sabia que, quando Cristo morreu sem que ele tivesse sido capaz de fazê-Lo pecar, sua própria condenação foi selada. Em Sua morte, Cristo foi vencedor.

Mas Satanás não desistiu. Ele falhou em seu conflito com Cristo, mas ele ainda poderia obter sucesso com os homens. Então ele foi "fazer guerra ao remanescente da sua semente, os que guardam os mandamentos de Deus, e têm o testemunho de Jesus Cristo" (Apocalipse 12:17). Se ele pudesse vencê-los, não seria derrotado.

A Demonstração de Deus

A demonstração que Deus pretende fazer com a última geração na terra significa muito, para as pessoas e para Deus. A lei de Deus pode realmente ser guardada? Essa é uma questão vital. Muitos negam que isso possa ser feito; outros sem hesitação dizem que pode. Quando toda a questão da guarda de mandamentos é considerada, o problema assume grandes proporções. A lei de Deus é excessivamente ampla; ela toma conhecimento dos pensamentos e intenções do coração. Ela julga motivos, bem como atos, e pensamentos, bem como palavras. A guarda dos mandamentos significa inteira santificação, uma vida santa, lealdade inabalável ao direito, separação total do pecado e vitória sobre ele. Bem pode o homem mortal clamar: e para estas coisas quem é idôneo! [2 Coríntios 2:16].

No entanto, produzir um povo que guardará a lei é a tarefa que Deus estabeleceu a Si mesmo e que Ele espera realizar. Quando a declaração e o desafio são emitidos por Satanás: "Ninguém pode guardar a lei. É impossível. Se existe alguém que possa fazer ou que tenha feito isso, mostre-o para mim. Onde estão os que guardam os mandamentos?" Deus responderá calmamente: "Aqui está a paciência dos santos: aqui estão os que guardam os mandamentos de Deus, e a fé de Jesus" (Apocalipse 14:12, KJV).

Vamos dizer isto com reverência: Deus deve enfrentar o desafio de Satanás. Não é plano de Deus, ou uma parte do Seu propósito, sujeitar os homens a testes aos quais apenas alguns poucos escolhidos podem sobreviver. No Jardim do Éden, Deus sujeitou Adão e Eva ao mais leve teste concebível. Ninguém pode dizer que nossos primeiros pais caíram porque o teste era muito difícil para eles. Se eles caíram, não foi porque o teste era difícil ou porque eles não tinham sido providos de força para resistir. A tentação não foi mantida diante deles constantemente. Satanás não teve permissão para molestá-los em todos os lugares. Ele tinha acesso a eles em apenas um lugar, a saber, na árvore do conhecimento. Esse lugar eles conheciam. Eles poderiam ficar longe dele se assim quisessem. Satanás não poderia segui-los em toda parte. Se eles fossem aonde Satanás estava, seria porque eles quiseram. Mas mesmo se eles fossem até lá para examinar a árvore, eles não precisariam permanecer ali. Eles poderiam ir embora. E mesmo se Satanás lhes oferecesse o fruto, eles não precisariam aceitá-lo. Mas eles o pegaram e comeram. E eles o comeram porque queriam, não porque tinham que fazer isso. Eles deliberadamente transgrediram. Não havia desculpa. Deus não poderia ter planejado um teste mais fácil.

Quando Deus ordena que os homens guardem Sua lei, isso não serve ao propósito que Ele tem em mente de ter apenas uns poucos que a guardem, apenas o suficiente para mostrar que isso pode ser feito. Não está de acordo com o caráter de Deus escolher homens excepcionais de forte propósito e excelente treinamento, e demonstrar através deles o que Ele pode fazer. Está muito mais em harmonia com Seu plano tornar Seus requerimentos tais que mesmo os mais fracos não precisem fracassar, de maneira que ninguém possa dizer que Deus pede o que pode ser feito apenas por uns poucos. É por essa razão que Deus reservou Sua maior demonstração para a última geração. Essa geração carrega os resultados dos pecados acumulados. Se alguém é fraco, eles o são. Se algum sofreu de tendências herdadas, eles as sofrem. Se alguém tem uma desculpa por causa de fraquezas de qualquer tipo, eles a têm. Se, portanto, esses podem guardar os mandamentos, não há desculpa para qualquer um de qualquer outra geração que não o faça também.

Mas isso não é o suficiente. Deus pretende em Sua demonstração revelar, não apenas que os homens comuns da última geração podem passar com sucesso em um teste como o que Ele deu a Adão e Eva, mas que eles podem sobreviver a um teste muito mais difícil do que aquele que cai à sorte dos homens comuns. Será um teste comparável àquele pelo qual Jó passou, e se aproxima daquele que o Mestre sofreu. Isso os testará ao máximo.

“Ouvistes qual foi a paciência de Jó, e vistes o fim que o Senhor lhe deu; porque o Senhor é muito misericordioso e piedoso” (Tiago 5:11). Jó passou por algumas experiências que serão repetidas na

vida dos escolhidos da última geração. Talvez seja bom considerá-las.

O Teste de Jó

Jó era um homem bom. Deus confiava nele. Dia a dia ele oferecia sacrifícios por seus filhos. "Porventura pecaram meus filhos", dizia (Jó 1:5). Era próspero e desfrutava da bênção de Deus.

Então veio "um dia em que os filhos de Deus vieram apresentar-se perante o Senhor, veio também Satanás entre eles" (verso 6). É registrada uma conversa entre o Senhor e Satanás a respeito de Jó. O Senhor diz que Jó é um homem bom, o que Satanás não nega, mas insiste que Jó é temente a Deus meramente porque lhe é vantajoso ser assim. Ele declara que se Deus retirar Suas misericórdias, Jó O amaldiçoará. A declaração está na forma de um desafio, e Deus o aceita. É dada a Satanás permissão para tirar as propriedades de Jó e afligi-lo de outras maneiras, mas sem tocar nele. Satanás imediatamente faz o que lhe é permitido fazer. As propriedades de Jó são todas eliminadas e seus filhos são mortos.

Quando isso aconteceu, "Jó se levantou, e rasgou o seu manto, e rapou a sua cabeça, e se lançou em terra, e adorou. E disse: Nu saí do ventre de minha mãe e nu tornarei para lá; o Senhor o deu, e o Senhor o tomou: bendito seja o nome do Senhor. Em tudo isto Jó não pecou, nem atribuiu a Deus falta alguma" (Jó 1:20-22).

Satanás está derrotado, mas ele faz outra tentativa. No próximo encontro com o Senhor, sem admitir a derrota, ele afirma que não lhe foi permitido tocar em Jó. Se ele tivesse tocado, afirma, Jó teria pecado. A declaração é novamente um desafio, e Deus o aceita. É

dada a Satanás permissão para atormentar Jó, mas não para tirar vida deste. Ele imediatamente parte em sua missão.

Tudo o que o maligno podia fazer, Satanás fez a Jó. Mas Jó permaneceu firme. Sua esposa o aconselha a desistir, mas ele não vacila. Sob intensa dor física e angústia mental, ele continua firme. Mais uma vez, é registrado que Jó resistiu ao teste. "Em tudo isto não pecou Jó com os seus lábios" (Jó 2:10). Satanás é derrotado e não aparece mais no livro.

Nos capítulos seguintes do livro de Jó, nos é dada uma pequena visão da luta que se passa na mente de Jó. Ele está muito perplexo. Por que toda essa calamidade veio sobre ele? Ele não está consciente de nenhum pecado. Por que, então, deveria Deus afligi-lo? Ele, é claro, não sabe do desafio de Satanás. Tampouco sabe que Deus depende dele na crise pela qual ele está passando. Tudo o que ele sabe é que, de um céu claro, o desastre veio sobre ele até ele ser deixado sem família ou propriedade, e com uma doença abominável que quase o cobre por completo. Ele não entende, mas retém sua integridade e fé em Deus. Deus sabia que ele faria isso. Satanás disse que ele não o faria. No desafio, Deus venceu.

Humanamente falando, Jó não mereceu a punição que veio a ele. O próprio Deus diz que foi sem causa. "Havendo-Me tu incitado contra ele, para o consumir sem causa" (Jó 2:3). Todo o experimento pode, portanto, ser justificado apenas considerando-o como um teste específico concebido para um propósito específico. Deus queria silenciar a acusação de Satanás de que Jó servia a Deus somente para obter lucro. Ele queria demonstrar que havia pelo menos um homem a quem Satanás não podia controlar. Jó sofreu

como resultado disso, mas parecia não haver outro caminho. Uma recompensa foi dada depois a ele.

O caso de Jó é registrado por um propósito. Conquanto confirmemos sua historicidade, acreditamos que ele também tenha um significado mais amplo. O povo de Deus nos últimos dias passará por uma experiência semelhante à de Jó. Eles serão testados como ele foi; serão privados de todo apoio humano; será dada a Satanás permissão para atormentá-los. Além disso, o Espírito de Deus será retirado da Terra, e a proteção dos governos terrestres será removida. O povo de Deus será deixado sozinho para batalhar contra os poderes das trevas. Eles ficarão perplexos, assim como Jó. Mas eles, assim como ele, manterão firme sua integridade.

Na última geração, Deus será vindicado. No remanescente, Satanás encontrará sua derrota. A acusação de que a lei não pode ser guardada será enfrentada e totalmente refutada. Deus produzirá não apenas um ou dois que guardam Seus mandamentos, mas todo um grupo, chamado de os 144.000. Eles refletirão a imagem de Deus plenamente. Eles terão desmentido a acusação de Satanás contra o governo do céu.

O Governo de Deus em Julgamento

Uma situação séria surgiu no céu quando Satanás fez suas acusações contra Deus. As acusações, na realidade, constituíam um *impeachment*. Muitos dos anjos creram nelas. Colocaram-se ao lado do acusador. Um terço dos anjos – e isso deve ter sido milhões – confrontou a Deus com seu líder, o mais elevado dentre os anjos,

Lúcifer. Não foi uma crise pequena. Ela ameaçou a própria existência do governo de Deus. Como Deus deveria lidar com ela?

O único modo pelo qual a situação poderia ser satisfatoriamente resolvida, para que nenhuma questão pudesse jamais surgir novamente, era Deus submeter Seu caso às regras comuns da evidência. O governo de Deus era justo ou não? Deus disse que era; Satanás disse que não era. Deus poderia ter destruído Satanás. Isso não provaria a Sua causa justa, mas poderia, de fato, contar contra Ele. Não havia outro modo senão cada lado apresentar suas provas, produzir suas testemunhas e apoiar seu caso sobre o peso do testemunho apresentado.

A imagem, então, é a de uma cena de julgamento. O governo de Deus está em jogo. Satanás é o acusador; O próprio Deus é o acusado e está em julgamento. Ele foi acusado de injustiça, por exigir que Suas criaturas façam aquilo que eles não podem fazer, e ainda as punir por não fazerem isso. A lei é o ponto específico de ataque, mas sendo a lei apenas uma transcrição do caráter de Deus, é Deus e Seu caráter que são os pontos em questão.

Para que Deus sustente Sua asserção, é necessário que Ele mostre que não tem sido arbitrário, que a lei não é severa e cruel em seus requisitos, mas que, ao contrário, é santa, justa e boa, e que os homens podem guardá-la. É necessário que Deus produza pelo menos *um* homem que tenha guardado a lei. Na ausência de tal homem, Deus perde e Satanás vence. O resultado, portanto, depende da produção de um ou mais que guardem os mandamentos de Deus. Nisso Deus apostou Seu governo.

Embora seja verdadeiro que muitos de tempo em tempo tenham dedicado suas vidas a Deus e vivido sem pecado por períodos de

tempo, Satanás afirma que esses são casos especiais, como foi o caso de Jó, e não estão sob as regras comuns. Ele exige um caso claro onde não possa haver dúvidas, e onde Deus não interferiu. Pode um tal exemplo ser produzido?

A Última Geração

Deus está pronto para o desafio. Ele estava esperando a Sua vez. A mostra suprema tem sido reservada até a contenda final. Da última geração, Deus selecionará Seus escolhidos. Não o forte ou o poderoso, nem o honrado ou o rico, nem o sábio ou o instruído, mas as pessoas comuns, simples, que Deus tomará, e através e por meio delas fará Sua demonstração. Satanás tem afirmado que aqueles que no passado serviram a Deus o fizeram por motivos mercenários, que Deus os mimou, e que ele, Satanás, não teve livre acesso a eles. Se ele tivesse recebido permissão completa para pressionar seu caso, eles também seriam conquistados. Mas ele acusa que Deus tem medo de deixá-lo fazer isso. “Dê-me uma chance justa”, diz Satanás, “e eu vencerei”.

E assim, de modo a silenciar para sempre as acusações de Satanás; para tornar evidente que o Seu povo está servindo-Lhe por motivos de lealdade e direito, sem referência à recompensa; para limpar Seu próprio nome e caráter das acusações de injustiça e arbitrariedade; e para mostrar aos anjos e aos homens que Sua lei pode ser guardada pelos mais fracos dos homens sob as circunstâncias mais desencorajadoras e mais desagradáveis, Deus permite que Satanás, na última geração, tente Seu povo ao máximo. Eles serão ameaçados, torturados, perseguidos. Eles ficarão face a face com a morte na emissão do decreto para adorar a besta e sua imagem

(Apocalipse 13:15). Mas eles não cederão. Eles estão dispostos a morrer em vez de pecar.

Deus remove Seu Espírito da Terra. Satanás terá uma medida maior de controle do que ele jamais teve. É verdade que ele não pode matar o povo de Deus, mas essa parece ser a única limitação. E ele usa todas as permissões que ele tem. Ele sabe o que está em jogo. É agora, ou nunca.

Deus, para fazer a demonstração completa, faz mais uma coisa. Ele Se esconde. O santuário no céu está fechado. Os santos clamam a Deus dia e noite por libertação, mas Ele parece não ouvir. Os escolhidos de Deus estão passando pelo Getsêmani. Eles estão tendo uma pequena amostra da experiência de Cristo naquelas três horas na cruz. Aparentemente, eles devem lutar suas batalhas sozinhos. Eles devem viver à vista de um Deus santo sem um intercessor.

Mas, embora Cristo tenha terminado Sua intercessão, os santos ainda são objeto do amor e cuidado de Deus. Santos anjos zelam por eles. Deus lhes fornece abrigo de seus inimigos; Ele lhes fornece alimento, protege-os da destruição e supre graça e poder para o viver santo. (Veja Salmos 91). No entanto, eles ainda estão no mundo, ainda tentados, aflitos, atormentados.

Resistirão eles ao teste? Aos olhos humanos, isso parece impossível. Se Deus apenas viesse em seu socorro, tudo estaria bem. Eles estão determinados a resistir ao maligno. Se necessário, eles morrerão, mas não pecarão. Satanás não tem – e nunca teve – poder para fazer qualquer homem pecar. Ele pode tentar, ele pode seduzir, ele pode ameaçar; mas ele não pode obrigar. E agora Deus demonstra através do mais fraco dos fracos que não há desculpa, e nunca houve, para pecar. Se os homens na última geração puderem repelir com sucesso

o ataque de Satanás; se eles podem fazer isso com todas as probabilidades contra eles e o santuário fechado, que desculpa há para os homens alguma vez pecarem?

Os 144.000

Na última geração, Deus dá a demonstração final de que os homens podem guardar a lei de Deus e que eles podem viver sem pecar. Deus nada deixa por fazer, a fim de completar a demonstração. A única limitação imposta a Satanás é que ele não pode matar os santos de Deus. Ele pode tentá-los, ele pode assediá-los e ameaçá-los; e ele faz o seu melhor. Mas ele falha. Ele não pode fazê-los pecar. Eles resistem ao teste e Deus coloca Seu selo sobre eles.

Através da última geração de santos, Deus é finalmente vindicado. Através deles Ele derrota Satanás e ganha Seu caso. Eles formam uma parte vital do plano de Deus. Eles passam por terríveis lutas; eles batalham contra poderes invisíveis nos lugares celestiais. Mas eles colocaram sua confiança no Altíssimo e não serão envergonhados. Eles sofreram fome e sede, mas agora "nunca mais terão fome, nunca mais terão sede; nem sol nem calma alguma cairá sobre eles. Porque o Cordeiro, que está no meio do trono os apascentará, e lhes servirá de guia para as fontes das águas da vida; e Deus limpará de seus olhos toda a lágrima" (Apocalipse 7:16-17).

"Estes são os que seguem o Cordeiro para onde quer que vá" (Apocalipse 14:4). Quando finalmente as portas do templo se abrirem, uma voz soará: "Somente os 144.000 entram neste lugar". – *Primeiros Escritos*, página 19. Pela fé eles seguiram o Cordeiro até ali. Eles foram com Ele até o lugar santo; eles O seguiram até o

santíssimo. E, no futuro, somente os que assim O seguiram aqui O seguirão ali. Eles serão reis e sacerdotes. Eles O seguirão até o santíssimo, onde somente o Sumo Sacerdote poderia entrar. Eles estarão na presença desvelada de Deus. Eles O seguirão "para onde quer que vá". Não apenas estarão "*diante* do trono de Deus", e O servirão "de dia e de noite no Seu templo", mas se *assentarão* com Ele no Seu trono, assim como Ele também venceu e Se assentou com Seu Pai no Seu trono (Apocalipse 7:15; 3:21).

O assunto de maior importância no universo não é a salvação dos homens, por mais importante que esta possa parecer. A coisa mais importante é a justificação do nome de Deus das falsas acusações feitas por Satanás. A controvérsia está chegando ao fim. Deus está preparando o Seu povo para o último grande conflito. Satanás também está se preparando. A questão está diante de nós e será decidida nas vidas do povo de Deus. Deus está dependendo de nós como Ele dependeu de Jó. Está a confiança dEle bem posicionada?

É um privilégio maravilhoso concedido a esse povo o ajudar a limpar o nome de Deus pelo nosso testemunho. É maravilhoso que nos seja permitido testificar por Ele. Nunca deve ser esquecido, no entanto, que esse testemunho é um testemunho de vida, não meramente de palavras. "Nele estava a vida, e a vida era a luz dos homens" (João 1:4). "A vida era a luz". Era assim com Cristo, e também deve ser assim conosco. Nossa vida deve ser uma luz, como a vida dEle era. Dar às pessoas a luz é mais do que entregar-lhes um folheto. Nossa *vida* é a luz. Enquanto *vivemos*, damos luz aos outros. Sem vida, sem vivermos a luz, nossas palavras ficam isoladas. Mas à medida que nossa vida se torna luz, nossas palavras se tornam efetivas. É a nossa vida que deve testificar por Deus.

Que a igreja de Deus aprecie o exaltado privilégio dado a ela! “Vós sois as Minhas testemunhas, diz o Senhor” (Isaías 43:10). Não deve haver “deus estranho entre vós; *portanto*, vós sois as Minhas testemunhas, diz o Senhor, que Eu sou Deus” (verso 12, KJV). Que nós possamos ser testemunhas, testificando o que Deus fez por nós!

Tudo isso está intimamente ligado à obra do Dia da Expiação. Naquele dia o povo de Israel, tendo confessado seus pecados, era completamente purificado. Eles já haviam sido perdoados; agora o pecado era separado deles. Eles estavam santos e sem culpa. O acampamento de Israel estava purificado.

Estamos vivendo agora no grande dia antitípico da purificação do santuário. Todo pecado deve ser confessado e pela fé ser enviado de antemão ao julgamento. Conforme o sumo sacerdote entra no santíssimo, o povo de Deus deve agora achar-se face a face com Ele. Deve saber que todo pecado está confessado e que nenhuma mancha do mal permanece. A purificação do santuário no céu depende da purificação do povo de Deus na terra. Quão importante, então, é que o povo de Deus seja santo e sem culpa! Neles, todo pecado deve ser queimado, para que possam permanecer à vista de um Deus santo e viver com o fogo consumidor. “Ouvi, vós os que estais longe, o que tenho feito; e vós que estais perto, reconhecei meu poder. Os pecadores de Sião estão com medo, o tremor surpreendeu os hipócritas. Quem dentre nós habitará com o fogo consumidor? Quem dentre nós habitará com as chamas eternas? Aquele que anda em justiça, e o que fala com retidão; o que rejeita o ganho da opressão, o que sacode das suas mãos todo o suborno; o que tapa os seus ouvidos para não ouvir falar de sangue e fecha os seus olhos para não ver o mal. Este habitará nas alturas; seu lugar de defesa

será as fortificações das rochas; pão lhe será dado; suas águas serão certas" (Isaías 33:13-16, KJV).

22. O Julgamento

Há uma tendência crescente de descrença em uma ressurreição corporal. Adeptos da "Alta crítica" têm há muito tempo descartado a ideia, e até mesmo cristãos do tipo mais conservador estão tendendo para o mesmo caminho. Eles não conseguem ver a necessidade de uma ressurreição do corpo se a existência futura é inteiramente espiritual.

Pela mesma razão, eles consideram um julgamento futuro desnecessário. Se a alma já está desfrutando da felicidade da existência etérea, ou se ela já está experimentando as torturas dos condenados, pareceria incongruente interpor um julgamento. Esse deveria ter ocorrido antes que o estado futuro fosse decidido, não depois. A crença na felicidade imediata ou condenação após a morte torna um julgamento futuro no fim do mundo não apenas desnecessário, mas inconsistente.

A Bíblia é clara em suas declarações a respeito desses dois assuntos. *Há* uma ressurreição corporal. *Há* um julgamento. A Bíblia ensina ambos. Como estamos aqui principalmente interessados no julgamento, limitaremos nosso estudo a ele, apenas comentando de passagem que parece muito mais satisfatório crer que a existência futura dos salvos será moldada um tanto no plano original do Jardim do Éden, onde Adão e Eva desfrutavam da existência num plano não diferente do nosso presente, mas sem pecado. Parece razoável crer que Deus não abandonou Seu plano original. Se Ele não o fez, deve haver uma ressurreição do corpo.

A ideia de um julgamento no fim do mundo pressupõe que os homens não entrem em sua punição ou recompensa por ocasião da morte. Isso parece razoável, além de ser apoiado por evidências bíblicas. Vamos considerar isso um pouco mais detalhadamente.

Tomando como certa uma crença na punição e na recompensa, nós primeiro observaremos que o registro de nenhum homem pode ser completamente fechado no momento da morte. Sua vida está fechada, mas sua influência continua – suas "obras o seguem". Se somos responsáveis por nossa influência – e isso deve ser admitido – o registro não pode ser feito totalmente até o final dos tempos.

Ao dizer isso, não queremos inferir que um homem não selou seu destino quando morreu. Nós acreditamos que ele o fez. Tudo o que queremos afirmar é que, a menos que o julgamento pressuponha punição ou recompensa idênticas para todos, o registro não pode ser feito na morte. Pode-se, de fato, argumentar que é sabido se uma pessoa está salva ou perdida, e que, portanto, ela pode provisoriamente ser admitida em um lugar ou outro. Isso pode ser admitido, mas não resolve a dificuldade. Mesmo em tribunais terrenos, o desdobramento de um crime cometido é aguardado antes que o juízo seja pronunciado. Se, em um tiroteio, um homem é ferido, o julgamento não se baseia no efeito imediato, mas no resultado final do tiroteio. O homem ferido pode agonizar por uma semana ou duas, ou mesmo um mês. O criminoso não pode exigir um julgamento e decisão imediatos, baseado, como poderia ser, no fato de que o homem ferido ainda não morreu, e que, dessa forma, o criminoso não era culpado de assassinato.

Um homem é responsável por mais do que o efeito imediato de seus atos. Parece inteiramente mais razoável que o julgamento seja

adiado até que todos os fatos estejam reunidos em um momento no qual se pode chegar a uma estimativa justa. Se admitirmos que alguns serão punidos com muitos açoites e alguns com poucos (Lucas 12:48), o julgamento não pode e não deve ocorrer até que todos os fatores possam ser considerados. Isso só pode ser feito no momento que Deus designou – o fim do mundo. Em harmonia com isso está a declaração de que Deus irá "reservar os injustos para o dia de juízo, para serem castigados" (2 Pedro 2:9).

Os Santos São Juízes

Os ímpios devem ser julgados pelos justos. "Os santos hão de julgar o mundo", "o mundo deve ser julgado por vós" (1 Coríntios 6:2). Assim como os anjos têm sua obra a fazer no céu, também os remidos terão a sua. Deus faz Seus planos conhecidos para os Seus e lhes dá responsabilidades para assumir. Os santos recebem tanto o privilégio quanto a responsabilidade do julgamento. Humanamente falando, Deus não quer correr nenhum risco de insatisfação ou questionamentos. É concebível que algumas pessoas se percam e outras pensem que aquelas deviam ser salvas. Se a falta de alguém é sentida no céu, uma questão sobre o porquê *pode* surgir, acerca desse alguém, na mente de outros. Pode ser uma pessoa que nos foi querida, a quem amávamos e por quem nós oramos. Agora ela está perdida. Nós não conhecemos as circunstâncias; nós não sabemos por quê.

Se nós tivemos uma participação no julgamento; se nós mesmos analisamos o caso e examinamos as evidências; se depois de pesarmos todos os fatores, concluímos finalmente que o homem não queria ser salvo e não seria feliz no céu, nenhuma questão jamais

surgirá em nossas mentes quanto à justiça do que foi feito. Nós tivemos uma participação no julgamento; nós sabemos. Estávamos lá. Estamos satisfeitos. Além disso, esse arranjo assegura um julgamento justo e misericordioso. Alguns daqueles que estarão perdidos nós amamos. Oramos por eles. Seremos gentis com eles até o fim. Ninguém será punido mais do que merece. O plano de Deus assegura isso.

Note-se que os santos devem participar no julgamento daqueles que eles conheceram. Se um dos propósitos de Deus em permitir-nos participar no julgamento é garantir que nenhuma dúvida surgirá em nossas mentes, os santos devem julgar sua própria geração e seus próprios conhecidos. Isso é ao mesmo tempo terrível e bom. Deus não deve correr o risco de que alguém diga ou pense: "Alguns de meus amigos se perderam, e eu nunca tive a chance de descobrir exatamente o que aconteceu. Pensei que estariam salvos. Eu os entendia melhor do que qualquer outro. Eu gostaria de ter sabido um pouco mais de seu caso". Tal coisa, é claro, nunca acontecerá. Deus cuidará disto. Todos estarão satisfeitos com a justiça e a misericórdia de Deus. O plano de Deus está arranjado corretamente. Nós saberemos porque certas pessoas estão perdidas. Nós teremos uma participação em seu julgamento.

Nenhum Julgamento na Morte

Se o que é dito aqui está correto, não pode haver julgamento na morte. Um grupo de cristãos está orando por um jovem rebelde. Dia após dia, ano após ano eles oram, mas sem resultado. Então, de repente, o jovem morre. E quanto ao julgamento? Aqueles que o conhecem, aqueles que oraram por ele, ainda estão vivos. Se o

jovem tem que ser julgado pelos santos *imediatamente*, todos eles deverão morrer imediatamente se eles tiverem que participar em seu julgamento. Caso contrário, ele teria que ser julgado por outros, que não o conheciam. Isso vale para todos os ímpios que já viveram. Eles não poderiam ser julgados normalmente até uma geração após sua morte, se tiverem que ser julgados pelos santos. Mas não ser julgado pelos santos, ou ser julgado por outros desconhecidos para eles, frustraria o plano de Deus e o comprometeria. Nós, portanto, sustentamos que se os ímpios têm que ser julgados pelos santos, eles não podem ser julgados na morte. Deus diz que os ímpios estão reservados para o julgamento no fim do mundo.

Conquanto seja verdade que cada geração melhor entende a si mesma e deve ser julgada à luz de seu próprio conhecimento, de modo que um pecador do Antigo Testamento não deve ser julgado pelos padrões do Novo Testamento, também é verdade que antes que qualquer julgamento consistente possa ocorrer, deve haver algum conhecimento sobre as regras e princípios gerais de orientação. Isso pressupõe instrução e educação, e essa instrução deve estar baseada em todos os fatores envolvidos. A morte de Cristo deve ser levada em conta, e também Sua expiação e ensino. Em vista disso, como poderiam os santos das primeiras gerações da Terra julgar os ímpios de sua geração? É evidente que a ideia de os santos terem qualquer participação no julgamento deve ser abandonada se o julgamento ocorre na hora da morte. É um plano admirável do modo como Deus o concebeu. Fazer com que os santos participem do julgamento torna o céu um lugar seguro e ergue uma barreira efetiva contra posteriores questionamentos e dúvidas.

Juízo Investigativo

E quanto ao julgamento dos justos? É evidente que algum tipo de investigação precisa ocorrer antes que lhes seja permitido entrar na eterna bem-aventurança. Deve ser decidido se sua vida e atitude justificam confiar-lhes a vida eterna; e essa decisão deve ser tomada antes que o Senhor venha para levá-los ao lar. Não é mais razoável salvar os justos e depois ter um julgamento do que condenar os iníquos e depois colocá-los diante do tribunal. Mas há uma diferença. Os ímpios não são destruídos até o final dos mil anos (Apocalipse 20:4, 5). Isso dá tempo abundante para julgá-los depois da vinda do Senhor. Mas não é assim com os justos. Se eles têm que ser julgados de qualquer modo, se alguma recompensa deve ser dada a eles, é preciso que seus casos sejam decididos antes que o Senhor venha. Quando Ele vem, Seu galardão está com Ele (Apocalipse 22:12). Portanto, é necessário que o estado deles seja determinado de antemão.

Alguns têm feito objeções a esse ensinamento. Eles não acreditam que haverá um julgamento dos justos antes que o Senhor venha. No entanto, apenas isso parece consistente. Os casos dos justos devem ser decididos antes que o Senhor venha – de outro modo, como se pode saber quem deve ser salvo? Se a objeção é feita ao termo *juízo investigativo,* o qual tem sido utilizado, que outro termo melhor seja encontrado. Estamos abertos a isso. Não é um julgamento executivo. A Bíblia o chama de “a hora do Seu juízo” em contraste com o dia do juízo (Apocalipse 14:7; Atos 17:31). Nós acreditamos que *juízo investigativo* se ajusta melhor ao caso em relação ao julgamento dos justos.

Parece eminentemente adequado que, quando surge a questão de quem deve ser salvo, os anjos precisam estar presentes tanto para dar seu testemunho quanto para acompanhar os procedimentos judiciais (Daniel 7:9, 10). Eles têm estado vitalmente preocupados com nosso bem-estar; eles têm sido espíritos ministradores [Hebreus 1:14]. Através das eras, iremos nos associar e estar com eles, e eles têm o direito de saber quem deve ser admitido nas moradas celestes. Isso também é plano de Deus. Os anjos experimentaram alguns dos resultados do pecado. Eles viram Lúcifer apostatar. Eles viram milhões de anjos irem com ele. Eles viram o Salvador sofrer e morrer, e eles conhecem a miséria que o pecado causou. Eles estão vitalmente interessados em saber quem deve ter a vida eterna. Eles não têm desejo de repetir a experiência com o pecado pela qual eles passaram. Portanto, é sábio plano de Deus que eles tenham uma participação no processo.

O Dia da Expiação é um tipo adequado do dia do juízo. Seria bom para o leitor rever o capítulo sobre o Dia da Expiação à luz da presente discussão. Naquele dia havia uma separação entre os justos e os ímpios. A decisão dependia inteiramente de quem havia confessado seus pecados e quem não tinha. Aqueles que haviam trazido suas ofertas e cumprido o ritual tinham seus pecados apagados. Os outros eram extirpados.

Nós não sabemos de nenhum registro sendo mantido no santuário na Terra a respeito de quem apareceu durante o ano com um sacrifício. Embora seja possível, dificilmente esse registro era mantido. Sabemos, no entanto, que o sangue colocado nas pontas dos altares (Jeremias 17:1) por si só constitui um registro. Deus ordenara que se trouxessem sacrifícios. Acreditamos que Ele respeitou Sua própria

ordem e tomou nota daqueles que O serviram em verdade, justiça e integridade. Em Seu livro, eles foram registrados como fiéis.

Acerca do julgamento do último dia está escrito: "E aquele que não foi achado escrito no livro da vida foi lançado no lago de fogo" (Apocalipse 20:15). Esse texto fala definitivamente do livro da vida, e diz, com efeito, que apenas aqueles cujos nomes são encontrados nele são salvos. Observe a leitura: "Aquele que *não foi achado escrito* no livro da vida". Isso sugere um exame do livro para descobrir quais nomes estão ali registrados. "Aquele que *não foi achado*". O que é isto senão uma investigação? É como se fosse dada a ordem: "Veja se esse nome é achado no livro". O relatório volta: "encontrei", ou, "não encontrei". Qualquer relatório indica uma investigação. A expressão "aquele que não foi *achado*" justifica a alegação de que há um exame do registro, resultando em uma separação para salvação ou condenação.

Anjos Participam no Julgamento

Parece tão claro que deveria e deve haver uma investigação do registro mantido no céu antes que o Senhor venha, que é de se admirar que qualquer um possa séria ou honestamente duvidar disso. É verdade que Deus poderia em um momento, se Ele assim desejasse, resolver todas as questões quanto ao destino futuro de todos. Com precisão infalível, Ele poderia consignar uma porção da humanidade para ser condenada e outra para ser salva. Mas Deus não poderia fazer isso e, ao mesmo tempo, permitir que anjos e homens participem no julgamento. E isso é vital. Deus deve colocar todas as salvaguardas ao redor da existência futura. Os homens devem, a partir de sua própria investigação, estar assegurados

quanto à justiça do castigo infligido. Anjos que têm sido espíritos ministradores devem estar presentes quando os santos forem julgados. Por essa razão, os livros são mantidos. Por essa razão, milhões de anjos estão presentes no julgamento (Daniel 7:10). Deus toma todos os passos necessários para tornar o futuro seguro. O céu e a terra devem ser protegidos. Deus não admitirá subitamente milhões de seres humanos à bem-aventurança do céu e ao privilégio da vida eterna sem tomar os anjos em Sua confiança e conselho.

Nós dizemos isso reverentemente. Os anjos passaram por algumas experiências tristes por causa do pecado. Eles viram milhões de seus companheiros anjos perdidos. Eles viram Cristo morrer na cruz. Eles tiveram conhecimento da tristeza do Pai por causa do pecado. E eles não deveriam estar interessados na questão da admissão de milhões de pecadores redimidos à vida eterna? Não deveriam eles ter alguma garantia de que admitir homens no céu não significa admitir pecado? Nós falamos à maneira dos homens. Acreditamos que eles deveriam ter essa garantia. E acreditamos que Deus dá isso a eles. Eles estão presentes quando os casos dos justos são decididos, assim como os santos participam no julgamento dos ímpios. Isso constitui uma garantia para o futuro. Nenhuma questão jamais surgirá ou poderá surgir na mente de alguém. Deus cuidou disso.

Os Mil Anos

Os mil anos são um tempo de julgamento. “E vi tronos”, disse o revelador, “e assentaram-se sobre eles, e foi-lhes dado o poder de julgar” (Apocalipse 20:4). Durante esse tempo, os anjos terão a oportunidade de conhecer melhor aqueles que serão herdeiros da salvação. Trabalharemos com eles no juízo, que diz respeito a

homens e anjos. Assim como o pouco tempo antes da vinda do Senhor era um juízo investigativo que dizia respeito aos justos, os mil anos são um juízo investigativo que diz respeito aos ímpios. Seu destino já foi decidido, mas outras considerações tornaram esse julgamento necessário. Tanto os homens quanto os anjos têm companheiros que se perderam e em quem estão interessados. Deus salvaguarda todos os interesses para que o pecado não se levante pela segunda vez. Os anjos mantiveram o registro. Não terão eles participação no exame do registro quando as decisões finais forem tomadas? Eles terão uma parte na execução do juízo (Apocalipse 20:1-3; 18:21; Ezequiel 9:1-11). Na conclusão deste, eles darão seu testemunho quanto à justiça das decisões tomadas (Apocalipse 16:5, 7). Isso eles podem fazer somente porque conhecem os fatores envolvidos.

"O Pai ama o Filho, e todas as coisas entregou nas Suas mãos" (João 3:35). Podemos não ter certeza do porquê o Pai entregou todas as coisas nas mãos do Filho, mas a declaração ocorre tantas vezes que fica claro que Deus quer que a saibamos. Além da declaração citada acima, observe as seguintes: "Todas as coisas Lhe sujeitaste debaixo dos pés" (Hebreus 2:8). "Todas as coisas Me foram entregues por Meu Pai" (Mateus 11:27; Lucas 10:22). "Lhe deste poder sobre toda a carne" (João 17:2). Esse poder inclui o de julgar. "O Pai a ninguém julga, mas deu ao Filho todo o juízo" (João 5:22). Cristo "foi constituído juiz dos vivos e dos mortos" (Atos 10:42). Deus "com justiça há de julgar o mundo, por meio do homem que destinou" (Atos 17:31). Isso inclui a execução do juízo, pois o Pai "deu-Lhe o poder de exercer o juízo, porque é Filho do homem" (João 5:27). Essa concessão de autoridade ao Filho pode ser

resumida na declaração abrangente do próprio Cristo: "É-Me dado todo o poder no céu e na terra" (Mateus 28:18). Isto não deixa dúvidas quanto à extensão do poder que foi dado a Ele. É *todo* o poder no céu e na terra.

Essas declarações tornam-se interessantes em vista de sua redação. O Pai possuía todos esses poderes, mas por alguma razão Ele os legou ao Filho. Observe como Deus "entregou", "sujeitou", "deu", "constituiu", "destinou" a Seu Filho. Tudo o que o Pai tinha Ele deu ao Filho. Deus, em algum momento no passado, colocou todas as coisas sob Cristo, disse a Ele para reinar, para exercer o juízo e deu-Lhe todo o poder no céu e na terra.

Toda a controvérsia revela um traço no caráter de Deus que é muito confortante. Deus poderia ter tratado os rebeldes de um modo diferente. Ele poderia não ter precisado ouvir as acusações feitas contra Ele por Satanás. Mas Ele submeteu seu caso para ser decidido sobre a base da evidência apresentada. Ele poderia permitir-Se esperar e deixar os seres criados decidirem por si mesmos. Ele sabia que Seu caso era justo e que suportaria a investigação. Ele era eminentemente equânime e justo em todos os aspectos.

Isso nos dá base para crer que o julgamento por vir será conduzido de acordo com linhas que corresponderão às mais altas concepções de justiça e direito, para não dizer misericórdia. Deus não é vingativo. Ele não está esperando por uma oportunidade de "dar o troco". Ele quer que todos os homens sejam salvos e venham ao arrependimento [1 Timóteo 2:4, 2 Pedro 3:9]. Ele não se deleita com a morte do ímpio [Ezequiel 18:23 e 32].

Há algumas coisas, todavia, que Deus não pode fazer. Ele estaria feliz salvando a todos, mas não seria melhor fazê-lo. Para isso existem várias razões. Muitos não desejam ser salvos nos termos que unicamente podem garantir a vida. As regras que Deus estabeleceu para nossa orientação são as regras da vida, e não decretos arbitrários. A sociedade não pode existir, seja aqui ou no céu, se os homens não pararem de matarem-se uns aos outros. Isso parece tão evidente que ninguém tentará contestar.

Matar tem sua raiz no ódio. Não seria seguro permitir que alguém que odeia seu irmão – ou que odeia alguém – viva no céu com outros. Esperar paz e harmonia sob tais condições seria loucura. Os homens demonstraram abundantemente que o ódio leva ao assassinato. Não é necessária mais demonstração. Se Deus espera ter um paraíso pacífico, Ele precisa excluir os assassinos. Isso significa que Ele deve excluir todos os que odeiam.

Mas isso significa mais. O amor é o único antídoto eficaz para o ódio. Só quem ama está seguro. Ausência de amor significa ódio, mais cedo ou mais tarde. Por isso, o amor se torna uma das leis da vida. Somente aquele que ama está em conformidade com a lei; consequentemente, só ele tem o direito de viver. Esse direito não deve ser comprometido ao permitir que o ódio floresça. Aqueles que nutrem ódio em suas vidas violam a lei da vida. Não seria seguro salvá-los, mesmo que eles queiram ser salvos. Não deve haver assassinos no céu, nem violadores do mandamento que diz: “Não matarás”. O mesmo argumento permanece verdadeiro para todos os outros mandamentos.

Quando Deus, portanto, admite homens e anjos a se sentarem em julgamento, Ele faz mais do que apenas tomá-los em parceria. Isso é

importante. Pelo bem do futuro, isso é necessário. Precisamos da segurança que uma participação pessoal no julgamento nos dará. Não obstante, mais está envolvido. Quando Deus admite santos e anjos a participar no julgamento, eles estão, em realidade, inspecionando os atos de Deus. As regras, os princípios, as leis que governam os homens e os anjos, estão sob escrutínio. Em certo sentido, Deus está sendo julgado (Romanos 3:4).

À luz dessas declarações, o fato de que homens e anjos no final da controvérsia expressam sua crença na justiça de Deus assume um significado adicional. A grande questão sempre foi: Deus é justo ou as acusações de Satanás são verdadeiras? No final da controvérsia, o anjo das águas diz: "Justo és Tu, ó Senhor" (Apocalipse 16:5) Diz outro: "Na verdade, ó Senhor Deus Todo-poderoso, verdadeiros e justos são os Teus juízos (verso 7). Uma "grande multidão" no céu diz: "Aleluia! A salvação, e a glória, e a honra, e o poder pertencem ao Senhor nosso Deus; porque verdadeiros e justos são os seus juízos" (Apocalipse 19:1, 2). Os que saíram vitoriosos da besta e da sua imagem, dizem: "Justos e verdadeiros são os Teus caminhos, ó Rei dos santos" (Apocalipse 15:3). E, ao reassumir Deus o trono, "uma grande multidão" "como que a voz de grandes trovões", exclama: "Aleluia! Pois já o Senhor Deus Todo-poderoso reina" (Apocalipse 19:6). Deus, porém, não quer reinar sozinho. Quando "os reinos do mundo vieram a ser de nosso Senhor e do Seu Cristo" (Apocalipse 11:15), quando o acusador for finalmente derrubado, então o trono de Deus e do Cordeiro será estabelecido. Consumação gloriosa da nossa esperança! (Apocalipse 12:10; 22:5).

APÊNDICE

O Altar Perante o Senhor

A frase "perante o Senhor" é usada em conexão com os serviços do santuário, bem como de lugares e móveis.

Assim, o incenso era oferecido perante o Senhor (Êxodo 30:8) e os sacrifícios eram mortos perante o Senhor (Levítico 1:3, 5; 4:4, 15, 24). Os dois bodes no Dia da Expiação eram apresentados perante o Senhor (Levítico 16:7, 10).

O candelabro foi colocado perante o Senhor (Levítico 24:4), assim como a mesa dos pães da proposição (verso 6), o altar do incenso (Levítico 4:18), o lugar santo (Êxodo 28:35), o véu (Levítico 4:17) e o altar do holocausto (Levítico 6:14; 16:12).

Em Levítico 16:18 a frase aparece novamente, em conexão com o altar. O texto diz: "Assim fará expiação pelo santuário por causa das imundícias dos filhos de Israel e das suas transgressões, e de todos os seus pecados; e assim fará para a tenda da congregação que reside com eles no meio das suas imundícias. ...Então sairá ao altar, que está perante o Senhor, e fará expiação por ele; e tomará do sangue do novilho, e do sangue do bode, e o porá sobre as pontas do altar ao redor" (Levítico 16:16, 18).

Nós omitimos o verso 17 pois ele é uma observação interposta, não tendo a ver com o serviço.

A leitura, portanto, é que o sumo sacerdote faz expiação pelo "santuário" e a "tenda da congregação"; em seguida, "ele sairá ao altar, que está perante o Senhor, e fará expiação por ele".

O fato de o altar ser mencionado como estando "perante o Senhor" não determina, por si mesmo, a qual altar se refere. A leitura sugeriria o altar do holocausto, quando Arão "saísse" ao altar. Ele já expiou o lugar santo e a tenda da congregação (verso 16); isto é, o santíssimo e o lugar santo. Agora ele vai até o altar do holocausto e faz expiação por ele.

A mesma sequência é sugerida no verso 20, que diz: "Havendo, pois, acabado de fazer expiação pelo santuário, e pela tenda da congregação, e pelo altar". Aqui, novamente, três coisas são mencionadas – o santíssimo, o santo e o altar.

O altar do incenso estava no lugar santo, e era o único artigo de mobília naquele lugar sobre o qual sangue era colocado. Assim, quando é declarado que a expiação foi feita para a tenda da congregação, pode se referir apenas ao altar do incenso que deveria ser expiado uma vez por ano (Êxodo 30:10).

No santíssimo, o propiciatório deveria ser expiado – porque sangue havia sido colocado sobre ele. No lugar santo, o altar do incenso deveria ser expiado pela mesma razão. O único outro móvel usado na expiação do sangue era o altar do holocausto. Se o altar do holocausto não é sugerido em Levítico 16:18, então devemos concluir que nenhuma expiação era feita por ele. Mas esse era o lugar onde todas as ofertas eram mortas, e certamente ele não poderia ser deixado de fora.

Em Levítico 16:12, o sumo sacerdote apanha brasas do altar perante o Senhor. O altar sobre o qual estavam as brasas era o altar do holocausto. Não havia brasas no altar do incenso. Por isso, Keil e Delitzsch dizem que o sumo sacerdote tomava "tantas brasas de fogo quanto caberiam no incensário, do altar do holocausto" –

Commentary on the Pentateuch, volume 2, página 399. Nisso praticamente todos os comentários concordam.

Em Levítico 1:11, o lugar onde os sacrifícios deviam ser mortos é dito ser "o altar que dá para o norte, perante o Senhor".

Em vista dessas declarações, parece claro que o altar em Levítico 16:18 é o altar do holocausto. Se isto não for assim, todo o significado da expiação é perdido, e aquilo que mais precisa de purificação permanece imundo.

Por isso o comentário que acabamos de citar diz: "E segue adicionalmente a isso que por altar, no verso 18 e também nos versos 20 e 33, o qual é mencionado aqui como a terceira parte de todo o santuário, devemos entender o altar do holocausto no pátio, e não o altar do incenso, como os rabinos e a maioria dos comentaristas presumem. ...A expressão 'sairá', no verso 18, refere-se, não à sua saída do santíssimo para o lugar santo, mas à sua saída para fora do *ohel moed* (ou lugar santo), ao pátio". *Ibid*., páginas 400, 401.

Sacrifícios do Serviço do Santuário

(O seguinte esboço das várias ofertas sacrificiais e as cerimônias e festas especiais da antiga dispensação judaica foi originalmente desenvolvido como um gráfico por Merwin R. Thurber. Ele está incluído aqui por um acordo especial entre o autor deste livro e o preparador do esboço).

OFERTAS QUEIMADAS (HOLOCAUSTOS)

NATUREZA: Voluntárias, no que diz respeito ao indivíduo, mas especificadas em certas ocasiões para toda a congregação e, em certos casos, para os indivíduos. Levítico 1:3.

REALIZAÇÃO: Expiação era feita – eram aceitas por ele. Levítico 1:4.

Quando Ofertadas	Animais Prescritos
1. Por vontade – geralmente. Levítico 1:3.	1. Qualquer animal macho limpo normalmente usado para sacrifício. Levítico 1.
2. Diariamente. Êxodo 29:38-42; Números 28:3-8.	2. Dois cordeiros machos de um ano.
3. Em consagrações. Êxodo 29:15-18; Levítico 8:18-21; Números 7; 8.	3. Novilhos, carneiros, cordeiros.
4. Em dias especiais e festas.	4. Em dias especiais e festas.
a. Sábado. Números 28:9, 10.	a. Dois cordeiros adicionais.
b. Luas novas. Números 28:11-14.	b. Dois novilhos, um carneiro, sete cordeiros.
c. Festa dos Pães Ázimos. Números 28:17-25.	c. Diariamente – dois novilhos, um carneiro, sete cordeiros.
d. Dia do Molho Movido.	d. Um cordeiro macho de um ano.

Levítico 23:10-14.	
e. Dia do Pentecostes. Levítico 23:17-21; Números 28:26-31.	e. Para o dia – dois novilhos, um carneiro, sete cordeiros. Para o pão – um novilho, dois carneiros, sete cordeiros.
f. Primeiro dia do sétimo mês. Números 29:1-6.	f. Um boi, um carneiro, sete cordeiros, além da oferta mensal [da lua nova].
g. Dia da Expiação. Levítico 16; Números 29: 7-11.	g. Para o sacerdote – um carneiro, Levítico 16:3. Para o povo – um carneiro, Levítico 16: 5. Para o dia – um novilho, um carneiro, sete cordeiros. Números 29:7-11.
h. Festa dos Tabernáculos Números 29:12-34.	h. Treze novilhos, dois carneiros e catorze cordeiros no primeiro dia. Diminui-se um novilho diariamente, até chegarem em sete, junto com dois carneiros e catorze cordeiros no sétimo dia.
i. Oitavo da Festa dos Tabernáculos. Números 29:35-38.	i. Um novilho, um carneiro, sete cordeiros.
5. Para purificação.	5. Para purificação.
a. Parto. Levítico 12.	a. Cordeiro, pombo ou rolinha.
b. Lepra. Levítico 14.	b. Cordeiro, pombo ou rolinha

c. Fluxo de sangue.
Levítico 15:13-15, 25-30.

c. Pombo ou rolinha.

6. Voto de nazireu.
Números 6.

6. Voto de nazireu.

a. Violação acidental – pombo ou rolinha.

b. Cumprimento – cordeiro.

7. Com oferta pelo pecado dos pobres.
Levítico 5:7-10.

7. Pombo ou rolinha.

8. Com oferta pelo pecado quando a congregação pecava por ignorância.
Números 15: 22-26.

8. Novilho

Acompanhamentos

Gerais

Sal. Levítico 2:13

Oferta de Alimentos. Números 15:2-12:

Para um cordeiro ou cabrito: 1/10 de flor de farinha, 1/4 de um him de azeite, a 1/4 de um him de vinho.

Para um carneiro: 2/10 de flor de farinha, 1/3 de um him de azeite, a 1/3 de um him de vinho.

Para um novilho: 3/10 de flor de farinha, 1/3 de um him de azeite, 1/2 de um him de vinho.

Incenso. Levítico 2:1, 2.

Sábados:

Para cada cordeiro, 2/10 de flor de farinha, com azeite e oferta de bebidas apropriados (o dobro da medida usual para cada cordeiro)

Dia do Molho Movido:

Para o cordeiro: 2/10 de flor de farinha (o dobro), azeite (provavelmente em proporção), 1/4 de um him de vinho (regular). Levítico 23:13.

Purificação pelo Parto

Não especificado.

Purificação de Lepra:

3/10 de flor de farinha com azeite, ou 1/10 de flor de farinha com azeite.

Purificação de Fluxo de Sangue:

Nenhuma.

Ordem de Procedimento

Bezerro, Ovelha ou Cabra: Levítico 1:3-13.

1. Ofertante coloca a mão sobre a cabeça da vítima, e a imola.
2. Sacerdote esparge sangue sobre o altar.
3. Ofertante tira o couro e parte o animal, lavando as penas e entranhas em água.
4. Sacerdote acende fogo, arruma a madeira, e põe os pedaços do animal em ordem sobre o fogo.
5. O sacrifício é completamente consumido sobre o altar.

Rolinha ou pombo: Levítico 1:14-17.

1. Sacerdote tira a cabeça da ave e a queima sobre o altar.
2. Espreme o sangue na parede do altar.
3. Corta fora o papo e remove as penas.

4. Fende a ave junto às suas asas, porém não a parte.
5. A oferta é completamente consumida sobre o altar.

Disposição

Sangue

Espargido sobre o altar em redor. Levítico 1:5, 11, 15.

Gordura, etc.

Não separada. Levítico 1:8, 12.

Oferta Movida

Nenhuma.

Carcaça inteira

Queimada no altar. Levítico 1:9, 13, 17.

Couro

Dado ao sacerdote. Levítico 7:8.

Papo e penas

Lançados junto ao altar, no lugar da cinza. Levítico 1:16.

OFERTAS PACÍFICAS

NATUREZA: Normalmente voluntárias. Incluíam votos, ofertas de ações de graças e ofertas espontâneas. Levítico 19:5; 7:15, 16. Banquete comunal no qual o Senhor, o sacerdote e o povo participavam. Levítico 3:11; 7:14, 31-33. 7:15-18; 19:5-8; Deuteronômio 27:7; 12: 17, 18.

Quando Ofertadas	Animais Prescritos
1. Por vontade, ou em cumprimento de um voto.	1. Qualquer animal limpo normalmente usado para sacrifício, macho ou fêmea.

Levítico 19:5; 7:16.	Levítico 3.
2. Em consagrações. Êxodo 29:19-28; Levítico 8:22; 9:4; Números 7.	2. Carneiro (Levítico 8:22), novilho e carneiro (Levítico 9:4), bois, carneiros, bodes, cordeiros (Número 7).
3. No Pentecostes, com o pão. Levítico 23:17-20.	3. Dois cordeiros. Levítico 23:20.
4. No cumprimento de um voto de nazireu. Números 6:14, 17, 18.	4. Carneiro. Números 6:14

REGRA: Normalmente um sacrifício deve ser perfeito para ser aceito, mas em uma oferta voluntária poderia ser comprido ou curto de membros. Levítico 22:21-24.

Acompanhamentos

Ofertas de Ações de Graças. Levítico 7:12-14.

Bolos ázimos amassados com azeite.
Coscorões ázimos amassados com azeite.
Bolos ázimos fritos amassados com azeite.
Pão levedado, parte do qual é movido, e dado ao sacerdote oficiante.

Votos e Ofertas Voluntárias. Números 15:3-12.

Para um cordeiro: 1/10 de flor de farinha, 1/4 de um him de azeite, 1/4 de um him de vinho.
Para um carneiro: 2/10 de flor de farinha, 1/3 de um him de azeite, 1/3 de um him de vinho.

Para um novilho: 3/10 de flor de farinha, 1/2 de um him de azeite, 1/2 de um him de vinho.

Para Todas as Ofertas:

Sal. Levítico 2:13.

Ordem de Procedimento

(Ver Levítico 3)

1. Mão na cabeça da vítima.

2. Ofertante imola o animal.

3. Sacerdote esparge o sangue sobre o altar, em redor.

4. Ofertante move o peito, a espádua direita, a gordura, etc., perante o Senhor. Levítico 7:29-32.

5. Sacerdote queima a gordura, etc., no altar.

6. Restante é comido (ver Disposição, abaixo).

Disposição

Sangue

Espargido sobre o altar em redor. Levítico 3:2, etc.

Gordura, etc.

Queimada no altar. Levítico 3:3-5; 7:31.

Oferta Movida

Peito e espádua direita vão para o sacerdote. Levítico 7:29-36.

Resto da Carcaça

Comida pelo ofertante. Deuteronômio 27:7; 12:17, 18.

REGRA*:* Ofertas de ações de graça deviam ser comidas no mesmo dia. Ofertas voluntárias e ofertas de votos podiam ser comidas também no segundo dia, mas não depois. Levítico 7:16-18.

OFERTAS PELO PECADO

NATUREZA: Requeridas, quando alguém pecava por ignorância e em ocasiões especiais para cobrir tais pecados para toda a congregação. Levítico 4:2; Números 15:22-29.

REALIZAÇÃO: Expiação era feita pelo pecado. Levítico 4:35; Números 14:24.

Quando Ofertadas	Animais Prescritos
1. Geral – se uma alma pecasse por ignorância. Levítico 4:2; Números 15:27, 28.	
a. Sacerdote. Levítico 4:3-12.	a. Novilho. Levítico 4:3-12.
b. Congregação. Levítico 4:13-21	b. Novilho. Levítico 4:13-22. Bode. Números 15:24.
c. Príncipe. Levítico 4:22-26.	c. Bode. Levítico 4:22-26
d. Pessoas comuns. Levítico 4:27-35	d. Cabra ou cordeira. Levítico 4:27-35; ou, se a pessoa fosse muito pobre, duas rolinhas e dois pombos (Levítico 5:7), um por oferta pelo pecado e um por

holocausto. Se a pessoas fosse ainda mais pobre, 1/10 de um efa de flor de farinha, por oferta pelo pecado, não por oferta de alimentos. Levítico 5:11, 12.

Casos limítrofes específicos em que uma oferta pelo pecado é usada

a. Perjúrio sob voto. Levítico 5:1 (KJV).

b. Imundícia de cadáver. Levítico 5:2.

c. Imundícia de um homem. Levítico 5:3.

d. Juramento temerário. Levítico 5:4.

2. Consagrações

a. Arão e seus filhos. Êxodo 29:10-14, 36, 37; Levítico 8:2, 3, etc.

b. Príncipes. Números 7.

c. Levitas. Números 8.

3. Dias Especiais

a. Luas novas. Números 28:15.

2. Consagrações

a. Novilho.

b. Bode.

c. Novilho.

3. Dias Especiais

a. Bode. Números 28:15.

b. Festas dos Pães Ázimos. Números 28:17-24.	b. Bode, diariamente. Números 28:22-24.
c. Pentecostes. Levítico 23:19; Números 28:30.	c. Para o dia – bode. Números 28:30. Para o pão – bode. Levítico 23: 18, 19.
d. Primeiro dia do sétimo mês. Números 29:5.	d. Bode. Números 29:5.
e. Dia da Expiação. Levítico 16. Números 29:11.	e. Um bode além do sacrifício da expiação. Números 29:11.
f. Festa dos Tabernáculos. Números 29:16-34.	f. Bode, diariamente. Números 29:16-34
g. Oitavo da Festa dos Tabernáculos. Números 29:38.	g. Bode. Números 29:38.
4. Purificação.	4. Purificação.
a. Parto. Levítico 12:6, 8.	a. Pombo. Levítico 12:6, 8.
b. Lepra. Levítico 14:10, 19, 22.	b. Cordeira ou pombo. Levítico 14:10, 19, 22.
c. Fluxo de sangue. Levítico 15:14, 15, 29, 30.	c. Pombo. Levítico 15:14, 15, 29, 30.
5. Voto de Narizeu	5. Voto de Narizeu
a. Violação acidental. Números 6:10, 11.	a. Pombo. Números 6:10, 11.

b. Cumprimento.
Números 6:14-16.

b. Cordeira.
Números 6:14-16.

Acompanhamentos

Sal. Levítico 2:13.

Ordem de Procedimento

Sacerdote e Congregação. Levítico 4.

1. Mão sobre a cabeça da vítima.
2. Animal é morto.
3. Sangue espargido diante do véu no lugar santo, e colocado nas pontas do altar de ouro.
4. Resto do sangue derramado aos pés do altar do holocausto.
5. Gordura, rins, etc., queimados no altar.
6. Animal inteiro – com o couro, entranhas, excrementos, etc. – queimado fora do arraial.

Príncipe e Pessoas Comuns. Levítico 4.

1. Mão sobre a cabeça da vítima.
2. Animal é morto.
3. Sangue colocado nas pontas do altar do holocausto.
4. Resto do sangue derramado aos pés do altar.
5. Gordura, etc., queimados no altar.
6. Sacerdote come a carne do animal. Levítico 6:25-29; 10:16-20.

Ofertas ocasionais aparentemente seguem regra geral.

(Para as ofertas pelo pecado no Dia da Expiação, ver, abaixo, Cerimônias Especiais).

Disposição

Sangue

1. Sacerdote e congregação – espargido diante do véu e colocado nas pontas do altar de ouro. Resto derramado fora. Levítico 4:6, 7, 16-18.
2. Príncipe e pessoas – colocado nas pontas do altar do holocausto. Resto derramado fora. Levítico 4:25, 30, 34.

Gordura, etc.

Queimada no altar. Levítico 4:8-10, 19, 26, 35.

Oferta Movida

Nenhuma.

Carne

1. Sacerdote e Congregação – queimada fora do arraial. Levítico 4:12, 21.
2. Príncipe e pessoas – comida pelo sacerdote. Levítico 6:25-29.

Couro

1. Sacerdote e Congregação – queimado com o animal inteiro. Levítico 4:12, 21.
2. Príncipe e pessoas – não especificado, mas pode-se assumir que ia para o sacerdote.

REGRA: "Porém, não se comerá nenhuma oferta pelo pecado, cujo sangue se traz à tenda da congregação, para expiar no santuário; no fogo será queimada" (Levítico 6:30).

OFERTAS PELA TRANSGRESSÃO

NATUREZA: Prescritas em casos de pecado conhecido.

REALIZAÇÃO: Expiação é feita. Levítico 5:16; 6:7.

Quando Ofertadas	Animais Prescritos
1. Em caso de pecado conhecido. Levítico 6:2, 3.	1. Carneiro. Levítico 6:6.
2. Sacrilégio por ignorância. Levítico 5:15 (Caso limítrofe em que uma oferta pela transgressão é usada)	2. Carneiro. Levítico 5:15.
3. Violação de serva desposada. Levítico 19:20-22.	3. Carneiro. Levítico 19:20-22.
4. Purificação da lepra. Levítico 14:12-18.	4. Cordeiro. Levítico 14:10, 13, etc.
5. Violação acidental do voto de nazireu.	5. Cordeiro. Números 6:12

Acompanhamentos

Sal. Levítico 2:13

Ordem de Procedimento

A mesma que da oferta pelo pecado, exceto do sangue. Levítico 7:1-7.

Disposição

A mesma que da oferta pelo pecado (Levítico 7:1-7), exceto do sangue. Este era espargido sobre o altar em redor, em vez de ser colocado sobre os chifres do altar. Levítico 7:2.

OFERTAS DE ALIMENTOS

NATUREZA: Sem sangue. Acompanhamento de ofertas com sangue.

Quando Ofertadas

1. Com todos os holocaustos, regulares, especiais e pessoais. Números 15:2-12, 28; 29.

2. Com todas as ofertas pacíficas. Números 15:3; Levítico 7:11-14.

3. Casos especiais.

   a. Oferta de alimentos do sumo sacerdote. Levítico 6:20-23.

   b. Os pães da proposição. Levítico 24:5-9.

   c. O molho movido. Levítico 23:10-14.

   d. O molho das primícias. Levítico 23:16, 17.

   e. Julgamento de ciúme. Números 5:15.

   f. Nazireu. Números 6:15.

Material Prescrito

Flor de farinha. Levítico 2:1-2.

Pães ou bolos ázimos. Levítico 2:4.

Coscorões ázimos. Levítico 2:4.

Bolos fritos. Levítico 2:7.

Grão trilhado. Levítico 2:14-16.

Farinha de cevada. Números 5:15.

REGRA: Nenhuma oferta de alimentos deveria ser feita com fermento, pois o fermento e o mel não deveriam subir ao altar. Levítico 2:11.

EXCEÇÃO: O pão das primícias no Pentecostes e o pão com a oferta de

ação de graças seriam feitos com fermento, mas não deveriam ser queimados no altar. Levítico 2:12, 7:12, 13; 23:17-20.

Acompanhamentos

Sal. Levítico 2:13.

Azeite. Levítico 2:2-7; Números 15:4-11.

Vinho. Números 15:4-11.

Incenso. Levítico 2:2 e seguintes; 24:7.

Ordem de Procedimento

Geral. (Levítico 2).

1. Oferta é trazida ao sacerdote.
2. Sacerdote queima um punhado de farinha com azeite, e todo o incenso; ou porção do pão preparado com azeite.
3. Restante vai para o sacerdote.

Oferta de Alimentos do Sumo Sacerdote

Toda queimada. Levítico 6:23.

Pão da proposição.

Posto na mesa no lugar santo por uma semana, com incenso nele. Levítico 24:5-8.

Molho movido e molho das primícias

Movidos perante o Senhor. Levítico 23:11.

Disposição

Farinha.

Punhado no altar. Levítico 2:2. Resto para os sacerdotes em geral. Levítico 7:10

Pão preparado

Porção no altar. Levítico 2:9. Resto ao sacerdote oficiante. Levítico 7:9.

Pão da proposição

Para os sacerdotes. Levítico 24:5-9.

Parte movida do pão levedado

Em ação de graça ao sacerdote oficiante; resto para o ofertante. Levítico 7:13, 14; Deuteronômio 27:7.

Pães das primícias.

Para o sacerdote. Levítico 23:20.

PÁSCOA

NATUREZA: Prescrita. Sinal e memorial. Êxodo 13: 9, 10.

REALIZAÇÃO: Anjo passou por cima. Êxodo 12:12, 13.

Quando Ofertada

Quatorze de Abibe, primeiro mês. Êxodo 12:2, 6.

Animal Prescrito

Cordeiro ou cabrito. Êxodo 12:5.

Acompanhamentos

Ervas amargosas. Êxodo 12:8.

Pães ázimos. Êxodo 12:8.

Vinho (tradição judaica). *O Desejado de Todas as Nações*, p. 463.

Ordem de Procedimento

1. Escolhe-se o animal no décimo de Abibe.
2. Mata-se-lhe no décimo quarto, à tarde.
3. Esparge-se o sangue nas ombreiras e na verga da porta.
4. Assa-se o animal inteiro.
5. Come-se com ervas amargosas.
6. Queima-se o que restar.

Disposição

Sangue

Nas ombreiras e na verga da porta.

Carne

Comida pelo ofertante e amigos.

Restante

Queimado.

INCENSO

NATUREZA: Prescrito.

REALIZAÇÃO: Trazer orações perante Deus. Salmos 141:2; Apocalipse 8:3.

Quando Ofertado

1. De manhã e à tarde. Êxodo 30:7, 8.

2. Dia da Expiação. Levítico 16:12, 13.

3. Ocasiões especiais. Números 16:46, 47.

Material Prescrito

Combinação de especiarias aromáticas. Êxodo 30:34-38.

Acompanhamentos

Nenhum.

Ordem de Procedimento

Queimado perante o Senhor.

CERIMÔNIAS ESPECIAIS

Dia da Expiação

TEXTOS: Levítico 16; 23:27-32; Números 29:7-11; Êxodo 30:10.

OFERTAS: Holocausto diário; novilho por oferta pelo pecado e carneiro por holocausto pelo sacerdote; dois bodes por oferta pelo pecado e um cordeiro por holocausto pelo povo; e, para o dia, um novilho, um carneiro, sete cordeiros, por holocausto, e um bode por oferta pelo pecado.

CERIMÔNIAS DE EXPIAÇÃO

1. Sumo sacerdote banha-se e troca de roupa, pondo as vestes brancas, depois de realizar as cerimônias da manhã em suas vestes pontifícias.

2. Apresenta um novilho por oferta pelo pecado sacerdotal perante o Senhor; impõe as mãos na cabeça [do novilho].

3. Apresenta os bodes e lança sortes para determinar qual será por Jeová e qual por Azazel.

4. Mata o novilho e coleta sangue.

5. Leva o incensário e o incenso ao lugar santíssimo e coloca incenso nas brasas.

6. Retorna ao pátio para pegar o sangue do novilho, que ele leva ao lugar santíssimo e esparge sobre e diante do propiciatório sete vezes.

7. Retorna ao pátio, mata o bode do Senhor e entra no lugar santíssimo com o sangue, aspergindo como antes.

8. Retorna ao lugar santo e faz expiação pelas coisas sagradas.

9. Retorna ao pátio, e faz expiação pelo altar, aspergindo-o com o sangue do novilho e do bode sete vezes, e colocando sangue nas pontas do altar.

10. Confessa os pecados de Israel sobre a cabeça do bode vivo, e envia-o ao deserto pelas mãos de um homem designado para isso.

11. Reassume as vestes pontifícias e oferece a gordura das ofertas pelo pecado, os holocaustos por si e pelo povo, os holocaustos para o dia, e um bode da oferta pelo pecado, para o dia.

O Voto de Nazireu

TEXTO: Números 6:1-21.

Violação Acidental

OFERTAS: Dois pombos – um para holocausto e outro para oferta pelo pecado – e um cordeiro para uma oferta pela transgressão.

PROCEDIMENTO:

1. Raspa a cabeça no primeiro e no sétimo dia da purificação.
2. No oitavo dia, traz dois pombos ao sacerdote, um para oferta pelo pecado e outro para holocausto.
3. Traz um cordeiro para uma oferta pela transgressão.
4. Deve perder os dias que foram antes da contaminação.

Cumprimento

OFERTAS: Um cordeiro macho para holocausto, uma cordeira para oferta pelo pecado, um carneiro por oferta pacífica, cesto de pães ázimos, bolos de flor de farinha, e as ofertas de alimentos e libações apropriados para os animais.

PROCEDIMENTO:

1. Oferece a oferta pelo pecado.
2. Oferece o holocausto.
3. Oferece a oferta pacífica com acompanhamentos.
4. Nazireu rapa a cabeça e queima o cabelo.
5. Oferta movida era alçada.

Purificação do Leproso

TEXTO: Levítico 14:1-32.

Cerimônia Preliminar

OFERTAS: Duas aves, pau de cedro, carmesim, hissopo e água viva.

PROCEDIMENTO:

1. Mata-se uma ave sobre um vaso de barro cheio de água corrente.

2. Mergulha-se a ave viva, o pau de cedro, o carmesim e o hissopo em água e sangue, e espargia-se o leproso sete vezes.

3. Deixa-se a ave viva ficar livre.

4. O leproso rapa-se e toma banho no sétimo dia.

5. O leproso retorna no oitavo dia para cerimônias e ofertas finais.

(Essa mesma cerimônia é usada para limpar uma casa infestada de praga. Levítico 14:48-53).

Cerimônia Principal

OFERTAS: Um cordeiro para oferta pela transgressão; um cordeiro para o holocausto; uma ovelha como oferta pelo pecado; três dízimas de flor de farinha amassada com azeite para oferta de alimentos; e um logue de azeite.

PROCEDIMENTO:

1. Sacrifica-se o animal da oferta pela transgressão, e o mesmo é movido com a medida de azeite perante o Senhor.

2. Coloca-se um pouco do sangue na orelha direita, no polegar direito e no dedão do pé direito do ofertante.

3. Asperge-se azeite sete vezes perante o Senhor.

4. Coloca-se óleo na orelha, polegar e dedo do pé onde o sangue fora colocado.

5. Derrama-se o óleo sobre a cabeça do ofertante.

6. Oferece-se a oferta pelo pecado.

7. Oferece-se o holocausto e oferta de alimentos. (Em caso de pobreza, bastaria ter um cordeiro para oferta pela transgressão e dois pombos – um para oferta pelo pecado e outro para o holocausto).

Água da Separação

(Cerimônia da Novilha Vermelha)

TEXTO: Números 19.

USO: Para a purificação de contaminação advinda de cadáveres, ossos, sepulturas, etc.

PREPARAÇÃO:

(Qualquer pessoa limpa pode realizar, mas o sacerdote deve supervisionar).

1. Leva-se a novilha vermelha para fora do acampamento.

2. Mata-se o animal.

3. O sacerdote esparge o sangue em direção ao santuário sete vezes.

4. O animal inteiro é queimado.

5. O sacerdote lança madeira de cedro, carmesim e hissopo no fogo.

6. Um homem limpo reúne as cinzas e as armazena num lugar limpo fora do acampamento.

PROCEDIMENTO:

(Qualquer pessoa limpa podia oficiar).

1. Misturam-se as cinzas com água corrente.

2. Faz-se aspersão no lugar da morte, primeiro, se casa ou tenda estiver envolvida.

3. Faz-se aspersão na pessoa imunda.

4. Faz-se aspersão na pessoa imunda no terceiro e no sétimo dia.

5. A pessoa imunda deve banhar-se no sétimo dia e, à tarde, estará limpa.

Purificação do Parto

TEXTO: Levítico 12.

SEPARAÇÃO: Para um filho, sete dias mais trinta e três dias. Para uma filha, catorze dias mais sessenta e seis dias.

OFERTAS: Cordeiro para um holocausto, e pombo para uma oferta pelo pecado. No caso de pobreza, dois pombinhos serviam – um para o holocausto e outro para a oferta pelo pecado.

Purificação da Imundícia de Fluxo

TEXTO: Levítico 15.

OFERTA: Dois pombos, um para o holocausto e outro para a oferta pelo pecado.

PROCEDIMENTO:

1. Conta-se sete dias desde que o fluxo cessou.
2. Banha-se no sétimo dia.
3. Levam-se dois pombos para o sacerdote no oitavo dia.
4. Oferece-se um para a oferta pelo pecado e outro para holocausto.

Julgamento de Ciúme

TEXTO: Números 5:11-31.

OFERTA: Um décimo de efa de farinha de cevada.

OCASIÃO: Se um homem estivesse com ciúmes de sua esposa.

PROCEDIMENTOS:

1. Vir diante do sacerdote com a oferta.

2. O sacerdote prepara água amarga pela mistura de pó do chão com água santa num vaso de barro.

3. O sacerdote pronuncia maldições pela infidelidade, escreve-as num livro, e as apaga com a água amarga.

4. O sacerdote move a oferta de alimentos perante o Senhor e queima um punhado no altar.

5. A mulher bebe a água.

6. Se ela fosse inocente, nada acontecia; se ela fosse culpada, as maldições teriam efeito.

Expiação de Homicídio Incógnito

TEXTO: Deuteronômio 21:1-9.

OFERTA: Novilha que não trabalhou nem teve o jugo sobre si.

1. Mede-se do homem morto até a cidade mais próxima.

2. Anciãos daquela cidade trazem a novilha para um vale áspero, não semeado.

3. Quebram o pescoço da novilha.

4. Sacerdotes se aproximam.

5. Anciãos lavam as mãos sobre a novilha.

6. Anciãos declaram sua inocência.

Festas e Santas Convocações

Sábado

TEXTOS: Êxodo 20:8-11; Números 28:9, 10.

TEMPO: Todo sétimo dia é santo.

OFERTA: Dois cordeiros para o holocausto, além do holocausto contínuo.

Luas Novas

TEXTO: Números 28:11-15.

TEMPO: Primeiro dia de cada mês.

OFERTA: Dois novilhos, um carneiro e sete cordeiros para holocausto, com as ofertas de alimentos e de bebidas apropriadas. Um bode como oferta pelo pecado.

Páscoa

TEXTOS: Êxodo 12; Levítico 23:5; Números 9:1-14; 28:16; Deuteronômio 16:1-7.

TEMPO: Décimo quarto de Abibe, o primeiro mês.

OFERTA: Cordeiro Pascal.

Festa dos Pães Ázimos

TEXTOS: Êxodo 12:15-20; 13:5-9; Números 28:17-25; Deuteronômio 16:8.

TEMPO: Quinze a vinte e um de Abibe.

OFERTAS: Para holocausto, diariamente, dois novilhos, um carneiro e sete cordeiros, com ofertas de alimentos apropriadas; e um bode como oferta pelo pecado.

SÁBADO CERIMONIAL: No primeiro dia e no sétimo dia haveria santas convocações. Nenhum trabalho servil podia ser feito.

Cerimônia do Molho Movido

TEXTO: Levítico 23:10-14.

TEMPO: Dezesseis de Abibe, o segundo dia da Festa dos Pães Ázimos.

OFERTAS: molho movido ou ômer de cevada, movidos perante o Senhor; cordeiro de um ano e a sua oferta de alimentos apropriada. “E não comereis pão, nem trigo tostado, nem espigas verdes, até aquele mesmo dia em que trouxerdes a oferta do vosso Deus” (Levítico 23:14).

Pentecostes

TEXTOS: Levítico 23:15-21; Números 28:26-31; Deuteronômio 16:9-11.

TEMPO: Cinquenta dias a partir do molho movido.

OFERTAS: Dois pães para serem movidos; e:

1. Para o dia, dois novilhos, um carneiro e sete cordeiros, para holocausto, com ofertas de alimentos apropriadas; um bode como oferta pelo pecado. Números 28:26-30.

2. Para o pão, um novilho, dois carneiros, sete cordeiros, para holocausto, com oferta de alimentos apropriada; um bode como oferta pelo pecado; dois cordeiros para uma oferta pacífica. Levítico 23:15-21.

SÁBADO CERIMONIAL: Nesse dia havia uma santa convocação. Nenhum trabalho servil podia ser feito.

Sonido de Trombetas

TEXTOS: Levítico 23:24-25; Números 29:1-6.

TEMPO: Primeiro dia do sétimo mês.

OFERTAS: Um novilho, um carneiro, sete cordeiros, para holocausto, com oferta de alimentos apropriada; um bode como oferta pelo pecado.

SÁBADO CERIMONIAL: Nesse dia havia uma santa convocação. Nenhum trabalho servil podia ser feito.

Dia da Expiação

TEXTOS: Levítico 16; 23:27-32; Números 29:7-11.

TEMPO: Décimo dia do sétimo mês.

OFERTAS: (veja Cerimônias Especiais, Dia da Expiação)

SÁBADO CERIMONIAL: Nesse dia havia uma santa convocação. "Afligireis as vossas almas". Nenhum tipo de trabalho podia ser feito.

Festa dos Tabernáculos

TEXTOS: Levítico 23:34-43; Números 29:12-34; Deuteronômio 16:13-15.

TEMPO: Quinze a vinte e um do sétimo mês.

OFERTAS: Primeiro dia: treze novilhos, dois carneiros, catorze cordeiros, para holocausto, e um bode como oferta pelo pecado. A cada dia subsequente, o número de novilhos era reduzido de um em um, até que no último dia a oferta era de sete novilhos, dois carneiros, catorze cordeiros para holocausto, e um bode como oferta pelo pecado.

SÁBADO CERIMONIAL: Nesse dia havia uma santa convocação. Nenhum trabalho servil podia ser feito.

Oitavo da Festa dos Tabernáculos

TEXTOS: Levítico 23:36, 39; Números 29:35-38.

TEMPO: Vigésimo segundo dia do sétimo mês.

OFERTAS: Um novilho, um carneiro, sete cordeiros, para holocausto; um bode como oferta pelo pecado.

SÁBADO CERIMONIAL: Nesse dia havia uma assembleia solene. Nenhum trabalho servil podia ser feito.

Citações de Ellen G. White

(O estudante do serviço do santuário do Antigo Testamento obterá muita ajuda dos escritos de Ellen G. White. As citações seguintes de sua pena representam apenas uma fração do material disponível sobre o assunto).

Estudo do Serviço do Santuário

Diz Respeito a Toda Alma Que Vive

"O santuário no Céu é o próprio centro da obra de Cristo em favor dos homens. Diz respeito a toda alma que vive sobre a Terra. Patenteia-nos o plano da redenção, transportando-nos mesmo até ao final do tempo, e revelando o desfecho triunfante da controvérsia entre a justiça e o pecado. É da máxima importância que todos investiguem acuradamente estes assuntos, e possam dar resposta a qualquer que lhes peça a razão da esperança que neles há." – *Cristo em Seu Santuário*, páginas 117-118.

Deve Ser Cuidadosamente Estudado

"O grande plano de redenção, conforme revelado na obra final para estes últimos dias, deve ser cuidadosamente estudado. As cenas relacionadas com o santuário celestial devem de tal modo impressionar o espírito e o coração de todos, que estes sejam capazes de impressionar também a outros. Todos precisam compreender melhor a obra da expiação que está sendo efetuada no santuário do Céu. Quando essa importante verdade for reconhecida e compreendida, os que a abraçaram trabalharão de acordo com Cristo, a fim de preparar um povo que esteja em pé no grande dia de Deus e seus esforços serão bem-sucedidos. Pelo estudo, meditação e oração, o povo de Deus será elevado acima do nível das ideias e

sentimentos comuns e terrenos, e posto em harmonia com Cristo e Sua grande obra de purificação no santuário celestial. Sua fé O seguirá até dentro do santuário, e Seus adoradores na Terra terão o cuidado de passar em revista a sua vida, aferindo o seu caráter pelo grande padrão de justiça. Descobrirão seus próprios defeitos e reconhecerão também que necessitam do auxílio do Espírito de Deus a fim de estar habilitados para a grande e solene obra do presente tempo, que Deus impôs aos Seus embaixadores." – *Testemunhos para a Igreja*, volume 5, página 575.

Profundas e Vastas Verdades

"O significado da dispensação judaica não é ainda plenamente compreendido. Profundas e vastas verdades são prefiguradas em seus ritos e símbolos. O evangelho é a chave que desvenda seus mistérios. Pelo conhecimento do plano de salvação, suas verdades abrir-se-nos-ão ao entendimento. Muito mais do que o fazemos, temos o privilégio de compreender estes maravilhosos temas. Devemos entender as profundas coisas de Deus. Anjos desejam atentar para as verdades reveladas a quem sonda a Palavra de Deus com coração contrito, e suplica por maior comprimento, e largura, e profundidade, e altura da sabedoria, que só Ele pode conceder." – *Parábolas de Jesus*, páginas 65-66.

Nem Um Só Alfinete Deve Ser Removido

"No futuro, engano de toda espécie está para surgir, e precisamos de terreno firme para nossos pés. Queremos colunas sólidas para a edificação. Nem um só alfinete deve ser removido daquilo que o Senhor estabeleceu. O inimigo introduzirá falsas teorias, tais como a doutrina de que não existe santuário. Este é um dos pontos em relação ao qual haverá um desviamento da fé. Onde encontraremos segurança senão nas verdades

que o Senhor nos deu nos últimos cinquenta anos?" – *Cristo em Seu Santuário*, página 14.

Um dos Principais Assuntos

"Mas assuntos como o santuário, em conexão com os 2.300 dias, os mandamentos de Deus e a fé de Jesus, são perfeitamente apropriados para esclarecer o passado movimento adventista e mostrar qual é nossa presente posição, estabelecer a fé do vacilante e dar a certeza do glorioso futuro. Esses, tenho frequentemente visto, são os principais assuntos sobre que os mensageiros se devem demorar." – *Primeiros Escritos*, página 63.

Dever ser Compreendido por Todos

"O assunto do santuário e do juízo de investigação, deve ser claramente compreendido pelo povo de Deus. Todos necessitam para si mesmos de conhecimento sobre a posição e obra de seu grande Sumo Sacerdote. Aliás, ser-lhes-á impossível exercerem a fé que é essencial neste tempo, ou ocupar a posição que Deus lhes deseja confiar...O santuário no Céu é o próprio centro da obra de Cristo em favor dos homens. Diz respeito a toda alma que vive sobre a Terra. Patenteia-nos o plano da redenção, transportando-nos mesmo até ao final do tempo, e revelando o desfecho triunfante da controvérsia entre a justiça e o pecado. É da máxima importância que todos investiguem acuradamente estes assuntos, e possam dar resposta a qualquer que lhes peça a razão da esperança que neles há." – *O Grande Conflito*, páginas 488-489.

A Questão do Santuário se Firma em Verdade

"Eu sei que a questão do santuário se firma em justiça e verdade, tal como a temos mantido por tantos anos. O inimigo é que desvia os espíritos para

atalhos ao lado. Ele folga quando os que conhecem a verdade se absorvem em coligir textos escriturísticos para amontoar em torno de teorias errôneas, sem fundamento na verdade. As passagens bíblicas assim usadas, são mal aplicadas; não foram dadas para corroborar o erro, mas para robustecer a verdade." – *Obreiros Evangélicos*, página 303.

Deve Responder à Mais Severa Crítica

"Agora não nos parece ser possível que alguém tenha de ficar em pé sozinho; mas, se Deus alguma vez falou por meu intermédio, chegará o tempo em que seremos conduzidos perante assembleias e perante milhares de pessoas por causa do Seu nome, e cada um terá de apresentar a razão de sua fé. Então haverá a mais severa crítica de toda posição assumida em defesa da verdade. Precisamos, portanto, estudar a Palavra de Deus, para saber por que cremos nas doutrinas que defendemos." – *Eventos Finais*, página 209.

Deus Permitirá que Heresias Despertem seu Povo

"Deus despertará Seu povo; se outros meios falharem, introduzir-se-ão entre eles heresias, as quais os hão de peneirar, separando a palha do trigo. O Senhor chama todos os que creem em Sua Palavra, para que despertem do sono. Tem vindo uma preciosa luz, apropriada aos nossos dias. É a verdade bíblica, mostrando os perigos que se acham mesmo despencando sobre nós. Essa luz nos deve levar a um diligente estudo das Escrituras, e a um mais atento exame crítico das posições que mantemos. É vontade de Deus que todos os fundamentos e posições da verdade sejam acurada e perseverantemente investigados, com oração e jejum. Os crentes não devem ficar em suposições e mal definidas ideias do que constitui a verdade. Sua fé deve estar firmemente estabelecida sobre a Palavra de Deus, de maneira que, quando o tempo de prova chegar, e eles forem

levados perante os concílios para responder por sua fé, sejam capazes de dar uma razão para a esperança que neles há, com mansidão e temor. Agitar, agitar, agitar! Os assuntos que apresentamos ao mundo devem ser para nós uma realidade viva. É importante que, ao defender as doutrinas que consideramos artigos fundamentais da fé, nunca nos permitamos o emprego de argumentos que não sejam inteiramente retos. Eles podem fazer calar um adversário, mas não honram a verdade. Devemos apresentar argumentos legítimos, que não somente façam silenciar os oponentes, mas que suportem a mais acurada e perscrutadora averiguação." – *Testemunhos para a Igreja*, volume 5, páginas 707-708.

Plano da Salvação Simbolizado pelo Santuário

O Plano da Salvação

"A queda do homem encheu o Céu todo de tristeza. O mundo que Deus fizera estava manchado pela maldição do pecado, e habitado por seres condenados à miséria e morte. Não parecia haver meio pelo qual pudessem escapar os que tinham transgredido a lei... O Filho de Deus, o glorioso Comandante do Céu, ficou tocado de piedade pela raça decaída. Seu coração moveu-se de infinita compaixão ao erguerem-se diante dEle os ais do mundo perdido. Entretanto o amor divino havia concebido um plano pelo qual o homem poderia ser remido. A lei de Deus, quebrantada, exigia a vida do pecador. Em todo o Universo não havia senão um Ser que, em favor do homem, poderia satisfazer as suas reivindicações. Visto que a lei divina é tão sagrada como o próprio Deus, unicamente um Ser igual a Deus poderia fazer expiação por sua transgressão. Ninguém, a não ser Cristo, poderia redimir da maldição da lei o homem decaído, e levá-lo novamente à harmonia com o Céu. Cristo tomaria sobre Si a culpa e a ignomínia do pecado — pecado tão ofensivo para um Deus santo que

deveria separar entre Si o Pai e o Filho. Cristo atingiria as profundidades da miséria para libertar a raça que fora arruinada. Perante o Pai pleiteou Ele em prol do pecador, enquanto a hoste celestial aguardava o resultado com um interesse de tal intensidade que palavras não o poderão exprimir. Mui prolongada foi aquela comunhão misteriosa — o 'conselho de paz' (Zacarias 6:13) em prol dos decaídos filhos dos homens. O plano da salvação fora estabelecido antes da criação da Terra; pois Cristo é 'o Cordeiro morto desde a fundação do mundo' (Apocalipse 13:8); foi, contudo, uma luta, mesmo para o Rei do Universo, entregar Seu Filho para morrer pela raça culposa. Mas 'Deus amou o mundo de tal maneira que deu Seu Filho unigênito, para que todo aquele que nEle crê não pereça, mas tenha a vida eterna' (João 3:16)... Cristo assegurou aos anjos que pela Sua morte resgataria a muitos, e destruiria aquele que tinha o poder da morte. Recuperaria o reino que o homem perdera pela transgressão, e os remidos deveriam herdá-lo com Ele, e nele habitar para sempre. Pecado e pecadores seriam extintos, para nunca mais perturbarem a paz do Céu ou da Terra." – *Patriarcas e Profetas*, páginas 33-35.

Ofertas Sacrificiais Apontavam para Cristo

"Nos tempos patriarcais, as ofertas sacrificais relacionadas com o culto divino constituíam uma lembrança perpétua da vinda de um Salvador; e assim era com todo o ritual dos sacrifícios do santuário na história de Israel. Na ministração do tabernáculo, e do templo que posteriormente lhe tomou o lugar, o povo era ensinado cada dia, por meio de símbolos e sombras, a respeito das grandes verdades relativas ao advento de Cristo como Redentor, Sacerdote e Rei; e uma vez em cada ano tinham a mente voltada para os eventos finais do grande conflito entre Cristo e Satanás, a purificação final do Universo do pecado e pecadores. Os sacrifícios e ofertas do ritual mosaico deviam sempre apontar para uma adoração

melhor, ou seja, celestial. O santuário terrestre era 'uma alegoria para o tempo presente, em que se oferecem dons e sacrifícios'; seus dois lugares santos eram 'figura das coisas que estão no Céu' (Hebreus 9:9, 23); pois Cristo, nosso grande Sumo Sacerdote, é hoje 'Ministro do santuário, e do verdadeiro tabernáculo, o qual o Senhor fundou, e não o homem'. Hebreus 8:2. Desde o dia que o Senhor declarou à serpente no Éden: 'Porei inimizade entre ti e a mulher, e entre a tua semente e a sua semente' (Gênesis 3:15), Satanás tem conhecido que ele não pode jamais manter absoluto domínio sobre os habitantes deste mundo. Quando Adão e seus filhos começaram a oferecer os sacrifícios cerimoniais ordenados por Deus como um tipo da vinda do Redentor, Satanás reconheceu neles um símbolo da comunhão entre Terra e Céu. Durante os longos séculos que se têm seguido, tem sido seu constante esforço interceptar esta comunhão. Incansavelmente tem ele procurado representar a Deus falsamente, e interpretar com falsidade os ritos que apontam para o Salvador; e tem sido bem-sucedido com grande maioria da família humana. Enquanto Deus desejava ensinar aos homens que do Seu próprio amor vem o Dom que os reconcilia com Ele, o arqui-inimigo da humanidade tem procurado representar a Deus como alguém que Se deleita na destruição deles. Assim os sacrifícios e ordenanças designados pelo Céu para que revelem o divino amor, têm sido pervertidos de molde a servir como meio pelo qual os pecadores têm em vão esperado propiciar, com donativos e boas obras, a ira de um Deus ofendido. Ao mesmo tempo Satanás tem procurado despertar e fortalecer as más paixões dos homens, para que através de repetidas transgressões possam as multidões ser levadas cada vez mais longe de Deus, ficando sem esperança amarradas nos grilhões do pecado... Através da posteridade do fiel Abraão, da linhagem de Sem, o conhecimento dos desígnios beneficentes de Deus devia ser preservado no benefício de futuras gerações. De tempos em tempos mensageiros da verdade divinamente apontados deviam ser despertados para chamar a atenção para o significado das cerimônias sacrificais, e especialmente para

a promessa de Jeová referente ao advento dAquele para quem todas as ordenanças do sistema sacrifical apontavam. Assim o mundo devia ser preservado da apostasia universal.” – *Profetas e Reis*, páginas 351-353.

Uma Providência para a Salvação

“O culto todo do Israel antigo era uma forma de promessa em figura e símbolos de Cristo; e não era apenas promessa, mas uma providência real designada por Deus, com o fim de ajudar a milhões de pessoas mediante a elevação de seus pensamentos Àquele que Se manifestaria ao nosso mundo.” – *Testemunhos para Ministros e Obreiros Evangélicos*, página 123.

O Evangelho em Figura

“O sistema de economia judaica era o evangelho em figura, uma apresentação do cristianismo que deveria expandir-se à medida que a mente das pessoas fosse compreendendo a luz espiritual. Satanás sempre procura obscurecer as verdades que são claras, e Cristo sempre procura abrir a mente à compreensão de toda verdade essencial a respeito da salvação do homem caído. Até hoje ainda há aspectos da verdade que são discernidos indistintamente, conexões que não são compreendidas, e amplas profundezas da lei de Deus que não são percebidas. Há incomensurável amplitude, dignidade e glória na lei de Deus; e, no entanto, o mundo religioso pôs de lado esta lei, como os judeus, a fim de exaltar as tradições e os mandamentos de homens.” – *Fundamentos da Educação Cristã*, página 238.

Sistemas Pagãos uma Perversão do Verdadeiro

“O pagânico sistema de sacrifícios era uma perversão do sistema que Deus indicara; e muitos dos sinceros observadores dos ritos pagãos

aprenderam dos hebreus o significado do serviço divinamente ordenado, apoderando-se, com fé, da promessa do Redentor.” – *O Desejado de Todas as Nações*, página 16.

Construindo o Santuário

Uma Representação em Miniatura

“Foi comunicada a Moisés, enquanto se achava no monte com Deus, esta ordem: ‘E Me farão um santuário, e habitarei no meio deles’ (Êxodo 25:8), e foram dadas instruções completas para a construção do tabernáculo. Em virtude de sua apostasia, os israelitas ficaram despojados da bênção da presença divina, e por algum tempo impossibilitaram a construção de um santuário para Deus, entre eles. Mas, depois de novamente haverem sido recebidos no favor do Céu, o grande líder procedeu à execução da ordem divina. Homens escolhidos foram especialmente dotados por Deus de habilidade e sabedoria para a construção do sagrado edifício. O próprio Deus deu a Moisés o plano daquela estrutura, com instruções específicas quanto ao seu tamanho e forma, materiais a serem empregados, e cada peça que fazia parte do aparelhamento que deveria a mesma conter. Os lugares santos, feitos a mão, deveriam ser ‘figura do verdadeiro’, ‘figuras das coisas que estão no Céu’ (Hebreus 9:24, 23) — uma representação em miniatura do templo celestial, onde Cristo, nosso grande Sumo Sacerdote, depois de oferecer Sua vida em sacrifício, ministraria em prol do pecador. Deus expôs perante Moisés, no monte, uma visão do santuário celestial, e mandou-lhe fazer todas as coisas de acordo com o modelo a ele mostrado. Todas estas instruções foram cuidadosamente registradas por Moisés, que as comunicou aos chefes do povo.” – *Patriarcas e Profetas*, página 245.

De Acordo com a Ordem de Deus

"O tabernáculo foi feito de acordo com a ordem de Deus. O Senhor suscitou homens e habilitou-os com aptidões mais do que naturais para realizarem tão engenhoso trabalho. Nem a Moisés nem àqueles artífices foi permitido planejar a forma e a arte da construção. Deus mesmo idealizou o plano e deu-o a Moisés, com instruções particulares quanto ao seu tamanho e forma e o material a ser usado e especificou cada peça do mobiliário que nela devia haver. Apresentou a Moisés um modelo em miniatura do santuário celestial e ordenou-lhe que fizesse todas as coisas segundo o exemplar que lhe fora mostrado no monte. Moisés escreveu todas as instruções num livro e leu-as para as pessoas mais influentes." – *História da Redenção*, página 151.

O Templo Poderia Ter Permanecido Para Sempre

"Tivesse Israel permanecido leal a Deus e este glorioso edifício [o Templo de Salomão] teria permanecido para sempre, como perpétuo sinal de especial favor de Deus a Seu povo escolhido." – *Profetas e Reis*, página 17.

Aplicação Simbólica do Santuário

O Santuário no Céu é o Grande Original

"...o santuário terrestre fora construído por Moisés, conforme o modelo a ele mostrado no monte. Era uma figura para o tempo então presente, no qual se ofereciam tanto dons como sacrifícios; seus dois lugares santos eram 'figuras das coisas que estão no Céu' (Hebreus 9:9, 23); Cristo, nosso grande Sumo Sacerdote, é 'ministro do santuário, e do verdadeiro tabernáculo, o qual o Senhor fundou, e não o homem'. Hebreus 8:2. Sendo

em visão concedida a João uma vista do templo de Deus no Céu, contemplou ele ali ‘sete lâmpadas de fogo’ (Apocalipse 4:5) que ardiam diante do trono. Viu um anjo, ‘tendo um incensário de ouro; e foi-lhe dado muito incenso, para o pôr com as orações de todos os santos sobre o altar de ouro, que está diante do trono’. Apocalipse 8:3. Com isto permitiu-se ao profeta ver o primeiro compartimento do santuário celestial; e viu ali as ‘sete lâmpadas de fogo’ e o ‘altar de ouro’ representados pelo castiçal de ouro e o altar de incenso no santuário terrestre. Novamente, ‘abriu-se no Céu o templo de Deus’ (Apocalipse 11:19), e ele olhou para dentro do véu interno, no santo dos santos. Ali viu a ‘arca do Seu concerto’, representada pelo escrínio sagrado construído por Moisés a fim de conter a lei de Deus. Moisés fizera o santuário terrestre ‘segundo o modelo que tinha visto’. Atos dos Apóstolos 7:44. Paulo declara que ‘o tabernáculo e todos os vasos do ministério’, quando se acharam completos, eram ‘figuras das coisas que estão no Céu’. Hebreus 9:21, 23. E João diz que viu o santuário no Céu. Aquele santuário em que Jesus ministra em nosso favor, é o grande original, de que o santuário construído por Moisés era uma cópia. Do templo celestial, morada do Rei dos reis, onde milhares de milhares O servem, e milhões de milhões estão diante dEle (Daniel 7:10), templo repleto da glória do trono eterno, onde serafins, seus guardas resplandecentes, velam o rosto em adoração; sim, desse templo, nenhuma estrutura terrestre poderia representar a vastidão e glória. Todavia, importantes verdades relativas ao santuário celestial e à grande obra ali prosseguida em prol da redenção do homem, deveriam ser ensinadas pelo santuário terrestre e seu cerimonial.” – *Patriarcas e Profetas*, páginas 254-255.

Apenas um Pálido Reflexo da Glória Celestial

“Nenhuma linguagem pode descrever a glória do cenário apresentado dentro do santuário — as paredes chapeadas de ouro que refletiam a luz

do áureo castiçal, os brilhantes matizes das cortinas ricamente bordadas com seus resplendentes anjos, a mesa e o altar de incenso, brilhante pelo ouro; além do segundo véu a arca sagrada, com os seus querubins, e acima dela o santo *shekinah*, manifestação visível da presença de Jeová; tudo não era senão um pálido reflexo dos esplendores do templo de Deus no Céu, o grande centro da obra pela redenção do homem." – *Patriarcas e Profetas*, página 248.

Um Tipo da Igreja Cristã

"O tabernáculo judaico era um tipo da igreja cristã. Era uma estrutura maravilhosa, feita em duas partes, a exterior e a interna, uma aberta à ministração de todos os sacerdotes, a outra apenas ao sumo sacerdote, que representava a Cristo. A igreja na Terra, composta daqueles que são fiéis e leais a Deus, é o 'verdadeiro tabernáculo', do qual o Redentor é o ministro. Deus, e não o homem, fundou esse tabernáculo numa plataforma alta e elevada. Esse tabernáculo é o corpo de Cristo, e de norte, sul, leste e oeste, Ele reúne aqueles que ajudarão a compô-lo." – *Signs*, 14 de fevereiro de 1900.

Um Apropriado Emblema da Igreja

"De inexcedível beleza e inigualável esplendor era o régio edifício que Salomão e seus homens construíram a Deus e ao Seu culto. Guarnecido de pedras preciosas, circundado por espaçosos átrios com magnificentes vias de acesso, revestido de cedro lavrado e ouro polido, a estrutura do templo, com suas cortinas bordadas e rico mobiliário, era apropriado emblema da igreja viva de Deus na Terra, a qual tem sido edificada através dos séculos segundo o modelo divino, com material que se tem comparado ao 'ouro, prata e pedras preciosas', 'lavradas como colunas de um palácio'. Deste templo espiritual Cristo 'é a principal pedra de esquina; no qual todo o

edifício, bem ajustado, cresce para templo santo no Senhor'. Efésios 2:20, 21." – *Profetas e Reis*, páginas 12-13.

A Igreja Deve Ser um Templo

"Sua Igreja deve ser um templo construído segundo a semelhança divina, e o anjo arquiteto trouxe do Céu a sua vara de ouro para medir, a fim de que cada pedra seja lavrada e ajustada pela medida divina, e polida para brilhar como um emblema do Céu irradiando em todas as direções os refulgentes e luminosos raios do Sol da Justiça." – *Testemunhos para Ministros e Obreiros Evangélicos*, página 17.

Todos os Seres Criados Deveriam Ser um Templo

"Com a purificação do templo, anunciou Jesus Sua missão como Messias. Aquele templo, erigido, para morada divina, destinava-se a ser uma lição objetiva para Israel e o mundo. Desde os séculos eternos era o desígnio de Deus que todos os seres criados, desde os luminosos e santos serafins até ao homem, fossem um templo para morada do Criador. Devido ao pecado, a humanidade cessou de ser o templo de Deus. Obscurecido e contaminado pelo pecado, o coração do homem não mais revelava a glória da Divindade. Pela encarnação do Filho de Deus, porém, cumpriu-se o desígnio do Céu. Deus habita na humanidade, e mediante a salvadora graça, o coração humano se torna novamente um templo. O Senhor tinha em vista que o templo de Jerusalém fosse um testemunho contínuo do elevado destino franqueado a todas as pessoas. Os judeus, no entanto, não haviam compreendido a significação do edifício de que tanto se orgulhavam. Não se entregavam como templos santos para o divino Espírito. Os pátios do templo de Jerusalém, cheios do tumulto de um tráfico profano, representavam com exatidão o templo da alma, contaminado por paixões sensuais e pensamentos profanos. Purificando o

templo dos compradores e vendilhões mundanos, Jesus anunciou Sua missão de limpar a pessoa da contaminação do pecado — dos desejos terrenos, das ambições egoístas, dos maus hábitos que a corrompem.” – *O Desejado de Todas as Nações*, página 103.

O Propósito de Deus para com a Alma Humana

“Aquela revelação no Sinai apenas poderia impressioná-los com sua necessidade e incapacidade. O tabernáculo, com os seus serviços de sacrifícios, deveria ensinar outra lição — a lição do perdão do pecado e do poder de obediência para a vida, mediante o Salvador. Por meio de Cristo deveria cumprir-se o propósito de que era um símbolo o tabernáculo — aquela construção gloriosa, com suas paredes de ouro luzente refletindo em matizes do arco-íris as cortinas bordadas de querubins; a fragrância do incenso, sempre a queimar, a invadir tudo; os sacerdotes vestidos de branco imaculado, e no profundo mistério do compartimento interior, acima do propiciatório, entre as figuras de anjos prostrados em adoração, a glória do Santíssimo. Em tudo Deus desejava que Seu povo lesse o Seu propósito para com a alma humana. Era o mesmo propósito muito mais tarde apresentado pelo apóstolo Paulo, falando pelo Espírito Santo: ‘Não sabeis vós que sois o templo de Deus, e que o Espírito de Deus habita em vós? Se alguém destruir o templo de Deus, Deus o destruirá; porque o templo de Deus, que sois vós, é santo.’ 1 Coríntios 3:16, 17.” – *Educação*, página 36.

Conforme Cristo Purifica o Santuário no Céu

“Cristo está no santuário celestial, e Ele está lá para fazer expiação pelo povo. Ele está lá para apresentar Seu lado ferido e mãos perfuradas ao Pai. Ele está lá para pleitear por Sua Igreja que está sobre a terra. Ele está purificando o santuário dos pecados do povo. Qual é nossa obra? É nossa

obra estar em harmonia com a obra de Cristo. Pela fé devemos trabalhar com Ele, estar em união com Ele." – *Review and Herald*, 28 de janeiro de 1890.

Purifiquemos o Templo da Alma

"A chuva serôdia há de cair sobre o povo de Deus. Um poderoso anjo descerá do Céu, e toda a Terra se iluminará com a Sua glória. Estamos preparados para tomar parte na gloriosa obra do terceiro anjo? Estão os nossos vasos preparados para receber o orvalho celestial? Temos alguma contaminação e pecado no coração? Se é assim, purifiquemos o templo da alma e preparemo-nos para os aguaceiros da chuva serôdia. O refrigério pela presença do Senhor nunca virá a corações cheios de impureza. Que Deus nos ajude a morrer para o próprio eu, para que Cristo, a esperança da glória, seja formado interiormente! Preciso ter o Espírito de Deus em meu coração. Não posso ir avante para fazer a grande obra de Deus, se o Espírito Santo não repousar sobre minha alma. 'Como suspira a corça pelas correntes das águas, assim, por Ti, ó Deus, suspira a minha alma.' Salmos 42:1. O dia do juízo está sobre nós. Oh, lavemos as vestes de nosso caráter e as alvejemos no sangue do Cordeiro!" – *E Recebereis Poder*, 13 de Outubro, página 295.

Cuidadosamente Rever a Vida

"Eles não procuram se colocar em harmonia com a obra de Cristo no santuário celestial, onde Ele está fazendo expiação por Seu povo. Enquanto Cristo está purificando o santuário, os adoradores na Terra devem cuidadosamente rever sua vida, e comparar seu caráter com a norma de justiça. Ao observarem seus defeitos, devem buscar o auxílio do Espírito de Deus para habilitá-los a ter força moral para resistir às tentações de Satanás, e alcançar a perfeição da norma. Eles podem ser

vencedores sobre as próprias tentações que pareceram fortes demais para a humanidade suportar; pois o poder divino se combinará com o esforço humano, e Satanás não poderá vencê-los." – *Review and Herald*, 08 de abril de 1890.

Uma Obra Especial de Purificação

"Os que estiverem vivendo sobre a Terra quando a intercessão de Cristo cessar no santuário celestial, deverão, sem mediador, estar em pé na presença do Deus santo. Suas vestes devem estar imaculadas, o caráter liberto de pecado, pelo sangue da aspersão. Mediante a graça de Deus e seu próprio esforço diligente, devem eles ser vencedores na batalha contra o mal. Enquanto o juízo investigativo prosseguir no Céu, enquanto os pecados dos crentes arrependidos estão sendo removidos do santuário, deve haver uma obra especial de purificação, ou de afastamento de pecado, entre o povo de Deus na Terra." – *O Grande Conflito*, página 425.

Cristo Estabelece seu Tabernáculo em Nosso Meio

"Deus ordenou a Moisés acerca de Israel: 'E Me farão um santuário, e habitarei no meio deles' (Êxodo 25:8), e habitou no santuário, no meio de Seu povo. Durante toda a fatigante peregrinação deles no deserto, o símbolo de Sua presença os acompanhou. Assim Cristo estabeleceu Seu tabernáculo no meio de nosso acampamento humano. Estendeu Sua tenda ao lado da dos homens, para que pudesse viver entre nós, e tornar-nos familiares com Seu caráter e vida divinos. 'O Verbo Se fez carne, e habitou entre nós, e vimos a Sua glória, como a glória do Unigênito do Pai, cheio de graça e de verdade'. João 1:14." – *O Desejado de Todas as Nações*, página 12.

O Sacerdócio

O Sumo Sacerdote, um Tipo de Cristo

"A respeito de Arão, o sumo sacerdote de Israel, acha-se escrito: 'Levará os nomes dos filhos de Israel no peitoral do juízo sobre o seu coração, quando entrar no santuário, para memória diante do Senhor continuamente.' Êxodo 28:29. Que bela e expressiva figura é esta do imutável amor de Cristo por Sua igreja! Nosso grande Sumo Sacerdote, do qual Arão era o tipo, traz Seu povo sobre o coração. E não deveriam Seus ministros terrestres partilhar de Seu amor, simpatia e solicitude?" – *Obreiros Evangélicos*, página 34.

As Vestes Sagradas

"Ele deu a Moisés instruções especiais relativamente a tudo que dizia respeito ao serviço do tabernáculo, e especificou a vestimenta que deviam usar os que haviam de ministrar perante Ele. 'Farás vestidos santos a Arão teu irmão, para glória e ornamento' (Êxodo 28:2), foi a direção dada a Moisés. Tudo que dizia respeito ao vestuário e conduta dos sacerdotes devia ser de molde a impressionar o espectador com um sentimento da santidade de Deus, de Seu culto, e da pureza exigida dos que entravam à Sua presença." – *Obreiros Evangélicos*, página 173.

Um Tipo de Justiça de Cristo

"Tudo que era usado pelo sacerdote devia ser de uma só peça, e isento de defeito. Por aquelas belas vestes oficiais estava representado o caráter do grande protótipo, Jesus Cristo. Nada senão a perfeição, no vestuário e na atitude, na palavra e no espírito, podia ser aceitável a Deus. Ele é santo, e Sua glória e perfeição devem ser representadas pelo serviço terrestre. Coisa alguma senão a perfeição poderia representar devidamente a

santidade do serviço celestial. Os homens finitos poderiam rasgar o próprio coração, mostrando espírito arrependido e humilde. Isso seria distinguido por Deus. Mas nenhum rasgão deveria ser feito no vestido sacerdotal, pois isso mancharia a representação das coisas celestiais. O sumo sacerdote que ousasse apresentar-se em sagrado ofício e empenhar-se no serviço do santuário, com as vestes rasgadas, era considerado como se tendo separado de Deus. Rasgando-as, excluíra a si mesmo de ser um personagem representativo. Não mais era aceito por Deus como sacerdote, em ofício. Essa maneira de agir de Caifás mostrava a paixão humana, a humana imperfeição.... Quando Caifás rasgou as vestes, esse ato significou o lugar que, para com Deus, os judeus ocupariam daí em diante, como nação. O povo outrora favorecido por Deus estava-se separando dEle, e se tornando rapidamente um povo rejeitado por Deus. Quando, sobre a cruz, Cristo exclamou: 'Está consumado' (João 19:30), e o véu do templo se rasgou em dois, o Santo Vigia declarou que o povo judeu rejeitara Aquele que era o protótipo de todos os seus tipos, a substância de todas as suas sombras. Israel se divorciara de Deus. Bem podia então Caifás rasgar as vestes oficiais, que indicavam pretender ele ser representante do grande Sumo Sacerdote; pois não mais tinham elas qualquer significação para ele ou para o povo. Bem podia o sumo sacerdote rasgar as vestes em horror por si mesmo e pela nação." – *O Desejado de Todas as Nações*, páginas 498-499.

Vestimentas no Dia da Expiação

"Baixando a tomar sobre Si a humanidade, Cristo revelou um caráter exatamente oposto ao de Satanás. Desceu, porém, ainda mais baixo na escala da humilhação. 'Achado na forma de homem, humilhou-Se a Si mesmo, sendo obediente até à morte, e morte de cruz'. Filipenses 2:8. Como o sumo sacerdote punha de parte suas suntuosas vestes pontificais, e oficiava no vestuário de linho branco, do sacerdote comum, assim Cristo

tomou a forma de servo, e ofereceu sacrifício, sendo Ele mesmo o sacerdote e a vítima. 'Ele foi ferido pelas nossas transgressões, e moído pelas nossas iniquidades; o castigo que nos traz a paz estava sobre Ele'. Isaías 53:5." – *O Desejado de Todas as Nações*, página 13.

Cristo Vestido de Humanidade

"Como no cerimonial típico o sumo sacerdote despia suas vestes pontificais e oficiava vestido de linho branco dos sacerdotes comuns, assim Cristo abandonou Suas vestes reais e Se vestiu de humanidade, oferecendo-Se em sacrifício, sendo Ele mesmo o sacerdote, Ele mesmo a vítima. Como o sumo sacerdote, depois de realizar essa cerimônia no santo dos santos, deixava o local e se apresentava à expectante multidão em suas roupas pontificais, assim Cristo virá a segunda vez, trajando os mais alvos vestidos, 'como nenhum lavadeiro sobre a Terra os poderia branquear'. Marcos 9:3. Ele virá na Sua própria glória, e na glória de Seu Pai, e todos os anjos O escoltarão em Seu caminho." – *Atos dos Apóstolos*, página 18.

Cristo Usa as Vestes Coloridas no Dia Antitípico da Expiação

"Terminando Jesus Seu ministério no lugar santo, e fechando a porta daquele compartimento, grande treva baixou sobre aqueles que tinham ouvido e rejeitado as mensagens de Sua vinda; e O perderam de vista. Jesus então envergou vestes preciosas... Um peitoral de confecção curiosa estava suspenso de Seus ombros. Movendo-Se Ele, luzia como diamantes, avolumando letras que pareciam semelhantes a nomes escritos ou gravados no peitoral. Sobre a cabeça trazia algo que tinha a aparência de uma coroa. Quando ficou completamente ataviado, achou-Se rodeado pelos anjos, e em um carro chamejante passou para dentro do segundo véu." – *Primeiros Escritos*, página 251.

Cristo Troca para Trajes Reais

"Retirando-Se Jesus do lugar santíssimo, ouvi o tilintar das campainhas sobre Suas vestes; e, ao sair Ele, uma nuvem de trevas cobriu os habitantes da Terra. Não havia então mediador entre o homem culpado e Deus, que fora ofendido. Enquanto Jesus permanecera entre Deus e o homem culposo, achava-se o povo sob repressão; quando, porém, Ele saiu de entre o homem e o Pai, essa restrição foi removida, e Satanás teve completo domínio sobre os que afinal se não arrependeram. Era impossível serem derramadas as pragas enquanto Jesus oficiava no santuário; mas, terminando ali a Sua obra, e encerrando-se a Sua intercessão, nada havia para deter a ira de Deus, e ela irrompeu com fúria sobre a cabeça desabrigada do pecador culpado, que desdenhou a salvação e odiou a correção. Naquele tempo terrível, depois de finalizada a mediação de Jesus, os santos estavam a viver à vista de um Deus santo, sem intercessor. Cada caso estava decidido, cada joia contada... Vi então Jesus depor Suas vestes sacerdotais e envergar Seus mais régios trajes. Sobre Sua cabeça estavam muitas coroas, estando uma coroa dentro da outra. Cercado pela hoste angélica, deixou o Céu." – *História da Redenção*, páginas 403-404.

Vestes Sujas Simbolizam os Pecados dos Homens

"Em visão o profeta contemplou 'o sumo sacerdote Josué', 'vestido de vestidos sujos' (Zacarias 3:1, 3), o qual estava diante do anjo do Senhor, suplicando a misericórdia de Deus para o seu povo afligido. Enquanto ele suplicava o cumprimento das promessas de Deus, Satanás se apresentou ousadamente para resistir-lhe. Ele apresentou as transgressões de Israel como razão pela qual não poderiam ser reabilitados no favor de Deus. Reclamava-os como presa sua, e exigia que fossem entregues em suas mãos. O sumo sacerdote não podia defender nem a si nem a seu povo das acusações de Satanás. Ele não afirma que Israel esteja isento de faltas. Em

vestes sujas, simbolizando os pecados do povo — pecados que ele levava como seu representante — ele está perante o anjo, confessando os pecados deles, mas apontando para o seu arrependimento e humilhação, e descansando na misericórdia de um Redentor que perdoa o pecado. Em fé ele reclama as promessas de Deus. Então o anjo, que é o próprio Cristo, o Salvador dos pecadores, reduz ao silêncio o acusador do Seu povo, declarando: 'O Senhor te repreenda, ó Satanás; sim, o Senhor, que escolheu Jerusalém, te repreenda: não é este um tição tirado do fogo?' Zacarias 3:2. Longo tempo havia Israel permanecido na fornalha da aflição. Por causa de seus pecados havia sido quase consumido no fogo que Satanás e seus agentes haviam acendido para a sua destruição; mas Deus tinha agora estendido a Sua mão para tirá-los." – *Profetas e Reis*, páginas 297-298.

Os Serviços do Santuário

Um Serviço Diário e Outro Anual

"Não somente o santuário em si mesmo, mas o ministério dos sacerdotes, deviam servir 'de exemplar e sombra das coisas celestiais'. Hebreus 8:5. Assim, foi isto de grande importância; e o Senhor, por meio de Moisés, deu a mais definida e explícita instrução concernente a cada ponto deste ritual típico. O ministério no santuário consistia em duas partes: um serviço diário e outro anual. O cerimonial diário era efetuado no altar dos holocaustos, no pátio do tabernáculo, bem como no lugar santo; ao passo que o rito anual o era no lugar santíssimo." – *Patriarcas e Profetas*, página 250.

Duas Divisões na Obra de Cristo

"Depois de Sua ascensão, nosso Salvador iniciaria Sua obra como nosso Sumo Sacerdote. Diz Paulo: 'Cristo não entrou num santuário feito por mãos, figura do verdadeiro, porém no mesmo Céu, para agora comparecer por nós perante a face de Deus'. Hebreus 9:24. Assim como o ministério de Cristo devia consistir em duas grandes divisões, ocupando cada uma delas um período de tempo e tendo um lugar distinto no santuário celeste, semelhantemente o ministério típico consistia em duas divisões — o serviço diário e o anual — e a cada um deles era dedicado um compartimento do tabernáculo." – *Patriarcas e Profetas*, página 255.

Holocausto Diário

"O culto cotidiano consistia no holocausto da manhã e da tarde, na oferta de incenso suave no altar de ouro, e nas ofertas especiais pelos pecados individuais. E também havia ofertas para os sábados, luas novas e solenidades especiais. Toda manhã e tarde, um cordeiro de um ano era queimado sobre o altar, com sua apropriada oferta de manjares, simbolizando assim a consagração diária da nação a Jeová, e sua constante necessidade do sangue expiatório de Cristo. Deus ordenara expressamente que toda oferta apresentada para o ritual do santuário fosse 'sem mácula'. Êxodo 12:5. Os sacerdotes deviam examinar todos os animais levados para sacrifício, e rejeitar todo aquele em que se descobrisse algum defeito. Apenas uma oferta 'sem mácula' poderia ser um símbolo da perfeita pureza dAquele que Se ofereceria como 'um cordeiro imaculado e incontaminado'. 1 Pedro 1:19." – *Patriarcas e Profetas*, página 251.

Apontava ao Cordeiro de Deus

"No templo, o sacrifício matutino e vespertino apontava diariamente ao Cordeiro de Deus." – *O Desejado de Todas as Nações*, página 23.

Uma Oferta em Ações de Graças

"Na antiga dispensação uma oferta em ações de graças era conservada sempre queimando sobre o altar, evidenciando assim a eterna obrigação em que estamos para com Deus." –*Testemunhos para a Igreja*, volume 4, página 477.

Incenso com Orações

"Na oferta do incenso o sacerdote era levado mais diretamente à presença de Deus do que em qualquer outro ato do ministério diário. Como o véu interno do santuário não se estendia até ao alto do edifício, a glória de Deus, manifestada por cima do propiciatório, era parcialmente visível no primeiro compartimento. Quando o sacerdote oferecia incenso perante o Senhor, olhava em direção à arca; e, subindo a nuvem de incenso, a glória divina descia sobre o propiciatório e enchia o lugar santíssimo, e muitas vezes ambos os compartimentos, de tal maneira que o sacerdote era obrigado a afastar-se para a porta do santuário. Como naquele cerimonial típico o sacerdote olhava pela fé ao propiciatório que não podia ver, assim o povo de Deus deve hoje dirigir suas orações a Cristo, seu grande Sumo Sacerdote que, invisível aos olhares humanos, pleiteia em seu favor no santuário celestial. O incenso que subia com as orações de Israel, representa os méritos e intercessão de Cristo. Sua perfeita justiça, que pela fé é atribuída ao Seu povo, e que unicamente pode tornar aceitável a Deus o culto de seres pecadores. Diante do véu do lugar santíssimo, estava um altar de intercessão perpétua; diante do lugar santo, um altar de expiação contínua. Pelo sangue e pelo incenso deveriam aproximar-se de Deus — símbolos aqueles que apontam para o grande Mediador, por intermédio de quem os pecadores podem aproximar-se de Jeová, e por meio de quem unicamente, a misericórdia e a salvação podem ser concedidas à alma arrependida e crente. Quando os sacerdotes, pela manhã e à tardinha,

entravam no lugar santo à hora do incenso, o sacrifício diário estava pronto para ser oferecido sobre o altar, fora, no pátio. Esta era uma ocasião de intenso interesse para os adoradores que se reuniam junto ao tabernáculo. Antes de entrarem à presença de Deus pelo ministério do sacerdote, deviam empenhar-se em ardoroso exame de coração e confissão de pecado. Uniam-se em oração silenciosa, com o rosto voltado para o lugar santo. Assim ascendiam suas petições com a nuvem de incenso, enquanto a fé se apoderava dos méritos do Salvador prometido prefigurado pelo sacrifício expiatório." – *Patriarcas e Profetas*, páginas 251-252.

Símbolo da Perfeição e Méritos de Cristo

"Toda sincera oração é ouvida no Céu. Talvez não seja expressa fluentemente; mas se nela estiver o coração, ascenderá ao santuário em que Jesus ministra, e Ele a apresentará ao Pai sem uma palavra desalinhada, sem uma dificuldade de enunciação, bela e fragrante com o incenso de Sua própria perfeição." – *O Desejado de Todas as Nações*, página 472.

Transferência do Pecado

"Os pecados do povo foram em figura transferidos para o sacerdote oficiante, que era um mediador para o povo. O sacerdote não podia ele mesmo tornar-se oferta pelo pecado e com sua vida fazer a expiação, pois era também pecador. Por isso, em vez de sofrer ele mesmo a morte, sacrificava um cordeiro sem mácula; a pena do pecado era transferida para o inocente animal, que assim se tornava seu substituto imediato, simbolizando a perfeita oferta de Jesus Cristo. Através do sangue dessa vítima o homem, pela fé, contemplava o sangue de Cristo, que serviria de

expiação aos pecados do mundo.” –*Mensagens Escolhidas*, volume 1, página 230.

Ofertas Pelo Pecado Diárias e o Dia da Expiação

“Importantes verdades concernentes à obra expiatória eram ensinadas ao povo por meio deste serviço anual. Nas ofertas para o pecado apresentadas durante o ano, havia sido aceito um substituto em lugar do pecador; mas o sangue da vítima não fizera completa expiação pelo pecado. Apenas provera o meio pelo qual este fora transferido para o santuário. Pela oferta do sangue, o pecador reconhecia a autoridade da lei, confessava a culpa de sua transgressão, e exprimia sua fé nAquele que tiraria o pecado do mundo; mas não estava inteiramente livre da condenação da lei. No dia da expiação, o sumo sacerdote, havendo tomado uma oferta para a congregação, ia ao lugar santíssimo com o sangue e o aspergia sobre o propiciatório, em cima das tábuas da lei. Assim se satisfaziam os reclamos da lei, que exigia a vida do pecador. Então, em seu caráter de mediador, o sacerdote tomava sobre si os pecados e, saindo do santuário, levava consigo o fardo das culpas de Israel. À porta do tabernáculo colocava as mãos sobre a cabeça do bode emissário e confessava sobre ele ‘todas as iniquidades dos filhos de Israel, e todas as suas transgressões, segundo todos os seus pecados’, pondo-as sobre a cabeça do bode. E, assim como o bode que levava esses pecados era enviado dali; tais pecados, juntamente com o bode, eram considerados separados do povo para sempre. Este era o cerimonial efetuado como ‘exemplar e sombra das coisas celestiais’. Hebreus 8:5.” – *Patriarcas e Profetas*, página 253-254.

O Juízo Investigativo e o Apagamento dos Pecados

“O sangue de Cristo, ao mesmo tempo que livraria da condenação da lei o pecador arrependido, não cancelaria o pecado; este ficaria registrado no santuário até à expiação final; assim, no cerimonial típico, o sangue da

oferta pelo pecado removia do penitente o pecado, mas este permanecia no santuário até ao dia da expiação. No grande dia da paga final, os mortos devem ser 'julgados pelas coisas que estavam escritas nos livros, segundo as suas obras'. Apocalipse 20:12. Então, pela virtude do sangue expiatório de Cristo, os pecados de todo o verdadeiro arrependido serão eliminados dos livros do Céu. Assim o santuário estará livre ou purificado, do registro de pecado. No tipo, esta grande obra de expiação, ou cancelamento de pecados, era representada pelas cerimônias do dia da expiação, a saber, pela purificação do santuário terrestre, a qual se realizava pela remoção dos pecados com que ele ficara contaminado, remoção efetuada pela virtude do sangue da oferta para o pecado. Assim como na expiação final os pecados dos verdadeiros arrependidos serão apagados dos registros do Céu, para não mais serem lembrados nem virem à mente, assim no serviço típico eram levados ao deserto, para sempre separados da congregação." – *Patriarcas e Profetas*, página 255.

Pecados Colocados Sobre Satanás, Tipificado pelo Bode Emissário

"Visto que Satanás é o originador do pecado, o instigador direto de todos os pecados que ocasionaram a morte do Filho de Deus, exige a justiça que Satanás sofra a punição final. A obra de Cristo para a redenção dos homens e purificação do Universo da contaminação do pecado, encerrar-se-á pela remoção dos pecados do santuário celestial e deposição dos mesmos sobre Satanás, que cumprirá a pena final. Assim no cerimonial típico, o ciclo anual do ministério encerrava-se com a purificação do santuário e confissão dos pecados sobre a cabeça do bode emissário." – *Patriarcas e Profetas*, página 255.

"Ocorre agora o acontecimento prefigurado na última e solene cerimônia do dia da expiação. Quando se completava o ministério no lugar santíssimo, e os pecados de Israel eram removidos do santuário em virtude do sangue da oferta pelo pecado, o bode emissário era então apresentado

vivo perante o Senhor; e na presença da congregação o sumo sacerdote confessava sobre ele 'todas as iniquidades dos filhos de Israel, e todas as suas transgressões, segundo todos os seus pecados', pondo-os sobre a cabeça do bode. Levítico 16:21. Semelhantemente, ao completar-se a obra de expiação no santuário celestial, na presença de Deus e dos anjos do Céu e do exército dos remidos, serão então postos sobre Satanás os pecados do povo de Deus; declarar-se-á ser ele o culpado de todo o mal que os fez cometer. E assim como o bode emissário era enviado para uma terra não habitada, Satanás será banido para a Terra desolada, que se encontrará como um deserto despovoado e horrendo." – *O Grande Conflito*, página 658.

"Pois os pecados daqueles que são remidos pelo sangue de Cristo serão finalmente remetidos ao originador do pecado, e este deve padecer o castigo deles, enquanto os que não aceitam a salvação por meio de Jesus sofrerão a pena de seus próprios pecados." –*Primeiros Escritos*, página 178.

"Jesus demorou um momento no compartimento exterior do santuário celestial, e os pecados que tinham sido confessados enquanto Ele esteve no lugar santíssimo, foram colocados sobre Satanás, o originador do pecado, que deve sofrer o castigo deles." –*Primeiros Escritos*, páginas 280-281.

Satanás Arrosta Punição Pelos Pecados

"Satanás e seus anjos sofreram muito tempo. Satanás não somente arrostou o peso e castigo de seus próprios pecados, mas também dos pecados da hoste dos remidos, os quais foram colocados sobre ele; e também deve sofrer pela ruína de almas, por ele causada. Vi então que Satanás e toda a hoste ímpia foram consumidos, e foi satisfeita a justiça de Deus; e todo o exército dos anjos e os santos remidos todos, com grande voz, disseram: 'Amém!'." – *Primeiros Escritos*, páginas 294-295.

Simbolismos dos Santuário

A Arca

"A arca do santuário terrestre era uma cópia da verdadeira arca no Céu." – *A Verdade Sobre os Anjos*, página 100.

Quatro Anjos Sempre Acompanhavam

"Quatro anjos celestiais sempre acompanhavam a arca de Deus em todas as suas jornadas, para guardá-la de todo o perigo e para executar qualquer missão requerida deles em conexão com a arca." – *História da Redenção*, página 184.

Símbolo de Jeová

"A arca sagrada, coberta pelo propiciatório, e contendo a santa lei de Deus, era o símbolo do próprio Jeová. Era o poder dos israelitas para triunfar nas batalhas. Diante dela ídolos eram derrubados, e por olharem imprudentemente dentro dela milhares pereciam. Nunca em nosso mundo dera o Senhor tão abertas manifestações de Sua supremacia como quando unicamente Ele era o reconhecido Rei de Israel." – *A Fé Pela Qual Eu Vivo*, 07 de Julho, página 191.

Arca Escondida

"Entre os justos que ainda restavam em Jerusalém, a quem tinha sido tornado claro o propósito divino, alguns havia que se determinaram colocar além do alcance das mãos cruéis a sagrada arca que continha as tábuas de pedra sobre a qual haviam sido traçados os preceitos do decálogo. Isto eles fizeram. Com lamento e tristeza esconderam a arca numa caverna, onde devia ficar oculta do povo de Israel e de Judá por

causa de seus pecados, não mais sendo-lhes restituída. Esta sagrada arca ainda está oculta. Jamais foi perturbada desde que foi escondida." – *Profetas e Reis*, página 231.

Querubins sobre a Arca

"A posição dos querubins, tendo o rosto voltado um para o outro, e olhando reverentemente abaixo para a arca, representava a reverência com que a hoste celestial considera a lei de Deus, e seu interesse no plano da redenção." – *Patriarcas e Profetas*, página 248.

A Lei Dentro da Arca

"A lei de Deus, encerrada na arca, era a grande regra de justiça e juízo. Aquela lei sentenciava a morte ao transgressor; mas acima da lei estava o propiciatório, sobre o qual se revelava a presença de Deus, e do qual, em virtude da obra expiatória, se concedia o perdão ao pecador arrependido. Assim na obra de Cristo pela nossa redenção simbolizada pelo ritual do santuário, 'a misericórdia e a verdade se encontraram; a justiça e a paz se beijaram'. Salmos 85:10." – *Patriarcas e Profetas*, página 248.

Véu Renovado Anualmente

"A escuridão foi novamente levantada do Calvário e pendurada como um manto sobre Jerusalém. No momento em que Cristo morreu, havia sacerdotes ministrando no templo diante do véu que separava o lugar santo do santíssimo. Subitamente eles sentiram a terra tremer sob si, e o véu do templo, uma forte e rica tapeçaria renovada anualmente, foi rasgado em dois de cima abaixo pela mesma mão lívida que escreveu as palavras de condenação nas paredes do palácio de Belsazar. O santíssimo, que era sagradamente penetrado pelos pés humanos apenas uma vez por ano, foi revelado ao olhar comum. Deus havia sempre protegido seu

templo de uma maneira maravilhosa; mas agora seus mistérios sagrados foram expostos a olhos curiosos. Não mais a presença de Deus ofuscaria o propiciatório terreno. Não mais a luz de Sua glória brilharia sobre, nem a nuvem de Sua desaprovação obscureceria, as pedras preciosas no peitoral do sumo sacerdote." – *Spirit of Prophecy*, volume 3, páginas 166-167.

Ofertas Sem Defeito

"As ofertas apresentadas ao Senhor deviam ser sem mancha. Representavam a Cristo, de onde se conclui evidentemente que Jesus era isento de deformidade física. Era o 'cordeiro imaculado e sem contaminação'. 1 Pedro 1:19. Sua estrutura física não era maculada por qualquer defeito; o corpo era robusto e sadio. E, durante toda a vida, viveu em conformidade com as leis da natureza. Física assim como espiritualmente, Jesus foi um exemplo do que Deus designava que fosse toda a humanidade, mediante a obediência a Suas leis." – *O Desejado de Todas as Nações*, página 27.

Dedicação do Primogênito

"A dedicação do primogênito teve sua origem nos primitivos tempos. Deus prometera dar o Primogênito do Céu para salvar os pecadores. Este dom devia ser reconhecido em todas as famílias pela consagração do primogênito. Devia ser consagrado ao sacerdócio, como representante de Cristo entre os homens. Na libertação de Israel do Egito, a dedicação do primogênito foi novamente ordenada. Quando os filhos de Israel estavam em servidão aos egípcios, o Senhor instruiu Moisés a ir ter com Faraó, rei do Egito, dizendo: 'Assim diz o Senhor: Israel é Meu Filho, Meu primogênito. E Eu te tenho dito: Deixa ir o Meu filho, para que Me sirva; mas tu recusaste deixá-lo ir; eis que Eu matarei a teu filho, o teu primogênito'. Êxodo 4:22, 23.... Depois que o serviço do tabernáculo foi estabelecido, o Senhor escolheu a tribo de Levi em lugar do primogênito

de todo o Israel, para ministrar no santuário. Entretanto, esses primogênitos deviam continuar a ser considerados como pertencendo ao Senhor, devendo ser reavidos por meio de resgate. Assim a lei para apresentação do primogênito se tornava particularmente significativa. Ao mesmo tempo que era uma comemoração do maravilhoso libertamento dos filhos de Israel, prefigurava um livramento maior, a ser operado pelo unigênito Filho de Deus. Como o sangue espargido nos umbrais da porta havia salvo o primogênito de Israel, assim o sangue de Cristo tem poder de salvar o mundo. ...O sacerdote fez a cerimônia de seu serviço oficial. Tomou a criança nos braços, e ergueu-a perante o altar. Depois de a devolver à mãe, inscreveu o nome 'Jesus' na lista dos primogênitos. Mal pensava ele, enquanto a criança lhe repousava nos braços, que era a Majestade do Céu, o Rei da Glória. Não pensou o sacerdote que essa criança era Aquele de quem Moisés escrevera: 'O Senhor vosso Deus vos suscitará um Profeta dentre vossos irmãos, semelhante a mim; a Este ouvireis em tudo o que vos disser'. Atos dos Apóstolos 3:22. Não pensou que essa criança era Aquele cuja glória Moisés rogara ver. Mas Alguém maior do que Moisés Se achava nos braços do sacerdote; e, ao inscrever o nome do menino, inscrevia o dAquele que era o fundamento de toda a dispensação judaica. Aquele nome devia ser sua sentença de morte; pois o sistema de sacrifícios e ofertas estava envelhecendo; o tipo havia quase atingido o antítipo, a sombra ao corpo." – *O Desejado de Todas as Nações*, páginas 27-29.

O Sal Simbolizava a Justiça de Cristo

"No serviço ritual, era adicionado o sal a todo sacrifício. Isto, como a oferta de incenso, significava que unicamente a justiça de Cristo poderia ser aceitável a Deus. Referindo-Se a esse costume, disse Jesus: 'Cada sacrifício será salgado com sal.' 'Tende sal em vós mesmos, e paz uns com os outros'. Marcos 9:50. Todos quantos se quiserem apresentar a si

mesmos como ‘sacrifício vivo, santo e agradável a Deus’ (Romanos 12:1), devem receber o sal salvador — a justiça de nosso Redentor.” – *O Desejado de Todas as Nações*, página 310.

Pão da Proposição, Um Reconhecimento de Que o Homem Depende de Deus

“Os pães da proposição eram conservados sempre perante o Senhor como uma oferta perpétua. Assim, era isto uma parte do sacrifício cotidiano. Era chamado o pão da proposição, ou ‘pão da presença’, porque estava sempre diante da face do Senhor. Êxodo 25:30. Era um reconhecimento de que o homem depende de Deus, tanto para o pão temporal como o espiritual, e de que este é recebido apenas pela mediação de Cristo. Deus alimentara Israel no deserto com pão do Céu e ainda dependiam eles de Sua generosidade tanto para o pão temporal como para as bênçãos espirituais. Tanto o maná como o pão da proposição apontavam para Cristo, o pão vivo, que sempre está na presença de Deus por nós. Ele mesmo disse: ‘Eu sou o pão vivo que desceu do Céu’. João 6:48-51. O incenso era posto sobre os pães. Quando o pão era retirado cada sábado, para ser substituído por outro, fresco, o incenso era queimado sobre o altar, em memória, perante Deus.” –*Patriarcas e Profetas*, página 252.

Maná

“‘Na verdade, na verdade vos digo: Moisés não vos deu o pão do Céu; mas Meu Pai vos dá o verdadeiro pão do Céu.’ O doador do maná ali estava entre eles. Fora o próprio Cristo que conduzira os hebreus através do deserto, e os alimentara diariamente com o pão do Céu. Esse alimento era uma figura do verdadeiro pão do Céu. O Espírito insuflador de vida, brotando da infinita plenitude de Deus, eis o verdadeiro maná. Jesus disse: ‘O pão de Deus é aquele que desce do Céu e dá vida ao mundo’.” – *O Desejado de Todas as Nações*, página 276.

O Verdadeiro Pão do Céu

"O maná, caindo do céu para o sustento de Israel, era um tipo dAquele que veio de Deus para dar vida ao mundo. Disse Jesus: 'Eu sou o pão da vida. Vossos pais comeram o maná no deserto, e morreram. Este é o pão que desce do Céu. [...] Se alguém comer deste pão, viverá para sempre; e o pão que Eu der é a Minha carne, que Eu darei pela vida do mundo'. João 6:48-51. E entre as promessas de bênçãos ao povo de Deus na vida futura, está escrito: 'Ao que vencer darei Eu a comer do maná escondido'. Apocalipse 2:17." – *Patriarcas e Profetas*, página 208.

Cristo, as Primícias

"Cristo ressurgiu dos mortos como as primícias dos que dormem. Era representado pelo molho movido, e Sua ressurreição teve lugar no próprio dia em que o mesmo devia ser apresentado perante o Senhor. Por mais de mil anos esta simbólica cerimônia fora realizada. Das searas colhiam-se as primeiras espigas de grãos maduros, e quando o povo subia a Jerusalém, por ocasião da páscoa, o molho das primícias era movido como uma oferta de ações de graças perante o Senhor. Enquanto essa oferenda não fosse apresentada, a foice não podia ser metida aos cereais, nem estes ser reunidos em molhos. O molho dedicado a Deus representava a colheita. Assim Cristo, as primícias, representava a grande colheita espiritual para o reino de Deus. Sua ressurreição é o tipo e o penhor da ressurreição de todos os justos mortos. 'Porque, se cremos que Jesus morreu e ressuscitou, assim também aos que em Jesus dormem Deus os tornará a trazer com Ele'. 1 Tessalonicenses 4:14. Quando Cristo ressurgiu, trouxe do sepulcro uma multidão de cativos. O terremoto, por ocasião de Sua morte, abrira-lhes o sepulcro e, ao ressuscitar Ele, ressurgiram juntamente... Durante Seu ministério, Jesus ressuscitara mortos. Fizera reviver o filho da viúva de Naim, a filha do principal, e Lázaro. Estes não foram revestidos de imortalidade. Ressurgidos, estavam ainda sujeitos à morte. Aqueles,

porém, que ressurgiram por ocasião da ressurreição de Cristo, saíram para a vida eterna. Ascenderam com Ele, como troféus de Sua vitória sobre a morte e o sepulcro. Estes, disse Cristo, não mais são cativos de Satanás. Eu os redimi. Trouxe-os da sepultura como as primícias de Meu poder, para estarem comigo onde Eu estiver, para nunca mais verem a morte nem experimentarem a dor." – *O Desejado de Todas as Nações*, páginas 555-556.

Contaminação

Lavando com Água

"A Moisés, perante a sarça ardente, foi determinado que tirasse as sandálias, porque a terra em que estava era santa. Semelhantemente os sacerdotes não deveriam entrar no santuário com sapatos nos pés. Partículas de pó que a eles se apegavam, profanariam o lugar santo. Deviam deixar os sapatos no pátio, antes de entrarem no santuário, e também lavar tanto as mãos como os pés, antes de ministrarem no tabernáculo, ou no altar dos holocaustos. Desta maneira ensinava-se constantemente a lição de que toda a contaminação devia ser removida daqueles que se aproximavam da presença de Deus." –*Patriarcas e Profetas*, página 249.

Água da Separação (a Novilha Vermelha)

"Ordenou-se outrora aos filhos de Israel que toda a congregação trouxesse uma oferta, a fim de purificá-la da contaminação cerimonial. Esse sacrifício era uma novilha vermelha e representava o perfeito sacrifício que deveria remir da poluição do pecado. Era esse um sacrifício ocasional para purificação de todos os que, por necessidade ou acidentalmente, haviam tocado em cadáver. Todos os que entravam em contato com a

morte eram de qualquer modo considerados cerimonialmente impuros. Destinava-se isso a impressionar profundamente a mente dos hebreus com o fato de que a morte veio em consequência do pecado, sendo, portanto, representação do pecado. Uma novilha, uma arca e uma serpente ardente apontam com insistência para uma grande oferta — o sacrifício de Cristo. Essa novilha devia ser vermelha, o que era símbolo de sangue. Tinha de ser sem mancha nem defeito e nunca ter estado sob jugo. Cristo novamente é aqui representado. O Filho de Deus veio voluntariamente para realizar a obra da expiação. Não havia sobre Ele jugo obrigatório; pois era independente e acima de toda a lei. Os anjos, como inteligentes mensageiros divinos, achavam-se sob o jugo da obrigação; nenhum sacrifício pessoal deles poderia expiar a culpa do homem caído. Somente Cristo estava livre dos reclamos da lei para empreender a redenção da raça pecadora. Tinha Ele poder para depor a vida e para retomá-la. 'Pois Ele, subsistindo em forma de Deus, não julgou como usurpação o ser igual a Deus.' Filipenses 2:6. No entanto, esse Ser glorioso amou o pobre pecador e tomou sobre Si a forma de servo para que pudesse sofrer e morrer em lugar do homem. Jesus poderia ter ficado à destra do Pai, usando a coroa e as vestes reais. Mas preferiu trocar as riquezas, honra e glória do Céu pela pobreza da humanidade, e Sua posição de alto comando pelos horrores do Getsêmani e a humilhação e agonia do Calvário. Tornou-Se um Varão de dores e experimentado nos trabalhos, a fim de que por Seu batismo no sofrimento e sangue pudesse purificar e redimir um mundo culpado. 'Eis aqui venho', foi o prazenteiro assentimento, para 'fazer a Tua vontade, ó Deus Meu.' Salmos 40:7, 8. A novilha sacrifical era conduzida para fora do arraial e morta da maneira mais impressionante. Assim Cristo sofreu fora das portas de Jerusalém, pois o Calvário se achava fora dos muros da cidade. Isto se destinava a mostrar que Cristo não morreu pelos hebreus somente, mas por toda a humanidade. Ele proclama ao mundo caído que veio a fim de ser seu Redentor, e insta com os homens a que aceitem a salvação que lhes oferece. Morta a novilha do modo mais solene, o

sacerdote, trajando vestes puramente brancas, tomava nas mãos o sangue quando jorrava do corpo da vítima, e lançava-o em direção do templo sete vezes. ‘E tendo um grande sacerdote sobre a casa de Deus, cheguemo-nos com verdadeiro coração, em inteira certeza de fé; tendo o coração purificado da má consciência e o corpo lavado com água limpa.’ Hebreus 10:21, 22. O corpo da novilha era queimado e reduzido a cinzas, o que significava um sacrifício amplo e completo. As cinzas eram então reunidas por pessoa não contaminada pelo contato com morto, e colocadas num vaso que continha água provinda de uma corrente. Essa pessoa limpa e pura tomava então uma vara de cedro com estofo carmesim e um ramo de hissopo, e aspergia o conteúdo do vaso sobre a tenda e sobre o povo reunido. Esta cerimônia era repetida várias vezes, a fim de ser completa, e fazia-se como purificação do pecado. Assim Cristo, em Sua própria justiça imaculada, depois de derramar Seu sangue precioso, penetra no lugar santo para purificar o santuário. E ali a corrente carmesim é empregada no serviço de reconciliar Deus com o homem. Poderá haver quem considere esse sacrificar da novilha como cerimônia destituída de significado; mas era celebrada por ordem de Deus, e tem profundo significado, que não perdeu sua aplicação ao tempo presente. O sacerdote usava cedro e hissopo, mergulhando-os na água purificadora e aspergindo o imundo. Isto simbolizava o sangue de Cristo derramado para nos purificar das impurezas morais. A aspersão repetida ilustra o caráter completo da obra que tinha de ser realizada em favor do pecador arrependido. Tudo que ele possui tem de ser consagrado. Não só deve sua própria alma ser lavada de modo a ficar limpa e pura, mas deve ele empenhar-se em que a família, a administração doméstica, a propriedade e todos os seus pertences — tudo seja consagrado a Deus. Depois que a tenda fora aspergida com hissopo, acima da porta dos purificados era escrito: Não sou meu; Senhor, sou Teu. Assim deve ser com os que professam ser purificados pelo sangue de Cristo. Deus não é menos estrito hoje do que era nos tempos antigos. O salmista, em sua oração, refere-se a essa cerimônia simbólica quando diz:

‘Purifica-me com hissopo, e ficarei puro; lava-me, e ficarei mais alvo do que a neve.’ ‘Cria em mim, ó Deus, um coração puro e renova em mim um espírito reto.’ ‘Torna a dar-me a alegria da Tua salvação e sustém-me com um espírito voluntário.’ Salmos 51:7, 10, 12. O sangue de Cristo é eficaz, mas precisa ser aplicado continuamente. Deus não só quer que Seus servos usem os recursos que lhes confiou para Sua glória, mas deseja que consagrem a si mesmos à Sua causa. Se vocês, meus irmãos, se tornam egoístas e estão retendo do Senhor aquilo que devem alegremente dar ao Seu serviço, necessitam então de que se lhes aplique completamente o sangue da aspersão, consagrando-os a Deus com todas as suas posses. ...Uma solene declaração foi feita ao antigo Israel de que o homem que permanecesse impuro e recusasse purificar-se, devia ser eliminado da congregação. Isto tem um significado especial para nós. Se naquele tempo era necessário que o impuro se purificasse pelo sangue da aspersão, quão imprescindível é para os que vivem nos perigos dos últimos dias, expostos às tentações de Satanás, terem diariamente o sangue de Cristo aplicado ao seu coração!” – *Testemunhos para a Igreja*, volume 4, páginas 120-123.

Uma Oferta

“*Aquela* novilha, *aquela* arca, *aquela* serpente ardente, impressivamente apontam para *aquela* grande oferta, o sacrifício de Cristo. Essa novilha devia ser vermelha sem mancha, o que era um símbolo do sangue. Tinha de ser sem defeito e nunca ter estado sob jugo. Aqui, novamente, Cristo era tipificado. O Filho de Deus veio voluntariamente para cumprir a obra da expiação. Não havia sobre Ele jugo obrigatório, pois Ele era independente e acima de toda a lei. Os anjos, como inteligentes mensageiros de Deus, achavam-se sob o jugo da obrigação; nenhum sacrifício pessoal deles poderia expiar a culpa do homem caído. Cristo, somente, estava livre dos reclamos da lei para empreender a redenção da

raça pecadora. Ele tinha poder para depor a vida e para retomá-la. ‘Que, sendo em forma de Deus, não teve por usurpação ser igual a Deus” [Filipenses 2:6].” – *Review and Herald*, 09 de Janeiro de 1883.

A Páscoa

O Cordeiro Apontava para Cristo

“A Páscoa era seguida pela festa dos sete dias de pães asmos. No segundo dia da festa, os primeiros frutos da colheita anual, um molho de cevada, eram apresentados ao Senhor. Todas as cerimônias da festa eram símbolos da obra de Cristo. A libertação de Israel do Egito era uma lição objetiva da redenção, que a Páscoa se destinava a conservar na memória. O cordeiro imolado, o pão asmo, o molho dos primeiros frutos, representavam o Salvador.” – *O Desejado de Todas as Nações*, página 46.

Cumprimento dos Símbolos

“A morte do cordeiro pascal era sombra da morte de Cristo. Diz Paulo: ‘Cristo, nossa Páscoa, foi sacrificado por nós.’ 1 Coríntios 5:7. O molho das primícias, que por ocasião da Páscoa era movido perante o Senhor, simbolizava a ressurreição de Cristo. Falando da ressurreição do Senhor e de todo o Seu povo, diz Paulo: ‘Cristo, as primícias, depois os que são de Cristo, na Sua vinda.’ 1 Coríntios 15:23. Semelhante ao molho que era agitado, constituído pelos primeiros grãos amadurecidos que se colhiam antes da ceifa, Cristo é as primícias da ceifa imortal de resgatados que, por ocasião da ressurreição futura, serão recolhidos ao celeiro de Deus. Aqueles símbolos se cumpriram, não somente quanto ao acontecimento mas também quanto ao tempo. No dia catorze do primeiro mês judaico, no mesmo dia e mês em que, durante quinze longos séculos, o cordeiro pascal havia sido morto, Cristo, tendo comido a Páscoa com os discípulos,

instituiu a solenidade que deveria comemorar Sua própria morte como o ‘Cordeiro de Deus que tira o pecado do mundo.’ Naquela mesma noite Ele foi tomado por mãos ímpias, para ser crucificado e morto. E, como o antítipo dos molhos que eram agitados, nosso Senhor ressurgiu dentre os mortos ao terceiro dia, como — ‘as primícias dos que dormem’ (1 Coríntios 15:20), exemplo de todos os ressuscitados justos, cujo ‘corpo abatido’ será transformado, ‘para ser conforme o Seu corpo glorioso.’ Filipenses 3:21.” – *O Grande Conflito*, página 399.

Lei de Deus

Existia Antes da Criação do Homem

“A lei de Deus existia antes da criação do homem, ou do contrário Adão não podia ter pecado. Depois da transgressão de Adão não foram mudados os princípios da lei, mas foram definitivamente dispostos e expressos de modo a adaptar-se ao homem em seu estado decaído. Cristo, em conselho com o Pai, instituiu o sistema de ofertas sacrificais; de modo que a morte, em vez de sobrevir imediatamente ao transgressor, fosse transferida para uma vítima que devia prefigurar a grande e perfeita oferenda do Filho de Deus.” – *Mensagens Escolhidas*, volume 1, página 230.

Cópia da Mente de Deus

“A lei de Deus é uma cópia de Sua mente e vontade. Os pecados proibidos nela nunca poderiam encontrar lugar no céu. Foi o amor que levou Deus a expressar Sua vontade nos dez preceitos do decálogo. Depois, Ele mostrou Seu amor pelo homem enviando profetas e mestres para explicar e ilustrar Sua santa lei.” – *Bible Echo*, 16 de abril de 1894.

Entesourada na Arca

"No compartimento interior estava a arca, que era o objeto mais sagrado relacionado com esse sistema de adoração. Era um baú de madeira nobre, revestido por dentro e por fora com ouro puro, e tendo uma coroa de ouro ao redor da tampa. Na arca foram colocadas as tábuas de pedra sobre as quais Deus havia gravado com Seu próprio dedo os Dez Mandamentos. Ela foi feita expressamente para esse propósito e, consequentemente, foi chamada a arca da aliança, e a arca do testemunho, uma vez que os Dez Mandamentos eram a aliança de Deus e a base da aliança feita entre Deus e Israel." – *Signs*, 4 de março de 1903.

Sofrem a Penalidade da Lei em Cristo

"Todos que, perante o universo celestial, são adjudicados por terem, em Cristo, suportado a penalidade da lei, e Nele cumprido a justiça desta, terão a vida eterna. Eles serão um em caráter com Cristo." – *Carta 54, 1895.*

Juízos e Leis Para Atrair Homens Ao Decálogo

"Ele então Se aproximou ainda mais de Seu povo, que tinha sido tão pronto a extraviar-se, pois não queria deixá-los meramente com dez preceitos do Decálogo. Ordenou que Moisés escrevesse juízos e leis, conforme os ditasse, dando minuciosas instruções quanto ao que Ele requeria que realizassem, e assim resguardou os dez preceitos que Ele havia gravado sobre as tábuas de pedra. Estas específicas instruções e reclamos foram dados para atrair o errante homem à obediência da lei moral, à qual era tão propenso a transgredir. Se o homem tivesse guardado a lei de Deus, tal como foi dada a Adão depois da queda, preservada na arca por Noé, e observada por Abraão, não teria havido necessidade da ordenança da circuncisão. E se os descendentes de Abraão tivessem

guardado a aliança, da qual a circuncisão era um sinal ou compromisso, jamais teriam eles caído na idolatria nem teria sido permitido descerem ao Egito, e tampouco teria havido necessidade de Deus proclamar Sua lei do Sinai gravando-a sobre tábuas de pedra e guardando-a por definidas instruções nos juízos e estatutos de Moisés. Moisés escreveu estes juízos e estatutos da boca de Deus enquanto estava com Ele no monte. Se o povo de Deus tivesse obedecido aos princípios dos Dez Mandamentos, não teria sido necessário dar a Moisés instruções específicas, que ele escreveu num livro, relativas ao seu dever para com Deus e de uns para com os outros. As definidas instruções que o Senhor deu a Moisés quanto à obrigação de Seu povo, uns para com os outros, e para com o estrangeiro, são os princípios dos Dez Mandamentos simplificados e dados de maneira definida, de modo que eles não precisavam errar." – *História da Redenção*, páginas 148-149.

Cerimônias da Lei Judaica Proféticas

"O evangelho de Cristo reflete glória sobre a era judaica. Ele ilumina toda a dispensação judaica e dá significado à lei cerimonial. O tabernáculo, ou templo, de Deus na terra era uma cópia do original no Céu. Todas as cerimônias da lei judaica eram proféticas, típicas dos mistérios no plano da redenção. Os ritos e cerimônias da lei foram dados pelo próprio Cristo, que, envolto numa coluna de nuvem durante o dia e uma coluna de fogo durante a noite, era o líder do exército de Israel; e esta lei deve ser tratada com grande respeito, pois é sagrada. Mesmo depois que ela não mais devia ser observada, Paulo apresentou-a perante os judeus em sua verdadeira posição e valor, mostrando seu lugar no plano de redenção e sua relação com a obra de Cristo; e o grande apóstolo declara essa lei gloriosa, digna de seu Originador divino." – *Signs*, 29 de Julho de 1886.

Cristãos Podem Apreciar as Ordenanças Judaicas

“Cristãos que professam ser estudantes da Bíblia podem apreciar mais completamente do que pôde o antigo Israel a plena significação das ordenanças cerimoniais que lhes foram requeridas observar. Se eles são realmente cristãos, eles estão preparados para reconhecer a sacralidade e importância dos tipos e sombras, conforme eles veem o cumprimento dos eventos que eles representam. A morte de Cristo dá ao cristão um conhecimento correto do sistema de cerimônias e explica profecias que ainda permanecem obscuras para os judeus. Moisés de si mesmo não formulou nenhuma lei. Cristo, o anjo a Quem Deus designou para ir adiante de Seu povo escolhido, deu a Moisés os estatutos e os requerimentos necessários para uma religião viva e para governar o povo de Deus. Os cristãos cometem um terrível erro ao chamar essa lei de severa e arbitrária, e depois contrastarem-na com o evangelho e a missão de Cristo em Seu ministério na Terra, como se Ele estivesse em oposição aos justos preceitos que eles chamam lei de Moisés.” – *Review and Herald,* 06 de maio de 1875.